

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS E ARTES**

RENATO RÉGIS BARROSO

PAJUBÁ: O CÓDIGO LINGUÍSTICO DA COMUNIDADE LGBT

**Manaus-AM
2017**

RENATO RÉGIS BARROSO

PAJUBÁ: O CÓDIGO LINGUÍSTICO DA COMUNIDADE LGBT

Trabalho apresentado para Defesa de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Artes com representação em Etnolinguística.

Orientador: Prof. Dr. Valteir Martins

**Manaus-AM
2017**

RENATO RÉGIS BARROSO

PAJUBÁ: O CÓDIGO LINGUÍSTICO DA COMUNIDADE LGBT

Manaus, 30 de junho de 2017

Prof. Dr. Valteir Martins – Orientador e presidente da banca
Universidade do Estado do Amazonas

Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva – Membro titular externo
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Maurício Gomes de Matos – Membro titular interno
Universidade do Estado do Amazonas

*Ao jornalista Vitor Ângelo Scippe,
pseudônimo Ângelo Vip, autor da Aurélia
A Dicionária da Língua Afiada, com quem
tive o privilégio de conversar sobre o
Pajubá.*

(In Memoriam)

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus acima de todas as coisas,

À minha amada mãe Malvina Conceição Régis Barbosa – minha educadora,

À minha querida irmã Raquel Régis dos Santos, pelas palavras motivadoras,

À família Leal que me acolheu durante a estada em NON,

À minha fiel secretária Valdeia Lopes quem me ajudou a organizar minha vida doméstica durante o período em que eu cursava as disciplinas do mestrado,

E aos meus demais queridos familiares e amigos,

Ao meu mestre e orientador Prof. Dr. Valteir Martins, quem contribuiu grandiosamente e com muita paciência para a materialização de nossa pesquisa,

A todos os meus professores do PPGLA/UEA pelas maravilhosas aulas, em especial à minha coordenadora, da época, Profa. Dra. Juciane Cavalheiro pelas dúvidas tiradas,

A nossa estimada secretária do PPGLA/UEA, a Sra. Daize Lima Rocha, por toda a dedicação durante esses dois anos,

Aos membros de minha banca de qualificação e defesa, prof. Dr. Maurício Matos e, em especial, a Profa. Dra. Raynice Geraldine, quem me motivou a pesquisar sobre o Pajubá ainda quando eu participava do processo de seleção,

Aos meus amigos e colegas de trabalho do IFAM/CSGC, em especial à Profa. Dra. Marinete Vasques pelas sugestões dadas ao trabalho,

Aos meus nobres colegas do programa de pós-graduação em Letras e Artes,

Aos meus queridos alunos do Integrado, Proeja, Subsequentes, de graduação e dos preparatórios, que compreenderam a minha ausência aos eventos acadêmicos,

Aos meus amigos, Pedro Cardoso, José Neto, William Taylor e Nazareno Fausto, ao meu irmão José Wagner e ao meu primo Harley Cavalcante, que somaram comigo na busca de materializar a oralidade da fala homoafetiva,

E, principalmente à comunidade LGBT, sobretudo a de Manaus, pois sem ela não teria conseguido dar ao pajubá um estudo de caráter científico.

*“O amor é essencial
O sexo é só um acidente.
Pode ser igual
Ou diferente.
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,
Embora às vezes doente.
Fernando Pessoa*

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de cunho linguístico antropológico, que se propõe a analisar o código falado pela comunidade LGBT, mais precisamente, o pajubá, originário do contato entre a língua africana iorubá e a língua portuguesa com doses de francês, inglês e língua indígena. Como objetivo, nossa pesquisa visou à análise do elemento como um código linguístico de resistência da comunidade homoafetiva, fazendo o levantamento dos itens que entram em sua formação e suas particularidades linguísticas; além de traçar o seu viés com a antropologia no intuito de mostrar a sua importância no processo do *habitus bourdieusiano*. Também estudamos a sua relação com a sociolinguística no processo de eufemizar as expressões de cunho pornográfico faladas pelos homoafetivos, e como esse código auxilia no combate à homofobia. Os dados para a pesquisa foram coletados por meio de entrevistas individual e em grupos, relatos de experiência e enquetes virtuais com participantes das comunidades homossexual e heterossexual, de faixa etária que compreende de 18 a 63 anos. Ao final, como resultados, buscamos comprovar o pajubá como uma gíria e sua importância no processo de identidade da comunidade LGBT.

Palavras-chave: pajubá; gíria; gay.

ABSTRACT

This work presents an anthropological linguistic study, which proposes to analyze the spoken code used by the LGBT community, more precisely, the pajuba, originating from the contact between the Yoruba African language and the Portuguese language with a little use of French, English and Indian language. As an objective, our research aimed at the analysis of it as a linguistic code of resistance used by the homoaffective community, making a survey of the items that enter into its formation and its linguistic peculiarities; as well as to trace its way towards anthropology in order to show its importance in the process of the Bourgeois habitus. We also study their relationship with sociolinguistics in the process of euphemizing the pornographic phrases spoken by homosexuals, and how this code helps in the fight against homophobia. Data for the research were collected through individual and group interviews, experience reports and virtual polls with participants from the homosexual and heterosexual communities, ranging in age from 18 to 63 years. In the end, as results, we seek to prove the pajuba as a slang and its importance in the identity process of the LGBT community.

Key-words: pajuba; slang; gay.

LISTA DE ABREVIATURAS/ SIGLAS/ ACRÔNIMOS

AC – Análise da Conversação
AD – Análise do Discurso
AIDS – Acquired Immune Deficiency Syndrome
AL – Antropologia Linguística
ALE – Assembleia Legislativa do Estado
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF – Constituição Federal
COFECUB – French Committee for the Evaluation of Academic and Scientific Cooperation with Brazil
CV – Consoante/Vogal
DRAG – Dressed Resembling A Girl (vestido parecido como mulher)
EI – Expressão idiomática
GELA – Grupo de Estudos de Línguas Africanas
HIV – Human Immunodeficiency Virus
ID – Identidade de gênero
LA – Língua Africana
LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis/Transexuais e Transgêneros
LLACAN – Centre National Langage, Languest et Cultures d’Afrique Noire
LP – Língua Portuguesa
LT – Linguística Textual
PB – Português Brasileiro
TJ – Tribunal de Justiça
UFF – Universidade Federal Fluminense
UL – Unidade Lexical
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista parcial do município de Manaus	26
Figura 2 – Foto de Samuel Ajayi Crowther (estudioso do iorubá)	45
Figura 3 – Capa da primeira edição da Revista Meio Termo	46
Figura 4 – Organograma do Tronco Tupi	58
Figura 5 – Átomo linguístico	64
Figura 6 – Quadro de Safo da ilha de Lesbos	79
Figura 7 – Conceito entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo Biológico	81
Figura 8 – Capa do livro biográfico de Rogéria	83
Figura 9 – Cartunista Laerte Coutinho	84
Figura 10 – Capa do CD de Pabllo Vittar	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Música com termos do candomblé	37
Quadro 2 – Ponto de umbanda dedicado ao Erê	48
Quadro 3 – Miniglossário de expressões metafóricas do pajubá.....	51
Quadro 4 – Miniglossário de expressões antropônimas do pajubá	54
Quadro 5 – Miniglossário de expressões idiomáticas do pajubá	56
Quadro 6 – Exemplos do morfema (-tes)	61
Quadro 7 – Miniglossário de verbos modalizadores discursivos no pajubá	63
Quadro 8 – Miniglossário das sentenças mais usadas no pajubá	70
Quadro 9 – Entrevista com uma travesti de Manaus	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados da pesquisa.....	23
Tabela 2 – Técnica para a coleta de dados.....	25

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados relacionados ao uso do (- ssimi) pelos LGBTs	60
Gráfico 2 – Dados relacionados uso do (- ssimi) pelos Heterossexuais	60
Gráfico 3 – Amostra de quem mais usa o pajubá pela comunidade LGBT	80
Gráfico 4 – Conhecimento acerca do termo pajubá (LGBTs)	89
Gráfico 5 – Conhecimento acerca do termo pajubá (Heterossexuais)	89
Gráfico 6 – A fonte de conhecimento acerca do pajubá (LGBTs)	90
Gráfico 7 – A fonte de conhecimento acerca do pajubá (Heterossexuais).....	90
Gráfico 8 – A classificação linguística do pajubá (LGBTs)	91
Gráfico 9 – A classificação linguística do pajubá (Heterossexuais).....	91

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de perguntas usado nas entrevistas.....	110
Apêndice B – Roteiro de perguntas usado nos debates em grupo.....	111
Apêndice C – Modelo da enquete usado nas redes sociais	112
Apêndice D– Transcrição das entrevistas	113
Apêndice E – Relato de Experiência de uma transgênero	131
Apêndice F – Transcrição de uma das conversas em grupos	134
Apêndice G – Resultados do debate em grupo	136

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – EDIÇÃO EXPERIMENTAL ABRIL/1978 DO LAMPIÃO DA ESQUINA.....	137
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 2	138
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 3	139
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 4	140
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 5	141
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 6	142
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 7	143
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 8	144
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 9	145
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 10	146
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 11	147
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 12	148
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 13	149
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 14	150
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 15	151
ANEXO A – COMPLEMENTO – PÁGINA 16	152

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA	23
Capítulo 1 - Material e Métodos	22
1.1. Tipo de pesquisa	22
1.2. Participantes	23
1.3. Área de Estudo	24
1.4. Técnicas e Procedimentos para a Coleta de Dados	25
1.5. Considerações Finais	26
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
Capítulo 2 – A Origem do Pajubá	28
2.1. Linguagem e Língua	28
2.2. Dialeto, Idioleto, Pidgins e Crioulo	30
2.3. Línguas Africanas e o Português Brasileiro	32
2.4. As Línguas Africanas no Candomblé	35
2.5. A Homossexualidade nos Cultos Afro-brasileiros	39
2.6. Pajubá: Gíria gay ou Língua gay?	42
2.7. Considerações Finais	44
RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
Capítulo 3–A Formação do Pajubá	45
3.1. Termos de origem africana	45
3.2. A Metaforização	50
3.3. O Universo dos Antropônimos	53
3.4. Expressões Idiomáticas (EIs)	55
3.5. Termos de Origem Indígena	57
3.6. O Termo justaposto (-SSIMI) e a Presença do Morfema Verbal (-TES)	59
3.7. Os Verbos como Modalizadores Discursivos no Pajubá	63
3.8. Particularidades no Universo Linguístico do Pajubá	
3.8.1. Processos Fonéticos e Fonológicos no Pajubá	66
3.8.2. Processos Morfológicos no Pajubá.....	67
3.8.3. Processos Sintáticos no Pajubá	70

3.8.4. Processos Semânticos no Pajubá	72
3.9. Considerações Finais	74
Capítulo 4 – O Pajubá como Código Linguístico de Resistência da Comunidade LGBT.....	76
4.1. O Pajubá e seu viés com a Linguística-Antropológica	76
4.2. O Pajubá como Fator de Identidade Linguística	78
4.3. Toda a comunidade LGBT fala o Pajubá?	81
4.4. O Pajubá e o processo do <i>Habitus bourdiesiano</i>	87
4.5. O Pajubá e a Sociolinguística: um código eufêmico da fala homoafetiva	91
4.6. Considerações Finais	101
CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICES	115
ANEXOS.....	142

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática LGBT¹, no universo acadêmico, cresceu nos últimos anos, sobretudo àqueles ligados aos direitos civis dos homossexuais e ao combate à homofobia. É nesse âmbito que a presente pesquisa se enquadra, mais especificamente no estudo do código linguístico das lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, sobretudo a fala dos gays masculinos e travestis. É importante frisar que o embasamento teórico é pautado, principalmente, na linguística antropológica para melhor compreender a relação do *habitus bourdieusiano*, porém o que enriquece a pesquisa é o *corpus* deste trabalho, caracterizado pela natureza da oralidade da comunidade LGBT.

Para a linguística antropológica, que estuda o ser humano a partir da linguagem com que se comunica pautada em seu processo cultural, o pajubá não só é um código de prevenção e diversão criado pelos gays, mas também um processo de identificação linguística. É por meio dele que os gays mais jovens, geralmente, iniciam o seu processo de adesão ao meio LGBT, o que, popularmente, conhecemos como “sair do armário” ou do inglês “*coming out*”, e procuram enquadrar-se em uma das categorias de identidade de gênero existentes na sociedade.

...é através da estrutura social mais ampla que se oferecem os padrões de identidade. Assim, os indivíduos buscam encontrar qual padrão mais se assemelha à sua personalidade, como uma espécie de escolha consciente do que se quer ser naquele momento e naquele espaço específico. (OLIVEN, 2007)

No que tange à esfera epistemológica, o pajubá tem origem afro-brasileira, criado a partir do contato da língua africana (LA) com a língua portuguesa (LP), mais especificamente do iorubá² com o nosso português brasileiro (PB).

Conforme postula Beniste (2011), o pajubá ou sua forma variante bajubá, é um termo de origem africana da língua iorubá, que significa ‘mistério’ ou ‘segredo’, o qual acabou sendo escolhido pelos LGBTs para dar nome ao linguajar usado pela comunidade.

¹ **LGBT (ou LGBTTT)** é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que consistem em diferentes tipos de orientações sexuais. A sigla aqui adotada, LGBT segue deliberação da I Conferência Nacional LGBT, realizada em 2008. Há controvérsias quanto à nomeação de todos os Ts, a inclusão de um Q (para queers) ou um A (para assexuais), um I (para intersexos), mas há consenso na busca por inclusão das mais variadas dimensões da construção das desigualdades trazendo à tona pertencimentos sexuais e de gênero. [ver: Daniliauskas, 2011]

² **Iorubá** (*Èdè Yorùbá*), por vezes referida como yorubá é um idioma da família linguística nígero-congolesa falado secularmente pelos iorubás em diversos países como Nigéria, Benim, Togo e Serra, e no Brasil dentro de um contínuo cultural-linguístico composto por 22 milhões a 30 milhões de falantes. No continente americano, o iorubá é usado em ritos religiosos afro-brasileiros (onde é chamado de nagô) [ver: Queiroz, 1984]

Salienta-se que enquanto objeto de estudo, ele é um código linguístico criado por essa comunidade e disseminado através da mídia escrita e televisiva e, atualmente, com a sua divulgação por meio das redes sociais.

Segundo Trevisan (2000), um aspecto fundamental a ser mencionado sobre a disseminação do linguajar homoafetivo é que ele se dá no final da década de 70 e início de 80, logo após a época do período da ditadura militar, que censurava todos que fossem contra os ideais do governo. Logo após a derrocada, vários grupos ganharam destaque no país e, entre eles, destaca-se o grupo dos homossexuais.

Foi no final da década de 70, que um grupo composto por 11 intelectuais (Darcy Penteadó, Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, Peter Fry e João Silvério Trevisan), protagonizou a criação do primeiro jornal homossexual brasileiro.

Para nos familiarizar um pouco mais sobre a existência do pajubá e sua evolução no decorrer da história travada pela luta dos homossexuais para ter voz e vez na sociedade, é importante traçarmos um contexto cronológico de quando as expressões gays começaram a se disseminar até chegar ao termo pajubá, como, atualmente, é denominado o código linguístico da comunidade LGBT. Para isso, começemos pelos primeiros suportes que trouxeram para o público gay, assuntos focados na sua realidade.

O Lâmpião da Esquina, que circulou de 1978 a 1981, foi o primeiro jornal com temática homossexual no Brasil, publicado em formato de tabloides, trazia editoriais fixos como: Cartas na mesa (interação entre cartas enviadas pelo público ao jornal para serem respondidas); Esquina (voltado para as reportagens e notícias); uma coluna chamada Bixórdia (onde começava a se propagar expressões do universo gay); além de espaço para informações culturais, indicação de livros, exposições, shows e filmes e, por fim, a coluna de entrevista com personalidades gays da época. O propósito do suporte era tirar os gays da margem social e dar “voz” ao discurso dessa classe considerada minoritária. O jornal teve 37 edições. [Cf. Trevisan 2000]

...um jornal homossexual, para quê? (...)Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. Para acabar com essa imagem-padrão, LÂMPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada

como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. (...)LAMPPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (Conselho editorial, edição experimental nº 0, abril, 1978)

Durante 1981 a 1995, não houve publicação de nenhum veículo de comunicação voltado para o público homossexual, com exceção das revistas de cunho pornográfico. Até surgir uma revista com contexto democrático e de valorização da identidade gay, trazendo reportagens de tendência, cultura, atualidades e comportamento, com o propósito de ajudar os gays da época a ‘saírem do armário’. A Sul Generis, foi uma fonte importante no que concerne à luta pelos direitos dos homossexuais, mas sem a militância dos anos de 1970. Após cinco anos de circulação, por motivos financeiros, parou de ser publicada.

Foi então que, no ano de 1997, surge a primeira revista que, realmente, ajudou a disseminar as expressões gays através dos seus artigos. A revista G Magazine, voltada para o público homossexual, a qual circulou durante quinze anos. É importante ressaltar que foi neste período, ainda na década de 90, que o termo pajubá começou a ser reconhecido pela comunidade LGBT como o nome dado às expressões que já tomavam conta nas grandes metrópoles do país. Sem esquecer também de mencionar que em 2002 chegou a circular a única revista LGBT em Manaus, trazendo expressões do pajubá, chamada “Meio Termo” com várias temáticas do universo gay, sobretudo o combate à homofobia. Mas foi com o advento da internet, que o pajubá ganhou, em massa, seus adeptos.

Trazendo a questão para um viés de embasamento histórico, foi através dos cultos afro-brasileiros que o iorubá, usado nos eventos religiosos, como, por exemplo, na umbanda, que a comunidade homossexual teve contato com as expressões e começou a usá-las fora do ambiente ritualístico, formando, assim, o pajubá. A umbanda, por ser uma religião que não faz acepção de pessoas, consegue agregar muitos gays. E através dela a comunidade LGBT passa a adotar a chamada língua-de-santo e começa a compreender a doutrina e participar ativamente dos rituais, inclusive, cantando os ‘pontos’ da umbanda, que seriam os cânticos de adoração às entidades. Foi vivenciando a realidade dos terreiros e gongás³ que, aos poucos, os

³ O gongá ou congá, normalmente, situa-se no fundo do terreiro, de frente para o público. É composto por uma mesa onde ficam as imagens e outros apetrechos religiosos e tem uma relação estreita com o que está em baixo: os assentamentos ou os fundamentos do terreiro. Sua disposição é diversificada, podendo haver imagens de Jesus Cristo, mas nunca crucificado, de santos, de guias, de anjos, ou símbolos representativos destas entidades, além de flores, copos com água, velas, pedras e livros. Um ponto em comum é a ausência de imagens de exu e pombagira. Cada congá possui uma forma própria, que sofre a influência do chefe carnal e espiritual do terreiro. É representativo da individualidade, conferindo uma identidade a cada terreiro. O congá, muitas vezes, é chamado de altar, em referência ao altar cristão. [ver: GOMES, 1989]

homossexuais começaram a aprender alguns termos do iorubá e, conseqüentemente, começaram a reproduzir nas ruas, formando uma legião de falantes.

Adotada pela comunidade LGBT como uma “língua-de-resistência”, o pajubá, ao ser transportado para fora do ambiente religioso, começa a sofrer pequenas mudanças, por meio da dinâmica da língua de acordo com o seu contexto de comunicação. Essas alterações podem ser de natureza fônica ou semântica, como discutiremos no capítulo três deste trabalho.

Embora o pajubá tenha como significado africano o sentido de ‘segredo’, para contrariar ou, até mesmo, para torná-lo extrovertido, os homossexuais formularam um significado inverso ao que foi dado pelo iorubá. Para a comunidade LGBT, pajubá quer dizer ‘foteca’ ou ‘novidade’, já que os gays gostam de espalhar alegria por onde passam e, geralmente, falam sobre assuntos diversos como moda, cultura, lazer, sexo, casamento, entre outros.

Um fator negativo que podemos observar, no que condiz ao universo gay, é que mesmo diante de tanta informação propagada, ainda exista um pequeno grupo na sociedade que veja os homossexuais pelo seu caráter inferior e desviante, como se tudo que fizesse fosse contra a moral e os bons costumes da sociedade. Infelizmente, ainda há uma parcela da sociedade brasileira que esconde o homossexual no campo do proibido. Assim, acaba deixando a sua luta por visibilidade ainda mais difícil.

É por esse motivo que nossa pesquisa visa a contribuir aos que estão dentro e fora desta classe tão vilipendiada, fazendo com que todos percebam que a comunidade LGBT é detentora de sua própria identidade. Que comungam de um mesmo código em busca de equidade. O pajubá surge, nessa instância, como uma forma de proteção e também de união.

A comunidade homoafetiva, atualmente, desdobra-se em vários segmentos de gêneros, todavia a luta por igualdade de direitos é coletiva. A partir do momento em que ocorre o incômodo, somos levados a pensar que algum espaço começa a ser conquistado nesse sentido, e é por meio da língua que se inicia a construção de uma ideologia que enxergue os homossexuais como seres criativos e autênticos. Prova disso, é a criação de um código linguístico de resistência, que se condecora como gíria. Acerca disso podemos incitar a discussão postulada no conceito de Pretti (2004), quando ele se posiciona com relação a esse fenômeno linguístico

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada gíria de grupo, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Inusitados são, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões... (PRETTI, 2004)

Atualmente, temos muitas tribos urbanas nas grandes metrópoles. E, trazendo para o universo marginal, podemos ilustrar os chamados “galerosos”, em Manaus, ou os “favelados” no Rio de Janeiro, que fazem uso de um código linguístico formado apenas por expressões da língua portuguesa que é sua língua nativa. A partir desse cerne que nos faz instigar a discussão sobre a prospecção de o pajubá ser um pidgin⁴, posto ser formado do contato de duas línguas – o iorubá, de origem africana, e o português brasileiro, como língua nativa. Cabe deixar claro que para o pajubá se fomentar como pidgin linguístico seria necessário o contato entre dois povos diferentes, que não é o caso da comunidade LGBT, que tem como língua nativa o português brasileiro, apenas incorporando léxicos do iorubá, com doses de inglês e francês. Para exemplificar tudo isso, podemos citar dentro do universo africano da língua iorubá expressões como: *erê* (*menino*), *ageum* (*comida*), *acué* (*dinheiro*), *ebó* (*feitiço*), *odara* (*grande*), e como ilustração do inglês *boy* (*garoto*) e do francês, *bas-fond* (*lugar do babado ou escândalo*). O que acontece na comunidade LGBT para que conceituemos o pajubá como gíria é o fato de os homossexuais estarem inseridos numa classe marginal, ou seja, aqueles que vivem às margens da sociedade. É importante mensurar que as expressões usadas pelo grupo LGBT, no que concerne à língua iorubá, alteram determinados significados, quando empregados no português brasileiro (PB).

Por todas as razões presentes no universo do código linguístico da comunidade LGBT, nossa pesquisa objetiva analisar o pajubá na construção da identidade linguística desta tribo urbana; a sua origem e os processos envolvidos na sua formação; além de analisar a sua relação apoiado nos estudos da linguística antropológica; e, por fim, a sua relação dentro da sociolinguística no que tange ao processo de eufemismo provocado pelo uso das expressões do universo gay. Como metodologia adotada, preferimos dar um espaço especial que será apresentado no primeiro capítulo de nosso trabalho. De antemão, podemos afirmar que se trata de uma pesquisa majoritariamente exploratória, enriquecida por meio de entrevistas, enquetes e conversas em grupos.

Com maestria, nosso estudo está organizado em quatro capítulos. No primeiro, apresentaremos todos os passos da metodologia usada na pesquisa. No segundo, traremos da nossa fundamentação teórica, discorrendo sobre os conceitos de linguagem, língua, dialeto, idioleto, pidgins e crioulo; além de apresentar o contato das línguas africanas com o português brasileiro e o papel desempenhado pelos homossexuais nos cultos afro-brasileiros. É nele que discorreremos sobre a classificação linguística para o fenômeno do pajubá; além de apontar a

⁴ **Pidgin** é um sistema de comunicação linguística que não tem falantes nativos, sempre utilizado como segunda língua, e que resulta do contato entre grupos falantes de línguas diferentes. [ver: Calvet, 2002]

sua origem e como se deu o seu processo de evolução. No terceiro e quarto capítulos, trataremos dos resultados e discutiremos os dados obtidos por meio de nossa pesquisa de campo. Procurando organizar da melhor forma possível, optamos, nessa última fase, dividir em dois capítulos, onde um apresentará os processos de formação do pajubá e suas particularidades linguísticas; e no outro, o pajubá como código linguístico de resistência da comunidade LGBT, pautados na teoria do *Habitus* de Pierre Bourdieu.

APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA

Capítulo 1 - Materiais e Métodos

Neste capítulo, detalharemos como ocorreu a nossa pesquisa propriamente dita, enfatizando métodos e técnicas adotados na realização do trabalho, os instrumentos que utilizamos para a coleta dos dados e o procedimento para análise final.

1.1. Tipo de Pesquisa

Segundo Cervo e Bervian (2002, p.65), nossa pesquisa usou três aplicabilidades para gerar os melhores resultados possíveis: bibliográfica, descritiva e exploratória.

Buscamos, no primeiro momento, explicar o problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos, ora doravante revistas e obras de temática LGBT, que circularam durante as décadas de 80 e 90, dicionários do idioma iorubá e ensaios sobre linguística africana, procurando analisar os quesitos culturais do passado para tentar dar ao pajubá um caráter científico. Descritiva para registrar e analisar os fenômenos linguísticos, sem qualquer tipo de manipulação, procurando descobrir sua frequência na sociedade, principalmente, na fala da comunidade homossexual. E exploratória por definir nossos objetivos propostos e buscar mais informações acerca da temática.

Em nossa pesquisa de campo, utilizamos questionários estruturados e semiestruturados individualmente, e realizamos relatos e debates em grupo, tendo como público-alvo principal os gays da cidade de Manaus. Embora saibamos que as entrevistas semiestruturadas não sejam uma novidade para colher informações; a técnica auxiliou, de forma excelente, para acumular grande quantidade de dados, e identificar, de maneira pormenorizada, o código cifrado pela comunidade homossexual. Cabe também comentar sobre a importância dos debates realizados nos grupos, sobretudo em forma de dinâmica para conseguir extrair do bruto da fala dos homossexuais as expressões do pajubá.

Quanto à natureza da pesquisa, podemos afirmar que se trata de uma pesquisa quantitativa, como bem postula Nascimento e Oliveira (2016), articulando dados numéricos e estatísticas com suas devidas descrições. Não se trata de apresentar os dados em dois formatos, outrossim, estabelece uma relação (descritiva) entre os valores e as argumentações apresentadas, comprovando-as, refutando-as ou justificando-as.

1.2. Participantes

Os participantes envolvidos nas entrevistas para o nosso estudo foram pessoas naturais de Manaus/AM, que não moraram fora da cidade durante os últimos 5 anos, classificadas nos seguintes gêneros:

- a) Lésbicas;
- b) Gays;
- c) Bissexuais;
- d) Travestis;
- e) Transexuais;
- f) Transgêneros; e
- g) Heterossexuais masculino e feminino.

Constituíram para a amostra (20 entrevistados), cuja faixa etária varia de 18 a 63 anos, autoidentificados de acordo com sua identidade de gênero, de diferentes graus de escolaridade e profissão, sendo que o último, transformamos em relato de experiência por se tratar de um homem transgênero e, atualmente, essa identidade ainda causar dúvida na sociedade. Além dos entrevistados, foi feita uma enquete com 423 pessoas de vários lugares do Brasil com perguntas relacionadas ao tema, com o propósito de observar até que ponto o pajubá é conhecido pela sociedade. Os referidos modelos dos documentos (questionário e enquete), encontram-se nos apêndices de nosso trabalho.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados

	Idade	Escolaridade	Profissão	Local da Entrevista	Classificação de Gênero
Entrevistado 1	63	Doutor	Professor	Sauna gay (H2O)	Gay
Entrevistado 2	29	Mestre	Psicólogo	Cine Pub	Gay
Entrevistado 3	28	Médio Incompleto	Profissional do Sexo	Rua do Centro	Travesti
Entrevistado 4	23	Médio incompleto	Auxiliar de cabeleireiro	Boate	Travesti
Entrevistado 5	36	Superior	Jornalista	Academia	Drag-queen
Entrevistado 6	21	Médio incompleto	Estudante	Praça do Largo	Lésbica
Entrevistado 7	32	Superior Completo	Professora	Instituição de Ensino Superior	Lésbica
Entrevistado 8	30	Especialista	Médico	Sauna H2O	Bissexual
Entrevistado 9	39	Fundamental Completo	Cabeleireiro	Esquenta da Parada gay	Transformista
Entrevistado 10	32	Mestrando	Advogado	Instituição de Ensino Superior	Crossdresser
Entrevistado 11	24	Médio Técnico	Técnica de Enfermagem	Sambódromo carnaval	Transexual

Entrevistado 12	42	Doutor	Professor	Instituição de Ensino Superior	Gay
Entrevistado 13	26	Mestre	Analista Judiciário	TJ/AM	Gay
Entrevistado 14	29	Superior incompleto	Empresária	Banda da Bica	Heterossexual
Entrevistado 15	30	Superior completo	Bancário	Banda da Difusora	Heterossexual
Entrevistado 16	22	Médio Completo	Garoto de programa	Sauna H20	Bissexual
Entrevistado 17	18	Superior incompleto	Auxiliar de almoxarifado	Banda do galo	Heterossexual
Entrevistado 18	50	Superior completo	Professor de Ed. Física	Quadra de ensaio de dança	Gay
Entrevistado 19	19	Médio Técnico incompleto	Esteticista	Terminal de Integração	Gay

Alguns entrevistados foram selecionados através de uma rede de contatos. Outros, de forma ocasional. Como demonstra a tabela acima com o referido perfil; todos de acordo com os estudos da categoria de gênero elencadas por Jesus (2011). Para isso procuramos colher dados de todos os gêneros da comunidade LGBT para uma melhor discussão dos resultados, e também de três cisgêneros⁵, com o propósito de enriquecer ao máximo nosso campo de pesquisa exploratória. Para a nossa enquete utilizamos as redes sociais (facebook/whatsapp), buscando interagir com as pessoas pertencentes ou não a comunidade homoafetiva.

⁵ **Cisgênero ou Cissexual** - A origem da palavra vem do latim, onde o prefixo *cis-* significa "ao lado de" ou "no mesmo lado de", fazendo alusão à identificação, à concordância da identidade de gênero da pessoa com sua configuração genitral e hormonal. O prefixo *cis-* é o oposto latino ao prefixo *trans-*. São termos utilizados para se referir às pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento. Isto é, configura uma concordância entre a identidade de gênero e um indivíduo com o gênero associado ao seu sexo biológico e/ou designação social. Ou seja, masculino é homem e feminino é mulher. O termo referencia o fenômeno social, e não se trata de uma das identidades de gênero, mas sim o seu alinhamento, de forma que pessoas intersexo podem ser cisgênero ou não. Por vezes, a definição de cisgênero leva em conta também o comportamento ou papel de gênero do indivíduo designado menino ao nascer de identidade masculina binária e do indivíduo designado menina ao nascer de identidade feminina binária estar relativamente dentro do que é considerado socialmente aceito para tais gêneros. Em algumas situações, cisgênero começa a ser usado para identificar uma identidade de gênero concordante com um dos gêneros binários, considerando menos o sexo biológico do indivíduo, e mais a socialização que este teve em relação ao gênero. Nesta perspectiva, cisgênero é o contraste de transgênero. [ver: Jesus, 2011]

1.3. Área de estudo

Figura 1 - Vista parcial de Manaus



Fonte: Ministério do Turismo – Abril de 2010

O foco desta pesquisa é a cidade de Manaus, que representa o grande centro urbano do Amazonas. Como capital do estado do Amazonas, Manaus limita-se ao norte com o município de Presidente Figueiredo, ao sul com os municípios de Iranduba e Careiro, a leste com os municípios de Rio Preto da Eva e Itacoatiara e a oeste com o município de Novo Airão.

De acordo com dados do IBGE (2014), a capital é considerada a maior cidade do norte brasileiro, com área de abrangência em acelerada expansão. A superfície total do Município é de 11.458,5km² (Lei Municipal nº 279, de 05 de abril de 1995), equivalendo a 0,73% do território do Estado do Amazonas, que abrange 1.577.820,2 km². Sua latitude corresponde a 03° 06'07 e longitude 60°01'30. [ver: BDMEP – Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa, 2014]

1.4. Técnicas e procedimentos para a coleta de dados

Para a coleta de dados em campo foram realizadas entrevistas, conversas informais com os sujeitos sociais envolvidos, relatos orais e observação participativa.

Tabela 2- Técnicas selecionadas para a coleta de dados e suas descrições.

Técnicas	Descrição
Entrevistas Estruturadas	Comunicação entre o pesquisador e o informante através de formulário com perguntas abertas e fechadas e com questões pré-determinadas (dados quantitativos e qualitativos).
Entrevistas Semiestruturadas	Uso mais efetivo de determinado assunto que apresenta novas informações pelo entrevistado e que não estão previstas no questionário. Tem por objetivo aprofundar o tema, revelar situações de conflito e de relações.
Observação participativa	Permite que o pesquisador faça parte da rotina dos sujeitos da pesquisa, como por exemplos, participação em eventos, festas e encontros.

Para a complementação do estudo, foi realizado também o Método do Estudo de Caso, que segundo Yin (2001) se caracteriza como uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode

incluir tanto estudo de caso único quanto múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa. Para este autor, de forma sintética, podem ser as aplicações para o método do estudo de caso os seguintes princípios: descrever o contexto da vida real no qual a intervenção ocorreu; avaliar, ainda que de forma descritiva, uma dada intervenção; e explorar aquelas situações em que as intervenções avaliadas não possuam resultados claros e específicos.

Para Araújo (2008), o estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores.

No que se refere às técnicas de pesquisa para a coleta de dados foram feitas reuniões participativas com os sujeitos sociais, a fim de esclarecer os objetivos da referida pesquisa, suas perspectivas e anseios. A coleta de dados para a pesquisa bibliográfica foi feita através de obras já conceituadas dentro do universo da temática LGBT e revistas de mesmo cunho nacional e regional. Também fizemos um levantamento de sites ligados à temática homossexual, além de teses, artigos e publicações em páginas referentes ao tema em questão.

O acesso à internet nos permitiu conhecer e analisar sites diversos sobre sexualidade, dando destaque às páginas de grupos organizados e fóruns de discussão. Entre as páginas mais pesquisadas demos preferência àquelas estritamente ligadas à temática LGBT, bem como às páginas de organizações não-governamentais, com destaque para as de combate a AIDS e Direitos Humanos.

A pesquisa de campo, por sua vez, foi que conseguiu, de fato, materializar o nosso trabalho com dados super-relevantes como: saída do armário; identidade linguística gay; homofobia e outros assuntos ligados à homossexualidade. Os dados desta fase foram coletados por meio de entrevistas gravadas e de anotações feitas durante as conversas. Um aspecto que foi muito eficiente, sem dúvida, foram as discussões em grupos LGBTs, pois conseguíamos perceber, com naturalidade, os aspectos de interação do uso do pajubá como um código linguístico da comunidade. Outro item usado, nesta fase, foi o levantamento de informações por enquete nas redes sociais, já que, atualmente, elas são consideradas veículos velozes de comunicação e disseminação. O uso de enquete proporcionou os dados quantitativos para a nossa pesquisa, cujos elementos estatísticos se encontram em formato de tabelas e gráficos para uma melhor compreensão de nossos resultados.

1.5. Considerações Finais

No primeiro capítulo de nosso trabalho, reservamos para a metodologia adotada na pesquisa, posto ter sido o “carro-chefe”. Foi através do *corpus* que conseguimos coletar, grande parte das informações necessárias para a formulação dos argumentos. Para isso procuramos entrevistar todas as categorias de identidade de gênero para observar se o pajubá é falado por todos os membros da comunidade LGBT, ou somente por uma categoria específica. Nesse processo contamos com 20 entrevistados, distribuídos entre gays, lésbicas, bissexuais, heterossexuais, travestis; além destes, uma drag-queen, um transformista, um crossdresser e um transgênero, que especificaremos melhor em nosso último capítulo. Nosso propósito nessa etapa serviu para perceber, por meio da fala dos participantes itens como: o uso do pajubá; se havia variante entre as categorias; se alguma categoria de gênero usava mais os termos do que outra; a sua posição quanto ao processo de identificação linguística; se os participantes entendiam o pajubá como uma língua de resistência contra a homofobia; e, se o pajubá eufemizava a maneira de falar da comunidade, entre outros aspectos que achamos relevantes. Tudo foi realizado por meio de questionários estruturado e semiestruturado, conversas em grupos de forma dinamizada e relatos de experiência; além de enquetes por meio das redes sociais com 423 participantes. A seleção dos mesmos foi feita, ora por uma rede de contatos, ora de forma ocasional. Embora nossa pesquisa tenha se expandido, em nível de entrevista, por alguns municípios do Estado do Amazonas, e algumas metrópoles brasileiras, foram dos entrevistados de Manaus que colhemos as informações para a construção do nosso trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Capítulo 2 - A Origem do Pajubá

“Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra. Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as línguas, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica. (SAUSSURE, 1970, p. 236)

No intuito de conferir mais clareza ao tema abordado, nosso segundo capítulo visa a mostrar de onde vem o pajubá até chegar à fala da comunidade LGBT. Para isso, estruturamos nossa fundamentação em seis partes. A primeira busca conceituar linguagem e língua, posto os termos, atualmente, serem extremamente abrangentes e dicotômicos. A segunda, trata dos elementos fundamentais para uma melhor compreensão do que é dialeto, idioleto, pidgin e crioulo. A terceira, línguas africanas e o português brasileiro, trata dos primeiros estudos realizados no Brasil acerca da forte influência da língua africana no PB. A quarta, as línguas africanas no candomblé, mostra um pouco da religião da qual os homossexuais se tornaram adeptos e da fonte que os impulsionaram ao uso do pajubá, ou seja, a língua iorubá. A quinta, a homossexualidade nos cultos afro-brasileiros, procura abordar a relação de *status* dos homossexuais e o seu papel feminino na hora em que estão atuando, ou seja, no momento em que recebem a entidade. E, por último, Pajubá: gíria-gay ou língua-gay? Para dar um enfoque especial ao tema de nosso trabalho.

2.1. Linguagem e língua

Para Sapir (1980) “a linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicar ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos”. Todavia essa definição é passível de defeitos, conforme afirma Lyons (1987), pois “a linguagem proporciona muito mais do que isso, tendo em vista que ela ressalta a importância do processo de interação entre os indivíduos”. É exatamente o que ocorre quando os gays se comunicam fazendo uso do pajubá.

Segundo Halliday (1994), a “linguagem existe para atender às necessidades do ser humano e sua organização funcional, portanto, ela não é arbitrária”. Por essa razão, o estudo da gramática e das palavras escolhidas para compor um texto visa à interpretação das escolhas, levando em conta o contexto em que são produzidas.

Como podemos observar nos conceitos formais de linguagem postulados por Sapir, Lyons e Halliday, a linguagem está sempre próxima da comunicação, pois se ela não

consegue ser compreendida, a comunicação não se efetua. Assim, não abrirá o canal de comunicação entre emissor e receptor como conceitua os estudos de Jakobson (2001).

Portanto, o conceito de Linguagem, faz-nos atentar a todas as teorias que já foram discutidas até aqui sobre a sua importância na sociedade. Por esse motivo, no mundo globalizado, repleto de tecnologias e recursos informativos, vemo-nos cercados de expressões que enriquecem a fala de várias comunidades como, por exemplo, a adotada pelos LGBTs.

No que se refere ao conceito de Língua, para Saussure (1970), a “*langue* constitui um sistema linguístico de base social que é utilizado como meio de comunicação pelos membros de uma determinada comunidade”. Portanto, ela constitui um fenômeno coletivo, sendo compartilhada e produzida socialmente.

Para Bakhtin (1929) numa perspectiva Discursiva, “a língua é uma atividade de um processo criativo ininterrupto de construção que se materializa sob a forma de atos de fala individuais”. E, como abordagem conceitual na visão Sociolinguística, a língua, para Calvet (2002), “é como um sistema que conhece apenas sua ordem própria, ou seja, não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes. Ela muda sob o efeito de suas estruturas internas, de contatos com outras línguas e atitudes linguísticas”.

Sob um viés filológico, Crystal (1988), em seu dicionário de Linguística e Fonética, usa o termo *língua* para apresentar vários sentidos que a linguística tenta distinguir cuidadosamente. Em seu nível mais específico, pode-se referir ao ato concreto de falar, em uma situação específica – a noção de *competência ou desempenho*, que, de acordo com os estudos da linguística gerativista de Noam Chomsky, traz para a compreensão a linguagem como fator biológico (inato), seria o conhecimento da estrutura da língua, cujo sujeito sabe produzir suas sentenças conforme sua gramática interna, a qual denominou de GU (Gramática Universal). Enquanto que o desempenho seria o uso concreto da língua, ou seja, seu uso real.

Para ampliar ainda este conceito, Hymes (1972) usa a expressão *competência comunicativa*, destacando relacionamentos socioculturais, estados emocionais dos falantes, regras sociais e funcionais que regem a língua dentro de contextos específicos, mostrando que competência e desempenho são inseparáveis. E resume, deixando claro que a partir de agora a competência comunicativa passa a ser o conhecimento da língua e a habilidade de usá-la em determinados contextos sociais.

Diante desse universo conceitual mostrado sobre língua, tanto na visão do estruturalismo, quanto na visão do gerativismo, e ainda com base nos estudos sociolinguísticos, seja no seu estudo sincrônico ou diacrônico, percebemos que quanto mais estudamos a língua, mais observamos as suas particularidades, principalmente no que tange

aos aspectos culturais a que ela se associam, como é o caso das influências sofridas pelo nosso Português Brasileiro, que é extremamente rico com expressões oriundas dos povos indígenas e africanos.

Fazendo uma pequena abordagem no campo de nossa história, desde o século XV, as línguas africanas começaram a atrair a atenção dos europeus. Devido à necessidade de estabelecer contato, os exploradores se obrigaram a utilizar estratégias de comunicação com os africanos e, assim, constataram as diferenças entre os idiomas falados nos locais. Por essa razão, logo após a descoberta progressiva da África, observou-se uma diversidade de línguas já faladas neste continente, mas só cederam espaço aos estudos científicos a partir do século XVI.[Cf. Petter, 2015]

2.2. Dialeto, idioleto, pidgins e crioulo

Para enriquecer ainda mais a discussão acerca da origem do pajubá, faz-se mister conceituar os termos: dialeto, idioleto, pidgins e crioulo, para facilitar a sua comprovação como elemento linguístico. Começemos com Crystal (1988), o qual nos afirma que “*dialeto* é uma variante de uma língua, distinta em termos social ou regional e identificada por um conjunto particular de palavras e estruturas gramaticais”.

Para o conceito de *pidgin*, o autor revela ser um “... termo usado na Sociolinguística com referência a uma língua que mostra uma redução significativa de estrutura gramatical, lexical e estilística, em comparação com outras línguas, e que não é a língua nativa de ninguém”. Ainda, menciona que “... os *pidgins* são formados por duas comunidades de fala que tentam se comunicar, cada uma delas se aproximando sucessivamente de traços mais óbvios de outra língua. Tais desenvolvimentos necessitam de uma motivação considerável por parte dos falantes”. Por fim, o conceito de *crioulo* para Calvet (2002), “termo usado na Sociolinguística como referência a uma língua que se tornou a língua materna de uma comunidade de fala, como aconteceu na Jamaica, no Haiti, na República Dominicana e em diversas outras partes do mundo, principalmente em ex-colônias”.

Neste compêndio de estudo, percebemos que há uma ampliação na variedade estrutural e linguística de um pidgin, de forma que a língua crioula seja comparável, em termos de complexidade formal e funcional às outras línguas.

Já no âmbito de variedade do pajubá ligada ao sexo, conseguimos, por meio de nossas entrevistas, observar que, embora o pajubá seja usado, na sua maioria, pelos homossexuais masculinos, as homossexuais femininas também criaram algumas expressões para serem usadas apenas por elas, como: *girino*, *pepeca*, *rebuceteio*, entre outras, conforme a primeira entrevista localizada nos apêndices de nosso trabalho. Ainda para ampliar os conceitos para

melhor compreender em qual esfera linguística o pajubá se enquadra, decidimos também conceituar idioleto e dialeto.

Idioleto é o conjunto dos enunciados produzidos por uma só pessoa, e principalmente as constantes linguísticas que lhes são subjacentes e que consideramos como idiomas ou sistemas específicos[...] *dialeto*, é entendido como uma forma de língua que tem seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usado num ambiente mais restrito que a própria língua. (DUBOIS, 1978)

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica - salvo casos especiais - não é um modo de DIALETO, ALGO DIATÓPICO E /OU DIASTRÁTICO, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior. (COSERIU, 1982, p. 11-12).

Todos os conceitos arrolados acima são essenciais para ampliarmos a discussão acerca do pajubá, enquanto fenômeno linguístico, para comprová-lo cientificamente, afastando-se do senso comum, visto que a própria comunidade LGBT identifica-o ora como língua, ora como dialeto, ora como gíria. Por esse motivo, demos destaque a um tópico específico para esclarecer melhor esse código linguístico o qual intitulamos – Pajubá: gíria-gay ou língua-gay?

2.3. Línguas Africanas e o Português Brasileiro

Foi somente no início do século XIX, que o estudo sobre a influência das línguas africanas no português brasileiro, ganhou o gosto dos estudiosos. Depois de muitos debates é que ela se tornou um objeto vivo para estudo; antes, era vista com um efeito negativo, já que era herança dos escravos.

Segundo Mattoso (2001), “o tráfico negreiro teve início no Brasil em 1502 e foi finalizado, teoricamente, em 1860, e, estima-se que naquele período foram transportados mais de 3,6 milhões de africanos para o Brasil”. Esse processo de imigração, deu-se principalmente com a necessidade de mão-de-obra para a lavoura e mineração. Os grupos começaram a se distribuir nos Estados de Pernambuco e Bahia (considerados os grandes centros de condensação africana). Depois, aparece o Rio de Janeiro, que acaba ganhando mais importância do que os dois primeiros, pois foi onde a maior porção de africanos do grupo Bantu se instalaram, principalmente os quimbundos, que já se configuravam no Norte, em Pernambuco; enquanto que, na Bahia, ficou concentrado os iorubás, considerado o grupo predominante.

Segundo Rodrigues (1932), “é claramente confirmada a importância das línguas africanas no traçado histórico brasileiro”. Ele afirma que é fundamental o ‘elemento negro’, ou seja, a fala da língua dos escravos e todas as alterações que podem manifestar no PB.

A solução do problema linguístico no Brasil reclama, pois, a inversão dos termos em que geralmente o temos visto posto até hoje. Não se trata de conhecer a linguística africana pelo estudo aprofundado das línguas dos escravos importados. Cessado o tráfico, tornou-se isso quase inexequível. Trata-se, em primeiro lugar, de saber quais foram as línguas africanas faladas no Brasil e, em segundo lugar, tomando conhecimento dos modernos estudos sobre elas realizados na África, apreciar a influência que exerceram sobre o português falado no Brasil (RODRIGUES, 1932, p. 126)

No ano seguinte, dois textos repercutiram o debate sobre as influências africanas no PB. O primeiro intitulado *A influência africana no português do Brasil*⁶, de Renato Mendonça, traçando o itinerário da origem banta ou sudanesa, dos africanos transplantados para o Brasil. Neste estudo, ele expõe de forma sumária a gramática das línguas africanas e, em especial, cataloga uma série de palavras e de particularidades do PB, que o mesmo considera ser de origem africana.

O segundo texto, *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jacques Raimundo, que, embora siga o mesmo esquema de Mendonça, faz observações mais precisas sobre as línguas africanas. Ele identifica 309 palavras de origem presentes no PB e acrescenta ao seu levantamento 132 topônimos.

Mais tarde, Borges (2015), em seu depoimento, comenta que os dois autores pioneiros nos estudos sobre a temática em questão, por mais aprofundados que tenham sido em suas pesquisas, apresentaram muitas diferenças quanto à abordagem do contato e de mudança linguística. De um lado, Mendonça tem preocupações de caráter sociocultural, e considera que o panorama étnico e social é que gera a mudança linguística, observável não somente no léxico, mas em todos os níveis linguísticos, mesmo em menor grau. Do outro, Raimundo coloca ênfase no que se teria processado em Portugal, onde as mudanças fonéticas, por exemplo, são descritas como fenômenos linguísticos sistemáticos. A situação brasileira é considerada uma decorrência do que aconteceu no país europeu. Embora muito ainda se discuta acerca das duas obras, até hoje, seus glossários continuam sendo referência para novos estudos, sendo citadas como fonte abonadora de muitas etimologias de palavras consideradas de origem africana.

⁶ o trabalho de Mendonça (1933) teve uma segunda edição, aumentada e ilustrada, em 1935, e outra em 1974, que reproduz ainda uma classificação de línguas africanas, já superada desde os trabalhos de Greenberg (1963). A obra contém um glossário com 375 termos de origem africana que, se apresentam étimos africanos discutíveis (iorubá ou quimbundo, unicamente), revelam, no entanto, um aspecto positivo: a indicação do contexto sociocultural de uso dos itens compilados. (Cf. PETTER, M.; CUNHA, S., 2015, p. 238)

Ainda perscrutando acerca dos estudos de Nina Rodrigues, já no final do século XIX, ele observa que no Brasil há um processo de plurilinguismo africano. O médico e antropólogo fez um levantamento linguístico e etnográfico junto aos africanos que viviam, naquela época, na cidade de Salvador. Foi justamente no período de desconcentração econômica, em que a Bahia era despovoada de escravos. Para termos uma ideia, em 1815, estima-se que eram 500.000. Em 1874 não seriam mais de 173.639, de acordo com o levantamento de sua pesquisa.

Dentro desse processo, foi feito o levantamento de seis línguas, atestadas por documentos escritos ou por palavras recolhidas dos africanos ainda vivos na época. A primeira foi o iorubá; logo, em seguida, o jeje ou ewe; haussá; kanúri; tapa, nifê ou nupê; e, por último, a língua dos negros gurúnces.

Foi a partir desses estudos que Rodrigues observou que “as línguas africanas faladas no Brasil” sofreram alterações, já que o português era imposto aos escravos. Esse fenômeno vai ao encontro do pensamento sociológico de Pierre Bourdieu que postula:

“A língua legítima não tem o poder de garantir sua própria perpetuação no tempo nem o de definir sua extensão no espaço. Somente esta espécie de criação continuada que se opera em meio às lutas incessantes entre as diferentes autoridades envolvidas, no seio do campo de produção especializado, na concorrência pelo monopólio da imposição do modo de expressão legítima e de seu valor, ou seja, do reconhecimento que lhe é conferido (...) (BOURDIEU, 1996, p. 45)

Foi Bourdieu quem trouxe o conceito de mercados linguísticos para explicar alguns fenômenos que ocorrem na sociedade, e nessas condições é preciso lembrar que todo o ato de fala só pode ser colocado em movimento por toda uma conjuntura que mobiliza as disposições incorporadas pelos agentes, o que ele mesmo denominou *habitus* em sua experiência social em campos particulares, fenômeno que retomaremos no último capítulo desta dissertação.

Num contexto histórico inicial, Para Borges (2015), ao desembarcar no Brasil, o negro *novo* (= recém-chegado) era obrigado a aprender o português. Os escravos para falar com os senhores brancos, com os mestiços e negros crioulos precisavam entender tanto o PB, por ser a língua do mercado, mas também sua própria língua para falar com os companheiros de escravidão. Nesse cerne, duas línguas, dentre as seis já mencionadas, predominavam no país: o iorubá, na Bahia e o quimbundo ou congoleza, no Norte e no Sul. Como podemos perceber, o iorubá realmente se tornou uma língua de destaque dentro do estudo da linguística africana. A língua iorubá passou a ser escrita há cerca de cento e cinquenta anos. Desde então, tem uma forma reconhecida por ser usada na escola.

A língua ioruba ou nagô é de fato, muito falada na Bahia, seja por quase todos os velhos africanos das diferentes nacionalidades, seja por grande número de crioulos e mulatos. Quando neste Estado se afirma de uma pessoa que fala língua da Costa, entende-se invariavelmente que se trata do nagô. Ela possui mesmo entre nós uma certa feição literária que eu suponho não ter tido nenhuma outra língua africana no Brasil, salvo talvez o haussá escrito em caracteres árabes pelos negros mulçumis. E que muitos negros que aprenderam a ler e a escrever corretamente esta língua em Lagos, nas escolas dos missionários, têm estado na Bahia e aqui o têm ensinado a negros baianos já a falavam. (RODRIGUES, 1932, *apud* PETER, 2015)

Mais uma vez, há um destaque ao iorubá, por ser uma língua que já passa a ser escrita, a ter novos usos, sobretudo literários, o que foi chamado pelos estudiosos de (Literary Yoruba), introduzindo nela importantes inovações, não somente lexicais, mas também estruturais, tanto morfossintáticas como morfossemânticas.

Fagborun (1994) reconhece o quanto à língua nivelou as formas dialetais, importando itens de outras línguas, "...essa base histórica de koiné ioruba mostrou que ela não foi nunca um dialeto histórico falado (em seu sentido mais amplo). Foi antes uma língua criada pelos escritores iorubas a partir do núcleo de vários dialetos e outras línguas".

2.4. As línguas Africanas no Candomblé

Dois acontecimentos caracterizam o fim do século XIX: primeiro, a abolição da escravidão em 13 de maio de 1888; depois, a nova distribuição econômica representada pela cultura do café, após a crise de 1857, o que levou a uma redistribuição geográfica da massa dos ex-escravos e de seus descendentes.

Segundo Mendonça (1933), o primeiro acontecimento teve como efeito - quase imediato - o declínio progressivo e, finalmente, a extinção da maior parte das línguas africanas que estavam ligadas até então à escravidão, e que tinham sido regularmente alimentadas, durante mais de três séculos, por um aporte maciço de escravos em zonas geográficas bem definidas, geralmente delimitadas pelo tipo de produção econômica: cana de açúcar, tabaco, mineração. Nessas zonas, certas línguas africanas tinham-se sucedido, ao longo do tempo, sob a forma da língua veicular: quimbundo, mina-jeje e iorubá, permitindo, ao mesmo tempo, que o português coexistisse com as línguas africanas, ao longo dessa sucessão, sob a forma de alternância de códigos.

Foi justamente a partir da nova conjuntura econômica, que operou igualmente uma mutação linguística. De um lado, a utilização da língua portuguesa, estendeu-se a toda a população negra e, além disso, ao importar-se no dia a dia, pôs fim à alternância inicial e secular de códigos entre a língua portuguesa e as línguas africanas. De outro lado, as antigas

línguas, principalmente as veiculares, foram confinadas a um uso “interno”, específico de uma determinada população, como ferramentas de preservação identitária, de autodefesa e de sua afirmação no grupo. Elas foram “refuncionalizadas” como línguas de especialidade num contexto de clandestinidade, aprendidas ou transmitidas, seja sob a forma de *línguas cultuais* reservadas aos cultos ditos afro-brasileiros, seja sob a forma de línguas secretas ou línguas de santo. [Cf. Queiroz, 1984, p. 16-20]

As línguas cultuais foram empregadas desde o século XIX, nos cultos ditos afro-brasileiros. Estes são principalmente de dois tipos: os da espécie candomblé, mais próximos da tradição africana, e os da espécie umbanda, que justapõem diversas tradições, mesclando africana, indígena e europeia (catolicismo e espiritualismo). Os candomblés, segundo suas subdivisões internas (nagô-queto, jeje, angola...), empregam diversas línguas: iourubá (majoritária), eve-fon (jeje), quimbundo-quicongo (angola), que são consideradas marcas identitárias e utilizadas da mesma maneira que os rituais, para distinguir as diferentes sortes de culto.

No plano linguístico, trata-se mais de formas pidginizadas, em razão da proveniência de seu fundo lexical e da ausência do funcionamento gramatical característico da língua epônima de referência. O acesso a elas é, na verdade, difícil pelo fato de serem reservadas, em certos casos, aos iniciados. Elas servem de suporte ao ritual: cânticos (pontos), saudações, nomes-mensagens de iniciados e destinam-se também à comunicação no interior da comunidade de culto. Nos cultos de tipo umbanda, ao contrário, a língua é bastante próxima do português brasileiro dito popular, mas demarca-se dele por seu vocabulário, por seu semanticismo e por marcas morfossintáticas, segundo a entidade espiritual que a utiliza. [Cf. Karasch, 2000]

Como se presume que são proferidas por entidades recebidas pelo médium em estado de transe, a pesquisa sobre essas “línguas” torna-se ainda mais difícil. Ademais, existe uma especificidade linguística própria a cada entidade, de forma que se podem facilmente distinguir, pela sua maneira de expressar-se, os *caboclos* (espíritos aperfeiçoados de ancestrais indígenas autóctones), e as *crianças* (espíritos infantis), as *Pombagiras* e os *Exus* (espíritos das trevas). Outra informação pertinente ao item em questão, refere-se às casas de candomblé, que são comunidades hierarquizadas em que a liderança religiosa está centrada na figura da *mãe de santo ou pai de santo*, que seguem o modelo iourubá de estrutura e organização.

Outro fator historicamente importante para a evolução da língua iorubá, dá-se em 1960, através dos movimentos culturais e sociais, sobretudo os que se voltavam à música e à literatura. Nessa época, cantores como Dorival Caymmi, Toquinho, Vinicius de Moraes, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Martinho da Vila e Clara Nunes, por serem ligados à religião do candomblé, usavam as expressões na composição de algumas músicas e, muitas vezes, cantavam os “pontos” de umbanda em seus shows.

Quadro 1 – Música com termos do candomblé

Canto de Oxum	
<p>Nhem-nhem-nhem Nhem-nhem-nhem-xorodô Nhem-nhem-nhem-xorodô É o mar, é o mar Fê-fê xorodô...</p> <p>Xangô andava em guerra, Vencia toda a terra, Tinha, ao seu lado, Iansã Para lhe ajudar.</p> <p>Oxum era rainha, Na mão direita tinha O seu espelho, onde vivia A se mirar.</p> <p>Quando Xangô voltou, O povo celebrou.</p>	<p>Teve uma festa que Ninguém mais esqueceu.</p> <p>Tão linda Oxum entrou, Que veio o rei Xangô E a colocou no trono Esquerdo ao lado seu.</p> <p>Iansã, apaixonada, Cravou a sua espada No lugar vago que era O trono da traição.</p> <p>Chamou um temporal E, no pavor geral, Correu dali, gritando A sua maldição: "Eparrei, Iansã!"</p>

(Fonte: <https://www.lettras.mus.br/toquinho>)

Conforme percebemos na letra da canção de Toquinho, temos o nome de três orixás da mitologia africana, Oxum, que reina sobre as águas doces, rios e cachoeiras; Iansã, a senhora dos ventos e da tempestade; e Xangô, o orixá dos raios e trovões. No último verso temos uma expressão de saudação, que seria um ‘olá’ com admiração a Iansã. Cabe uma ressalva quanto ao uso do nome dos orixás. No pidgin pajubá, embora se usem expressões africanas, não são citados os nomes dos orixás. Uma única exceção foi observada, a partir das entrevistas em nossa pesquisa de campo e conversas em grupos, quanto ao uso dos termos ‘exu’ e ‘pombagira’. A comunidade LGBT usa os termos para se referir a pessoas feias ou que fazem coisas ruins. Para Bittencourt (1989), essa ideia de referenciar ‘exu’ sempre com sentido de algo maléfico vem do período da colonização europeia que, a partir de um sincretismo errôneo, relacionavam o ‘exu’ à figura do ‘diabo’ e ‘pombagira’ a uma versão feminina de ‘exu’.

Ainda na vertente dos estudos das línguas africanas no candomblé, é importante retratar as chamadas *línguas secretas*, que eram utilizadas pelas populações negras isoladas, constituídas geralmente de descendentes de antigos escravos e, às vezes, de antigos quilombolas. Elas são emblemáticas como núcleos de “resistência” cultural negro-africana e foram assinaladas em diversas localidades de Minas Gerais. Até agora, no entanto, apenas

duas, dentre elas, foram estudadas e são, por isso, mais conhecidas: a de Tabatinga (Queiroz, 1998), situada num bairro pobre da periferia de Bom Despacho, e a do Cafundó (Vogt e Fry, 1996), comunidade rural negra situada em Salto de Pirapora, a 150 km de São Paulo.

O que elas têm em comum é o fato de ser uma espécie de código secreto que serve, de preferência, como meio de ocultar as conversas, principalmente em presença de estranhos. É provável que essas “línguas” tenham exercido essa mesma função no passado a fim de esconder dos senhores as palavras trocadas entre os escravos, sobretudo quando eles planejavam fugas. Hoje elas continuam a exercer esse papel, mas, frequentemente, transpostas para outros conflitos sociais. No plano linguístico, essas línguas partilham um fundo lexical do tipo *banto*, mas enquanto a do Cafundó se aproxima de uma forma pidginizada, a de Tabatinga avizinha-se mais daquilo que se designa como “português popular brasileiro”. Além disso, a língua de Tabatinga parece constituir um exemplo típico de substituição simbólica. Cabe um adendo importante que Tabatinga, a qual estamos fazendo alusão corresponde a do Estado de São Paulo e não, do Amazonas. Com a queda do regime de escravidão, ela foi utilizada mais para marcar as diferenças entre os brancos e os negros. Infelizmente, o que não é mencionado é que os brancos não têm acesso a ela. [Cf. Queiroz, 1984:23]

Outro ponto fundamental ainda acerca dos estudos em linguística africana é no tocante à reafricanização, que se tornou um fenômeno novo por volta dos anos 70 no seio dos cultos afro-brasileiros. No plano linguístico, traduziu-se pela valorização quase exclusiva da língua iorubá. Esse movimento exprime de fato o desejo de uma maior autenticidade no que concerne à “africanidade” dos cultos. A pedido de seus responsáveis (pais e mães de santo) e sob o impulso de intelectuais nigerianos, cursos de iorubá já são ministrados atualmente, inclusive a distância, não somente aos iniciados, mas também a todos aqueles que desejavam aprofundar a prática do candomblé.

Esse tipo de “reafricanização” chegou, com muita frequência, a uma solução redutora no plano linguístico, pois a autenticidade linguística africana foi assimilada ao emprego exclusivo da língua iorubá da Nigéria, enquanto no Brasil a realidade histórica mostra que o vocabulário de base das línguas cultuais é muito mais diferenciado. As principais línguas cultuais de referência são: a) eve, fon, gun, maí para os cultos do tipo “jeje mina”; b) iorubá (nagô) (dialetos falados na Nigéria Ocidental e o nagô, do reino de Queto, do Benim) para os cultos do tipo “nagô”, queto, ijexá”; c) quicongo-quimbundo-umbundo para os cultos do tipo “angola, congo-angola”. [Cf. Queiroz, 1984, p. 16-20]

2.5. A Homossexualidade nos Cultos afro-brasileiros

Para Monadeosi (2015), “o candomblé é o rito religioso originário da África austral e ocidental, organizado dentro de uma infraestrutura social brasileira que se caracteriza, principalmente, pelo transe de possessão em seus adeptos e pelos processos iniciáticos”.

Os terreiros de candomblé constituem um dos espaços de manutenção dos valores históricos, sociais, culturais e linguísticos em condições absolutamente adversas devido ao processo escravista. Embora não queiramos reconhecer, esses lugares são partes da África transplantadas para o Brasil em que se mesclaram povos, línguas e culturas. Numa reprodução brasileira, seus integrantes buscaram uma organização hierárquica sociorreligiosa, inserida num mundo afro-brasileiro, no qual a figura mais importante é a da ‘mãe’ ou ‘pai de santo’, caracterizando-se pela incorporação das divindades ou entidades em seus adeptos.

Observando as comunidades tradicionais de matriz africana, constatamos um repertório linguístico bastante diversificado, ligado à vivência dos grupos, cuja transmissão se dá, via de regra, através da oralidade.

Lévi-Strauss (1958) vê a oralidade como sinal de autenticidade das relações. Depois de mostrar que todos os qualitativos privativos, como sem escrita, sem tecnologia dissimulam, na verdade, uma realidade positiva:

“Nós somos ligados ao nosso passado não mais por tradição oral, que implica um contato vivido com pessoas – contadores, sacerdotes, sábios, anciãos – mas por livros empilhados na biblioteca, e através dos quais a crítica se aplica – com que dificuldades – a reconstruir a imagem de seus autores. E no plano do presente, nós nos comunicamos com a imensa maioria de nossos contemporâneos por um tipo de intermediários – documentos escritos ou mecanismos administrativos que ampliam, sem dúvida, imensamente nossos contatos, mas conferem-lhes, ao mesmo tempo, um caráter de inautenticidade. Esta se tornou a própria marca das relações entre o cidadão e os poderes”. (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 400-401)

A fala procedeu a escrita na África, da mesma maneira como ocorreu no mundo todo, se por escrita se entender não somente a inscrição de signos (prática que deve ter precedido a linguagem verbal), mas enquanto técnica que permite representar graficamente a linguagem articulada. Hoje, não se pode afirmar que a África não possui escrita, seja qual for o sentido em que se tome esse conceito, como também não se pode defender que a presença ou ausência de escrita impeçam o estudo de uma língua, porque o trabalho descritivo e analítico do linguista se faz, prioritariamente, a partir da materialidade sonora da língua, ou seja, da oralidade.

Para ampliar o compêndio sobre oralidade, postulado, ainda, no item que vimos quanto ao quesito linguagem, a partir do estudo de vários teóricos, não seria diferente no universo LGBT. Segundo Trevisan (2000), “a linguagem gay é tida, hoje, como um dos

signos de afirmação da sua cultura que impõe marcas positivas, tanto para enfatizá-la quanto para permitir que só os ‘eleitos’ a captem. Quanto mais discriminados, mais cifrados”. Já como respaldo sociolinguístico, segundo Tarallo (2007), “as leis e normas sociais são decisivas no modo de falar da sociedade e, que a língua, como instrumento representativo da coletividade, é de suma importância para o entendimento do processo de construção da identidade de determinado povo”.

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente, solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes acreditarem que personagem que veem no momento possui os atributos que apresenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser concordando com isso, há um ponto de vista popular de que o indivíduo faz sua representação e dá seu espetáculo para benefício de outros. (GOFFMAN, 2004)

Por isso a peça chave de nosso trabalho encontra-se nos resultados de nossa pesquisa, mais especificamente nos capítulos três e quatro. Foi ouvindo a comunidade LGBT que conseguimos analisar os elementos fundamentais para a materialização de nosso texto. Na verdade, o código linguístico dos gays, até alguns anos por ausência de material de pesquisa ligado ao tema só poderia ser estudado por meio da sua oralidade, como uma “língua de resistência”. Hoje já há suporte de embasamento teórico, principalmente àqueles ligados à linguística africana. E por que justo a fala usada nos terreiros começaria a entrar no gosto dos homossexuais?

Na verdade, os gays querem participar de uma religião com a qual se sintam bem, sem a pressão da sociedade em estabelecer o que é certo ou errado. Se, para participar dos ambientes religiosos, o homossexual tem que se comportar como um heterossexual, acaba ferindo a sua própria identidade. Por isso muitos gays recorrem à liturgia do candomblé, pois lá ele encontra um espaço que o aceite verdadeiramente, sem colocar a sua orientação sexual acima das boas ações que pode praticar para com a humanidade.

O candomblé tem sido uma escolha feita por muitos homossexuais masculinos e femininos. Para Lima (1983), “há mais de duas décadas que os homossexuais dividem com os heterossexuais uma presença quantitativa de caráter permanente na umbanda e no candomblé”.

Para Fry (1982), em sua primeira pesquisa acerca da presença dos homossexuais nos eventos afro-brasileiros, procurou entender melhor porque uma religião baseada na posse por espíritos e na adivinhação, atrairia e aceitaria personagens sociais tão vilipendiadas na vida cotidiana. Logo de início, observou a frequente associação entre homossexualidade e o teatro. Ele, fazendo sua pesquisa, visitou vários terreiros e lá viu que a dança e as roupas nos

terreiros liderados por pais de santo homossexuais eram excepcionalmente bonitas e apreciadas por todos.

O autor ainda prossegue em sua análise, dizendo que a ideia de que as religiões afro são bem menos repressivas da homossexualidade do que outras denominações parece ser verdade. Em grande parte, porque nelas a moralidade não tem muito a dizer sobre a intimidade social e sexual dos seus membros. Mas nem por isso denota que os terreiros sempre foram receptivos aos gays. Um exemplo disso, deu-se no final dos anos 80 e início de 90, a partir de levantamentos do antropólogo Luís Felipe. Ele percebeu que nos terreiros mais tradicionais do Rio de Janeiro havia uma certa rejeição pelos afeminados, sobretudo, aos que haviam contraído o HIV.

Mesmo assim, não resta dúvida de que as religiões afro, em geral, representam um importante santuário para gays e lésbicas. Atualmente, exercem uma dupla resistência à crescente corrente fundamentalista evangélica, que mira seus ataques tanto contra os terreiros quanto aos homossexuais.

Para conhecermos um pouco desse ritual, são nos terreiros e gongás, que o indivíduo, em transe, atua como “cavalo” (nome dado ao corpo do médium em processo de transe), ou seja, seu corpo será usado por uma entidade no ritual de possessão, motivo pelo qual muitos que desconhecem a cultura afro-brasileira a condenam, sendo interpretada diretamente como algo relacionado ao satanismo. Nesse ritual, o “cavalo”, poderá ser usado por uma entidade masculina ou feminina, assim como por entidades infantis. Embora haja a predominância do PB em suas estruturas sintáticas, em meio a elas entram expressões de origem africana já com características fonológicas do nosso idioma como: ebó (sacrifício ou oferenda); eké (pessoa mentirosa, fraudulenta, falsa); okó (marido, pênis, homem); taba (tabaco); e idi (parte de baixo, nádegas). É importante deixar claro que se trata de uma língua tonal, a qual discutiremos melhor no decorrer deste capítulo. [Cf. Beniste, 2011].

Os homossexuais, tanto os que atuam quanto àqueles que somente prestigiam, passam a usar estas expressões da língua iorubá e incorporam-nas ao universo do pajubá. Normalmente os respectivos significados permanecem, mas pode haver pequenas mudanças fônicas e semânticas que serão discutidas no terceiro capítulo de nosso trabalho. Portanto é a partir da participação da comunidade LGBT nos cultos afro-brasileiros de candomblé e de umbanda, que vêm as palavras de origem africana que entram como código linguístico da fala homossexual.

2.6. Pajubá: gíria gay ou língua gay?

Indubitavelmente, o pajubá veio para ser trabalhado como uma antilinguagem, já que quebra os conceitos formais característico de uma língua “tida” como aceitável pela sociedade. Embora já tenhamos discutido acerca do fenômeno do pidgin, não podemos classificar o pajubá como tal, pois para Hudson (1984), esse fenômeno linguístico aparece em contexto de urgência comunicativa a partir da necessidade de comunicação imediata. Seria uma espécie de “linguagem inventada” para efeitos de comunicação reduzida em contextos multilingues em que uma das línguas é socialmente dominante. Vale acrescentar que o pidgin é muitas vezes suportado por outras formas de linguagem, como, por exemplo, a gestual, levando em conta que sua interpretação depende sempre do contexto situacional. É importante sublinhar que os pidgins nunca funcionam como línguas maternas.

Partindo desse pressuposto, não podemos esquecer que o pidgin é falado por povos de idiomas diferentes, o que não pode ser atribuído à comunidade LGBT, já que são falantes de uma mesma língua, nesse caso o português brasileiro.

O pidgin apresenta dois critérios para sua sustentação: I) linguístico, também chamado estrutural, possui poucos fonemas, preferência pelo tipo de sílaba CV, ausência de flexão e derivação, função sintática indicada pela ordenação e léxico reduzido; II) sociolinguístico, caracterizado por situação de multilinguismo, superioridade econômica e política de um povo, meio desfavorável à intercompreensão (...).(BOLLÉE, 1977, *apud* COUTO, 1996)

No que condiz a ideia de chamar o pajubá de “língua gay” vem do senso comum. Ao usar o termo como um ‘escudo de resistência’, a comunidade homossexual torna possível a mudança por meio da língua. Todavia, baseando-se nos estudos linguísticos, não seria harmonioso chamar o pajubá de “língua gay”, pois assim estaríamos limitando o conceito científico do termo.

Chamamos de “língua” um sistema programado em nosso cérebro que, essencialmente, estabelece uma relação entre os esquemas mentais que formam nossa compreensão do mundo e um código que os representa de maneira perceptível aos sentidos. Os seres humanos utilizam um grande número de tais sistemas (“línguas”), que diferem em muitos aspectos e também se assemelham em muitos outros aspectos. Tanto as diferenças quanto as semelhanças são altamente interessantes para o linguista. (PERINI, 2010)

A língua é apenas uma outra forma de comportamento, em entre outros modos de realização das atividades culturais praticadas pelo grupo. Como essas formas de comportamento, *a língua também varia no interior de uma sociedade*, de tal maneira que os indivíduos que possuem entre si laços mais estreitos de convívio, relações de maior e mais durável intimidade, apresentam, precisamente por isso, modos de falar muito semelhantes (ou quase idênticos) que os distinguem de outros indivíduos. (PRETTI, 2004) (grifos nosso)

De acordo com as duas afirmações apresentadas, podemos observar o porquê de muitos participantes de nossas entrevistas e das enquetes, classificarem o pajubá como “língua gay”, pelo estabelecimento de semelhanças que há dentro do universo da fala; todavia, assim como os traços linguísticos se assemelham, também se distinguem em suas particularidades, afinal, a língua também varia no interior de uma sociedade.

Todavia o que traz como traço caracteristicamente linguístico quanto ao fenômeno do pajubá é, indubitavelmente, a gíria que para Pretti (2004) notadamente faz parte do universo linguístico de grupos menos favorecidos que se opõem a um contexto social. Por esse motivo, partindo de nosso *corpus*, conforme afirmam os dados, a maioria da comunidade LGBT considera o pajubá como uma gíria.

A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Torna-se difícil analisar esse fenômeno sob um enfoque geográfico, embora possa afirmar-se que a gíria é predominantemente um vocabulário urbano. Mas, de qualquer ponto geográfico que possamos partir, a gíria estará sempre ligada a um grupo social diferente. Mas também é possível dizer que é na maior variedade das *situações de interação* da cidade que ela surge como um importante recurso de expressividade[...] Sendo um instrumento de agressividade no léxico, como se verá, a gíria está mais ligada à linguagem dos grupos socialmente menos favorecidos ou de oposição a um contexto social. (PRETTI, 2004)

A língua é apenas uma entre outras formas de comportamento, um entre outros modos de realização das atividades culturais praticadas por um grupo. Como essas formas de comportamento, a língua também varia no interior de uma sociedade, de tal maneira que os indivíduos que possuem entre si laços mais estreitos de convívio, relações de maior e mais durável intimidade, apresentam, precisamente por isso, modos de falar muito semelhantes (ou quase idênticos) que os distinguem de outros indivíduos.

Ainda nas palavras de Pretti (2004), quando esses comportamentos, essas marcas contribuem para a formação de uma consciência de grupo; quando os indivíduos fazem dessas marcas grupais uma forma de se autoafirmarem na sociedade, dizemos que essas marcas constituem signos de grupo. Ex.: a moda característica de grupos; a apresentação pessoal (cabelos etc.); o vocabulário gírio com que se comunicam. No caso específico da língua ou, mais precisamente, do léxico, damos o nome de gíria de grupo ao vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Inusitados são, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, às diversões, aos esportes, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade; conflituosos, violentos são os grupos comprometidos com as drogas e o tráfico, com a prostituição, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões etc. (Cf.Pretti, 2004, p. 66). Quando esses grupos sociais restritos, pelo contato com a

sociedade, vulgarizam seu comportamento e sua linguagem, perde-se o signo de grupo. No caso da gíria, ela se incorpora à língua oral popular, tornando-se o que costumamos chamar de gíria comum, ou segundo alguns estudiosos mais ortodoxos, simplesmente parte do vocabulário popular. A gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens. Como vocabulário de grupo ela surge também entre os mais diversos grupos sociais, desde que possa constituir uma marca identificadora desses grupos.

2.7. Considerações Finais

Neste capítulo, tivemos acuidade em conceituar os elementos linguísticos fundamentais que melhor classificassem o pajubá, enquanto fenômeno linguístico, e buscamos distribuir os tópicos de forma didática. A princípio, conceituamos linguagem e língua, já que, atualmente, ambos os termos têm multissignificados; em seguida, falamos de dialeto, idioleto, pidgin e crioulo para melhor relacionar o caso do pajubá, pois, como se tornou um código linguístico falado pelos LGBTs, caberia incorporá-lo dentro de uma dessas unidades.

Ainda no presente capítulo, demos importância para trazer, à luz de nossos estudos, às primeiras manifestações das línguas africanas em contato com o português brasileiro, sobretudo os estudos realizados por Rodrigues (1932) e Mendonça (1933), considerados os pioneiros na área. Para explicar melhor o surgimento do pajubá, buscamos, primeiro, apresentar o iorubá, já que é nele que se originam as expressões; por isso dois tópicos mencionam o iorubá como uma língua usada nos rituais afro-brasileiros, principalmente, no candomblé e na umbanda. Foi nesse cerne, que começamos a perceber a maneira como o iorubá passou a ser transplantado para o universo linguístico da comunidade gay, resultando assim no pajubá. E por fim, demos um enfoque no pajubá como gíria, tudo postulado nos conceitos de Pretti (2004). Cabe enfatizar que o pajubá é discutido em dois vieses. O primeiro é o uso ligado à questão religiosa. O segundo é o seu fator identitário. A essas duas pontuações, discutiremos no último capítulo deste trabalho. O que, de antemão, podemos confirmar é que o uso do pajubá vem de uma “herança linguística” do iorubá (como língua africana) aos grupos LGBTs, mesmo que eles não sejam frequentadores do candomblé e da umbanda.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Capítulo 3 - A Formação do Pajubá

Depois de analisar as entrevistas, as conversas informais, o debate entre grupos e os relatos de experiência, detectamos que há 7 categorias para a formação do pajubá, que podemos enumerar da seguinte maneira: 1) termos de origem africana; 2) processos de metaforização; 3) uso de antropônimos; 4) expressões idiomáticas; 5) termos de origem indígena; 6) uso de termo superlativo; e 7) verbos como modalizadores discursivos usados no pajubá. Também organizamos um estudo sobre as suas particularidades linguísticas, apontando, de forma mais descritiva, seus processos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

3.1. Termos de Origem Africana

São inúmeras as expressões de origem africana na formação do pajubá, dentre as quais, grande parte tem como idioma o iorubá, que deixou de ser uma língua oral quando o reverendo anglicano Samuel Ajayi Crowther, transpôs o alfabeto do dialeto para o papel em meados de 1845. Além disso, traduziu a bíblia para o yorubá, e por fim escreveu uma gramática da língua.

Fig.2- Samuel Ajayi Crowther



(Fonte: <http://www.blackpast.org/gah/crowther-bishop-samuel-adjai-1809-1891>)

É importante salientar que muitas expressões, que atualmente são usadas de origem iorubá, passaram por um processo de variação fonética, principalmente quando deixaram de se restringir apenas aos eventos afro-brasileiros, e passaram a ser usadas nas ruas de Manaus pela comunidade LGBT, a qual batizou o pidgin como pajubá ou bajubá e, posteriormente, passaram a ser veiculadas em revistas de temática LGBT, inclusive, na primeira revista de

temática homossexual da cidade de Manaus chamada ‘Meio Termo’, cuja primeira edição foi de 2002.

Fig.3 - Capa da 1ª edição da Revista Meio Termo



(Fonte: Arquivo pessoal)

Para exemplificar bem os termos de origem africana, oriundas do iorubá, destacamos as palavras: *akué* (dinheiro), que transplantado para o pidgin pajubá é escrito *acué* ou *aque*; *okó* (homem), escrito *ocó*; *oti* (vinho), ficou *otim* no português; *dára* (belo, grandioso), ganhou no português a forma *odara*, ocorrendo uma epêntese de vogal.

“ Eu amo a boate... a minha primeira vez foi quando eu tinha ainda 13 anos...lá na matinê da Zoom...foi lá que eu perdi minha virgindade com um *ocó* beeeelíssimo que tinha uma neca *odara*...foi no quarto escuro de lá...naquele tempo eu já grelhava horrores (risos)...” (Entrevistado 4)

No Brasil, o *yorubá*, ficou oficialmente grafado no PB (Português Brasileiro) como iorubá, ou nagô, quando se refere aos ambientes de rituais religiosos. Deixando claro que a língua em nosso país só conseguiu ser mantida por meio da liturgia do candomblé. É importante frisar também que seus termos ainda não são registrados nos dicionários de Língua Portuguesa, diferente do quimbundo (expressão abasileirada), cuja grande quantidade lexical já se encontra com suas respectivas alterações no PB. Exemplos fiéis são os termos: cacimba, camundongo, caçula, fubá, xingar, quitanda, quiabo, entre outros.[Cf. Cegalla, 2000]

Por esse motivo, recentemente, houve uma maior preocupação com as expressões do iorubá usadas nas comunidades afro-brasileiras até para manter a sua origem africana; e tudo isso resultou na publicação do dicionário Yourubá-Português, do professor, pesquisador, historiador e ensaísta José Beniste, já iniciado no Candomblé Ketu em 1984. Além de trazer um vasto campo lexical, ainda ilustra bem como funciona o alfabeto da língua, introduzido pelos estudos de Crowther.

Preocupados com a clareza das informações de nossa pesquisa, procuramos otimizar um pouco o estudo fonético e fonológico do iorubá, que compreende um idioma tonal, ou seja, sua frequência sonora na pronúncia das vogais serve como parâmetro para diferenciar dois ou mais fonemas, como em ABÁ (pessoa idosa) e ÀBA (mercado). Para Beniste (2011), em seu dicionário Yorubá-Português o alfabeto se classifica em: **A B D E Ě F G Gb H I J K L M N O Ọ P R S Ş T U W Y**. As letras c, q, v, x, e z, não são usadas; Ş (com ponto embaixo) tem som de x ou ch; letras em que se utiliza o ponto embaixo: Ọ e Ě tem som aberto.

Quanto à prosódia da língua yorubá, diferente do PB, uma palavra pode aparecer com mais de um acento diacrítico na mesma palavra, em que o grave (`) indica o som mais fraco; o agudo (´) som mais forte; e o til (~) significa que houve um desdobramento, seguindo os preceitos antigos da escrita da língua. A ausência do acento também transmite informação, pois se trata do som em tom médio. Portanto devemos atentar, severamente, à posição do acento, posto que no yorubá ele nos mostra tanto a pronúncia quanto ao significado já que se trata de uma língua tonal. Conforme exemplos de Beniste (2011):

a) *Bàbá mi ni àídá* [baba mi ni aida] “Meu pai é severo”;

b) *Èşú ni Olúwa mi* [e’ju ni o lu wa mi] “Exú é o meu Senhor”;

Como podemos perceber, no exemplo A temos a ocorrência da palavra “bàbá” [ba ba] e “àídá” [aida], trazendo dois acentos, cuja primeira sílaba tem menor intensidade e a segunda, maior; em B, temos o fonema Ş que produz o som do X, o E com som fechado e o U com som aberto.

Para ampliar nossa discussão, tomemos por base a palavra “erê” (grafada assim de acordo com o pajubá), que significa garoto ou rapaz, no entanto trabalhando com a palavra em iorubá temos “ere” = escultura dos gêmeos orixás beji, Cosme e Damião na religião católica; se fosse “eré” = brincadeira; se estivesse grafado “èrè” = lucro. Além das formas simples, ainda temos a forma composta que vai ampliar ainda mais seu campo semântico como em “eré – alawòrán” = cinema; e na duplicação da vogal como em “èrèè fúnfún” = feijão branco.

Na comunidade LGBT, as expressões são formuladas dentro de uma estrutura frasal com predominância do PB e por não ter uma estrutura sintática completa com predominância do iorubá não podemos denominá-la língua. Daí a importância de questionarmos se o pajubá é uma espécie de crioulo, de pidgin ou mesmo dialeto dentro do campo linguístico até chegarmos a conclusão de que se trata de uma gíria. Nesse cerne, é impreterível mensurar o

iorubá dentro do contexto da experiência cultural religiosa afro-brasileira, posto grande parte do seu universo de palavras serem usadas nos cânticos, denominados “pontos”, segundo a umbanda, como no exemplo a seguir:

Quadro 2 – Ponto de umbanda dedicado ao Erê Pedrinho

<p><u>Erê Pedrinho</u></p> <p>Ele é uma criança Ele é um erê Quando as ondas balançam saravá É Pedrinho que vai descer Vem criança da praia Vem criança da areia Ele é filho de lemanjá Ele é filho da Sereia.</p> <p>(Fonte: reidospontos.blogspot.com.br)</p>
--

Conforme observado, a expressão em destaque traz o termo de origem iorubá já com sua forma variante para o PB. É importante enfatizar que as expressões sagradas usadas no compêndio dos rituais religiosos afro-brasileiros - quando adentra ao pajubá - costumam ser alteradas, em parte, quanto ao seu campo semântico.

“ Eu adoro os **erês**...leitinho novo é mais gostoso...só oferecer **acué** que eles deixam a gente fazer o pipo (...)” (Entrevistado 13)

No trecho acima retirado de uma das entrevistas, é notável que o termo foi empregado com o sentido de rapaz jovem, por vezes, ainda adolescente.

O leque de expressões africanas usadas, hoje, pela comunidade LGBT, principalmente pelos travestis, acaba se transformando num linguajar cômico que, somado ao universo performático da *persona* homoafetiva, alegra até mesmo a comunidade heterossexual, como já visto em vários programas da televisão brasileira como: Vai que Cola; Zorra Total; Amor & Sexo; Ferdinando Show, entre outros.

Conclui-se, portanto, deste primeiro item de formação do pajubá, que algumas expressões da língua africana iorubá sofrem transformações quanto ao seu processo fonético como forma de aproximar-se de nossa fala. Isso ocorre com inúmeros termos estrangeiros que se incorporaram em nossos dicionários como: abajur = abat-jour (francês), sutiã = soutien (francês), bife = beef (inglês), videoclipe = vídeo clip (inglês), entre outros. Da mesma forma como os anglicismos (palavras do inglês) e os galicismos (palavras do francês) ganharam o gosto do público brasileiro, mesmo que, em muitos casos, sob pressão da língua. [Cf. Cunha e Cintra, 2013]

Ainda no cerne de expressões estrangeiras, Biderman (2001) indica três diferentes tipos de estrangeirismos que ocorrem na língua portuguesa:

1) **Decalque** – versão literal do lexema modelo concretizado, tendo em vista que tais palavras são calcos literais da palavra estrangeira, por exemplo, retroalimentação, supermercado e cartão de crédito;

2) **Adaptação** da forma estrangeira à fonética e à ortografia, quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura, por exemplo, pajem, bugiganga, muxoxo, vatapá entre outros termos de origem africana;

3) **Incorporação** do vocábulo com a sua grafia original, como ocorre com os termos usados na linguagem das tecnologias, como *mouse, hardware, software, check-up e best sellers*, mas sempre com a pronúncia do PB.

Assim, faz-se mister uma explicação sobre o fenômeno do pajubá. De um modo empírico, alguns acham que o termo se resume, unicamente, das expressões que são de origem africana. Todavia, quando se fala em pajubá, como código linguístico da comunidade LGBT, compreendemos que o seu campo de estudo vai muito além.

Vale ressaltar o fundamental papel da televisão como veículo de comunicação, bem como as atuais redes sociais, que começaram a expandir o pajubá. Desde a década de 80, já tínhamos bordões de alguns personagens com estereótipos gays que caíam na boca do público, e que, conseqüentemente, os homossexuais disseminavam as expressões, exemplos como os de: Chico Anysio (personagem pai Painho); Jô Soares (personagem Capitão-gay); Jorge Lafond (personagem Vera-Verão) e Clodovil. Atualmente, o pajubá e seu vultoso campo lexical são mostrados por apresentadores, como: Marcelo Adnet, Fernanda Lima, Marcus Magela (Ferdinando), Paulo Gustavo (personagem Bicha Bichérrima); Markassa ou Marcão de Pé na Cova; Rodrigo Santana (personagem Carol Paixão); e, atores, que se destacaram em programas e novelas globais como Tiago Abravanel (em Chapa Quente como Francelino); Marcelo Serrado (em Fina Estampa como Crô); Mateus Solano (em Amor à vida como Félix); Ailton Graça (como Xana) e Paulo Betti (como Teodoro, o Téo), ambos da novela Império. E ainda, os fenômenos que se destacaram nos canais fechados como maior exemplo a drag-queen reconhecida mundialmente, Ru Paul, que criou o primeiro reality show gay (Ru Paul Drags Race) em 2009, estendendo-se até hoje já na sua 10ª temporada; e também os canais do youtube, com personagens ícones para o público LGBT como: Silvetty Montilla com o reality Academia de Drags e, por último, e não mesmo importante Lorelay Fox com um dos canais mais visualizados pelo público LGBT, chamado ‘Para Tudo’.

3.2. A Metaforização

Para Charaudeau e Maingueneau (2002), “metáfora é uma figura do discurso que possui funções de caráter estético, cognitivo e persuasivo”. Os processos metafóricos enriquecem bastante a nossa língua, principalmente quando o propósito é divertir por meio da linguagem. Por isso, o uso do pajubá é extremamente diversificado no falar da comunidade LGBT e, a cada dia, cria uma nova expressão que acaba caindo até no gosto do público que não é gay, principalmente das mulheres que têm amigos homoafetivos.

“ Eu adoro meus amigos gays...ainda mais quando eles me chamam de **bee**...acho muito fofo...de vez em quando eles me chamam de **bruxa** (gargalhada), segundo eles é a melhor amiga do gay...andar ao lado deles faz eu me sentir muito bem, pois não paro de rir...” (entrevistado 16)

Sem dúvida, a sociointeração por meio desses “atores” do universo gay acaba chegando aos tablados dos programas de paródias e de *stand up*; às chamadas de novelas da TV brasileira como já ocorre no SBT; e, na proliferação do maior fenômeno de nossa tecnologia - as redes sociais. Provavelmente há pessoas que nunca ouviram falar em *pajubá* ou *pajubês*, mas quando começam a ouvir as expressões, percebem que, em algum momento, já viram alguém usar, em determinadas situações de comunicação, principalmente àquelas ligadas a cenas engraçadas, geralmente em contextos metafóricos.

Aristóteles (1959) define a metáfora ou metonímia como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou de espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia”. Diante dessa conceituação, precisamos complementar o pensamento aristotélico aos três tipos de metáforas: o desvio, o empréstimo e a substituição. O primeiro muda o uso habitual da palavra; o segundo empresta um outro sentido; o último substitui uma palavra ausente por outra.

Para Jakobson (2001), a metáfora pode ser generalizada, não por sua essência substitutiva, e sim por sua essência predicativa, ou seja, olhava pelo prisma semiótico, a substituição de um termo por outro. Já na visão de Ricoeur (2000), nós estudamos a metáfora como fenômeno semântico, a assimilação de uma a outra de duas áreas de significação por meio de uma atribuição insólita.

Certamente, o pajubá vem carregado de sentido metafórico, particularmente de várias metonímias, quando ligamos as expressões utilizadas na comunidade LGBT ao seu verdadeiro sentido semântico, como ocorre, por exemplo, no termo “amapô” de origem iorubá, cujo significado é vagina. Assim, fica clara a metonímia da parte pelo todo, conforme o seu uso no pajubá.

“...posso não ser uma **amapô**, mas sei fazer o babado melhor que elas(...)”
(entrevistado 5)

De acordo com o exemplo retirado do trecho de uma de nossas entrevistas, a participante utiliza o termo, não fazendo alusão ao órgão sexual feminino como usado no iorubá, mas sim como ‘mulher’. Semelhante caso também acontece quando os gays usam o termo “racha”, do pajubá vulva ou vagina, configurando o mesmo sentido (= mulher). Todavia o uso do termo ‘amapô’ é mais comum e menos explícito, evitando, assim, ofender o público que não é homossexual.

Para Lakoff e Jonhson (1980), tanto a metáfora quanto à metonímia evidenciam-se como processos cognitivos geradores de conhecimento, por meio de experiências humanas no âmbito físico, cultural e social. É importante ressaltar que muitas expressões do universo comum do português brasileiro são usadas no pajubá, porém adotadas de significado bem diferente do usual.

Quadro 3– Miniglossário de expressões metafóricas do pajubá

Babado – acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom quanto mau. Pode estar relacionado também a um caso amoroso ou sexual
Barbie – homossexual de corpo inflado, adepto da musculação e das bombas anabolizantes
Bater um bolo – Masturbação entre gays
Brejo – nome dado ao coletivo de lésbicas.
Carão – pose; esnobação; presunção
Chafariz de lençol – poluição ⁷ noturna
Cheque – restos de fezes que borram a cueca, o órgão sexual do parceiro ou a camisinha
Chuca – instrumento utilizado para a limpeza do reto
Colar velcro - relação sexual entre lésbicas.
Fada – lésbica passiva; aquela que é passiva dentro de uma relação lésbica.
Gillette – antigo termo para designar o homem bissexual
Girino – lésbica que entrou recentemente no meio LGBT.
Havaiana – lésbica.
Mala – pênis. Geralmente referindo-se ao volume grande do pênis na roupa.
Tia SIDA – o vírus da AIDS.

(Fonte: Arquivo pessoal de termos colhidos a partir de nossa pesquisa de campo)

Como observamos, há constante presença de *metonímia* no quadro acima, que, segundo Dubois (1978), “é o fenômeno linguístico pelo qual uma noção é designada por um termo diferente do que seria necessário, estando as duas noções ligadas por uma relação de causa e efeito”, conforme ocorre na expressão ‘havaiana’, do pajubá, que nada mais é do que a marca pelo produto, fazendo ligação ao termo ‘sandália’, como popularmente algumas comunidades gays falam quando se referem às lésbicas. Ou, ainda, a expressão do pajubá arcaico ‘gillette’, cujo nome surge a partir do produto, ou seja, a partir de sua marca, fazendo alusão ao bissexual, comumente falada pela sociedade da década de 80.

⁷ **Poluição** – processo de ejaculação involuntária que ocorre durante o sono. (Almeida, 2014)

No que tange às expressões metaforizadas, podemos ilustrar com o exemplo listado ‘bater um bolo’, que na linguagem da culinária, corresponde ao gesto feito com a mão no momento de misturar todos os ingredientes para formar a massa. Assim seria para o gay quando se refere ao parceiro ou a si mesmo no ato da masturbação.

“...maninha, quem nunca **bateu um bolo** pro boy?...eu mesmo já fiz isso com meus primos que se dizem ‘heteros’...agora **bater um bolo** pra uma gay mais feminina do que eu...nem morta, querida!...eu gosto dos cafuçus que puxa o meu picumã com força e me deixa com os olhinhos revirados (gargalhadas)” (entrevistado 13)

Outro caso metaforizado que também se aplica bastante nos dias de hoje é o termo ‘tia, ou tia sida’, fazendo alusão ao vírus da AIDS, dando à doença um aspecto personificado, como sendo algo íntimo (um ente querido) da figura do homossexual, posto no início da década de 80, o vírus do HIV ter sido alcunhado de “câncer-gay”. Atualmente muitos a chamam de ‘as letrinhas’.

“...meu amor, eu trabalho na área da saúde no Tropical...lá eu vejo as gay morrendo todos os dias com a **tia**... não sei se já ouviu falar... tô falando das **letrinhas**... catou?...pelo nome do vírus...eu sempre ando com a camisinha pra fazer o boy⁸, ou seja, transar, com segurança...o que mais eu amo é minha vida...só no close⁹” (entrevistada 13)

Além da expressão fazendo referência ao vírus da AIDS, podemos extrair do fragmento da entrevista os termos ‘catou’ (observar, olhar, pegar) e uma singularidade do uso do artigo feminino antes do termo ‘as gay’, afirmando a sua identidade com o sexo feminino e não com o masculino. E, aparece também a expressão “só no close”, muito comum no pajubá quando, por meio do gesto, faz cenas fotográficas, como se fossem modelos. Ainda sobre o vírus, agora na visão de um teórico que postula:

Inicialmente, a incidência dessa enfermidade concentrava-se quase que exclusivamente em grupos populacionais específicos como homens que fazem sexo com outros homens (homossexuais e bissexuais masculinos) hemofílicos e aqueles que receberam sangue e hemoderivados e usuários de drogas intravenosas. Surgiu então a ideia de grupo de risco, que disseminou a falsa percepção na sociedade de que somente as pessoas que se enquadravam nessa categoria estariam suscetíveis à infecção pelo HIV (Human Immunodeficiency Virus) (XAVIER *et al.*, 1997)

Como bem observamos até aqui, acerca de sentido metafórico, as figuras de linguagem são responsáveis por embelezar e dar vida ao discurso, antes elas eram meramente estéticas. Porém, envolto ao pajubá e no tocante à retórica moderna, podemos assegurar que já usamos as figuras como recurso discursivo e produtor de sentidos que segundo Cohen seria

A função da linguagem figurada é estética. A figura empresta ao discurso mais “graça”, “vivacidade”, “nobreza”, etc., termos igualmente vagos e quase sinônimos

⁸ **Boy** do inglês = garoto

⁹ **Close** do inglês = fechar

que se relacionam com a grande função estética, a qual, ao lado do “ensino” e da “persuasão”, constitui a plurifuncionalidade da linguagem, segundo a retórica tradicional. (COHEN, 1975)

Para ilustrar melhor o tópico das metaforizações, nada melhor do que usar da própria metáfora “dar pinta”, cujo sentido seria ‘fazer trejeitos efeminados, propositadamente ou não; mostrar afetação’. Para os homoafetivos não assumidos, há um certo incômodo com o grupo dos travestis, por apresentarem características físicas de mulher, ou mesmo, acharem que são mulheres. Todavia, se a comunidade LGBT olhar por um prisma linguístico-antropológico (objeto tratado em nosso último capítulo), ou seja, levando em consideração seus fenômenos históricos e culturais pelos quais passa o pajubá em seu processo de formação, perceberemos o quanto devemos agradecer as ‘travas’, pois são elas, dentro da comunidade LGBT, as que mais falam e disseminam as expressões do pajubá para as ruas, e, assim, tem enriquecido as pesquisas dentro do campo da Antropologia, da Sociologia e da Linguística.

Dessa forma, é precioso o uso da metaforização do pajubá para o enriquecimento linguístico LGBT. Por hora, agradando mais do que prejudicando a comunidade que não é gay, com todas as expressões que, aos poucos, começam a ganhar o gosto do público nas redes sociais e que, a cada dia, conquista espaço na rádio e na mídia televisiva.

3.3. O Universo dos Antropônimos

Segundo Houaiss (2006) “a *onomástica* é responsável pelo estudo linguístico nos nomes próprios”, sua origem é grega e, de acordo com sua divisão podemos classificá-la em antropônimos (etimologia dos nomes próprios); mitônimos (estudo que nomeia um ser de qualquer mitologia) e topônimos (estuda o nome próprio de um lugar, sítio ou localidade).

Em primeiro lugar, deixemos claro que a parte da onomástica que interessa à nossa pesquisa é o estudo dos antropônimos, pois no pajubá há inúmeros exemplos envolvendo esse recurso.

Para iniciar nossos estudos sobre o uso dos antropônimos mais reconhecidos no universo LGBT, é de suma importância que destaquemos dois verbos especiais no uso do pajubá, que são nossos modalizadores discursivos, que mais aparecem em contextos de uso. O primeiro é o “dar”. O segundo é o “fazer”. Geralmente os antropônimos presentes no pajubá estão acompanhados destes dois verbos que muito extravasa a *persona* homoafetiva. Além deles, destacamos também o “ter” e o “estar”, como verbos principais, não como auxiliares.

Quadro 4 – Miniglossário de expressões antropônimas do pajubá

<p>Dar a Elza – roubar, afanar, pilhar. Segundo os travestis da década de 80, a expressão faz alusão à cantora Elza Soares, que mesmo tendo uma carreira de sucesso e ganhando muito dinheiro, sofria de cleptomania. Por isso é comum no pajubá alguém falar que <i>fulano deu a Elza no celular da amapô</i>.</p>
<p>Estar a Beth Farias – expressão usada quando se vê alguém que é bonito e gostoso e que incita o desejo sexual. De acordo com nossa história envolvendo a área telenovelistica, o nome da atriz faz alusão à personagem Tieta do Agreste, inspirada na obra de Jorge Amado. Por isso também presenciamos a expressão <i>estou a Tieta hoje</i>.</p>
<p>Estar a Heleninha – bicha alcoólatra, fazendo alusão a personagem Heleninha da novela Vale Tudo interpretado por Renata Sorah. Ainda nessa mesma vertente, há outra personagem que marcou a história novelística – Nazaré Tedesco, reconhecida por usar uma tesoura para ameaçar as pessoas. Por isso no pajubá costumam dizer <i>farei a linha Nazaré Tedesco</i>. Embora ainda seja usado até hoje a expressão antiga emprestada do linguajar das garotas de programas, “<i>fazer um xiri da sua cara</i>”, geralmente usada no momento de briga.</p>
<p>Fazer a Glória – não estar nem aí; pouco interessado na conversa do outro. Fazendo alusão à participação da atriz Glória Pires nos comentários do Oscar 2016.</p>
<p>Fazer a Kátia ou Fazer a Kátia cega – agir como se não estivesse vendo a pessoa. Fazendo alusão à cantora Kátia, que estava no alge das paradas de sucesso na década de 80 e é cega. Por isso é comum falarem <i>fulano fez a Kátia comigo</i>, ou seja, não me enxergou ou fingiu que não. Por causa dos homoafetivos mais jovens, constuma-se, preferencialmente, o segundo uso, por não terem vivido na época do grande comunicador de nossa televisão brasileira, Chacrinha.</p>
<p>Nefertite – bicha muito velha, embalsamada, mas que ainda conserva uma aura de mistério em torno de si. Fazendo alusão à figura da rainha da XVIII dinastia do Antigo Egito, esposa de Aquenáton.</p>
<p>Nelza – bicha feia. Fazendo alusão à atriz Neuza Borges, na novela Carmem, onde a personagem interpretava uma macumbeira, na antiga emissora da rede Manchete, atual emissora Boas Novas.</p>

(Fonte: Arquivo pessoal de termos colhidos a partir de nossa pesquisa de campo)

Conforme podemos observar, os antropônimos notadamente fazem referência a figuras femininas do universo mitológico ou a personagens das novelas da televisão brasileira ou cinema e ainda alguma artista ligada à música. Para Campos (2002, p.134), desde a década de 50 (período em que a televisão surgiu no Brasil) as telenovelas fazem parte do cotidiano dos brasileiros e diante das informações que elas apresentam, o telespectador é tentado a trazer para a sua realidade os modismos, implícita ou explicitamente, apresentados por essa produção audiovisual. Através da TV, copiamos roupas, frases, comidas, jargões, cortes de cabelos e até a escolha do nome do filho, ou seja, são verdadeiros modismos lançados por este veículo da indústria cultural que dispõe de ampla capacidade de manipular a audiência e contribuir com a perda da autonomia do indivíduo.

“ (...)a bicha vem querer **dar a Elza** pra cima de mim...logo eu que sou maldita.
(Entrevistado 5)

Sem dúvida, é instigante o estudo acerca dos antropônimos, geralmente arraigados pela mídia televisiva, e como ocorre de uma maneira tão dinâmica a criação desse fenômeno, cabe a nós, pesquisadores, acompanharmos todo esse processo.

3.4. Expressões Idiomáticas (EIs)

Segundo Lorente (2004), a lexicologia usa as palavras como um instrumento de construção e detecção de conhecimento de mundo acerca de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora dos reflexos de um sistema cultural

Podemos comparar o léxico a uma intersecção de caminhos, um ponto de encontro de diversas informações que chegam de todos os lados. Elas vêm dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso da língua em situações comunicativas (pragmática). Se há uma unidade lexical (UL), esses elementos estarão presentes, e a variação desses elementos faz com que as palavras se diferenciem. (LORENTE, 2004, p. 27)

As Expressões Idiomática (EIs), estudadas na disciplina de Fraseologia, ocorrem quando um termo ou frase assume significado diferente do que as palavras teriam isoladamente. Por conseguinte, sua interpretação é captada de forma global. Elas são encontradas no linguajar diário (jornais, programas televisivos, rádio, etc). Dessa forma, também se insere em grupos específicos, como é o caso da comunidade LGBT, que criou determinadas fraseologias para expressar certos acontecimentos e emoções.

De acordo com Ortiz Alvarez (2000), os russos foram os primeiros a definirem Fraseologia, com base nos estudos das combinações estáveis, cujas pesquisas serviram de fundamentação para todas aquelas que vieram posteriormente. Na década de 40, ela entrou como disciplina linguística. Vale ressaltar que, já na década de 30, o teórico Polivánov já havia definido a Fraseologia como uma disciplina especial da área da linguagem. O termo *idiomática* era usada pelo autor como sinônimo de fraseologia.

Tempos depois, Saussure escreveu sobre os fraseologismos ao mencionar as chamadas *frases feitas*, destacando o uso dessas combinações não poderem ser improvisadas nem alteradas, mas representarem frutos de uma tradição. Todavia, foi seu discípulo, Charles Bally, quem destacou a Fraseologia como uma submacroárea da Lexicologia, dividindo-a em ‘Fraseologia popular’, que estuda os idiomatismos, os provérbios, as gírias, os ditados, e em ‘Fraseologia técnico-científica’, que estuda as expressões terminológicas.

No que permeia o universo linguístico LGBT, são inúmeras as EIs que enriquecem seu vocabulário, seja pelo uso de uma frase ou mesmo de uma única palavra, que transmite uma sensação de nostalgia, principalmente, quando o enunciador é gay. No entanto, tal recurso discursivo já é vivenciado também na comunidade que não é gay, como é o caso das mulheres que usam, constantemente, determinadas expressões. Isso nos leva a entender que o vocabulário que, antes, só era falado pelos gays, começou a se espalhar no linguajar das

mulheres, que se identificam com a linguagem; assim como também, dos homens, que tem algum amigo homossexual. Mais uma vez, nota-se que o pidgin cai no gosto do público.

Quadro 5 – Miniglossário de expressões idiomáticas do pajubá

<i>Ai, meu edi!</i> – expressão idiomática que significa <i>Ai, que saco!</i> . Na fala escrachada gay, poderia ser falado <i>Ai, meu cu!</i> mas com o mesmo sentido do significado anterior.
<i>Aquela!</i> – expressão que quer dizer - <i>Até parece!</i> Recentemente esta mesma expressão ganhou uma extensão com o uso do cacoete afirmativo do amazonês “né”, ou seja, as gays (como é falado no pajubá) costumam dizer: - <i>Aquela né! A bicha se acha, mas tá acostumada a comer tucumã com farinha no café da manhã...</i>
<i>Lacrou!</i> – Expressão que significa - <i>Arrasou geral!</i> Esta expressão está forte no linguajar pajubá. Na verdade ela, atualmente, em muitos contextos, substitui os verbos <i>arrasou!</i> e <i>abalou!</i> , ainda em decurso no dialeto da comunidade LGBT.
<i>Sambar na cara das inimigas!</i> - expressão que significa - <i>Deixar as inimigas mortas de inveja.</i> Embora seja muito usado no funk, principalmente, depois que a cantora Valesca levou a expressão para os hits, a frase já era falada pela comunidade LGBT.
<i>Tá boa!</i> – expressão que significa - <i>Você acha mesmo?</i> ou - <i>Nem vem!</i> É importante notar que, geralmente, é usado como desdém ou descrédito e, às vezes, vem acompanhada do vocativo: <i>Tá boa, santa!</i>
<i>Tá meu bem! ou Tá meu amor!</i> – expressão que significa - <i>Olha só!</i> Esta expressão, em particular, é uma das prediletas usadas no pajubá. E, recentemente, ganhou uma concorrente, depois da participação de Ana Paula no BBB16, que criou o “ <i>Olha ela!</i> ”, já batizado na comunidade LGBT.
<i>Tô louca do meu edi!</i> – expressão idiomática que significa <i>Tô muito chateada!</i> Traduzido para o linguajar popular seria <i>Tô muito puta!</i> . Essa expressão, na década de 80, era falada no pajubá usando a frase do personagem, Seu Peru, da Escolinha do Professor Raimundo, <i>Tô po- rra- qui!</i>
<i>Tô passada!</i> – expressão que significa - <i>Estou chocada!</i> A frase também é uma das prediletas da comunidade LGBT, pois combina perfeitamente com a linguagem gestual dos gays.
<i>Tô toda cagada!</i> – expressão que significa - <i>Tô emocionada, perplexa, muda.</i> Esta expressão engana muita gente, pois levada para o universo popular, muitos entenderiam algo relacionado a medo.

(Fonte: Arquivo pessoal de termos colhidos a partir de nossa pesquisa de campo)

Conforme podemos observar, as expressões idiomáticas utilizadas no pajubá têm significados bastante singulares, conseguindo maquiagem as palavras, transformando-as em verdadeiros códigos linguísticos. Tudo isso nos leva a pressupor o que muitos não veem com clareza, que seria a forma encontrada para eufemizar a linguagem da comunidade LGBT, principalmente para as crianças. Embora vários tabus já tenham sido quebrados no que tange ao uso de expressões de baixo calão oriundas do pajubá, exemplo disso são algumas pessoas que se sentem ofendidas, ou mesmo, pelo fato de não entender, acharem que estão sendo motivo de gozação dos gays. Assim, torna-se pertinente, comprovar que se trata de um fenômeno linguístico ainda pouco esclarecido pela sociedade e que, assim como outros códigos usados pelas camadas marginalizadas, independente de qual tribo urbana estivermos falando, não podemos, jamais, agir com preconceito linguístico

...o preconceito linguístico é a discriminação silenciosa e sorrateira que um indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro, é um não-gostar, um achar feio ou errado um uso (ou uma língua, sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser bonito ou correto. É um não-gostar sem ação discursiva clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta por um discurso metalinguístico, calcado em dicotomias, em contrários, como, por exemplo, tradição x modernidade, saber x não-saber e outras congêneres”. (LEITE, 2008)

Consoante a afirmação de Leite, o universo das línguas precisa ser respeitado, seja dialeto, pidgins ou gíria. Essas manifestações linguísticas acabam se imbricando no contexto

de nossos falantes. Se continuarmos limitando as várias falas do cotidiano ao universo da língua-padrão, perderemos a essência da heterogeneidade das línguas.

3.5. Termos de Origem Indígena

Embora não elenque uma lista vasta, há presença do léxico indígena na formação do pajubá, partindo dos povos de origem tupi que, segundo Houaiss (2006) [...] era a denominação dos povos indígenas que habitavam o norte e o centro oeste do Brasil, bem assim o litoral brasileiro, estendendo-se, também, por alguns países da América do Sul: Paraguai, Bolívia, Peru, Argentina, Colômbia, Venezuela e Guiana Francesa [...]

Atualmente, os povos de origem tupi falam várias línguas. Temos, precisamente, um tronco linguístico composto por 10 famílias (conforme fig. 4).

É importante ressaltar que, hoje, no Amazonas, conhecemos como tupi moderno ou Nheengatu ('língua boa' de Nheen = língua e Katu = boa).

Os grupos indígenas encontrados no litoral pelo português eram principalmente tribos de tronco tupi que, havendo se instalado uns séculos antes, ainda estavam desalojando antigos ocupantes oriundos de outras atrizes culturais [...] Apesar da unidade linguística e cultural que permite classificá-lo numa só macroetnia, oposta globalmente aos outros povos designados pelos portugueses como tapuias (ou inimigos), os índios do tronco tupi não puderam jamais unificar-se numa organização política que lhes permitisse atuar conjugadamente. (RIBEIRO, p. 31-32)

Podemos exemplificar uma palavra muito usado no pajubá que, sem dúvida, confunde muita gente, até porque todos falam que é uma palavra de origem africana, no entanto é de origem tupi – o termo é “apecumã” ou “picumã¹⁰”, de acordo com o levantamento da Biblioteca digital Curt Nimuendajú, registrado na língua Abanheenga picumã [Do Tupi *apeku'mã*] – s.m. teia de aranha enegrecida de fuligem.

Outros exemplos de origem tupi-guarani são os sufixos diminutivo e aumentativo, respectivamente, – mirim e – açu, que, segundo Borba (2002) em seu *dicionário de usos do português do Brasil*, conceitua o primeiro com o significado (pequeno) e o segundo (grande). Ambos são usados no pajubá, como, por exemplo, nas expressões “litragem-açu” e “litragem-mirim”, em que o termo litragem corresponde a quantidade do líquido seminal. No primeiro caso, costuma-se dizer que a pessoa levou um banho de sêmen. Já o segundo, faz alusão ao indivíduo, cuja quantidade de líquido seminal é quase nada.

“...eu amo tomar banho com a **litragem-açu** dos cafunus...já até dormi assim...risos...(Entrevistado 4)

Fazendo uma breve análise do uso dos sufixos apresentados acima, e portabilizando-os ao universo pajubá, percebemos o quanto há certa acuidade no que tange ao eufemismo da

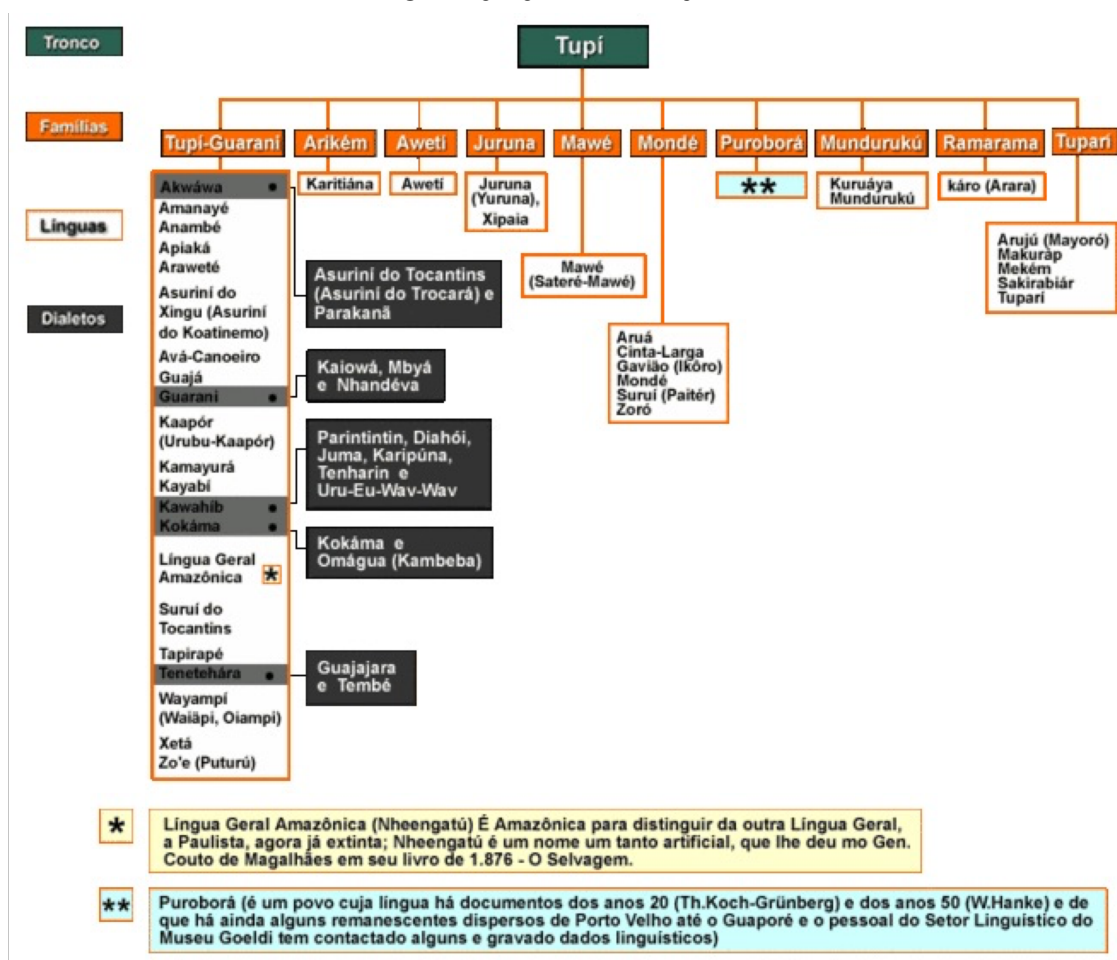
¹⁰ **Picumã** - No que condiz ao uso do pajubá, refere-se ao cabelo dos gays ou mesmo à peruca.

expressão, pois, se usada no senso comum, ficaria muito forte, chegando a ofender a comunidade que não é gay, mais uma vez comprovando que o pajubá suaviza determinadas expressões faladas pelo público LGBT. Portanto, podemos levar em consideração que o pajubá é usado na formação do código linguístico homoafetivo que monopoliza a mensagem apenas para o conhecimento de sua comunidade, como uma espécie de ‘língua de resistência’.

Toda mensagem tem uma finalidade, ela pode servir para transmitir um conteúdo intelectual, exprimir (ou ocultar) emoções e desejos, para hostilizar ou atrair pessoas, incentivar ou inibir contatos e ainda pode bem simplesmente, servir para evitar o silêncio e, por isso se diz que uma mensagem tem muitas funções, muitos significados. (LOPES, 1995)

Por isso é importante saber quando usar este código linguístico, e quando cifrá-lo ainda mais, dependendo de sua vulnerabilidade, desde que o canal de comunicação não seja afetado pelos membros que dele fazem uso. Dessa forma, o pajubá codifica a mensagem que será decodificada apenas por sua comunidade, ou de quem aderir a este código.

Fig. 4 – Organograma do tronco tupi



(Fonte: Tronco Tupi, Instituto Socioambiental, 1997, apud Carneiro 2012)

3.6. O termo vazio (-SSIMI) e a presença do Morfema Verbal (-TES)

O morfema é, sem dúvida, um dos elementos linguísticos mais importantes no que tange à noção de *valor* (Saussure, 1970), posto os fonemas não terem esse poder. São inúmeros os radicais, prefixos e sufixos de origem grega e latina na formação de nossas palavras no PB. Como cada um desses elementos se revestem de significado(s), auxiliam-nos bastante no processo de linearidade da língua. Sobre os morfemas gramaticais, precisamos atentar a uma hierarquia existente entre eles.

Entre um grupo e outro de morfemas gramaticais, existe certa gradação de significação, isto é, os morfemas flexionais são menos nocionais que os morfemas derivacionais; os classificatórios são mais vazios ainda, havendo até quem negue à vogal temática a condição de morfema. (ZANOTO, 1996, p.29)

Cabe salientar que o (-SSIMI), recurso linguístico usado na conversa da comunidade LGBT, não se configura como um morfe, principalmente por não assumir um plano de valor nocional, além de não se restringir a uma classe de palavra apenas como é o caso do (-TES). Podemos então, classificar o (-SSIMI) como termo-vazio, levando em consideração que ele “está junto ou ao lado de”, podendo aparecer em verbos, advérbios, pronomes e substantivos, apenas com o propósito de codificar ainda mais as conversas entre os membros da comunidade, assim como consegue proporcionar um ar de comicidade ao discurso.

O (-ssimi) se apresenta na estrutura das palavras do universo pajubá, recebendo a posição de um sufixo, e em determinados casos é auxiliado pela vogal ‘i’, por esse motivo os gays costumam chamar de ‘língua do i’ ou ainda, como a ‘língua do S’, pela sua sonoridade. Cabe salientar que ainda não há um processo gramatical obrigatório para o uso do (-SSIMI). O seu uso torna a conversação quase indecifrável para os que não fazem parte da comunidade homoafetiva.

“Entaossimi, queridissimi, eussimi comeceissimi com 16 anissimi...foissimi o ocoissimi que eussimi erassimi afimssimi muitissimi muitissimi (...) elessimi me levoussimi pro matissimi pra me comessimi...maissimi naossimi deissimi pra elessimi (gargalhadas) (entrevistado 19)

Para conseguirmos apurar melhor o fenômeno em questão, lançamos em nossa enquête a seguinte pergunta - sobre a língua do ‘s’ ou língua do ‘i’, falada pela comunidade LGBT: você não conhece?; compreende bem, e não fala?; compreende bem e fala? Conforme já apresentado em nossa metodologia foram entrevistados 423 participantes (327 LGBT’s e 96 heterossexuais). Dos 327 participantes da comunidade LGBT: 169 falam e compreendem bem; 102 compreendem bem, mas não falam; 56 não conhecem o fenômeno. Quanto aos heterossexuais, 96 participaram da enquête: 78 nunca ouviram falar; 12 compreendem com dificuldade; 6 compreendem bem. Conforme os dados estatísticos a partir dos gráficos abaixo:

Gráfico 1 – Dados relacionados ao uso do (-SSIMI) pelos LGBTs

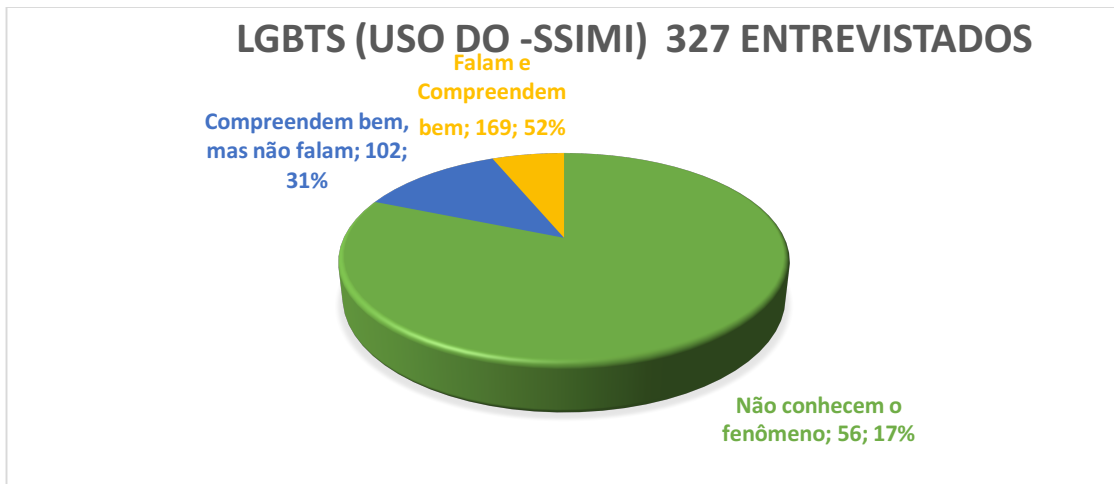
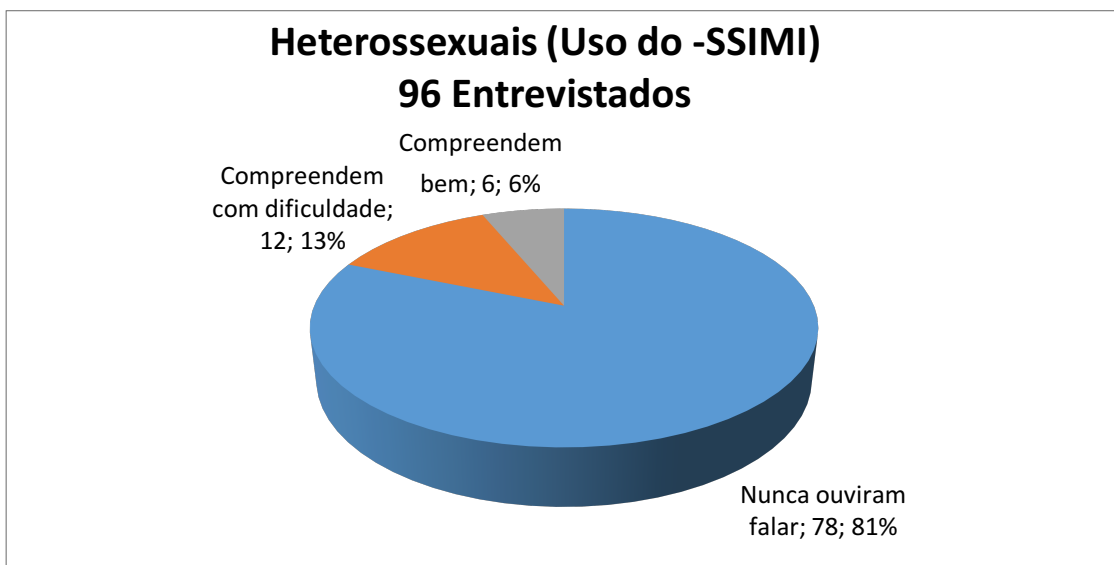


Gráfico 2 – Dados relacionados ao uso do (-SSIMI) pelos Heterossexuais



De acordo com os dados estatísticos de nossa enquete e também por meio de entrevistas, observamos algumas particularidades quanto ao uso da palavra vazia nas expressões do pajubá. Geralmente ocorrem nos termos do iorubá finalizados por vogal (alibãssimi, akuessimi, edissimi, ekessimi, etc), por conta do acesso a sua pronúncia; pode ocorrer em palavras de origem indígena (piassimi, picumãssimi); é comum nos verbos e adjetivos (gongassimi e filéssimi); e predomina-se nos substantivos (ebóssimi, amapossimi, ocossimi); sempre é usado no final das palavras, com exceção das classes gramaticais menores como o artigo e a preposição e no uso dos pronomes oblíquos átomos, que não são acrescidos do fenômeno, até para não prejudicar a eufonia da língua.

Outro fenômeno que, recentemente, ganhou as redes sociais e o gosto do público LGBT e anda se estendendo para o linguajar dos heterossexuais, refere-se ao morfema verbal (-tes). Usado também no final de palavras, principalmente dos verbos no infinitivo. Neste

caso ele é carregado de valor, pois remete a segunda pessoa do singular ainda que sua desinência recorde a ideia de segunda do plural, mesmo não sendo, já que o elemento mórfico verbal de desinência pessoal correspondente seria o (-stes).

“Olha, o que mais eu gosto de falar é ‘cata’, ‘acuenda’, ‘boca de se **fudertes**’, eu sou assim quando eu tô muito feliz (...). (Entrevistado 8)

Conforme postula Cunha e Cintra (2013), “o morfema (-stes) corresponde a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo” como em [vós falastes, vós amastes, vós cantastes]. Lembrado que a segunda do singular no mesmo tempo e modo ficaria (-ste) como em [tu falaste, tu amaste, tu cantaste]. Isso abre uma discussão sobre o fenômeno do seu uso.

Iniciado por falantes manauaras e, por conta do espaço da mídia tecnológica, esse fenômeno acabou se ampliando para outros estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza. Estamos falando de uma flexão verbal que, embora muitos achem estranho, resultou num linguajar caricata. Tudo começou com uma personagem do universo gay conhecida como Tia Tal Qual, criada pelo artista e dublador Gustavo Libório, que a partir de publicações de vídeos nas redes sociais se tornou um ícone no universo da dublagem caricatural de cenas de filmes, novelas, eventos da região amazônica, artistas nacionais e internacionais, políticos, jornalistas e animais, sendo este último os vídeos de que mais o público gosta.

Na verdade, segundo o próprio artista, “tudo começou com uma mera brincadeira que ganhou uma enorme repercussão nas redes”. Ele comenta que, cansado de perceber que as dublagens feitas no universo gay nos canais do youtube eram sempre as mesmas, decidiu começar a mesclar o pajubá com as expressões usadas pelos amazonenses, inclusive usando a fonética do povo manauara, paraense e nordestino, já que recebemos uma gama enorme da cultura desses dois estados. São expressões como “farrê = fazer”, “rai = vai”, “marreu = mas eu”, entre outras. Mas o que chamou atenção em nossa pesquisa, que tem como objeto de estudo os fenômenos do pajubá, foi justamente o uso do morfema (-tes), comumente empregado para segunda do plural, em formatos diferentes da fala.

Quadro 6 – Dados obtidos por meio de conversas nos comentários do facebook da Tia Tal Qual

“...manas, eu sei que vocês sentem falta das dublagens de porradão, muitos me pedem, marreu num posso mais postartes que o Facebook fica num negordi tá bloqueando a rente. Aqui e nem no youtube. Uma pena, mas a rente tem que respeitartes ..” (grifos nossos) [postagem do dia 07.04.2016 às 20h e 13min.]
“...poxa mana, tu me humilhartes agora” (grifo nosso) [postagem do dia 07.04.2016 em resposta a uma fã]
“Alguém faz contato com a Hebe e diz pra ela vir me buscartes kkkkkkkkk ” (grifo nosso) [postagem do dia 06.04.2016 às 12h e 39min.]

(Fonte: Página Tal Qual Dublagens/facebook)

Como observamos nos exemplos, a diferença entre o (-ssimi) usado no pajubá e o morfema (-tes) criado pela personagem “Tia Tal Qual”, diferencia-se pelo fato de o primeiro não possuir um valor de significado, enquanto o segundo, sim, possui um valor, até por conta do uso predominante do pronome “tu” na fala manauara, denotando um ar de intimidade, mesmo sem a devida flexão verbal. Tal fenômeno carregado de um *neologismo morfológico* já foi visto anteriormente só que na mídia televisiva, na década de 80, com o personagem *Mussum de Os Trapalhões*, quando criou o uso do morfema “is” no final das palavras como em “forévis e cacildis”, que até hoje ainda é lembrado por pessoas que viveram aquela fase.

Desse modo, mais uma vez, colocamos em evidência o forte papel da mídia televisiva e das redes sociais, que influenciam bastante na maneira de falar dos usuários e/ou telespectadores, por conta da velocidade que tais expressões acabam por se disseminar pelo mundo todo.

Para Wasserman e Faust (1994), uma rede social “é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. Já para Degenne e Forse (1999), “uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir da linguagem estabelecida pelos diversos atores...”. Daí o interesse atual pelos estudos voltados ao poder da linguagem que as mídias televisivas e as redes sociais possuem sobre a sociedade.

3.7. O estudo dos verbos no pajubá como modalizadores linguísticos

Para Koch (2011), “...os modalizadores são elementos linguísticos que estão ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso”. Sem dúvida, é exatamente isso que ocorre com determinados verbos no estudo do pajubá, os quais ganham um poder extremamente ímpar no discurso da comunidade LGBT.

Para Hyland (1998), esses elementos caracterizam os tipos de atos de fala que se deseja desempenhar, revelando maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado e apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento.

Certamente, se no universo pajubá não existissem esses verbos, as expressões não ganhariam o poder discursivo que têm hoje. Sem contar a mudança de significado que pode causar dúvida para os gays iniciantes no pajubá, chamadas de “bibas debutantes”; ou mesmo para os não pertencentes à comunidade LGBT, mas que, de alguma maneira, apreciam esses códigos pelo seu toque de humor que produz à fala, principalmente, em se tratando da

persona gay, que, além de falar com propriedade e, por vezes, com ligeireza na pronúncia das expressões, brinca com a linguagem corporal, o que é primordial para prender a atenção de seu receptor.

Quadro 7 – Miniglossário de verbos modalizadores discursivos do pajubá

Abafar - deixar quieto
Abalar - fazer o melhor
Aquendar, acuardar ou akuendar - pegar, olhar
Atender - fazer programa
Bater cabelo – sentido real da expressão, no caso dos gays refere-se à peruca ou ao picumã
Bombar - ser ativo numa relação ou arrasar.
Caçar - procurar alguém para fazer sexo
Catar – o mesmo que Acuendar
Dar close – mostrar-se com empolgação, sensualidade.
Dar pinta – demonstrar trejeitos femininos
Desaquendar, desacuendar, desakuendar - desapegar, desembaçar
Fazer a egípcia – não dar confiança
Fazer a maldita – praticar algo ruim
Fazer o boy – fazer sexo
Gongar ou xoxar - ridicularizar
Jogar-se - aproveitar
Lacrar ou Grelhar - arrasar
Levar coiô - pegar porrada
Não deitar - jamais desistir, porque os gays, em geral, são altamente competitivos
Tombar - falar mal de alguém

(Fonte: Arquivo pessoal de termos colhidos a partir de nossa pesquisa de campo)

“...eu falo com as mãos...afinal, qual o viado que não faz isso?...eu sou professor...e **faço a linha Beyoncé, querida!**...preciso usar meus recursos corporais para me comunicar (gargalhadas)...meus alunos me acham a poderosa e me respeitam...desculpa! Se eu grelho e as invejosas, não.” (Entrevistado 14)

“...meu amor!..eu adoro **fazer um erê** da neca cheirando a sexo... não importa que eu tenha que descolar o acué pro baseado dele (...)” (entrevistado 13)

“...tá louca bicha...quer **levar coiô** fala porque eu não tô louco do meu edi pra ficar aqui contigo (Entrevistado 20)

“ ...pensa que não percebi a senhora só **acuendendo a mala do erê**...eu também vi o realce tá...” (Entrevistado 21)

Assim como há verbos fáceis de serem compreendidos no pajubá, há também verbos que acabam surpreendendo no seu campo semântico, como é caso da polissemia do termo “bombar”, que pode corresponder a algo relacionado ao sexo ou com um sentido de elogio a alguém. Deixando claro que, neste último caso, já se tornou comum até para os que não pertencem à comunidade LGBT. Por esse motivo é que os gays acabam atualizando as expressões para blindá-las como um código linguístico de sua comunidade.

“ ...tem boy que gosta de **bombar e ser bombado** por nós...podemos ser os dois...o travesti pode parecer mulher só que com neca.... (gargalhada) (entrevistado 5)

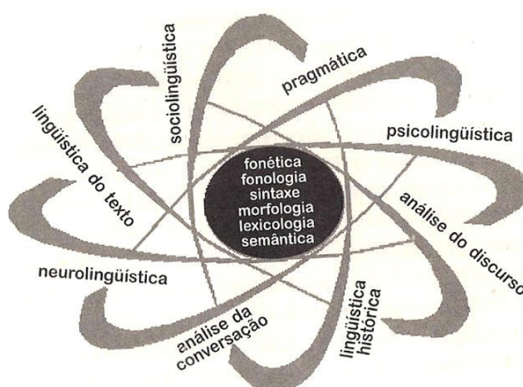
Atualmente, os homoafetivos quase não usam mais a expressão “bombar” com o sentido de “arrasar”, adotaram recentemente o “lacrar”, já no sentido relacionado a sexo continua sendo falado “bombar”. Isso nos faz perceber mais uma vez o quanto o pajubá acompanha a dinâmica da língua.

3.8. Particularidades no universo linguístico do pajubá

Para compreendermos minimamente os processos linguísticos presentes no pajubá, é importante, primeiro, entender que, em sua estrutura, a Linguística se divide em macrolinguística e microlinguística.

Weedwood (2002) define a primeira como sendo mais ampla, dentro de seu campo de conhecimento, procurando mostrar a construção de uma teoria geral da estrutura da língua; a segunda, refere-se a uma visão mais restrita no escopo da Linguística, trabalhando a língua para fins práticos, especialmente, para a elaboração de métodos aperfeiçoados para o ensino.

Fig. 5 – Átomo linguístico



(Fonte: WEEDWOOD, Bárbara. História Concisa da Linguística. São Paulo, 2002, p.11)

O processo de conceituação da figura ilustrada, far-nos-á perceber que muitos de seus processos ocorrem quase de maneira imperceptível no que tange ao universo do pidgin pajubá. Sendo assim, estabeleceremos um panorama conceitual elaborado por Martins e Rodrigues (2016) para melhor explicar o funcionamento de como age o organismo da disciplina de Linguística, hoje, no universo acadêmico.

O elementos microlinguísticos se classificam em: Fonética – o estudo dos diferentes sons empregados em linguagens; Fonologia – o estudo dos padrões dos sons básicos de uma língua; Morfologia – o estudo da estrutura interna das palavras; Sintaxe – o estudo de como a linguagem combina palavras para formar frases gramaticais; Semântica – também conhecida como semântica lexical, o estudo dos sentidos das frases e das palavras que a integram e a Lexicologia – o estudo do conjunto das palavras de um idioma, ramo de estudo que contribui para a lexicografia, área de atuação dedicada à elaboração de dicionários, enciclopédias e outras obras que descrevem o uso ou o sentido do léxico.

Já como elementos na construção da macrolinguística temos: a Psicolinguística – desvela as relações entre pensamento e linguagem, aquisição e desenvolvimento da linguagem, percepção e produção da fala, modelos de processamento, processos de leitura e

letramento, entre outros; a Sociolinguística – analisa a relação entre linguagem e sociedade, com foco especial no estudo das diferenças linguísticas em comunidade de fala. São temas de discussão:

- A variação linguística, conceitos como norma-culta e norma-padrão, o uso do estrangeirismo, entre outros;
- A Análise do Discurso – a AD, corrente desenvolvida na França, aborda a língua em seu processo histórico. Atende a uma perspectiva não imanentista da linguagem, privilegiando as condições de produção e recepção, bem como os efeitos de sentido;
- A Linguística do Texto – analisa a relação entre leitor e texto. O leitor é visto como o membro ativo no processo de construção de sentidos; o texto é visto como um processo interacional, e o contexto é sempre parte do texto. Textualidade, estratégias textual-discursivas de construção dos sentidos, formas de articulação textual são temas contemplados pela LT;
- A Pragmática – estudo do uso prático da linguagem, isto é, dos princípios que guiam o modo como produzimos e interpretamos significados quando usamos linguagem. Questões sobre o uso concreto da linguagem, atos de fala, implícitos, máximas da comunicação são abordados;
- A Neurolinguística – estuda os mecanismos do cérebro humano que possibilitam a compreensão, a produção e o conhecimento da linguagem, tanto falada como escrita, ou seja, investiga as relações entre a estrutura do cérebro humano e a capacidade linguística, em particular a aquisição da linguagem e os distúrbios da linguagem que se seguem a lesões cerebrais;
- A Análise da Conversação – a AC é uma abordagem da Análise do Discurso que foi desenvolvida por um grupo de sociólogos e constitui-se no estudo da interação verbal e não-verbal em situações cotidianas, procurando descrever as interações formais e informais;
- A Linguística Histórica – estuda a mudança linguística de uma ou várias línguas, como ela surgiu, quais línguas influenciaram sua estrutura e uso, as mudanças que sofreu ao longo do tempo e o porquê dessas mudanças. Uma língua é viva não fica estagnada, mas evolui, acompanha a evolução da sociedade que a utiliza como instrumento de comunicação.

Sem dúvida após mostrar com quais elementos linguísticos se preocupam cada área específica, ficará mais didático a sua contribuição para o universo da linguagem, sendo que o nosso propósito, neste capítulo, é discutir acerca dos fenômenos que ocorrem no pajubá, envolto ao sistema da microlinguística.

3.8.1. Processos fonéticos e fonológicos no pajubá

Para Dubois (1978), “os metaplasmos são modificações, cujos itens lexicais sofrem no decorrer do tempo, devido a fatores tanto internos quanto externos à língua no processo de comunicação”. Conforme vimos até aqui, os fenômenos metaplasматыcos ocorrem como processos fonéticos para auxiliar na composição fônica de determinadas palavras.

Primeiramente, exemplificaremos os vários elementos fonéticos e fonológicos existentes em nosso estudo. A começar pelos fenômenos metaplasматыcos, principalmente os de aumento e subtração, que ocorrem em expressões como no iorubá *amapoa - amapô - mapô*. Em sua segunda forma ocorre o metaplasma por subtração (*amapô - supressão do fonema /a/ no final da palavra*), denominado apócope; e, na sua última forma, interligada à segunda expressão, ocorre outro fenômeno por subtração (*mapô - supressão do fonema /a/ no início da palavra*), denominado aférese.

“ Tem bee que não se atualiza ainda fala **amapoa pra mapô**...como adeptos da gíria gay temos que estar sempre atentos às atualizações...a língua voa e precisamos acompanhá-la...” (entrevistado 14)

Outro exemplo seria a expressão *Cumbu*, forma variante de *Kumbu* do *Kimundo*, cujo significado seria vaidade. Em sua forma original a expressão *kumbu* é grafada *ukumbu*; como se pode observar, mais uma vez há um metaplasma por subtração no início da palavra, denominado *áfereze*, e como variante resultando na expressão *cumbu*, ao passar para o PB. Temos ainda mais exemplos, como ocorre em “*Fófi*”, adjetivo pejorativo para substituir “fofa”, usado em tom de deboche para se referir a uma pessoa fofa em excesso. Aqui percebe-se um metaplasma por assimilação parcial, já que a vogal “a” é substituída pelo “i”. Ainda no que concerne aos fatores fonéticos e fonológicos, uma expressão que é muito usada no pajubá, quando se quer saudar alguém: “*-E aí!*”, resultando na mudança por “*Inhai*”, fenômeno metaplasматыtico que podemos denominar como um processo de permuta por nasalização, onde o fonema oral passa a ser nasal, sendo que no meio LGBT, falamos que a expressão é uma forma anasalada.

“ A primeira vez que ouvi falar em pajubá foi no programa Amor & Sexo da Fernanda Lima...confesso que usava, mas só chamava de gíria gay...depois que meus amigos me falaram pra assistir o programa do Ferdinando Show que comecei a ver essas formas alongadas...nem sei se isso é correto... ouvi ele ensinar para a plateia “**inhai**”...achei muito legal e fora do convencional”. (Entrevistado 16)

3.8.2. Processos morfológicos no pajubá

Agora passaremos a exemplificar os fatores morfológicos presentes no pajubá, os quais, sem dúvida, são os elementos linguísticos predominantes no estudo deste pidgin. A começar pelo processo de formação de palavras por derivação. Para ilustrar bem esse item podemos destacar o termo “caralho”. Segundo a Academia Portuguesa de Letras e o dicionário online Aurélio:

Caralho é a palavra com que se denominava a pequena cesta que se encontrava no alto dos mastros das caravelas, de onde os vigias perscrutavam o horizonte em busca de sinais de terra. Também era considerado um lugar de castigo para aqueles marinheiros que cometiam alguma infração a bordo. [...]é uma expressão usada para traduzir indignação ou admiração. Também pode fazer referência ao órgão sexual masculino. (grifo nosso)

A partir do termo, podemos abarcar como processo derivacional as expressões “encaralhar” ou “acaralhar”, cujo significado seria pegar pesado, jogar duro diante de uma determinada situação, termo chulo, atualmente, que faz alusão ao palavrão “caralho”. Como processo temos uma derivação parassintética destacando cada morfema apresentado (*en+caralh+ar*) ou (*a+caralh+ar*), que mescla os morfemes (*prefixo+radical+sufixo*) para dar significado ao termo. E ainda no que tange a esta mesma expressão temos “caralhagem”, cujo significado no pajubá seria coisa confusa feita por gente confusa. Neste caso temos a presença do *sufixo –agem* dando uma noção de coletivo, resultando em uma derivação sufixal. E, por fim, a expressão “acaralhação”, que também se estabelece como derivação parassintética só que dessa vez, fazendo uso de morfema radical secundário – *caralhaç*, unindo-se ao prefixo – *a* e ao sufixo indicador de aumentativo – *ão*.

“Somos humilhadas sim...o preconceito convive com a gente todos os dias...por isso temos que botar pra **encaralhar** mesmo...se não for assim o viado não se cria nas ruas da cidade fazendo programa não...” (entrevistado 5)

Também podemos ilustrar no estudo do pajubá, processos de formação por derivação regressiva. A expressão “checar”, por exemplo, que, a partir do verbo resulta no substantivo “cheque”. Ocorre, neste contexto, exatamente uma regressão, em que formamos um substantivo a partir de verbos com as desinências finais A, E e O. [Cf. Dileta, 2010]. Deixando claro que o termo “checar” assim como o substantivo “cheque”, na acepção da comunidade LGBT, corresponde a sujar o parceiro com restos de fezes.

“...não vou mentir não... na minha primeira vez além de sangrar eu chequei na mala do boy... mana, se a bicha não faz a chuca ela vai **checar** no boy...mas eu não sabia disso quando tinha 14 anos (risos)... depois disso meu primo ficou com raiva de mim” (entrevistado 13)

Dentro do universo sufixal, são inúmeros os exemplos que podemos elencar: bombar (radical *-bomb* + sufixo verbal indicador de infinitivo *-ar*) que resulta em bombado (radical *-bomb* + sufixo indicador de adjetivo *-ado*), cujo significado está ligado a musculoso; chupeteira (radical secundário – *chupet*, posto o primário ser *-chup*, + sufixo com valor de ocupação - *eira*), cujo significado no pajubá equivale a homossexual que adora fazer sexo oral; colocar (radical *-coloc* + sufixo verbal de infinitivo *-ar*) que resulta em colocado (radical *-coloc* + sufixo indicador de adjetivo *-ado*), cujo significado no pajubá seria o efeito de álcool ou droga; e gongar (radical *-gong* + sufixo verbal indicador de infinitivo *-ar*) que resulta em gongado (radical *-gong* + sufixo indicador de adjetivo *-ado*), cujo significado no pajubá seria reprovar ou derrubar.

“... eu não aceito viado que vem me **gongar**...ainda mais quando é esses viadinho pão-com-ovo que não sabe nem fazer chupeta no boy...e nem mapô que só porque tem racha pensa que pode humilhar...por isso eu comprei a minha (risos)” (entrevistado 13)

Como processo por composição, também podemos arrolar uma série de exemplos, principalmente os formados por justaposição, ou seja, aqueles que não têm perda fonética, são eles: *bicha-bofe* (homossexual não efeminado, mas nem sempre ativo); *bicha-boy* (bicha bofe novinha); *bicha-cadela* (homossexual libidinoso); *bicha-fina* (homossexual refinado); *bicha-louca* (homossexual afetado); *bicha-pão-com-ovo* (homossexual pobre culturalmente); *bicha quá-quá-quá* (homossexual que não sabe se comportar em locais públicos, bicha qualquer, inclusive a expressão “*quá*” que aparece é uma corruptela de “qualquer”, como ocorre em *bicha - uó* (advinda da expressão dos anos 90 “uó do borogodó”); ainda na linha dos exemplos de composição por justaposição temos: *bofe-escândalo* que seria o mesmo *boy-magia*, sendo que no último caso há uma composição de um termo estrangeiro unindo-se a uma palavra da língua portuguesa, cujo significado no pajubá seria homem muito bonito e sexualmente desejado.

“...eu posso até ser travesti, mas faço um **boy magia** melhor que uma mapô...tem bicha que é uó não sabe nem seduzir...eu me garanto...se é pra bombar o boy, eu bombo mesmo...mas prefiro quando ele que me bomba” (entrevistado 5)

No que concerne aos processos morfológicos especiais como hibridismo, neologismo, estrangeirismo, redução e sigla, podemos destacar: *akué-açu* (valor alto), constituindo hibridismo (*akué do iorubá* + *açu do tupi*); *bas-fond* (briga ou lugar de babado), estrangeirismo vindo do francês; *bi* (expressão carinhosa) como redução de bicha, ou relativo a bissexual; *boot* (termo pejorativo para lésbica recém assumida), estrangeirismo vindo do inglês; *boy*, estrangeirismo vindo do inglês, que no pajubá pode estar relacionado a rapaz ou homem; *drag-queen* (que se veste de mulher), do inglês; *drag-king* (mulher que se veste de

homem), do inglês; *fake* (falso) do inglês; *fashion désnecéssaire* (bicha que equivocada na roupa), hibridismo do inglês com o francês; *Fudevu ou fudelança* (suruba), neologismos; *LGBT, GLS*, siglas do universo homoafetivo; *trottoir* (lugar de prostituição, ponto), vinda do francês (calçada).

“Quando era jovem sempre gostei de ler os artigos que falavam sobre o universo LGBT... lembro que a primeira vez que vi o termo ‘**trottoir**’ foi numa revista gay...eu posso falar qual foi, ou não pode? (...) foi na G magazine...eu achava que era uma posição no sexo (risos) e depois vi que é fazer programa [...] minha primeira vez foi com mulher...foi legal porque eu gostava muito dela...depois eu comi meu primo...e mesmo sendo casado, de vez em quando, eu vou ao cinema ou à sauna pra não perder o costume (risos) [...] eu não me arrependo e funciono muito bem com minha esposa...não penso em me separar...sou um cara muito bem resolvido...sou feliz assim”. (Entrevistado 10)

Como processo onomatopeico ou onomatopaico, temos a expressão “*vara-a*”, surgida a partir do som emitido pelo leque usado pelos gays como um objeto iconológico de luxo e elegância. Quando os homoafetivos chegam abrindo o leque, significa que obtém um certo poder no local. Outra onomatopeia muito comum no universo LGBT é o “*Traaaa*”, forma atualizada do “*paaaa*”, este som quando emitido, seja pelos homossexuais ou heterossexuais, corresponde a “*matei o viado*”, seria o barulho emitido pelo tiro ao caçar, forma abrasileirada de se referir a pessoa e não ao animal que se grafa *veado*. Portanto, todas as vezes que se ouve este som, seria o mesmo que cumprimentar “*E aí, viado!*”, bastante usado em tom ofensivo pelos homofóbicos na década de 90, porém estendido para os dias de hoje e recebido pelos homossexuais como algo não pejorativo. Outro exemplo é a expressão “*poc-poc*”, relacionado aos gays novos que se vestem para ir à boate, o som é devido ao salto.

“Meu amor! quando o **viado abre o leque**, ele mostra o seu poder naquele lugar...pelo menos assim que eu me sinto...eu tenho coleção de leques e combino todos com os meus vestidos...eu sei que tem viado que me acha a antipática...pouco me importa eu não tenho medo de concorrência (risos)...agora falando sério...eu já pesquisei sobre isso e vi que os leques são elementos iconológicos na vida da gente e até os antigos reis usavam...meu amor eu sou jornalista preciso saber dessas coisas.” (Entrevistado 7)

3.8.3. Processos sintáticos no pajubá

Dentro do campo da sintaxe, detectamos constantemente o *uso de vocativos* nas frases, principalmente no que se refere a *persona* do homossexual, que dependendo de quem fala e como se fala pode entonar algo ofensivo, ou não, parecido com o que chamamos de aceitabilidade dentro do processo da linguística textual, só que neste caso corresponde a um texto oralizado, o que para Koch (2011) diz respeito à atitude dos receptores de aceitarem a manifestação linguística como algo coesivo e coerente. Portanto, a aceitabilidade pode ser efetivada ou não pelo receptor (ora doravante os homossexuais). Tudo dependerá do seu processo de identidade linguística.

“(…) antes eu não suportava ser chamado de gay... Deus me livre!...eu tinha ódio na época de escola...eu lembro que naquela época eu pensei até em me matar...hoje eu já estou com 39 anos, pago minhas contas com meu trabalho...faço meus shows por hobby...hoje eu me aceito como sou... não tenho vergonha de ser chamado de **viado, gay, bicha** ou o que for...a vida da gente tem que ser bem vivida e eu sou feliz assim”. (Entrevistado 11)

Fazendo aderência ao universo lexicológico, elencamos alguns vocativos usados para os homossexuais masculinos e femininos, alguns mais regionalizados ou europeizados que outros: *boiola, baitola, gay, guei, bicha, bambi, bee, beesha, biba, bill, biltra, bilu, cheine, culeiro, finóquio, frango, fresco, fruta, frutinha, gersina, goiaba, greta, homiceta e homigina (neologismo), sapata, sandália, entendido(a), laleska, lhushca, mancha, mona, mônica, paneleiro, peixe, poc-poc, potira, puto, viado, xibungo, enrustido, entendido, etc.* Os dois últimos se, trabalhados de um ponto de vista diacrônico, somente falado por homossexuais regressos da década de 80. Vale também salientar que durante a inquisição, a igreja católica chamava qualquer biba de *somitigo, sodomita ou sodomítico*.

“Eu não sou muito fã de ser chamada de **homossexual**...sei lá! Parece que tão excluindo a gente...homossexual parece que se refere somente os gays homens...acho que é por causa do início da palavra...mas eu prefiro dizer que sou **lésbica**’...pelo menos assim que eu penso” (Entrevistado 8)

“Eu sou **gay...gayzinha** mesmo como meus amigos falam...não tenho vergonha não...já entro na boate desde os 14 anos...só no ‘truque’ da carteira falsa...tá meu bem!...minha mãe acha que tô num aniversário...coitada!...eu tô aqui pra pegar os ‘boy’...principalmente os que são a ‘mala’, querida, porque eu sou guerreira” (Entrevistado 4)

Ainda no parâmetro sintagmático, percebemos que o pajubá é composto de expressões que se misturam com a LP, por esse motivo ele se condecora como um pidgin, conforme algumas sentenças colhidas através de nossa enquete, quando pedimos dos participantes que falassem qualquer frase que conhecesse do universo pajubá.

Quadro 8 – Miniglossário das sentenças mais usadas no pajubá

<i>A amapô chegou toda trabalhada no ouro!</i> - mulher bem produzida
<i>A maricona precisa pagar para fazer o boy-magia</i> - homossexual velho pagando para fazer sexo com o homem bonito
<i>A neca do cafuçu presta horrores!</i> - o pênis do homem rústico é bonito e relativamente grande
<i>A Pedro é uma bicha de Blair!</i> - não sabe usar o pajubá e o A é uma marcação de gênero
<i>Aquenda a Barbie que chegou!</i> - presta atenção no gay bonito e musculoso
<i>Bicha, pegue o beco, senão, depois que eu ficar nega do cabelo pixaim e loira dos olhos azuis, vou arrancar seu picumã!</i> - corra que vai ter briga com direito a puxão de cabelo
<i>Bicha, toma cuidado, senão você vai levar coiô dos alibãs!</i> - apanhar dos policiais
<i>Cata a mala do erê!</i> - olhar para o bulto do rapaz
<i>Cuidado para não passar o cheque no erê!</i> - não fazer cocô na hora do ato sexual no rapaz
<i>Faz a linha egípcia comigo e depois quer meu akué, pois farei a maldita com ela!</i> - sentir-se superior, mas quando quer dinheiro muda a atitude, serei falsa.
<i>Inhaí, mona! Tá sabendo do babado fortíssimo que rolou na boate ontem?</i> - grande confusão
<i>Para de show, que o babado já terminou!</i> – parar de chamar atenção
<i>Querida, a senhora quer me gongar?</i> - humilhar ou avacalhar a pessoa)
<i>Se esse viado continuar me xoxando, só porque eu sou rica e ela não, farei um ebó!</i> - se continuar perturbando, vou jogar uma macumba

<i>Só porque eu sou patrícia, bonita, a gay quer quebrar louça comigo!</i> - relação sexual entre homossexuais afeminados
<i>Tá meu bem! que ela passou no mestrado, agora só vive fazendo carão</i> - arrasou, fazer rosto bonito
<i>Vou dar a Elza nela!</i> - Roubar

(Fonte: Arquivo pessoal de termos colhidos a partir de nossa pesquisa de campo)

Concluindo a base dos elementos sintáticos no pajubá, como se pôde observar nas sentenças exemplificadas; trata-se de um pidgin, cujas palavras possuem um elevado poder quanto ao seu uso no universo lexical e, conseqüentemente, semântico.

3.8.4. Processos semânticos no pajubá

A semântica é, sem dúvida, o alicerce dos estudos dialetológicos, sobretudo, no que tange a sua preocupação quanto ao entendimento da mensagem que seu escritor tem a oferecer. Geralmente, enriquecida pelo uso de sinônimos (termos com sentido semelhante), antônimos (termos com sentido contrário), parônimos (apenas parecidos quanto ao campo escrito e falado), homônimos (iguais no som ou na pronúncia ou ainda nos dois aspectos), hiperônimos (termos mais gerais) e hipônimos (termos mais específicos). A semântica precisa refletir exatamente o contexto sociocultural, político e ideológico do falante, seja na forma culta ou coloquial, pois advém da necessidade de uma comunidade linguística. E, dentro desse aspecto, há o processo de atualização dos vocábulos como ocorreu com o termo “maricas”, etimologicamente o nome foi criado a partir de uma ninfa da mitologia grega, já que, geralmente, o homossexual liga o seu pensamento a atos sexuais, como podemos confirmar nos estudos foucaultianos sobre o tema prazer como linha de fuga em sua obra *História da Sexualidade*, em seu primeiro e segundo volume, falando sobre o prazer na homossexualidade contemporânea.

Dentro de um contexto lexicológico, de acordo com o dicionário Houaiss (2006) o termo “maricas” tem como um dos significados “...o indivíduo do sexo masculino que se comporta com modos femininos; efeminado...”. Sobretudo esta expressão circulou durante a década de 60 e 70, quando, a partir da década de 80, passou a ganhar força na língua a expressão “mariquinha”, já que o comportamento homoafetivo, geralmente, é percebido no indivíduo desde criança. E, atualmente, já se usa o termo “maricona”, correspondendo aos gays de mais idade. Diante dessa situação, conclui-se que o estudo diacrônico da expressão passa por um processo de convenção linguística para, então, firmar-se no linguajar do povo.

“ Já estudei bastante sobre o universo homossexual, até para me entender melhor...já li Foucault, Lorca, Cocteau, Rimbaud, Woolf, Proust, Beauvoir, entre outros...na verdade foi através do estudo da homossexualidade...sobretudo dos autores de fora... que segui a área da Psicologia[...] No Brasil, tivemos também exemplos memoráveis que revolucionaram...mesmo com a ditadura cantando nas ruas... não sei se você já ouviu falar em Dzi Croquettes...eu adorava aqueles caras... supercríticos do teatro...não sei se você já pesquisou em revistas mais antigas como O lampião da Esquina que tratava muito sobre a luta contra o preconceito...mas, particularmente, eu gostava muito da revista Rick...quantas vezes me masturbei olhando aquela

revista (gargalhadas) [...] Sobre o pajubá, sim eu já ouvi falar, até uso algumas expressões quando estou reunido entre amigos...inclusive, nesta semana, eu e dois amigos meus falávamos sobre isso... eles disseram que sou uma maricona (gargalhada)...já que estou no auge dos meus 63 anos de idade...enfim sobre esse assunto podemos falar até o sol raiar...o que não me falta são histórias do universo gay (risos). (Entrevistado 1)

Para contribuir com esta discussão acerca do campo semântico, Lopes (1995, p.234), classifica-a em cinco partes: 1) a linha de Saussure e Hjelmslev; 2) linha lógica (ou da “palavra” isolada); 3) a linha contextual; 4) linha do contexto-situacional; 5) linha transformacional. De antemão, deixando claro que, em nossa pesquisa, faremos uso da quarta linha elencada, visto que o nosso dialeto estudado é enriquecido a partir do grau do contexto-situacional do linguajar homoafetivo.

Certamente, um exemplo fidedigno é o uso da expressão “agasalhar”, cujo significado de acordo com o dicionário Houaiss (2006) seria “[...]dar abrigo ou hospedagem; abrigar, acolher, albergar [...]”, contudo se expandirmos a palavra para a linha do contexto-situacional, veremos suas variações de sentido. No Sul, por exemplo, o termo é usado para o vestuário, como forma de se aquecer do frio da região. Já para o amazonense a expressão “pode ir além do trato com pessoas” como, por exemplo, agasalhar a louça, agasalhar os brinquedos, estabelecendo o sentido de arrumar. No entanto, quando se faz alusão ao pajubá, a expressão ganha uma outra conotação. Para os homossexuais, “agasalhar” seria o “Ato de envolver o pênis com o ânus e o reto”, prática muito comum no universo dos transformistas.

“...acho que a parte mais complicada no momento que eu me monto é na hora de esconder a neca (risos)...pra **agasalhar** meus 22 cm que tenho muito orgulho (gargalhada) preciso usar uma senhora técnica para não comer a mim mesmo (mais gargalhas)...o segredo é não tomar líquido e tentar reduzir o volume do pacote com bastante esparadrapo como uma espécie de tapa-sexy[...]Nunca me ocorreu algum incidente, como você bem falou, mas eu já vi amigos meus transformistas mostrarem o Mickey quando faziam espagate (risos)...acredito que isso jamais vai acontecer comigo”. (Entrevistado 11)

No trecho da entrevista acima, vimos com irreverência a forma como foi adotado o termo “agasalhar”, além de ter mencionado também a expressão “Mickey” que faz alusão ao saco escrotal. No exemplo retirado do mesmo trecho, mais uma vez podemos comprovar o uso do pajubá no processo de eufemismo do linguajar homoafetivo. Assim, para cada contexto de situação, uma mesma palavra pode expandir o seu campo lexical, tornando-se um signo linguístico artificial, compreendido apenas pela comunidade que dele faz uso, como postula Fiorin (2005, p.72): “Os signos artificiais podem ser divididos em signos verbais e signos com expressão derivativa. Os signos verbais são interpretantes de todas as linguagens, enquanto os signos das outras linguagens nem sempre podem interpretar os signos linguísticos...”

Dessa forma, podemos trazer a teoria dos signos derivativos à luz dos estudos do pidgin pajubá, já que sua função comunicativa é estabelecida por um acordo social, por uma convenção. Deixando claro que objeto de nossa pesquisa, promove-se por ser um código linguístico de identidade e resistência da comunidade LGBT.

3.9. Considerações Finais

No que tange à formação do pajubá, por meio da coleta de dados, e, após uma análise descritiva do falar homoafetivo, apreendemos elementos que o corporificam. Primeiro o uso das expressões que são originalmente do iorubá ou de outras línguas africanas, que chegaram ao Brasil por meio dos rituais religiosos, dos quais participam um grande número de homossexuais. Embora a gramática da língua iorubá tenha suas particularidades, principalmente quanto ao seu processo lexical, as expressões incorporadas no PB permanecem, em grande parte, com a sua fidelidade semântica; o que ocorre, geralmente, são mudanças fônicas.

Ainda nesse item, enfatizamos a importância dos programas televisivos na propagação dos termos da chamada língua de santo, como *ocó*, *odara*, *amapô*, *edi*, etc., que podemos perceber, por exemplo, com a personagem Xuxeta em *Xilindró*, transmitido pelo canal Multishow; com o programa *Amor & Sexo* na Rede Globo, cuja apresentadora é Fernanda Lima, que traz sempre como convidados alguns participantes gays para discutir vários temas, dentre eles aqueles voltados à diversidade de gênero. E, recentemente, o uso do pajubá na chamada da reatuação da novela *Maria do Bairro*, no SBT.

Como segundo item da formação do pajubá, captamos, por meio da fala dos entrevistados e também nas enquetes, o uso excessivo de metáforas que, sem dúvida, deixa o código linguístico LGBT extremamente divertido com expressões que correm pelas redes sociais como: fazer carão; botar a cara no sol; fazer a chuca; fazer a maldita; sambar na cara da sociedade; lacrar, arrasar, bombar, etc. O interessante com relação ao uso dessas expressões é que algumas acabam confundindo os heterossexuais, conforme vimos em uma das entrevistas em que um participante heterossexual interpretou a expressão “tô toda cagada” como algo relacionado a medo, quando na verdade para os homossexuais seria ‘estar emocionado com algo ou alguém’.

No terceiro item de formação do pajubá, apresentamos o universo dos antropônimos, que usa o nome de personalidades da mídia para endossar algumas características que a ela pertence como ‘dar a Elza’, por exemplo, fazendo alusão ao ato de roubar, que de acordo com a explicação dos travestis, a atriz, na década de 80, tinha sérios problemas por ser cleptomaníaca.

No quarto item, detectamos as expressões idiomáticas (EIs) compostas por frases de efeito como: tá meu bem!; tá boa querida!; tô passada!; tô louca do meu edi!, etc. A maioria dessas frases foram colhidas nas enquetes ou nas dinâmicas realizada nos grupos em forma de debate. Tivemos três encontros extremamente proveitosos. Um na Ponta Negra; um no ensaio de uma dança internacional de Manaus; e outro na quadra de esportes do colégio Solon de Lucena, onde, nos fins de semana, o espaço é cedido para os jogos da liga gay de vôlei do Estado do Amazonas.

No quinto item, trouxemos o uso de expressões indígenas no pajubá. Embora não sejam muitas, o código linguístico recebe a influência do Tupi, atualmente, chamado de Língua Geral (o Nheengatu) em palavras como ‘picumã’ [Do Tupi *apeku'mã*], que seria a fuligem produzida na teia de aranha, porém o sentido empregado pelos gays quer dizer peruca ou cabelo. Na confecção de exemplos para esclarecer melhor o item, vimos uma expressão ‘litragem-açu’ (= gozar muito), que comprova o uso do pajubá em seu processo de eufemização do linguajar homoafetivo, indo ao encontro de um dos nossos objetivos específicos de nosso trabalho.

No sexto item para explicar a formação do pajubá, observamos um processo extremamente intrigante. Trata-se de um morfema-vazio, o (-SSIMI), usado na fala homoafetiva para dificultar ainda mais o código linguístico, e, em alguns casos, acompanhado da vogal ‘i’, auxiliando na pronúncia de determinados termos. Por esse motivo, a comunidade LGBT o denomina como a ‘língua do i’, ou ainda, a ‘língua do s’, por conta da sonoridade excessiva de ‘S’ na fala, como em: amapossimi, acuessimi, queridissimi, ebossimi, gongassimi, alibassimi, picumãssimi, etc. Este item serviu de apoio no que concerne à ideia do pajuba como uma língua de resistência, pois quando se vê em processo de decifração de código, acaba se blindando.

Ainda neste mesmo item, detectamos o uso do morfema-verbal (- TES), criado por uma personagem nas redes sociais conhecida como Tia Tal Qual, onde brinca com o linguajar do amazonense que gosta bastante de usar o ‘tu’ como forma de mostrar-se mais íntimo de seu interlocutor, porém o tom caricatural está na mudança de pessoa gramatical de 2ª do singular para 2ª do plural. Além dos seis itens elencados na formação do pajubá, trouxemos um tópico especial com os verbos modalizadores muito usados no discurso dos gays como: aquendar, desaquendar, lacrar, gongar, xoxar, tombar, etc. E, por fim, as particularidades linguísticas no universo do pajubá nos âmbitos fônico, morfológico, sintático e semântico. Quanto a cada um desses processos supramencionados, fizemos um estudo gramatical mais apurado, cujos detalhes podem ser encontrados no próprio capítulo.

Capítulo 4 – O Pajubá como Código Linguístico de Resistência da Comunidade LGBT

Quando começamos a estudar o nosso objeto de pesquisa, trilhamos um caminho ainda desconhecido, tendo que conceituar vários fenômenos do campo linguístico, como linguagem, dialeto, gíria, crioulo, entre outros, para conseguir responder a um único item. Em seguida, procuramos entender melhor a história da vinda dos escravos para o Brasil, trazendo a sua forte influência da língua africana em contato com a língua portuguesa. E, por fim, ter conseguido manter por meio da sua cultura, através dos cultos afro-brasileiros, o uso de um idioma que mais tarde se tornaria o símbolo de resistência para a criação de um código linguístico da comunidade LGBT.

Se língua é identidade e, acima de tudo, uma forte influência na cultura de uma nação, não poderíamos deixar de fora um linguajar que há tanto tempo vem sendo vilipendiado pela sociedade. Sendo calado cada vez que morre um LGBT; cada vez que a intolerância religiosa vira as costas abominando um homossexual; ou, ainda, quando a homofobia continua obrigando os gays a continuarem trancafiados no armário da solidão.

São por todas essas razões que o último capítulo de nosso trabalho procura responder o porquê de o pajubá se efetivar como um código linguístico de resistência para a comunidade LGBT.

4.1. O Pajubá e seu viés com a Linguística Antropológica

Indubitavelmente, não há como falar de identidade linguística sem envolver o aspecto antropológico. Foi pensando numa forma mais tátil, que resolvemos estudar o pajubá dentro da linguística antropológica, já que ela é responsável por estudar as faculdades linguísticas dos indivíduos medidas culturalmente, ou seja, a partir da linguagem que eles se comunicam.

Como o pajubá é um fenômeno pouco conhecido, é importante deixar enfático que ele é formado por expressões que fazem conexão entre duas línguas como já foi mencionado na introdução de nosso trabalho – a língua africana com a língua portuguesa, havendo predominância da segunda –, por esse motivo o código que é reproduzido pelos seus falantes torna-se cada vez mais cifrado e, conforme nossos entrevistados, ela auxilia muito no combate à violência contra os homossexuais.

“ Quando usamos o pajubá , mostramos a nossa identidade e fortalecemos ainda mais a luta contra a homofobia...hoje ainda tem muitos gays preconceituosos e isso nos enfraquece...a cada ano nossa parada gay vira palanque de candidatos, mas quando ganham nos esquecem [...] a cada eleição temos menos representantes na câmara e os que lá estão não se empenham para criar leis que, realmente, beneficiem a nossa comunidade... não adianta falarmos de direitos civis se não quebramos o preconceito que há dentro de nossa própria comunidade... não adianta falar de diversidade sexual na escola, sem que o povo entenda, no mínimo, a diferença de identidade de gênero e orientação sexual...quando me dediquei ao curso de antropologia foi para buscar as bases necessárias para entrar na luta...mesmo

assim tenho esperança de que nossa resistência valerá a pena...no dia em que a homofobia for, legalmente, combatida aí sim estaremos trilhando uma ideologia mais laica e justa...” (Entrevistado 9)

Quanto mais cifrado for o código, mais proteção a comunidade LGBT terá, principalmente agora que vivemos num período em que se tornaram comuns os casos de homicídio envolvendo os homossexuais. Prova disso, foi o vídeo que circulou nas redes sociais da travesti Dandara dos Santos, que foi espancada por seis indivíduos até a morte, dos quais, quatro eram menores de idade. Infelizmente, as pessoas carregam o preconceito, sem ao menos se dar conta disso.

“ Cara vou jogar a real pra você...eu não me amarro nessas coisas de gay...eu respeito, mas desde que seja bem longe...homem tem que ser homem e agir como homem...a partir do momento que se veste e quer se comportar como se fosse mulher pode cair fora[...]eu não sou homofóbico, porque nunca bati em viado e respeito desde que não mexam comigo...” (Entrevistado 19)

Conforme o exemplo do trecho acima, retirado de uma entrevista realizada com um heterossexual masculino, percebemos que várias outras pessoas compartilham, ainda, desse mesmo discurso. E a pergunta é: quando isso vai acabar ou amenizar? Foi pensando nisso que nos propusemos a materializar o pajubá, como uma ferramenta sagaz, enquanto código LGBT. Quando nos deparamos com argumentos colhidos a partir das entrevistas, percebemos o quanto há pessoas desinformadas ou, em outros casos, mal-intencionadas, que não sabem o que é a homofobia ou identificar um discurso homofóbico, por isso tal ato acaba se assolando em nosso meio.

De acordo com Pereira (no prelo), “Manaus é a cidade com maior número de assassinatos contra homossexuais, já são 15 mortes, de janeiro a setembro deste ano”. O número já é maior do que os registros de todo o ano anterior”. Casos que ele acompanhou pessoalmente e que retrata com detalhes em sua tese, ressaltando:“...tivemos uma audiência pública na ALE-AM, na qual falamos sobre o assunto, porque não podemos negar que a questão da violência contra LGBT em Manaus e no Amazonas é um fato retumbante muito forte e tem marcado as vidas de muitas famílias que têm perdido seus entes queridos”.

Diante disso, alguns questionamentos são levantados: como continuar lutando contra a homofobia se a própria lei ainda não a reconhece como crime? Como acreditar num país que assola a impunidade e cujos processos sofrem uma extrema morosidade? A própria constituição define, de forma vaga, em seu art. 3º “... objeto fundamental da República o de promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, cor, raça, sexo, idade, ou quaisquer outras formas de discriminação”. É nesse cerne que a língua, além de ser identidade, é uma verdadeira arma para destruir a ignorância e lutar contra a alienação.

4.2. O pajubá como fator de identidade linguística

Criar, manter e renovar um código linguístico é o que os gays fazem ao disseminar, em meio aos seus discursos, as expressões que só serão captadas pelos membros de sua própria comunidade. Deixando claro que não estamos falando daqueles que simpatizam com as causas LGBT's, não é à toa que o 'S' de simpatizantes deixou de existir, quando foi alterada, na década de 1990, a sigla de GLS para LGBT. O propósito não foi excluir os simpatizantes, mas deixar na luta as pessoas que realmente vivem o preconceito. Pessoas que se autodenominam LGBT's. Para ilustrar nossos argumentos, selecionamos uma entrevista, na íntegra, de uma homossexual que assume, não só a sua identidade linguística, mas também a de gênero.

Quadro 9 – Entrevista com uma travesti de Manaus

Entrevistada: - Meu nome é XXXXXXXXXXX...tenho 23 anos...e minha profissão é: eu sou profissional de cabeleireiro.
Entrevistador: - A partir de que idade você percebeu que já gostava de estar no meio LGBT?
Entrevistada: - Amigo, quando eu tinha dos 13 pros 14 anos eu já tinha o cabelo grandezinho...no meio da costa...e não foi uma questão de ser gay...na verdade eu me sentia já feminina, mulher...e eu olhava que aquele caminho era o meu...eu já tinha o cabelo grande e minha mão nunca me discriminou...meu filho se você quer você vai ter... e eu tive.
Entrevistador: - Qual a maior loucura (fantasia) que você já fez com alguém?
Entrevistada: - Meu Deus! Foi com um amigo meu...umas três semanas atrás...a gente tava muito bêbado, muito bêbado...aí ele falou assim: - umbora lá pra torre?...que é onde eu moro...que é na minha casa que eu moro no 3º andar...aí ele falou assim: - umbora transar? Aí eu falei umbora e ele: - então vamos...aí a gente foi...aí a gente fudeu a primeira, com camisinha...a segunda, com camisinha...a terceira, com camisinha...a quarta, com camisinha...mas quando chegou na quinta ele falou assim: - Ai, tá sem gosto! Umbora na quinta sem?...aí eu falei: -vamos! Foi a quinta e a sexta... e foi <i>babado!</i> (grunhido no final)
Entrevistador: - Você que a homofobia cresce em todos os cantos do Brasil e em Manaus não é diferente. A pergunta é o que você teria a dizer para as pessoas que cometem a homofobia?
Entrevistada: - Tipo assim!...a homofobia eu tenho na minha família...meu próprio pai não suporta homossexual... não suporta um gay... não suporta uma bicha que se veste de mulher... não suporta um homem transformista...pra ele, viado não entra no táxi...o que mais me magoou foi esse quesito de a gente chegar e ele criticar...eu cheguei a entrar no carro dele e pedir pra ele me deixar lá na rodoviária... aí ele me viu com uma mala e perguntou: - o que tem nessa mala?...eu falei não interessa...mas ele viu o chifre da malévola...e falou: - se você for se montar de gay então não vou te deixar...dói, no fundo dói, mas é do fundo do fundo que dói que a gente cria uma força pra tentar ser feliz.
Entrevistador: - Você acredita que no meio LGBT, partindo dos próprios gays, há preconceito?
Entrevistada: - Sim. Sempre há...da próxima associação LGBT...sabe por quê? Porque batem um texto bem assim: Ah vamos fazer o grito da parada gay...assim, assim, assim, assim, assim, assim, assado...vamos arrecadar fundos para os gays que são HIV...por que só os gays que tem HIV?...tem tantas e tantas doenças que mata – sífilis, hanseníase, câncer...tem tantas doenças que matam e eles só se preocupam com o HIV...ninguém morre de HIV hoje em dia não...hoje em dia tem um remedinho que você tomar todo santo dia, entendeu? Antes de dormir...e você fica bem... você dura até mais que seu pai, sua mãe e sua avó...hoje eu chorei que minha avó falou assim: - meu filho me ajuda...aí eu carreguei ela...ela falou que a força de um filho é a mesma de um neto e um bisneto...você tem que fazer sabe o quê? Lutar pela sua felicidade porque família só é uma...e a única certeza que a gente tem na vida é a morte.
Entrevistador: - Com relação a algum fetiche ou fantasia não realizada. O que você ainda não fez?

Entrevistada: - Eu já realizei todas... olha! Eu tenho 23 anos...eu moro sozinho desde os 15...eu fui amigada dos 15 aos 22...de aliança e eu nunca trai ele...depois que ele me deixou eu virei um demônio... não vou mentir um demônio...um demônio mesmo...assim de barbarizar... e tudo que vocês perguntarem de mim, *meu amor!*...Gata, já foi...

Entrevistador: - Geralmente as pessoas falam que os travestis são pessoas que passam um certo medo aos outros. O que você tem a dizer sobre isso?

Entrevistada: - É verdade! Olha, eu passei por um constrangimento hoje que nunca eu esperei passar...minha mãe é muito babadeira...*muito babadeira mesmo..ela é drag da casa...* aí a gente ia subindo o morro e o *ocó* me olhou de cara feia...e minha mãe falou se tinha algum problema e que eu era o filho querido dela...e eu falei pra ele: - Meu amor! De cara feia pra cara feia, *só quem grelha é as bunitas...* e eu fiz a chata...comecei a cantar, cantar, cantar...aí eles começaram a me olhar e eu fechei a cara...sabia que se você não fizer isso você vai ser sempre tratada como *uó*...você vai ser roubada... você vai ser espancada...vai acontecer tudo com você...se você não for *uma travesti* doida você vai sempre apanhar...sempre...sempre apanhar...sempre ser espancada...sempre vão falar que você não presta...que você é um viado...que você é isso...é aquilo e não sei o que lá...quando os *ocós* me olharam...os *ocós babadeiros* me olharam aí eu comecei a cantar a musica do legião urbana...Todos os dias quando acordo...aí eu falei pra eles vocês querem alguma coisa?...mana, travesti boa é travesti doida e agora tá na hora de entrar pro meu show...beijo, gata!

Entrevistador: - Muito obrigado, XXXXXXX, você contribuiu muito com a nossa pesquisa.

Na entrevista acima, conseguimos detectar, através do poder do discurso, a voz de revolta de uma travesti, que vive às margens da sociedade, sendo humilhada e sofrendo o preconceito do seu próprio pai. Através de um desabafo, notam-se várias expressões do pajubá, que destacamos em itálico no texto. Além desses marcadores, percebemos o quanto a linguagem marca a sua identidade, fazendo jus ao seu gênero que é assumidamente a de travesti.

Tudo isso nos faz refletir o quanto ainda não conhecemos a realidade de uma travesti e seus percalços. Primeiro, pelo fato de ligarmos à figura do travesti à prostituição. Segundo, por medo de sofrer algum dano, pois de toda a comunidade LGBT, são elas que mais têm contato direto com os marginais, traficantes e policiais, além de serem elas que mais fazem o uso do código linguístico como uma forma de resistência.

É no cerne da linguística antropológica que o pajubá se materializa, aumentando cada vez mais o vocabulário da comunidade LGBT; e, essa evolução, dá-se a partir do momento em que os gays se identificam diretamente com cada expressão, como podemos sentir na fala de outra travesti entrevistada por nossa equipe no momento em que atuava como profissional do sexo em uma rua do centro de Manaus:

“ **A gente usa nossas gírias porque precisamos nos proteger de muita gente ruim que tem por aí...**eu mesma só atendo se vejo que o ‘boy’ é um ‘cafuçu do bem’ [...] Eu já tive duas amigas minhas que morreram porque fizeram programa com ‘alibã’...eu não tô louca de fazer isso...meus clientes são ‘babadeiros’...”
(Entrevistado 5)

No trecho da conversa acima, conseguimos observar que a pessoa fala naturalmente usando as expressões do pajubá que já está enraizado no seu discurso, como: ‘boy’ = homem; ‘cafuço do bem’ = homem confiável; ‘alibã’ = policial. Também vimos que, para ela, o pajubá é uma gíria e deixa enfático o seu uso como forma de proteção. Nesse caso ela usa o código linguístico para aproximar-se dos seus colegas de grupo e distanciar-se das pessoas que os agridem, seja verbal ou fisicamente.

Por enquadrar-se numa classe marginal, os homossexuais utilizam o código restrito que impede os demais que não se enquadram na categoria LGBT de compreendê-los. Isso mostra o quanto o meio social é que conduz a sociedade para que surjam códigos bem diferentes, conforme afirma Marcuschi (1975): “O meio social é um fator importante para o surgimento de um outro código. Um código restrito pode surgir em qualquer ponto da sociedade em que as condições prévias requeridas foram preenchidas”. É perceptível, por meio da fala do entrevistado, a sua identidade linguística.

Ainda no compêndio de identidade linguística, passemos a analisar um fator relevante para as homossexuais femininas quanto ao uso do termo “lésbica”, do latim *lesbius*, fazendo alusão à ilha de Lesbos na Grécia, onde viveu a poetisa Safo, entre os séculos VI e VII a.C., a qual era admirada por seus poemas direcionados às mulheres, geralmente falando sobre amor e beleza. Daí, surgiu o termo lesbianismo ou safismo.

Fig. 6 – Safo da ilha de Lesbos (Grécia), aqui interpretada em um quadro de John William Godward (1904), deu origem ao termo *lésbica* com a conotação do amor entre mulheres.



(Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Safo>)

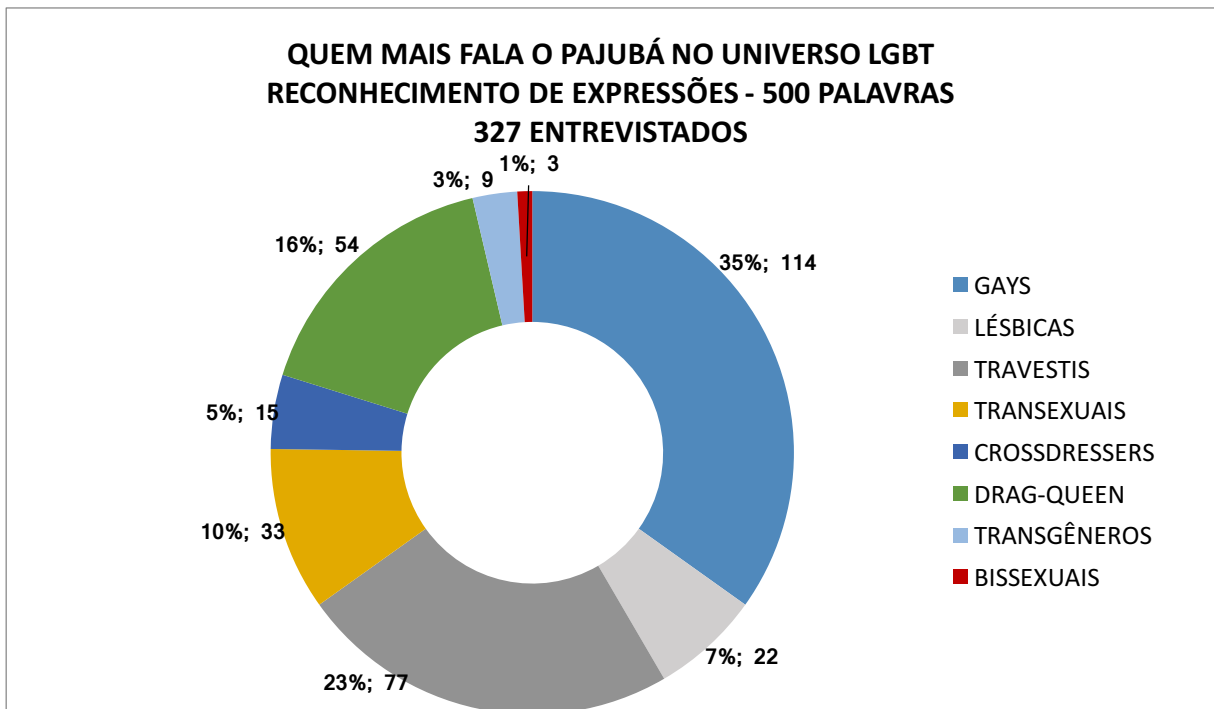
Foi interessante constatar em nossa pesquisa que as homossexuais femininas se identificam com o termo ‘lésbica’, independente de sua faixa etária. Já o grupo das lésbicas que nasceram antes ou durante a década de 80 usam muito o termo ‘entendida’.

“...assim como os homossexuais masculinos...nós também temos nossas predileções...eu sou da década de 80, e naquela época chamar a lésbica de **entendida** era facilmente interpretado...hoje, muitas meninas jovens não conhecem a expressão...é triste, mas é a realidade, afinal, o mal do jovem de hoje é não gostar de ler...” (Entrevistada 9)

Outro fator relevante é que muitos, no universo LGBT, não diferenciam, em meio ao seu discurso, o gênero da pessoa. Como observamos no decorrer das conversas em grupos (apêndice F de nosso trabalho), eles se chamavam normalmente com os termos “gay, viado, bicha”, independente se a conversa era entre travestis, drags ou homossexuais. O que mais nos chamou atenção é que os homossexuais masculinos chamavam também as lésbicas pelos mesmos termos. Já no caso dos heteros que foram acompanhados de suas namoradas, só observavam os membros da comunidade usando o código com todas as suas singularidades, principalmente fazendo uso do (-ssimi) que tratamos no capítulo três de nosso trabalho. Os heterossexuais, notadamente, riam das expressões e dos trejeitos dos homossexuais. Isso nos faz afirmar que o pajubá é realmente um código linguístico cifrado pela e para a comunidade LGBT, cabe ressaltar que, por meio de sua comicidade, o pajubá começa a atrair o público que não é gay.

4.3. Toda a comunidade LGBT fala o Pajubá?

Gráfico 3 - Amostra de quem fala mais o pajubá na comunidade LGBT

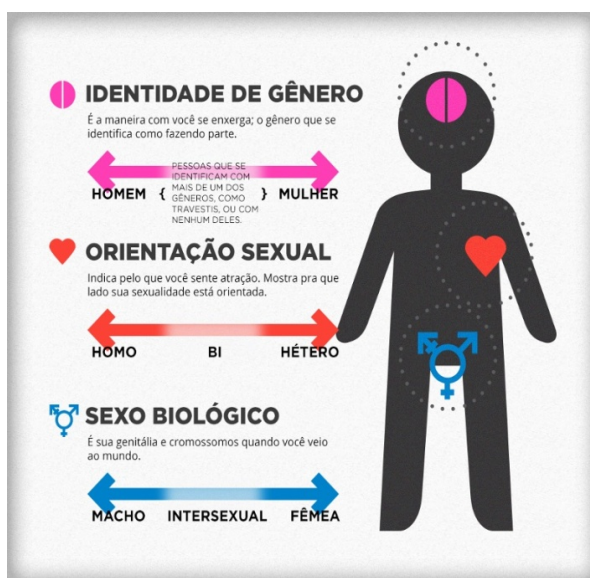


Para continuar os estudos sobre o pajubá, é importante conhecer quem são os falantes que mais fazem uso dele. Porém, antes de elencarmos as categorias de gênero é importante, primeiro, diferenciar orientação sexual de sexo biológico até chegarmos ao conceito de

identidade de gênero, posto, em nossa pesquisa de campo, termos presenciado várias pessoas que não compreendiam, de forma clara, essas diferenças, inclusive, dentro do próprio meio LGBT.

Embora muita se discuta, hoje, sobre gênero na categoria LGBT, é necessário compreendermos que há diferença entre identidade de gênero, orientação sexual e o sexo biológico. A primeira é construída dentro de um plano histórico, cultural e social, que o indivíduo assume através de gostos, costumes, comportamentos e representações. A segunda corresponde a inclinação da pessoa no sentido afetivo, ou seja, está ligada à atração. Já a última, associa-se à combinação de seus cromossomos com a sua genitália. E para esclarecer ainda mais, podemos ilustrar os conceitos com uma ilustração bem precisa.

Fig. 7 - Conceito entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico



(Fonte: <http://www.livrariaflorence.com.br/livro-identidade-sexual-e-transsexualidade>)

Quanto à orientação sexual, o indivíduo pode ser assexual (não sente praticamente nenhuma forma de atração). Bissexual (atração por mais de um gênero). Heterossexual (atração pelo gênero oposto). Homossexual (atração pelo mesmo gênero). Pansexual (atração por todos os gêneros). Hoje, o termo apropriado é orientação sexual, e não 'opção ou preferência' como antes era comum ouvirmos falar, cujos termos demonstra uma espécie de desejo como se a pessoa tivesse uma opção de escolha.

“...lógico que se eu pudesse escolher (como os heteros falam) eu escolheria não ser gay...mas felizmente eu sou... eu tenho uma orientação sexual e não uma opção...já a palavra preferência está ligada diretamente à posição que você assume na cama com o parceiro...se você é ativo ou passivo” (Entrevistado 2)

De acordo com estudos avançados na área da psicologia pode ser determinada por fatores biogenéticos, mas muito ainda se estuda acerca destes conceitos, principalmente no que tange à estrutura do cérebro humano. Para a sociedade, ao longo da história humana, a

heterossexualidade é a forma ‘normal’ ou ‘natural’, pois está ligada diretamente ao ato de reprodução (função biológica) e tudo que for diferente disso é anormal ou, mesmo, antinatural. Partindo deste conceito, eis que surge a homofobia (aversão aos homossexuais, bissexuais e transgêneros).

De acordo com Britzman (1996), “...nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção, pois toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada”. Já no que se refere ao sexo, no que compete aos estudos da psicologia, é o conjunto de características estruturais e funcionais dos seres, podendo ser macho, fêmea, ou mesmo, intersexual.¹¹

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. (NIETZSCHE, 2008, p. 27)

De acordo com o grupo de pesquisa de sexualidade, direito e democracia da UFF (Universidade Federal Fluminense), os cisgêneros refere-se às pessoas que adotam como gênero o mesmo do seu nascimento, o que é considerado aceito socialmente. Já o transgênero são os que se identificam com o gênero diferente de seu sexo atribuído. Deixando enfático que o transgênero, se desejar assistência médica para a transição de um sexo para outro, pode se tornar um transexual. Ser transgênero independe de orientação sexual, podendo se identificar como heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual, conforme podemos comprovar no relato de uma transgênero (apêndice E de nosso trabalho). Também, vale ressaltar, que não devemos confundir o termo transgênero com intersexo, nome usado para pessoas nascidas fora do padrão binário típico do corpo masculino ou feminino, ou seja, o que já conhecemos há muito tempo como hermafrodita, termo não apropriado para os dias atuais já que se trata de um arcaísmo.

Para Jesus (2012), devemos ter noção do conceito de transgeneralidades, para isso dois aspectos são importantes na dimensão da transgenia: a identidade (transexuais e travestis); ou a funcionalidade (*crossdressers*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas). Lembrando que, no Brasil, há pessoas que não se identificam com qualquer gênero.

¹¹ **Intersexual** - é qualquer variação de caracteres sexuais incluindo cromossomos, gônadas e / ou órgãos genitais que dificultam a identificação de um indivíduo como totalmente feminino ou masculino. Essa variação pode envolver ambiguidade genital, combinações de fatores genéticos e aparência e variações cromossômicas sexuais diferentes de XX para mulher e XY para homem. Pode incluir outras características de dismorfismo sexual como aspecto da face, voz, membros, pelos e formato de partes do corpo. [ver: Santos & Araújo, 2006]

Alguns utilizam o termo *queer*¹², outros a antiga denominação de ‘andrógino’ ou, ainda, reutilizam a palavra ‘transgênero’. Agora passaremos a elencar as categorias de gênero, que são os falantes regulares do pajubá. De antemão, podemos afirmar que há predominância de identidade linguística com o universo lexical do pajubá - os homossexuais masculinos, as travestis e transexuais e os drag-queens ou transformistas.

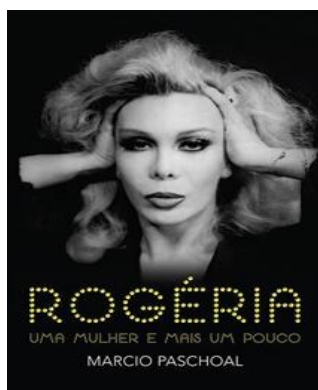
As *travestis*, como preferem ser chamadas, são pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, não se reconhecendo como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero, como bem argumenta a entrevistada abaixo:

“ ... Sou a travesti...porque odeio ser chamada de ‘o travesti’...somos babadeiras mesmo...se for pra brigar a gente briga...eu tenho noção que não sou mulher...não tenho racha...e nem tenho vontade de operar porque sei que muitos clientes gostam... e sou muito feliz porque minha família me aceita”. (Entrevistado 5)

“...meus pais nem imaginam que estou aqui...não sou assumido [...] e respondendo sobre os termos usados, vou ser muito sincero...não me sinto bem...sei lá! não gosto...na minha opinião deixa o gay mais fresco do que ele já é...acho que nossa postura tem de ser discreta...por isso não gosto dos travestis que querem agir como se fossem mulheres.” (Entrevistado 18)

Este grupo é o que sofre mais preconceito pela sociedade homofóbica, principalmente por colocarem hormônios femininos no seu corpo. É importante enfatizar que nem todas as travestis são profissionais do sexo, muitas atuam em salões de beleza, no entanto acabam tendo muita dificuldade de serem empregadas por suas características físicas, mesmo tendo qualificação para o mercado de trabalho. Uma travesti, em especial, ganhou espaço na mídia e o carinho do povo brasileiro, seu nome de nascimento é Astolfo Barroso Pinto, com 73 anos de idade e 50 de carreira, mais conhecida como Rogéria, a qual se intitula ‘a travesti da família brasileira’.

Fig. 8 – Capa do livro biográfico de Rogéria



(Fonte:<http://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/rogeria>)

¹² **Queer** – termo usado para designar pessoas que não seguem o modelo de heterossexualidade ou do binarismo de gênero. O termo é usado para representar gays, lésbicas, bissexuais e, frequentemente, também as pessoas transgêneros ou transexuais, de forma análoga à sigla LGBT. [ver: Miskolci, 2009]

As *Crossdressers* acabam sendo muito conhecidas como uma variante de travesti pelas pessoas leigas, todavia corresponde aos homens heterossexuais, geralmente casados, que não buscam reconhecimento e tratamento de gênero (não são transexuais).

“ Eu adoro me vestir de mulher...desde que era adolescente eu pegava as saias e vestidos e saltos de minha mãe... quando meus irmãos iam para a escola e meus pais para o trabalho eu ficava sozinho em casa já que era o único que estudava em horário diferente...cheguei a pensar que era homossexual tanto que transei com homem, mas hoje sou casado com uma mulher maravilhosa...ela gosta que eu me vista assim para ela e ainda ajuda na minha maquiagem...ela chama de fetiche... eu chamo de prazer...” (Entrevistado 12)

Embora muitos não entendam esse gênero, é o segundo mais complexo depois dos Transgêneros, por isso não se revelam. Vivenciando um papel de gênero diferente ao *cis*, continua se aceitando como pertencente ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, veste-se como mulher apenas por prazer e não se consideram como travesti. Foi o que aconteceu com uma celebridade brasileira, que começou como *crossdressers*, mas hoje se autodenomina travesti.

Fig. 9 – Cartunista Laerte Coutinho



(Fonte: Reprodução / Facebook)

A cartunista Laerte, que em 2004, aos 52 anos, se assumiu como *crossdresser* através de um personagem criado por ele chamado Hugo, como relata em entrevista ao canal Terra: “Comecei timidamente a dar alguns passos na direção de me travestir comprando uma calcinha ou uma sandália para provar em casa”. Casou-se 3 vezes e teve três filhos, dos quais um faleceu em 2005. Atualmente, aos 66 anos, o cartunista se vê mais como travesti, mas no geral sente-se confortável em se afirmar como pessoa transgênero.

Para Jesus (2012), as *drag queens/king* ou transformistas, este último termo usado no Brasil, são artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exagerada em suas apresentações. Faz uso dessa inversão de gênero para seus espetáculos, não como identidade. Aproximam-se dos *crossdressers* pela funcionalidade do que fazem, e não das travestis e transexuais pela identidade.

“ Drag-queen de verdade tem que ter muito glamour...maquiagem chamativa com glitter...cílios impecáveis... tem que saber andar no salto agulha, meu amor!... e não pode ser vulgar...eu pelo menos não sou...somente quando estou com algum boy entre quatro paredes (risos) [...] o pajubá pra mim é o luxo!...falar de forma que só nossa comunidade compreenda é bom sim...sofremos muito preconceito mesmo que estejamos em pleno século XXI...ainda há pessoas fazendo mal aos travestis, as drag-queens, e a comunidade gay em geral...precisamos afirmar nossa identidade...ter orgulho de sermos o que somos...falar nossa gírias e alegrar as pessoas...não importa se têm alguns machos se é que podemos chamar de ‘machos’ (risos) aqueles que nos odeiam...que nos abominam e querem nos ver mortas...o importante é que todos sejamos felizes, querida, porque o amanhã só a Deus pertence...” (Entrevistada 7)

Atualmente, a drag queen brasileira que mais está nos holofotes da mídia tem apenas 22 anos de idade, Phabullo Rodrigues da Silva, mais conhecida como Pabullo Vittar é uma cantora, compositora, *performer* e *drag queen*.

Fig. 10 – Capa do CD de Pabullo Vittar



(Fonte: <http://centralpablovittar.com>)

Gênero é, portanto, “a elaboração cultural da marca biológica de sexo” (Almeida, 1995, p.128). Além de ser “o que caracteriza masculino e feminino, é um construto social elaborado no discurso e que está discursivamente ligada ao sexo: homens devem ser masculinos e mulheres devem ser femininas” (Rolland, 2001). Já a marca biológica não é fator determinante da sexualidade do indivíduo, visto que “gênero existe precisamente porque a biologia não determina o social” (Connell, 2000, p. 27). De acordo com Giddens (1993, p. 25), “hoje em dia, a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós ‘tem’ ou cultiva, não mais uma condição natural que o indivíduo aceita como um estado de coisas pré-estabelecido”.

4.4. O pajubá e o processo do *Habitus Bourdiesiano*

Para Bourdieu (1985) o *habitus* é responsável pela explicação da reprodução das regularidades imanentes à prática, ou seja, como o agente incorpora determinadas expressões ao mundo social e como estas conseguem se tornar relativamente estáveis no momento em que os atores as usam no processo de comunicação. Esse ato está estritamente relacionado ao

uso do pajubá, já que não é mostrado por meio de regras, das quais Bourdieu rejeita, e sim pelo seu uso. Como bem pontua o teórico, o social fica impresso no individual, não somente no uso mental, sobretudo no uso corporal, que no meio LGBT entendemos como os trejeitos.

Para Mauss (1973), “a incorporação dos sujeitos ao mundo social (*social embedding*) concretiza-se nas formas de movimento, de gesticulação, de olhar e de orientação no espaço da vida”. Apropriando-se de um conceito linguístico, o *habitus* se relaciona com a definição social do falante, tanto mental quanto fisicamente, sua rotina de fala, de gestos e ações comunicativas corporificadas.

Indubitavelmente, o pajubá quando corporificado ao *habitus* faz com que o homossexual comece a adotá-lo como parte da construção de sua identidade. Nesse processo de transição/aceitação, o código é visto pelo falante como uma forma de resistência para mostrar à sociedade que não tem mais vergonha do que é, e quais são os seus propósitos para se sentir feliz.

“ Eu me sinto bem quando eu tô com meus amigos... acho que é porque eu me identifico com eles... não sei explicar direito...tipo, sabe quando você se sente à vontade pra fazer o que quiser, falar o que você quiser...aqui a gente pode xoxar...pode cantar Anitta...pode dançar rebolando... isso me faz feliz...as pessoas acham que nós só pensamos em ficar, mas eu não penso assim...acho que é muito melhor a companhia dos meus amigos do que de outras pessoas...pelo menos eu acho”. (Entrevistado 3)

No trecho da entrevista acima, percebemos o uso de um elemento que compõe o universo lexicológico do pajubá, o termo ‘xoxar’, isso, de forma natural, demonstra que a palavra ganha espaço no linguajar de um adolescente de 13 anos, que já carrega alguns trejeitos quando menciona ‘dançar rebolando’, indo ao encontro dos conceitos fenomenológicos de habitualidade e de “esquema corporal” (Bourdieu, 1985).

Certamente, nas grandes metrópoles, é mais fácil de o adolescente realizar o seu *Coming Out* (processo de sair do armário), por esse motivo a maioria dos gays jovens que moram no interior do Estado, pensam em se mudar para as grandes cidades com o intuito de estudar, trabalhar e ter sua própria independência. Antes, assumir-se como homossexual era mais difícil por conta de retaliações que poderiam partir da própria família ou mesmo dos amigos. Hoje já se tornou comum em uma família ter, no mínimo, um gay ou uma lésbica.

“...mana, na minha família, contando com primos, tios e irmãos, somos quase um time de futebol só de gays (gargalhadas)...o importante é o primeiro sair do armário porque os outros vão e aproveitam o embalo (risos), né mana, mas é a pura verdade. (Entrevistado 15)

“(…) eu tenho um primo que é gay...sabe aquele estilo bicha-fina (risos)...na verdade ele que me fez ter contato com esse mundo GLS...eu me dou super bem com ele...a gente sai juntos e até já paqueramos o mesmo carinha pra saber se ele era ou não...isso foi muito hilário...mas como já falei eu gosto de estar no meio deles pois é

só alegria e digo mais se namorado meu não gostar dos meus amigos, não tem conversa...é melhor perder um namorado ciumento do que minhas amigas (risos)...opa! meus amigos gays”. (Entrevistado 16)

Em ambos os trechos, os entrevistados revelam que têm gays em suas famílias. No primeiro, ocorre, em meio ao seu discurso, algo interessante quando ele diz que basta o primeiro se revelar que fica mais fácil para os demais. Isso deve ser justamente pela questão de aceitação por seus familiares. Como já aceitaram (fulano), também irão me aceitar. No segundo, além da entrevistada usar uma expressão do pajubá quando menciona ‘bicha-fina’, também revela, com entusiasmo, a sua relação de amizade com o primo gay. Um outro fator destacado foi quando ela mencionou que preferiria perder o namorado a um amigo gay, afirmando o poder de uma amizade homossexual na visão de uma heterossexual. Isso é devido, principalmente, pelo fato de os gays serem mais realistas quando o assunto é a mente masculina, já que ele conhece os costumes dos homens melhor do que as mulheres, ou mesmo, na hora de aconselhar as amigas sobre maquiagem, roupa, sexo e até formas de atrair os homens. Nesse quesito, em se tratando de amigas mulheres, geralmente, há o processo de império da autoestima, ou seja, a mulher fala o que a outra deseja ouvir, afinal ambas conhecem o psicológico do universo feminino.

Sair do armário é, sem dúvida, o primeiro passo para a iniciação do pajubá como um código linguístico de aceitação. De acordo com as conversas realizadas com os grupos LGBT’s em nossa pesquisa de campo. Quando a comunidade gay se reúne e no meio há um novo integrante, as ‘bichas-purôs’ (como são chamados os homossexuais mais velhos) costumam dar conselhos para as chamadas ‘gayzinhas’ (homossexuais jovens), sempre usando as expressões do pajubá para que ‘as novinhas’ sintam o poder de resistência desse vocabulário tão excêntrico. Geralmente falam primeiro sobre violência, já que a comunidade LGBT convive muito com esse problema. Em seguida, costumam falar sobre a AIDS e a importância do uso do preservativo. E, por último, falam do cuidado com as drogas e enfatizam o cuidado com o ‘rupinol’ (droga usada para fazer alguém dormir). Além desses itens, adoram falar sobre bebidas e homens e, grande parte do tempo, sobre sexo. Para ilustrar destacamos dois trechos retirados durante as conversas nos grupos quando perguntamos sobre os *points* LGBT’s. Notem que é visível o uso carregado do pajubá nos homossexuais mais velhos falando com os mais jovens:

“ (...) bicha, é ekê da senhora...vem dizer que nunca entrou na boate no truque da carteira falsa...meu amor, eu já senti a marola...por isso falo mesmo pra essas gayzinhas que tem mermo é que tomar cuidado com os cafuçus... a bichinha vê o boy e já quer chupar...na testa dele tá escrito (tenho AIDS!)... não, né...aí a bicha vai e faz o pipo no boy... você entra no dark-room vê lotado de bichinha tudo chupando

os boy...depois desce, fica morta de colocada... e quando volta pra casa leva coió dos marginal (...)"

" (...) viado...deixa de ser trucosa que a senhora só vive no banheirão do T3 catando a mala dos boy...fica falando aí dizendo que só frequenta o cabareth e artefato querendo dar uma de bicha chic...e ainda fala que só porque é nova ainda não conhece direito as coisas...a senhora é muito da sua mentirosa mesmo... pensa que a gente não sabe que a senhora faz o tour nos terminais...que vive no banheiro do Carrefour e da Bemol...pra cima de mim, meu amor, que sou sambada na casca do alho (...)"

Nos comentários acima podemos observar algumas colocações interessantes que fazem parte da realidade dos gays mais jovens. Geralmente não há o devido cuidado quanto à prevenção, principalmente quando o gay mais velho comenta sobre a AIDS; sobre a violência, no final do comentário, ele afirma a vulnerabilidade dos homossexuais frente ao perigo nas ruas e que o fato de os gays beberem em excesso acaba se tornando um alvo ainda mais fácil. Quanto ao segundo trecho, além de inúmeras expressões do universo pajubá, há um processo de desconstrução de personagem e, pelos comentários, refere-se ao gay mais jovem que se mostra com uma figura mais puritana, porém suas atitudes são colocadas em xeque por um homossexual mais experiente.

Assim como há os gays jovens que fingem ser inexperientes, há aqueles que mostram uma maior atenção no que tange às temáticas até aqui levantadas como sexo, drogas, violência e etc.

" (...) eu sei que ainda tenho muita coisa pra aprender e mesmo tendo 13 anos, não sou do tipo doida, entende?... tipo, quando você faz muita coisa errada como beber, fumar, ficar se drogando...eu vejo muita gente falando de morte, morte e morte...isso me deixa com medo...eu tenho vontade sim de conhecer uma boate, mas agora acho que ainda tá muito cedo pra mim...meu amigos falam que eu fico me rasgando...só porque eu vivo dançando...ficam falando que eu vou dar trabalho quando eu for pra boate com eles...eu acho que não...eles só vivem falando dos boys...acho que a palavra que mais a gente ouve é neca (risos) (Entrevistado 3)

Na fala do entrevistado acima, podemos perceber que mesmo, já iniciado no pajubá, demonstrado por meio dos termos 'boys' e 'neca', ele ainda se sente muito inexperiente e, até mesmo, amedrontado, já que, geralmente, os gays dessa idade, por questão de curiosidade, acabam indo para as boates, usando um documento falso. No caso do nosso entrevistado, o fator violência o deixa apreensivo.

Diante de todos os argumentos e comprovações, por meio dos trechos das entrevistas e conversas em grupo, podemos concluir do item apresentado sobre o pajubá que, embora não haja um processo formal de iniciação ao universo LGBT como existe em muitas etnias, há algo, em comum, com os demais grupos que é a transmissão oral passada do mais velho para o mais novo, caracterizando o poder do *habitus bourdiesiano*.

A transmissão cultural entre as gerações é tão antiga quanto à humanidade, nascida que é da condição humana fundamental. Nossas vidas constituem uma fusão entre natureza e cultura; no entanto, natureza e cultura estão em contradição. Sendo a cultura a essência daquilo que converte indivíduos humanos em grupos (o núcleo de identidade social humana), sua continuidade vital. Todavia em contraste com as pretensões da cultura de representar a tradição através dos séculos, as chamadas verdades eternas, está a crua brevidade da vida humana. Daí a necessidade universal de transmissão da cultura entre gerações. (THOPSON, 1993, p. 9)

4.5. Pajubá e a Sociolinguística: um código eufêmico da fala homoafetiva

Depois de todo o percurso de como se originou o pajubá, visto ainda na introdução de nosso trabalho, e após ter perscrutado o seu processo de formação. É de suma importância identificar no pajubá elementos do universo sociolinguístico que o validem como um código que eufemiza certas expressões mais vulgares do linguajar gay. Deixando enfático que nosso *corpus*, no que concerne a elaboração deste último tópico de nosso trabalho, obteve dados de participantes dentro e fora do meio LGBT com o propósito de termos uma noção da dimensão do tema, já que muitos usam o código, mas não sabem sua origem. Nesse quesito, a nossa enquete realizada por meios das redes sociais, foi de fundamental importância, conforme afirmam os dados abaixo:

Gráfico 4 – Conhecimento acerca do Pajubá – 60 LGBT's entrevistados

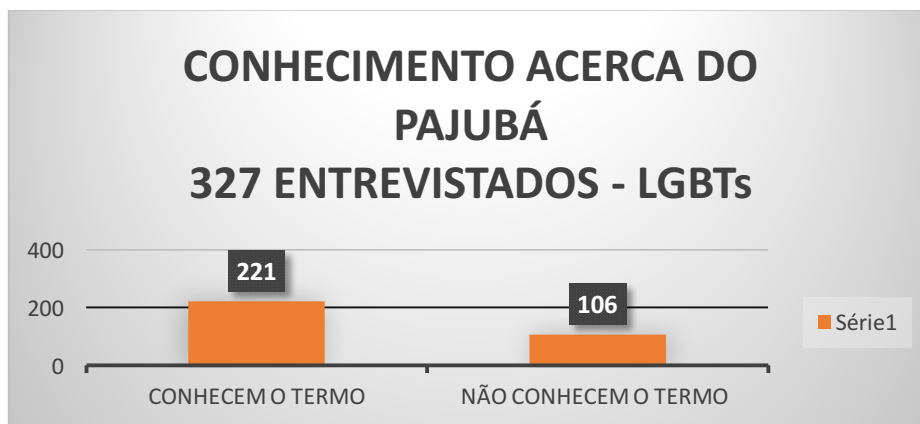


Gráfico 5 – Conhecimento acerca do Pajubá – 25 Heterossexuais entrevistados

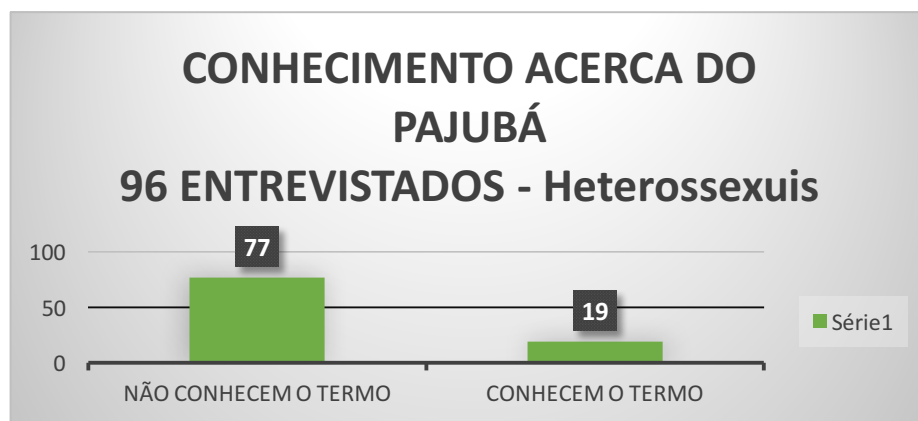


Gráfico 6 – Como tomou conhecimento do Pajubá – 60 participantes LGBT’S

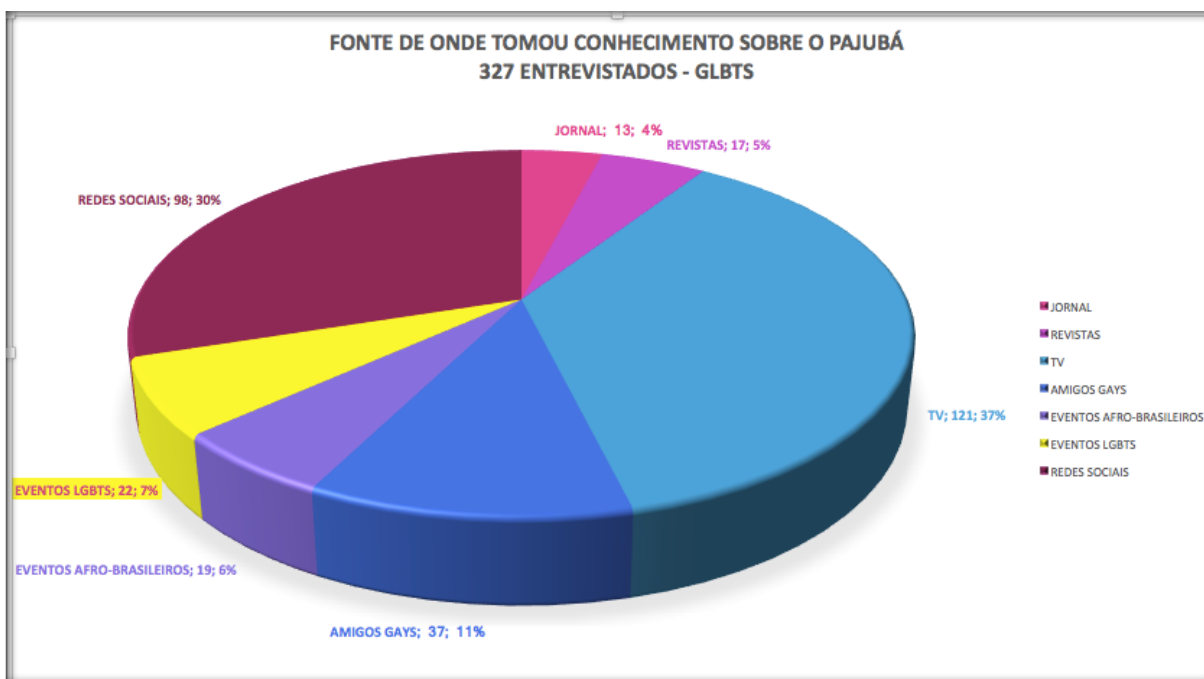
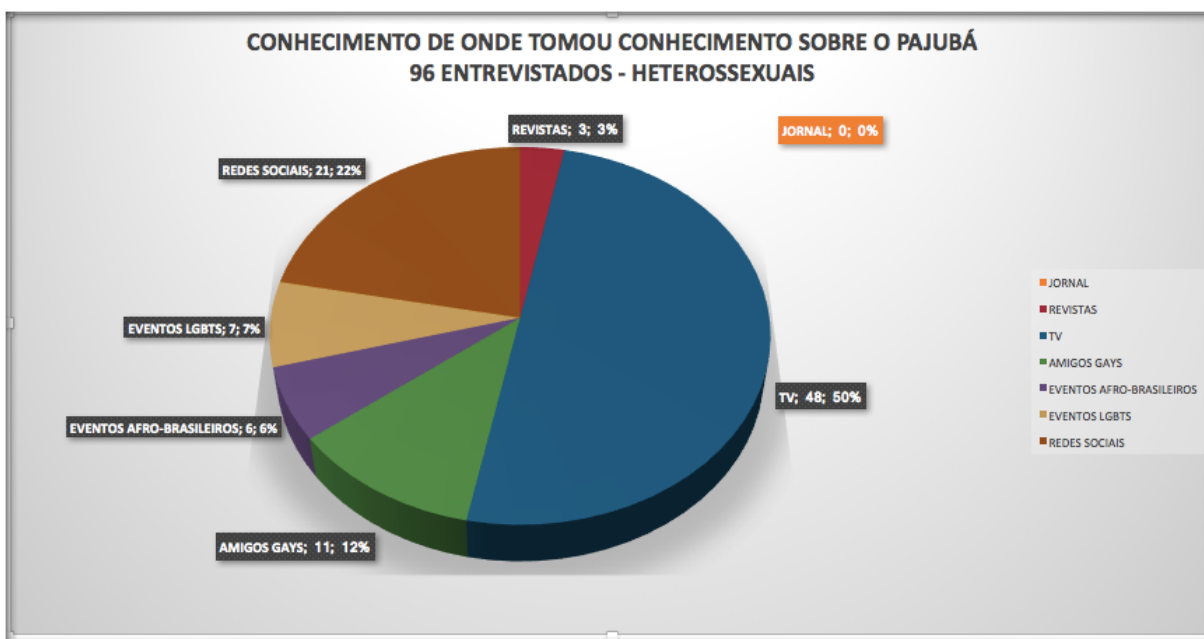


Gráfico 7 – Como tomou conhecimento do Pajubá? - Heterossexuais



De acordo com os dados revelados, observamos aspectos relevantes não somente quanto ao uso do pajubá como um fenômeno eufêmico no linguajar dos LGBT's, mas também quanto à sua disseminação na sociedade e acerca do que ele retrata; além desses dois aspectos, foi observado como as comunidades homossexual e heterossexual definem, em sua visão, a classificação do pajubá enquanto elemento linguístico, conforme os gráficos abaixo:

Gráfico 8 – Como os LGBT's classificam linguisticamente o Pajubá

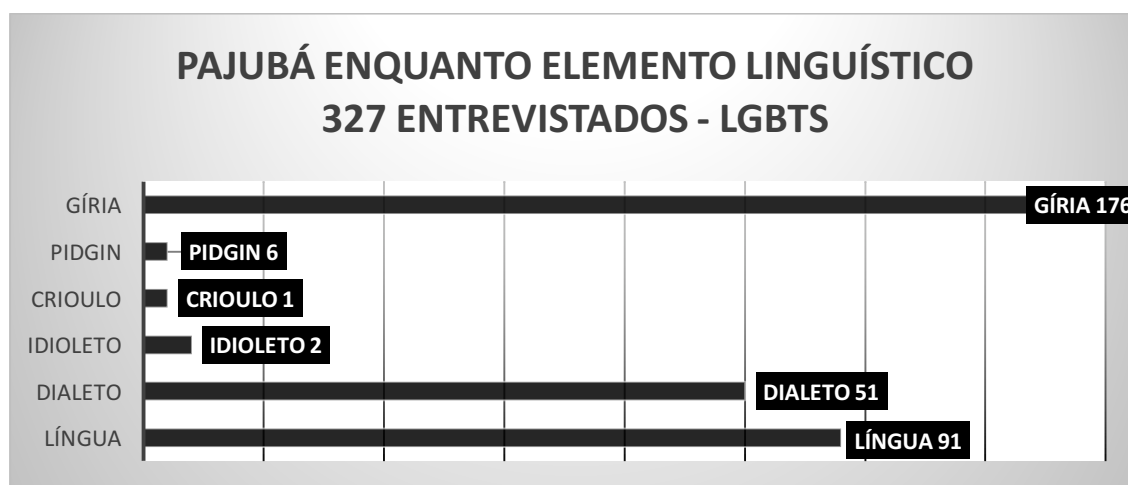
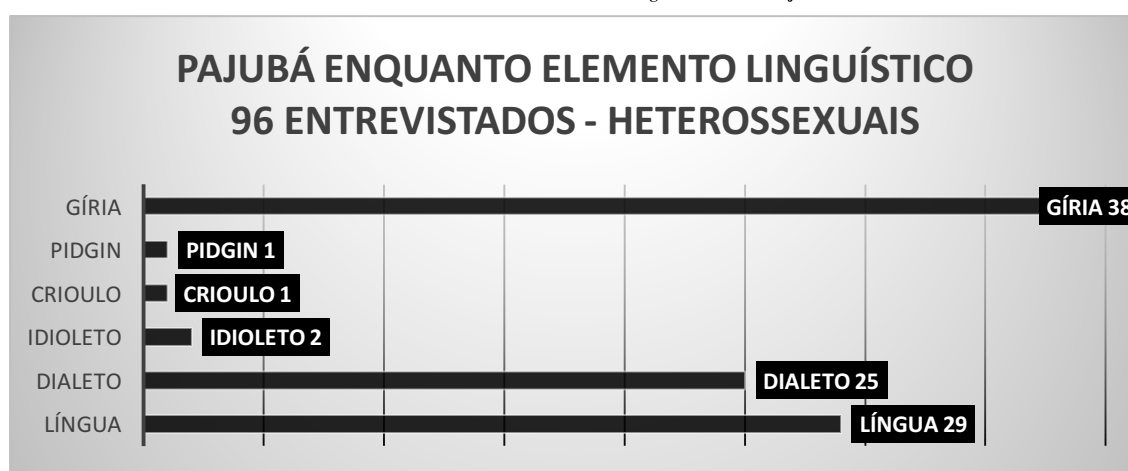


Gráfico 9 – Como os Heterossexuais classificam linguisticamente o Pajubá



Embora muitos não percebam, o código linguístico falado pela comunidade homoafetiva, reveste-se da estética para não ser tão malvista pela sociedade. Antigamente, os heterossexuais tinham muita vergonha ou até medo de estar no meio LGBT. Hoje, já notamos que a população começou a “abrir a mente” e aceitar, aos poucos, o comportamento linguístico dos homossexuais, desde que não fira o que chamamos de princípios morais do povo

...sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal. (VÁSQUEZ 1998, p. 84)

Traçando os estudos do pajubá e seu processo de eufemização, podemos também fazer uma conexão com o campo da Sociolinguística Interacionista, que tem como propósito investigar a linguagem na comunicação entre as pessoas e o contexto em que a comunicação se desenvolve através de *footing* que, segundo Goffman (1998), é o “termo usado para

explicar as interações entre falante e ouvinte e o contexto, e é representado por meio de um alinhamento, postura e projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção”.

É através do *footing* que o falante consegue representar determinados papéis e, conseqüentemente, desenvolver sua postura corporal, gestos, palavras, frases e estruturas para se expressar de acordo com o contexto no momento da fala; sempre levando em consideração o seu ouvinte quanto ao processo de assimilação. Tais representações é o que ocorre no meio LGBT, no que tange ao uso do pidgin pajubá, já que os seus falantes nem sempre vão usar os termos em locais inapropriados como no seu trabalho que devem agir de maneira formal para não ferir o seu campo profissional ou, mesmo, em seu ambiente familiar. Não devemos esquecer que muitos gays, ainda não são aceitos por sua família, seja por questões religiosa ou moral.

“ Na minha escola eu faço de tudo pra não dar pinta...mesmo assim volta e meia eu solto uma (risos)...eu entendo que temos que respeitar as pessoas, mas também acho errado que elas nos obrigue a falar sempre como se não fosse gay...sabe uma sensação tipo de quem se sente preso...eu concordo que o pajubá deixa a maneira de falar mais suave sim..pena que eu ainda não sei falar muito bem, mas eu sei que vou aprender [...]Quando venho ao shopping com meus amigos, me sinto leve e muito à vontade para falar com eles sem que seja julgado...coisa que não acontece na minha casa, pois meus pais me proibem de falar determinadas coisas...eles são evangélicos e falam que, enquanto eu morar sobre o teto deles, tenho que respeitar o gosto deles...por isso não vejo a hora de ser de maior para poder sair de casa e ter mais liberdade...eu só tenho 13 anos, mesmo que aparenta mais idade [...]Acho que o pajubá pode sim ser falado em casa, afinal é em forma de código mesmo...ruim seria se falássemos em pica, boquete, cu...desculpa se eu não posso falar isso na entrevista...é sério (risos)... não fica melhor falar neca, pipo, edi...assim não ofende ninguém, faz a gente se sentir melhor... não sei explicar direito...é tipo uma maneira de a gente se sentir mais poderoso (gargalhadas) pelo fato dos outro não entenderem...sabe quando alguém fala em inglês...mais ou menos isso”. (Entrevistado 3)

“Acredito que devemos respeitar uns aos outros acima de tudo...mesmo sendo gay não devemos falar expressões de baixo calão dentro de casa ou no ambiente de trabalho... por isso adoro vir para o cinema, pois aqui podemos falar sem sermos policiados...adoro conversar com outros amigos...” (Entrevistado 2)

“Sinceramente, eu prefiro ficar aqui no largo com minhas amigas do que em casa...meus pais são muito chatos... não posso nem levar minhas amigas pra casa...tipo a gente não vai fazer nada de mais...tipo eles ficam bem pensando que vou me agarrar ou que minhas amigas vão falar putaria...”(Entrevistado 8)

Conforme os trechos apresentados, podemos constatar o quanto é complicado o indivíduo não se expressar da maneira que gostaria, todavia é preciso observar que não se pode falar sempre o que queremos sem observar o ambiente e nossos interlocutores.

É exatamente isso que ocorre no uso do pajubá como resultado da dinâmica pela qual a língua passa com todos os seus processos de interação entre seus participantes e indo ao

encontro de várias tribos urbanas, dentre elas os membros da comunidade LGBT. Esta, por ser uma comunidade ainda bastante marginalizada, faz uso do pajubá como código linguístico de resistência, até para não ofender a sociedade com algumas expressões explícitas presentes no seu linguajar, além de se tornar uma maneira de se proteger contra a homofobia ainda bastante presente no meio dos homossexuais.

Para ampliar nosso estudo no viés sociolinguístico, conseguimos, por meio de algumas entrevistas, observar melhor os fenômenos diastráticos presentes no pajubá quanto à faixa etária e quanto ao grau de escolaridade dos entrevistados.

Logo que iniciamos a visita em uma das saunas mais conhecida e conceituada da cidade de Manaus, deparamo-nos com um público cuja faixa etária era acima dos 30 anos, sendo que a maioria eram homens casados e os únicos mais jovens eram os garotos que trabalhavam na casa, cuja faixa etária era de 18 em diante, sendo diferenciados pela cor da toalha (vermelha). No evento, conseguimos três entrevistas, e delas destacamos os seguintes trechos:

“ Eu venho aqui pelo menos uma vez por semana para relaxar do estresse...caio na piscina... entro na sauna...participo, de vez em quando, de uma suruba...subo para a cabine com algum dos garotos e o resto você já pode deduzir [...]eu prefiro os garotos com cara e voz de homem...tem alguns mais afeminados...não gosto muito da maneira como eles falam...só pego quando são muito bonitos, mas prefiro que eles não conversem” (Entrevistado 10)

“Eu trabalho aqui duas vezes por semana...gosto dos boys como eu, mas geralmente fico com as mariconas porque pagam bem...alguns querem só fazer um boquete e conversar...tem dias que não consigo nada...mas eu faço curso de enfermagem pra crescer, né? Sei que meu corpo não vai ficar assim pra sempre [...]eu sou versátil...a maioria quer ficar comigo porque sou o pacote...se quiser olhar não precisa pagar nada... (risos)...” (Entrevistado 18)

“Meu amor...a tia aqui ainda faz sucesso com os boys... não sou mais o corpo que era quando novinha, afinal são 63 anos muito bem vividos...mas faço um pipo que nem uma banguela...é só tirar a chapa, querida! (gargalhadas)”. (Entrevistado 1)

Ao analisar os trechos acima, podemos observar alguns aspectos pertinentes ao nosso objeto de estudo. Primeiro, o ambiente dos entrevistados é propício para o uso do pajubá, pois é visitado apenas por membros da comunidade LGBT. Foi o que vimos principalmente na área da piscina, quando um grupo de gays começaram a conversar acerca de temas diversos, mas sempre voltando à pauta sobre o protótipo de homem ideal na sociedade contemporânea. Segundo, a faixa etária dos entrevistados, que varia de 22 a 63 anos, em meio a entrevista, o mais jovem usa uma expressão que demonstra distanciamento quanto ao pidgin pajubá, quando menciona “boquete”, ao referir-se a sexo oral; o mais velho, no entanto, aproxima-se do código, pois usa o termo “pipo” ao ato, demonstrando assim identificação e total eufemismo. Terceiro, o grau de escolaridade; o entrevistado 10, mostra, por meio de seu

discurso, não usar o pajubá, diferente do entrevistado 18, que fez uso do pidgin quando usou os termos “boys” e “mariconas”; é saliente observar que ambos são bissexuais, todavia é pelo grau de escolaridade que notamos suas diferenças, o mais novo acabou de finalizar o ensino médio, enquanto o outro já tem nível superior.

Diante das perguntas deu para notar que a maioria dos garotos da casa ainda não finalizaram o ensino médio e que os clientes já tinham nível superior. Havia gente que nem sabia o que era pajubá, mesmo fazendo uso de algumas expressões. O mais importante foi conseguir identificar o eufemismo proporcionado pelo pidgin, com o uso dos termos “pipo” ao invés de sexo oral e de “pacote”, referindo-se ao pênis. Embora alguns falantes usem o pidgin inconscientemente, a reprodução das expressões nos leva a crer que, na maioria dos ambientes em que circulam algum participante da comunidade LGBT, sempre há algum resquício do pajubá.

No que tange ao pajubá voltado especificamente às lésbicas, percebemos também algumas peculiaridades em seu linguajar, mesmo que numa dosagem menor. Para afirmar a sua condição de gênero, elas criaram alguns termos que não são falados pelos gays masculinos como uma forma de se comunicarem somente entre elas, seria um pajubá lésbico. Quando ainda nova no meio LGBT, a lésbica é chamada de girino, e passam a se enturmar com outras, formando o que elas costumam chamar de brejo, ou seja, onde ficam várias sapas ou pererecas. Se relacionarmos esses termos, fundamentando-os ao termo ‘perereca’ que é mais comum até para os homens, sabemos que corresponde a mulheres, sendo que, ultimamente a expressão recebeu até uma forma carinhosa que é ‘pepeca’.

“(...) nós lésbicas, a gente também tem a nossa como ‘girino’, ‘pepeca’, e quando a gente tá com raiva a gente tem o costume de dizer assim: buceta minha irmã! (...)”
(Entrevistado 8)

Além das entrevistas, através de nossa enquete, perguntamos aos participantes (LGBT’s e heterossexuais) como eles tiveram conhecimento do pajubá e qual a receptividade deles com relação às expressões. Do grupo LGBT, a maioria respondeu que foi por meio dos programas televisivos, por amigos, e pelas próprias redes sociais, conforme a tabela 4 do nosso trabalho. Para o grupo dos heteros, além dos programas de televisão, também falaram da importância dos amigos gays, que frequentam as boates GLS. Quanto à receptividade do pidgin, de acordo com a visão de nossos entrevistados e conversas em grupo, os grupos LGBT’s e heteros mostraram-se totalmente favoráveis à ideia do eufemismo proporcionado pelo pajubá, já que entendem haver muitas palavras de baixo calão no linguajar da classe, por esse motivo o pajubá sempre foi classificado como gíria. O segundo grupo, por sua vez, disse

que, até então, era novidade um estudo ligado ao código linguístico dos homossexuais, além de acharem a linguagem divertida e, acrescentaram, a importância do pajubá como uma forma de respeito à sociedade.

“ Nunca ouvi falar em pajubá...é de comer (risos)...ah! a “língua” que os gays se comunicam...já ouvi sim...tenho amigos gays...acho engraçado as expressões, mas quando começam a falar muito rápido eu fico perdido...fico até achando que eles estão me tirando [...] na minha opinião além de ser engraçado fica bem melhor...assim eles evitam chamar muito palavrão...ainda mais meus amigos que falam muita putaria”. (Entrevistado 17)

No trecho acima, extraído de uma entrevista com um heterossexual, é visível que o falante, por não fazer parte da comunidade e não usar o pajubá, conseqüentemente, não o reconhecerá como um código linguístico, muito menos terá relação de identidade com ele. Isso mostra que, dependendo da tribo urbana da qual fazemos parte, cada uma terá um repertório de expressões com as quais irá se identificar.

O pajubá, enquanto código linguístico de resistência da comunidade LGBT, precisa ser exposto. Necessita ser falado pelos membros que dele comungam. Se um homossexual não falar, em momento algum, nessa forma codificada, pode ser que ele ainda não se aceite como um LGBT. Geralmente o gay que tem preconceito contra os demais membros de sua própria comunidade, acaba afetando o meio em que vive, ou seja, acaba externando a sua repressão, até mesmo, em momentos inadequados, ou seja, acaba descontando em quem não merece ouvir, gerando desconforto entre os colegas.

Quando Rousseau (1755), fala em sua obra, *O discurso sobre a origem da desigualdade*, que “o homem é fruto do meio”, ele estabelece que somos o resultado da cultura familiar, educacional e acadêmica do meio em que nascemos, ou seja, se agirmos com papéis diferentes daqueles em que sempre atuamos, pode haver algum tipo de dissonância.

É por isso que os códigos surgem, geralmente, com propósito de estabelecer uma conexão que, de alguma forma, trará benefício para alguém. A única coisa com que devemos ter cuidado é não ferir o interlocutor com termos que, para ele, sejam ofensivos. É por esse motivo que nos relacionamos uns com os outros, para aprender a conhecer e compartilhar ideias, ou mesmo, sentimentos. Quando não temos afinidade com uma pessoa e passamos a desprezá-la, provavelmente, há alguma coisa errada. É por isso que devemos respeitar as particularidades linguísticas de cada um, pois aí tem a presença de sua identidade. A sociedade tem que parar de achar que a sua opinião é a única. As classes menos privilegiadas criam seus próprios códigos de resistência, através da língua. Se uma classe marginalizada se sente hostilizada em sua maneira de falar, pensar e agir, é óbvio que seu sistema de defesa

será ativado, e, assim, vai procurar uma outra forma de sair do universo invisível, da qual ela faz parte.

Sempre que possível, determinados grupos se isolam, adotam uma linguagem especial (em particular no campo lexical), opondo-se ao uso comum. Esse comportamento linguístico, naturalmente, é decorrente do próprio comportamento social (é, inclusive, parte dele) e poderia ser denominado de uso restrito de certos grupos sociais. (CASCIANI, 1984:2)

Não podemos esquecer que, de acordo com o viés da antropologia linguística, o vocabulário marginal é extremamente simbólico e expressivo, já que transparece a cultura de seus falantes, com toda a sua originalidade e ousadia. O que realmente falta é mais esclarecimento sobre as várias categorias de identidade de gênero, orientação sexual e o que pode ser considerado um ato homofóbico.

“...pra mim o viado deve ficar no canto dele...tem muito viado que dá em cima da gente, e quando levantamos a mão pra dar umas boas porradas...vem esse tal de direitos humanos e fica tachando a gente de homofóbico...eu só tolero um viado que é amigo da minha namorada por causa dela...se não fosse isso... não gosto das frescuras, da voz fina...forçando...como já falei...não mexendo comigo tá de boa”.
(Entrevistado 19)

No discurso acima, retirado do trecho de uma entrevista, temos a prova concreta de que falta mais diálogo entre as pessoas e o quanto o que foge aos padrões convencionais incomoda. Se o pajubá, falado hoje pela comunidade LGBT, incomodar uma pequena parte da sociedade, significa que alguém não se identifica com o código linguístico, que ele não faz parte do cotidiano dela, porém começar a rechaçar a figura do homossexual apenas pelo simples fato de não gostar que ele fale dessa maneira, é a essência do preconceito linguístico.

A comunidade LGBT já passou por muitos conflitos para conquistar seu espaço na sociedade, não vale a pena regredir, calando-se. O pajubá, enquanto código linguístico de resistência, tem que ser propagado. Deve ser compartilhado com os gays mais jovens. Como já foi mencionado é por meio da língua que temos a ferramenta de mudança. Identidade linguística não é um fator biológico, mas é algo que se internaliza desde cedo pelos falantes de uma comunidade. Desde criança, o indivíduo começa a criar o seu repertório de palavras e, aos poucos, vai enriquecendo o seu discurso. A sua maneira de falar reflete o papel que ela assume dentro de uma sociedade.

4.6. Considerações Finais

Estudar a fala de uma comunidade tão vilipendiada é extremamente motivador, pois, como se costuma falar no universo acadêmico, deve-se ter uma relação íntima com o tema abordado para sentir prazer em pesquisá-lo. Foi justamente isso que aconteceu, procuramos nos desprender do juízo de valor e do preconceito que ainda carregávamos por não conhecer tão bem a realidade de cada um dos membros da comunidade LGBT da cidade de Manaus. Primeiro, começamos a entrevistar os gays masculinos (tanto os assumidos quanto os não assumidos), para compreender a grande dificuldade de aceitação e identidade dentro da sociedade. Em seguida, buscamos entender melhor o universo das lésbicas, ao ponto de conseguir identificar, em sua fala, expressões diferentes das existentes do universo dos gays masculinos e isso, sem dúvida, motivou-nos ainda mais para continuar estudando o código linguístico LGBT. Depois, nosso alvo foram os bissexuais e heterossexuais, que colaboraram bastante para que pudéssemos colher informações acerca do fator identidade e preconceito. E, por último, os transformistas e as travestis, que enriqueceram nossos estudos quanto ao conceito de identidade de gênero e no que concerne o combate à homofobia.

Um fator observado com os participantes, que conheciam o pajubá, era a expressão gíria ou dialeto. Alguns, até de uma forma mais emblemática, confirmavam que o pajubá era gíria pelo fato de a comunidade LGBT ser considerada um grupo marginalizado. Os outros (de nível superior), que tinham uma visão um tanto mais intelectual sobre o pajubá, chamaram-no de dialeto, por fazer parte de um linguajar de um grupo urbano de gays. Isso foi altamente relevante, pois como postula Ferreira (2003), “a pesquisa desenvolve a capacidade intelectual e moral do ser humano, com o objetivo de facilitar sua integração individual e social”.

Este capítulo apresentou os resultados colhidos a partir de nossa pesquisa para melhor compreensão dos fenômenos linguísticos do pajubá. Embora nossa fundamentação teórica tenha sido imprescindível para afirmar o pajubá como uma gíria comum, foi ouvindo a comunidade LGBT com toda a sua irreverência, que conseguimos comprovar com mais exatidão como se classifica, linguisticamente, o pajubá. No início, como língua; depois, como dialeto e, finalmente, como gíria, mesmo com o contato da LA com a LP.

Depois de entrecruzarmos cada item na formação do pajubá, passamos a discorrê-lo a partir de uma visão mais antropológica. Foi nesse cerne que pontuamos, a partir de nossa coleta de dados, fatores cruciais para justificá-lo como uma “língua de resistência” e “identidade linguística”. Por meio dos debates em grupos, conseguimos notar que a comunidade LGBT ainda se sente estagnada diante tanto preconceito. Por esse motivo,

começam a ver no pajubá uma maneira de se mostrar como alguém que se orgulha de sua identidade, que vai às ruas lutar por seus direitos, usando a sua fala como ferramenta. Segundo Santos (2003, p.39), “...estar no mundo como um indivíduo, enquanto ser social e cultural, concretiza-se através da sua fala, dos atos que processam com e através dela”.

Hoje, embora já exista um diálogo sobre diversidade de gênero, por exemplo, há pessoas ainda extremamente apáticas com o assunto, como presenciamos em nossas entrevistas feitas com o público heterossexual, principalmente, os que compõe o universo masculino. Nesse item, foi comum, principalmente os travestis, relatarem o preconceito que sofrem nas ruas, por isso buscam no pajubá um ‘arauto’ de empoderamento. Em nossas entrevistas, conseguimos vislumbrar que o pajubá é um código linguístico que ajuda aos homossexuais a resistirem contra o abuso de pessoas mal-intencionadas. Foi através das conversas em grupos que percebemos a grande dificuldade que a sociedade tem em distinguir identidade de gênero com orientação sexual.

Foi partindo dessa grande falta de esclarecimento, que nos vimos na obrigação de apresentar a comunidade LGBT, dentro da categoria de gêneros, como os membros falantes do pajubá. Outro elemento extremamente relevante é o código linguístico usado como rito de passagem do chamado “sair do armário”. Pudemos detectar, por meio de entrevista, que os gays mais jovens quando começam a se identificar com o movimento LGBT, passam a se enxergar verdadeiramente como um ser detentor de direitos, como alguém que não precisa mais estar ‘mascarado’ e, principalmente, como alguém que se sente feliz da maneira que gosta de ser.

E como último item, o pajubá e a sociolinguística, foi que ouvimos de nossos participantes o quanto o pajubá consegue deixar as expressões mais suaves. Muitos falaram bastante sobre a questão de respeitar uns aos outros, principalmente o espaço do outro. Concordaram quanto ao uso dos termos serem amenos. Antes se sentiam malvistas, hoje, sentem-se bem menos. Falaram o quanto ainda precisa ser modificada essa relação entre os heterossexuais e os gays. E o quanto a homofobia precisa ser combatida e o preconceito entre os próprios membros da comunidade LGBT, dizimado. É, através do pajubá, que os gays afirmam as suas “vozes”.

CONCLUSÃO

Este trabalho, em sua maior parte, foi descritivo, para obter resultados satisfatórios; afinal, nosso propósito era tratar do código linguístico da comunidade LGBT, que, até então, carecia de um enfoque mais técnico e científico. Foi, principalmente, por meio das entrevistas, que conseguimos materializar o uso do pajubá na fala dos homossexuais.

Indubitavelmente, a nossa principal indagação, ao longo da pesquisa, foi justamente como classificar o pajubá dentro da esfera linguística, já que se trata de um fenômeno pouco estudado. Confessamos que, no início, cogitamos em classificá-lo como língua; depois, como dialeto; mais tarde como pidgin, foi, então que, a partir de uma melhor análise, chegamos a conclusão de que se trata de uma gíria, confirmada a partir de análise dos nossos dados, o qual procuramos aprofundar com mais propriedade a partir dos fatores discursivos na fala do universo LGBT.

Ao iniciar nossos estudos, parecíamos estar diante de um universo extremamente desconhecido, mesmo fazendo parte dele. Embora a primeira manifestação em querer trabalhar com este tema tenha surgido no ano de 2011, não o iniciamos com o receio de não ter abrigo de orientação e nem suporte teórico suficiente para desenvolvê-lo e optamos por engavetá-lo. Foi, então, que em 2014, após ter o primeiro contato com a dicionária Aurélia e ter falado com um dos autores, Vítor Ângelo (conhecido com o pseudônimo de Ângelo Vip), foi que nos propusemos tratar do pajubá como tema científico.

Nossa contribuição para a comunidade LGBT foi identificar o pajubá como um código linguístico de resistência já que o seu uso reafirma a condição do homossexual em se orgulhar do seu papel na sociedade. Para Ferreira (2003), “a pesquisa desenvolve a capacidade intelectual e moral do ser humano, com o objetivo de facilitar sua integração individual e social”.

Por meio dos nossos instrumentos, detectamos que a comunidade gay realmente se identifica com essa gíria, porém com a consciência de que deve levar em consideração o local e o público. Nos eventos LGBT's, por exemplo, dos quais participamos, o código é falado com a mais natural forma possível, incluindo nele também a linguagem corporal, muito presente nos trejeitos dos homossexuais, como pontuamos a partir da teoria do *habitus* de Bourdieu. Este ato assegura, de forma fidedigna, a sua identidade dentro da sociedade, sem que precise se ‘mascarar’, e se realize no *Coming out*, termo inglês batizado na década de 90 para denominar o famoso ‘sair do armário’.

O armário gay não somente é uma característica das vidas das pessoas gays, mas para muitas delas é a característica fundamental de sua vida social. São poucas as pessoas gays, por mais valentes e diretas que sejam habitualmente e por mais afortunadas no apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja uma presença determinante. (SEDGWICK, 1998, *apud* MARQUES FILHO, 2007)

No tocante à origem do pajubá, formulado em nossos objetivos específicos, elencamos o máximo de categorias que conseguimos extrair da fala homoafetiva, e, para nossa surpresa, foram os itens mais excêntricos que possamos imaginar do universo linguístico da comunidade LGBT, como a presença de expressões africanas e indígenas. Isso afirma que o código pode ainda ficar mais cifrado do que já é. Os grupos, compostos excessivamente pelos homossexuais, veem no pajubá uma forma de defesa, principalmente, contra a homofobia. Por isso ao invés de facilitar a compreensão desse código linguístico de resistência, procuram deixá-lo ainda mais cifrado; por esse motivo acrescentam a palavra-vazia (SSIMI) em posição sufixal.

É importante mencionar que, no início da pesquisa, pensamos em atuar no campo da dialectologia, enumerando o máximo de expressões de origem africana que pudessemos encontrar e comprovar se o pajubá deveria ser tratado como um fenômeno linguístico africano ou afro-brasileiro. Foi, então, que ouvindo a comunidade participante de nossa pesquisa, percebemos que mais elementos poderiam ser categorizados e assim o fizemos.

Cabe também enfatizar o descontentamento de um grupo de participantes heterossexuais, que se sentiam incomodados ao serem abordados e questionados sobre o fenômeno do pajubá. Assim que mencionávamos que se tratava de um código linguístico da comunidade gay, muitos não queriam mais participar de nossa entrevista. Isso mostra o despreparo existente na sociedade para discutir temas ainda voltados à temática LGBT, tornando-o mais uma vez tabu, e, por vezes, enquadrando-o como um assunto ligado ao profano.

Quando nascemos, chegamos a um cenário inventado previamente. Aqueles que não se encaixam nas categorias estabelecidas são demonizados ou tratados medicamente. Os teóricos queer, seguindo o trabalho de Foucault, tentam questionar esta demonização, normalização e tratamento. A chave do ativismo queer reside em puxar ao avesso as práticas de normalização. (MORRIS, 2005, p. 41)

Foi no viés da linguística antropológica que nossas expectativas com relação à pesquisa, motivou-nos ainda mais. Nessa fase, sentimos a necessidade de averiguar o que passa na mente dos gays mais jovens a se identificarem com o pajubá e transformá-lo numa língua de resistência.

Foi ainda nesse momento da pesquisa que buscamos, por meio de nossa coleta,

melhores esclarecimentos sobre a categoria de identidade de gêneros para contribuir com a sociedade, já que há muitos pais hoje que têm dificuldade de entender esse universo observando os atos dos seus filhos. Acreditamos que, através de alguns conceitos formulados partindo da fala de nossos participantes, pudemos discutir mais sobre o assunto e, principalmente, aclarar a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Deixando enfático que nosso propósito não era o de estabelecer comparações entre essas identidades, mas sim perceber qual (is) ou dela(s) era a que mais falava o pajubá.

Outra contribuição que achamos relevante no decorrer de nossa pesquisa, foi a opinião da comunidade homossexual e heterossexual sobre a questão do eufemismo construído através do pajubá. Como antes não se usava o código linguístico, as expressões saíam naturalmente de acordo com os termos do PB, com todas as suas variantes linguísticas possíveis nos quatro planos da sociolinguística: diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica. Um exemplo fiel é o termo científico ‘pênis’, que varia nas quatro esferas – ‘piroca’ (diacronicamente), ‘chibata’ (diatopicamente no falar nordestino), ‘pomba’ (no falar dos heterossexuais mais jovens) e ‘órgão reprodutor masculino’ (no falar dos professores de Ciência). Atualizando o termo de acordo com o código linguístico do pidgin pajubá temos “neca ou mala”, ou seja, no uso da expressão em meio a um grupo de senhoras, por exemplo, não soaria como algo ofensivo a seguinte frase: *cata a mala do ocó!*

[...] a norma-padrão aparece fora do universo da variação, fora dos usos sociais da língua empiricamente comprováveis. [...] a norma-padrão não faz parte da língua, não corresponde a nenhum uso real da língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata, um discurso sobre a língua, uma ideologia linguística, que exerce efetivamente um grande poder simbólico sobre o imaginário dos falantes em geral, mas principalmente sobre os falantes urbanos mais escolarizados. [...] apesar de ser um produto cultural, de natureza diferente das variedades linguísticas efetivamente empregadas pelos falantes, a norma-padrão tem que ser incluída em qualquer estudo sobre as relações entre linguagem e sociedade. (BAGNO, 2007, p. 106-107)

Devemos nos ater mais quanto ao assunto em questão, pois se o preconceito linguístico for sempre interpretado como uma “simples brincadeira”, continuaremos dando voz a uma classe privilegiada, muitas vezes formada por pessoas bem instruídas intelectualmente, mas carregadas de juízo de moralidade.

Aprender a moral depende de descobri-la nas relações com os outros; não aprendemos solidariedade ouvindo a respeito dela, nem honestidade, nem correteude

de ações, nem justiça em nosso julgamento(...)Só sendo solidário com, honesto com, agindo sobre, é que aprendemos a fazer bem tais coisas; isso só se aprende fazendo. (MENIN, 2002, p. 62)

Desde o início, tínhamos a noção dos percalços que correríamos para conseguir atingir as expectativas esperadas. Mas ao ouvir de alguns participantes que estudar um código linguístico gay, não ajudaria em nada a sociedade, causou-nos um choque de motivação, pois todos os componentes que participaram como agentes desta pesquisa fazem parte do universo LGBT.

A nossa contribuição linguística para a comunidade LGBT, foi para tornar visível um código que pudesse se tornar uma ferramenta fundamental para quebrar o discurso da violência contra os homossexuais. Tanto que no dia 11 de maio de 2011, ficou decretado como o dia internacional contra a homofobia

[...] Em última análise, a homofobia e a transfobia não são diferentes do sexismo, da misoginia, do racismo ou da xenofobia Mas enquanto essas últimas formas de preconceito são universalmente condenadas pelos governos, a homofobia e a transfobia são muitas vezes negligenciadas. A história nos mostra o terrível preço humano da discriminação e do preconceito. Ninguém tem o direito de tratar um grupo de pessoas como sendo de menor valor, menos merecedores ou menos dignos de respeito. [...] (PILLAY, 2013)

Através do pajubá, o combate contra o preconceito ganhou destaque, principalmente no meio dos travestis, que são os mais prejudicados nas ruas, seguidos dos transgêneros nas escolas. Manter uma linguagem cifrada, é necessário para afirmar a sua identidade. Quanto mais cifrados, mais protegidos estarão os membros da comunidade LGBT.

Um vocabulário de subgrupo demonstra que temos um grupo ao qual “pertencemos” e no qual somos “alguém” – é melhor que os forasteiros nos respeitem. A gíria é utilizada para mostrar aos outros (e para que nos lembremos) nossa formação biográfica, mental e psicológica; para mostrar nosso social, econômico, geográfico, nacional, racial, religioso, educacional, ocupacional e interesses de grupos, associações e patriotismos. (Flexner, 1963)

Antes de 1960, nem denominação ligada ao gênero a comunidade possuía, e por isso foi criado um terceiro gênero para se referir aos que não eram heterossexuais. O termo gay já ganhou destaque em 1970, adotado pela comunidade homossexual. Em 1985, o conselho federal de medicina deixa de considerar a homossexualidade um distúrbio mental. Em 1988, através de muita luta, é incluído na CF o termo ‘orientação sexual’, estabelecendo o bem de todos sem preconceito. Foi na década de 90 que surgiu o acrônimo LGBT. Primeiro foi denominado GLS; depois, GLBT; e, atualmente, é LGBTTTT, abrangendo todas as categorias de identidade de gênero: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. E a cada ano os movimentos ganham força política por meio das paradas realizadas para discutir temas voltados ao universo da comunidade homoafetiva.

Como recomendação essencial para novas pesquisas no que tange à temática do pajubá, vale mencionar o seu estudo mais aprofundado no viés sociolinguístico, visto que tratamos do pidgin neste campo, apenas, de maneira superficial para auxiliar em um dos nossos objetivos específicos. Cabe, agora, um estudo mais aprofundado, já que estamos tratando de uma comunidade que, assim como outras tribos marginalizadas, carece de um olhar mais especial, principalmente no quesito da Linguística.

Dessa forma, torna-se primordial a luta por identidade, ressaltando que a identidade linguística é um forte fator para a identidade de gênero. Dar caráter científico ao pajubá trará mais visibilidade à nossa comunidade, que mesmo com a homofobia em alta em cada canto do país, a ideia da diversidade sexual está começando a ser incutida na mente das pessoas, assim como o respeito para com a classe LGBT.

REFERÊNCIAS

- AJAYI, J.F.A. *Christian Missions in Nigeria: 1841-1891*. London: Longmans, 1965
- ARAÚJO, C. *Estudo de caso. Métodos de Investigação em Educação*. Portugal: 2008.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BENISTE, José. *Dicionário Yorubá – Português*. São Paulo: Bertrand, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos Exus*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1989.
- BONVINI, E.; PETTER, M. *Portugais du Brésil e langues africaines*. Langages. Paris: Larousse, n.130, 1998.
- BORBA, F.S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BORGES, P.S. *Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX – XX)*. São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FFLCH – USP.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Editora da USP. 1996.
- BDMEP - Série Histórica - Dados Diários - Temperatura Mínima (°C) - Manaus. Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa. Instituto Nacional de Meteorologia. Consultado em 10 de abril de 2014
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. *Telenovela brasileira e Indústria Cultural*. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Vol. XXV, n. 1, janeiro a junho de 2002.
- CARNEIRO, Denize de Souza. *Construções Negativas em Sateré- Mawé*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia: 2012.
- CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática Histórica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1969.
- CASTRO, Y.P. de. *Falares africanos na Bahia – Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

- _____. *De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil*. Tese de doutorado. Université Nationale du Zaïre, 2v., 1976.
- _____. *Língua e nação de candomblé*. África – Revista do Centro de Estudos Africanos da USP. São Paulo: Departamento de Sociologia, 1981
- _____. *Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia*. Salvador: UFBA/CEAO, 1980.
- CEGALLA, D.P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 45ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. *A Metodologia Científica*. 4 ed. São Paulo: Makron Books, 2002.
- COELHO, F.A. *Manual Etymológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, P. Pantier – Editor, 1880.
- COHEN, Jean; BREMOND Claude entre outros. *Teoria da figura in: Pesquisa de Retórica*. Tradução de Leda Pinto Mafrá Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CONNELL
- COSERIU, Eugene. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1982.
- COUTO, Hildo Honorário do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DANILIAUSKAS, Marcelo. *Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia*. 2011. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- DEGENNE, Alain; FORSÉ, Michael. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.
- DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- EDELWEISS, Frederico G. *Estudos tupis e tupis-guaranis: confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.
- ELIA, Silvio. *A unidade linguística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- FAGBORUN, J.G. *The Youruba Koiné. Its History and Linguistic Innovations*. Munchen/Newcastle: Lincom Europa, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- FLEXNER, A. *Medical education in the United States and Canada*. New York: Carnegie Foundation for the Advancement Science, 1963.
- FIORIN, J.L.; PETTER, M. (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística: objetos teóricos. In: FIORIN, J.L. *Teoria dos signos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FRY, P. *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiada*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GOMES, V. B. de S. *O ritual da umbanda*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1989.
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar* (2ª ed.) London: Edward Arnold, 1994.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 8ª ed. São Paulo: Editora Positivo, 2010.
- HOLM, J. *Popular Brazilian Portuguese: A semi-creole*. In ANDRADE e KIHM (eds.), 1992.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- HUDSON, R.A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge university Press, 1984.
- HYLAND, K. *Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse*. Journal of pragmatics, n.30, p. 437-455m 1998.
- HYMES, D.H. *On Communicative Competence*. In: *Sociolinguistics*. J.B. Pride and J. Homes, Eds. Harmondsworth: Applied Linguistics, 1972.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012.
- KARASCH, M. *A vida dos escravos no Rio e Janeiro: 1808-1850*. Tradução Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KOCH, Ingedore G. V; TRAVAGLIA, L.C. *Texto e coerência*. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de Pesquisa. 3 ed. São Paulo:Atlas,1996.270p.
- LAKOFF, G.; JHONSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de Tradução: Maria Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 1980.
- LEITE, M.Q. *Preconceito e Intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Anthrologie Structurale*. Paris: Plon, 1958.
- LEWIS, M.P.; SIMONS, G.F.; FENNIG, C.D. (eds.). *Ethnologue: languages of the world 17*. Dallas, Texas: SIL International, 2014. <<http://www.ethnologue.com>>
- LIBI, F.; VIP, A. *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.
- LIMA, Décio M de. *Os homoeróticos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, A.N. e KRIEGER, M.G. *As ciências do léxico*. Vol. II. Campo Grande: UFMS, 2004. P. 19-30.
- LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Inglaterra: Cambridge University Press.trad.: Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987 [1981].
- MARTINS, Dileta S.; ZILBERKNOP, Lúbia S. *Português Instrumental*. 29ª ed. São Paulo: Atlas,2010.
- MARTINS, Valteir. *Linguística I/Valteir Martins, Silvana Andrade Martins e Adriane de Felipe Rodrigues – Manaus: UEA Edições, 2016. [ISBN: 978-85-7883-366-4]*
- MATTOSO, Kátia M. Queiróz. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- MAUSS, Marcel, (1973) "Techniques of the body" from *Economy and Society* 2 (1) pp.70-88, London: Routledge
- MELO, G. C. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981 [1946]
- MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer, 1933.
- MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização In: Sociologias*. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009.
- NASCIMENTO, Maria Evany do; OLIVEIRA, Valdemir. *Metodologia do Estudo e do Trabalho Científico*. Manaus: UEA Edições, 2016. [ISBN: 978-85-7883-365-4]
- OLIVEN, G.R. *Metabolismo Social da Cidade e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Biblioteca virtual de Ciências Humanas, 2007.
- ORTIZ ALVAREZ. M.L. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações par ao ensino de português como língua*

- estrangeira*.2000. 334f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- PEREIRA, Dênis da Silva. *O drama e o trágico: a violência contra os LGBTs*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação de Antropologia Social/UFAM. 2016
- PERINI, M. A. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010.
- PETTER, M. (org.). Introdução à Linguística Africana. In MONADEOSI, I. *Línguas africanas no candomblé*. São Paulo: Contexto 2015.
- PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- QUEIROZ, S.M.M. *A língua do Negro da Costa: um remanescente africano em Bom Despacho (MG)*. Belo Horizonte, 1984. Dissertação (Mestrado) - FALE/UFMG.
- RAIMUNDO, J. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.
- RIBEIRO, João. *Diccionario grammatical*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Clássica/Francisco Alves.
- RICHARDSON, R.J. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.
- RODRIGUES, N. *Os africanos no Brasil*. Revisão e prefácio de Homero Pires. Notas bibliográficas de Fernando Sales. São Paulo: Nacional, 1932.
- SAPIR, Edward. *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*. 2. Ed. Tradução J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 6ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SANTOS, Moara de Medeiros Rocha; ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. *Desenvolvimento da identidade de gênero em casos de intersexualidade: contribuições da Psicologia*. 2006. 246 f. Tese de doutorado em psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1963 [1950].
- TADEI, W. P. et al. Malária em São Gabriel da Cachoeira - AM. Fatores entomológicos, dinâmicas de transmissão e controle. p.287-310. In: Projeto Fronteira: Desvendando as fronteiras do conhecimento na região amazônica do Alto rio Negro. Manaus: INPA/MCT.2012.350p.
- TARALLO, Fernando. *Pesquisa Sociolinguística*. 8ª Ed. São Paulo: 2007
- TREVISAN, J.S. *Devassos no paraíso*. Edição revista ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2000.

- TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society*. 4 ed. London: Penguin Books, 2000.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- VOGT, C.; FRY, P. *Cafundó – A África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- WEEDWOOD, Bárbara. *História Concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola editorial, 2002.
- XAVIER, I. M.; LEITE, J.L.; BRAGA, G.M.; NUNES, P.H.S. *Enfermagem e AIDS: saber e paradigma*. Ribeirão Preto: Revista Latino Americana de Enfermagem, v. 5, n. 1, p. 65, 1997.
- YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.
- ZANOTO, Normélio. *Estrutura Mórfrica da Língua Portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCs, 1996. p. 19-50.
- ZANELLI, J.C. *O Psicólogo nas organizações de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- Manaus - Capital ambiental do Brasil. *Ministério do Turismo*. Abril de 2010

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de perguntas usado nas entrevistas

FICHA DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

NÚMERO:
ENTREVISTADO:
LOCAL DA ENTREVISTA:
IDADE:
PROFISSÃO:
ORIENTAÇÃO SEXUAL:
CATEGORIA DE GÊNERO:

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

1. COMO VOCÊ DEFINE GÊNERO NA DIVERSIDADE SEXUAL?
2. QUAL O SEU CONHECIMENTO ACERCA DO PAJUBÁ e COMO ELE SE ORIGINOU?
3. COMO FOI O SEU PRIMEIRO CONTATO COM O UNIVERSO LGBT E COM O LINGUAJAR HOMOAFETIVO?
4. QUAIS EXPRESSÕES MAIS VOCÊ COSTUMA OUVIR E FALAR?
5. VOCÊ ACREDITA SER O PAJUBÁ UM CÓDIGO LINGUÍSTICO DA COMUNIDADE LGBT?
6. VOCÊ ACHA QUE ESTE CÓDIGO PODE AUXILIAR NO COMBATE À HOMOFOBIA COMO UMA “LÍNGUA DE RESISTÊNCIA”?
7. O PAJUBÁ PODE SER CONSIDERADO UMA FERRAMENTA LINGUÍSTICA NO RITO DE PASSAGEM PARA OS GAYS MAIS JOVENS?
8. VOCÊ ACREDITA QUE O PAJUBÁ PODE AUXILIAR NO PROCESSO DE MODERAÇÃO NO USO DE EXPRESSÕES ERÓTICAS FALADAS FORA DO UNIVERSO LGBT?
9. VOCÊ JÁ SOFREU OU SOFRE ALGUM PRECONCEITO POR SER LGBT?
10. EM QUAIS AMBIENTES VOCÊ COSTUMA FAZER USO DO PAJUBÁ?
11. COMENTE SOBRE UMA FANTASIA OCORRIDA ENTRE VOCÊ E SEU/SUA COMPANHEIRO(A).
12. COMENTE SOBRE A SUA RELAÇÃO EM CASA, NO AMBIENTE DE TRABALHO OU NA ESCOLA.
13. QUAL A MENSAGEM QUE VOCÊ DEIXARIA CONTRA A HOMOFOBIA?

Obs.: - No decorrer da entrevista, os entrevistadores devem solicitar mais detalhes, principalmente no item 9;

- Ao término, os entrevistadores devem fazer uma rapidinha (falar uma palavra e o entrevistado responde com aquilo que primeiro lhe vier a mente).

Apêndice B – Roteiro de perguntas usado nos debates em grupo

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS DEBATES EM GRUPOS:

1. O QUE VOCÊS ACHAM QUE DEVE HAVER PARA QUE OS DIREITOS DOS LGBTs POSSAM GANHAR RELEVÂNCIA NA SOCIEDADE?
2. COMO VOCÊS DEFINEM A SIGLA LGBT?
3. QUAL A DIFERENÇA ENTRE TRÂNSGÊNERO E TRANSEXUAL?
4. A PARADA GAY É IMPORTANTE PARA FORTALECER O MOVIMENTO ? O QUE VOCÊS ACHAM QUE ESTÁ FALTANDO NO EVENTO
5. QUAIS SÃO OS MELHORES POINTS DA CIDADE PARA O PÚBLICO LGBT?
6. QUAIS OS “HOMENS” QUE MAIS ENCANTAM VOCÊS?
7. VOCÊS ACREDITAM QUE HÁ PRECONCEITO ENTRE OS PRÓPRIOS LGBT’s? DENTRO DA CATEGORIA DE GÊNERO, QUEM SÃO OS QUE MAIS SOFREM?
8. FALEM DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA SEXUAL DE VOCÊS.

LOCAL DA ENTREVISTA:

DATA/HORA:

Apêndice C– Enquete realizada nas redes sociais

ENQUETE VIRTUAL

COMO VOCÊ SE DEFINE NA CATEGORIA DE GÊNERO?

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> HETEROSSEXUAL | <input type="checkbox"/> BISSEXUAL |
| <input type="checkbox"/> BISSEXUAL | <input type="checkbox"/> TRAVESTI |
| <input type="checkbox"/> TRANSEXUAL | <input type="checkbox"/> CROSSDRESSER |
| <input type="checkbox"/> TRANSGÊNERO | <input type="checkbox"/> DRAG-QUEEN |
| <input type="checkbox"/> GAY | <input type="checkbox"/> PANSEXUAL |
| <input type="checkbox"/> LÉSBICA | <input type="checkbox"/> ASSEXUAL |

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM PAJUBÁ?

- SIM NÃO

COMO VOCÊ TOMOU CONHECIMENTO DO TERMO PAJUBÁ?

- | | |
|--------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> JORNAL | <input type="checkbox"/> EVENTOS AFRO-BRASILEIROS |
| <input type="checkbox"/> REVISTA | <input type="checkbox"/> EVENTOS LGBT's |
| <input type="checkbox"/> TV | <input type="checkbox"/> OUTROS |
| <input type="checkbox"/> AMIGOS GAYS | |

COMO VOCÊ DEFINE O PAJUBÁ ?

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> LÍNGUA | <input type="checkbox"/> PIDGIN |
| <input type="checkbox"/> DIALETO | <input type="checkbox"/> GÍRIA |
| <input type="checkbox"/> IDIOLETO | <input type="checkbox"/> OUTROS |
| <input type="checkbox"/> CRIOULO | |

SOBRE A 'LÍNGUA DO S' ou 'LÍNGUA DO I' FALADA PELA COMUNIDADE LGBT

- NÃO CONHECE
- COMPREENDE BEM, E NÃO FALA
- COMPREENDE BEM E FALA

ENTREVISTAS

Entrevistado: 08

Local da entrevista: Praça do Largo

Idade: 20

Profissão: Estudante

Grau de escolaridade: Médio incompleto

Orientação sexual: Homossexual

Categoria de gênero: Lésbica

Data: 03/02/2017 (17:30h)

Entrevistador: sobre gênero (item 1 de nosso questionário)

Entrevistado: então...eu acredito (risos)...eu tenho certeza que sou lésbica, essa é a palavra (aproveitei e perguntei se na entrevistada se sentia ofendida ao ser chamada de lésbica)... não, eu não me sinto ofendida com essa palavra, dependendo do tom que eu sou chamada e tal, mas eu me sinto incomodada com a palavra “machuda”...eu me sinto incomodada por que pra nós, meninas lésbicas, tem dois sentidos...a lésbica é uma mulher que gosta de uma outra mulher e também gosta de tudo que uma mulher hetero gosta (roupa, sapato, maquiagem)...e a machuda...bom...é que geralmente o pessoal usa essa palavra quando se refere ao jeito de macho...uma lésbica com um estilo mais masculino que gosta de ter um estilo mais caminhoneiro como o pessoal costuma chamar...Eu não sou muito fã de ser chamada de homossexual...sei lá! Parece que tão excluindo a gente... homossexual parece que se refere somente aos gays homens...acho que é por causa do início da palavra...mas eu prefiro dizer que sou ‘lésbica’...pelo menos assim que eu penso.

Entrevistador: sobre o conhecimento e origem do pajubá (item 2 de nosso questionário)

Entrevistado: então...sinceramente eu já sabia de algumas palavras, mas eu não sabia da origem...na verdade eu não sabia nem que essa palavra existia...até ouvir meus amigos gays falarem...aí eu fui pesquisar no google e fiquei impressionada pois eu não imaginava que tinha um nome pra língua falada pelos gays...eu sou do tipo que todas as palavras que eu não conheço eu vou pesquisar a respeito..dessas gírias que se tornava muito comum, eu pensava, como é que isso aconteceu...será que foi a partir de uma brincadeira que virou meme? Foi aí que vi que já existia há muito tempo.

Entrevistador: sobre o primeiro contato com o linguajar LGBT (item 3 de nosso questionário)

Entrevistado: olha, tudo começou na escola, eu não vou mentir, porque na escola sempre tem aquelas panelinhas, né?...e eu sempre fui uma pessoa que gosta de falar com todo mundo, independente de gênero ou de religião...só que na escola onde eu estudava aos meus 9 anos...eu me envolvi no time feminino de futsal foi aí que percebi que volta e meia elas usavam uma forma diferente de falar...uma espécie de código, mas não com muitas palavras como a gente usa hoje.

Entrevistador: sobre as expressões do pajubá (item 4 de nosso questionário)

Entrevistado: olha, o que mais eu gosto de falar é ‘cata’, ‘acuenda’, ‘boca de se fudertes’, eu sou assim quando eu tô muito feliz...quando eu vou pra uma festa e sei que vai ser ‘lacrção’ aí que eu me empolgo mesmo (risos)... nós lésbicas, a gente também tem a nossa própria fala como ‘girino’, ‘pepeca’, e quando a gente tá com raiva a gente tem o costume de dizer assim: buceta minha irmã!...e quando eu tô no meio dos meus amigos gays é que eu adoro falar.

Entrevistador: sobre o pajubá ser um código linguístico LGBT (item 5 de nosso questionário)

Entrevistado: eu acredito sim...porque antes mesmo de conhecer o pajubá...onde eu morava antes tinha um campo de futebol...aí lá eu tinha alguns amigos gays...foi quando um deles falou diferente...a gente chama de língua do ‘i’...aí depois ele falou que era um código pra dizer que a mãe dele estava vindo.

Entrevistador: sobre o pajubá como rito de passagem (item 6 de nosso questionário)

Entrevistado: acho que sim...porque de certa forma aos poucos eu vejo que já tá sendo reconhecido... sim eu conheço sim pessoas bem mais jovens que começam a falar...na verdade eu me surpreendo como uma pessoa daquele tamanho já tá crescendo e falando daquele jeito.

Entrevistador: sobre o pajubá enquanto moderador de expressões obscenas (item 7 de nosso questionário)

Entrevistado: muito...eu acredito... assim...porque tipo quando a gente tá num certo lugar e dependendo do grupo de pessoas a gente tem que parar de falar palavras que podem ofender pra não ficar uma coisa feia ou vulgar, entendeu.

Entrevistador: sobre o preconceito por ser LGBT (item 8 de nosso questionário)

Entrevistado: não...eu acredito que não... porque eu sou muito discreta e feminina...tanto que tem gente que depois de um bom tempo me fala que não sabia...às vezes eu vejo um olhar diferente quando eu estou passeando de mãos dadas com a minha namorada, mas agressão ou xingamento coisa e tal nunca ocorreu comigo.

Entrevistador: sobre os ambientes em que usa o pajubá (item 9 de nosso questionário)

Entrevistado: em casa sozinha...porque eu penso assim, quando você conversa sozinha você tá expressando os seus pensamentos...então eu converso comigo mesma...eu me ouvindo e me dando conselhos...e principalmente com os meus amigos de dança onde eu adoro estar...lá eles falam direto...engraçado é que a gente fica tão acostumado que até facilita pra entender o que a professora quer nas coreografias...quando ela fala: xxxx, põe um pouco de close nisso, faz mais carão ...aí eu entendo que eu tenho que dar um olhar sedutor.

Entrevistador: sobre uma fantasia ocorrida com companheiro (a) (item 10 de nosso questionário)

Entrevistado: olha, eu tenho ainda muitos pensamentos não realizados...minha namorada ainda é muito tímida pra certas coisas...só sei que uma coisa que eu não quero ter é relação usando vibrador...eu acho bizarro (risos) porque se eu não gosto do original porque eu vou gostar do de brincar... mas confesso que eu queria fazer com mais uma...eu minha namorada e mais uma...porque a mulher é sensível e sabe onde deve tocar...

Entrevistador: sobre a relação com família e amigos (item 11 de nosso questionário)

Entrevistado: uma vez quando eu morava com a minha avó, a gente sempre conversou muito...eu tinha 14 anos de idade...ela e meu pai me falaram que o que eu escolhesse pra eu ser no mundo eles iam me apoiar...e a única coisa que eles cobram de mim é estudo...e eu admiro pessoas que são lésbicas e dão muito valor aos estudos. Como na minha família tem gays e lésbicas...se alguém não me aceita, na minha família guarda pra si e me respeita muito. Na escola eu não tenho nenhum tipo de problema. Só uma vez (risos) que eu fui chamada na diretoria porque falaram que eu era a cabeça do grupo...os meninos falaram que nós estávamos roubando as meninas deles (risos)...tinha música e as meninas queriam ficar dançando com a gente... aí os meninos se sentiam incomodados...foi até divertido porque a gente não sabia que tinha todo esse poder (risos), mas tudo se resolveu...foi só um mal entendido mesmo.

Entrevistador: sobre a mensagem contra a homofobia (item 12 de nosso questionário)

Entrevistado: Nossa! É pesada essa pergunta... bom, é aquele velho clichê de mais amor...mas eu acredito que as pessoas devem ouvir mais, procurar saber mais e procurar olhar mais pra si.

Entrevistado: 01

Local da entrevista: Sauna H₂O

Idade: 63

Profissão: Professor universitário

Grau de escolaridade: Superior Completo – Nível Doutorado

Orientação sexual: Homossexual

Categoria de gênero: Gay

Data: 03/09/2016 (16:30h)

Entrevistador: sobre a origem do pajubá (item 2 do nosso questionário)

Entrevistado: bom, que eu saiba tem origem africana, ainda vindo com os rituais...e como os homossexuais adoram participar dos eventos acabaram aprendendo. Já estudei bastante sobre o universo homossexual, até para me entender melhor...já li Foucault, Lorca, Cocteau, Rimbaud, Woolf, Proust, Beauvoir, entre outros... na verdade foi através do estudo da homossexualidade...sobretudo dos autores de fora... que segui a área da Psicologia [...] No Brasil, tivemos também exemplos memoráveis que revolucionaram...mesmo com a ditadura cantando nas ruas... não sei se você já ouviu falar em Dzi Croquettes...eu adorava aqueles caras... super críticos do teatro...não sei se você já pesquisou em revistas mais antigas como O lampião da Esquina que tratava muito sobre a luta contra o preconceito...mas, particularmente, eu gostava muito da revista Rick...quantas vezes me masturbei olhando aquela revista (gargalhadas) [...]

Entrevistador: sobre o pajubá como código linguístico (item 5 de nosso questionário)

Entrevistado: Sobre o pajubá, sim eu já ouvi falar, até uso algumas expressões quando estou reunido entre amigos...inclusive, nesta semana, eu e dois amigos meus falávamos sobre isso... eles disseram que sou uma maricona (gargalhada)... já que estou no auge dos meus 63 anos de idade...enfim sobre esse assunto podemos falar até o sol raiar...o que não me falta são histórias do universo gay. Sem dúvida... eu vejo como um código de proteção...afinal, a violência contra os homossexuais é muito grande...como eu já te falei, já estudo o universo gay há muito tempo...passei junto com amigos já falecidos, inúmeros casos de preconceito...acredito que sempre tivemos esse código, mas como antigamente não havia a internet não era tão focado...acho que é o certo sim todos os grupos marginalizados devem

sim ter seu código de proteção... o pajubá só é um termo mais novo, mas se formos pegar periódicos mais antigos, veremos que sempre tivemos uma língua de resistência.

Entrevistador: o pajubá como rito de passagem (item 6 de nosso questionário)

Entrevistado : antes os gays demoravam muito para dar o seu *Coming out*... não sei se você conhece a expressão que é o mesmo que sair do armário...primeiro que era bem mais difícil a circulação da informação de onde estava tendo algum lugar mais voltado para o público gay...vejo que antes éramos mais focados nos estudos e na preocupação com o futuro...acho que isso nos dava um certo medo naquela época...hoje além da informação ser quase que instantânea, os gays mais jovens se sentem mais à vontade para chegar principalmente com a mãe e falar sobre seus problemas...acredito que a partir do momento que ele começa a usar expressões que o coloca dentro de um outro mundo...aquele que lhe faz sentir bem... ele se encoraja mais...eu mesmo demorei muito a me assumir...tenho um sobrinho gay de 13 anos que já se assumiu...como diz o ditado tudo muda num piscar de olhos.

Entrevistador: Sobre o uso das expressões eróticas usadas pelos gays fora do meio LGBT (item 7 de nosso questionário)

Entrevistado: rapaz, eu não tenho dúvida de que o uso do pajubá como você fala...eu conheço mais como bajubá, mas tudo bem... o uso faz com que a comunidade homoafetiva ganhe um certo respeito, pois o que mais preocupa a sociedade é justamente o lado pervertido do gay...a partir do momento que estas expressões de cunho calão são amenizadas, tudo melhora...acredito que isso deixe até o linguajar melhor de se ouvir...algo mais cômico...e isso tem de fazer parte da *persona* gay.

Entrevistado: 02

Local da entrevista: Cine Pub Aventura

Idade: 29

Profissão: Psicólogo

Grau de escolaridade: Superior completo – nível mestrado

Orientação sexual: Homossexual

Categoria de gênero: Gay

Data: 06/09/2016 (13:30h)

Entrevistador: Sobre definição de gênero na diversidade sexual (item 1 de nosso questionário)

Entrevistado: Olha! Hoje o que mais o pessoal confunde é gênero com orientação...para muitos são termos novos e como você sabe o estranho causa medo nas pessoas...eu mesmo já vi colegas que acham que transgênero é gay...falta mais informação na cabeça do povo...diversidade já diz tudo é saber respeitar uns aos outros...cada um tem direito de definir o que deseja ser...o importante é ser feliz. Lógico que se eu pudesse escolher (como os heteros falam) eu escolheria não ser gay... mas felizmente eu sou ... eu tenho uma orientação sexual e não uma opção...já a palavra preferência está ligada diretamente à posição que você assume na cama com o parceiro...se você é ativo ou passivo.

Entrevistador: sobre os ambientes que usa o pajubá (item 9 de nosso questionário)

Entrevistado : mano, eu prezo pela liberdade de expressão, mas sem desrespeitar o outro...hoje é tão complicado isso porque todo mundo quer ser o único a ter razão e se alguém discorda dele passa a ser retaliado...acho que nós temos sim o direito de falar do nosso modo, mas não é em todos os lugares que eu vou chegar com alguém e dizer: cata o tanquinho do ocó...seu eu falar isso para o meu pai não é adequado, mas se falar para um amigo meu gay, normal...eu tive um professor que falava que não podemos ir a um evento social, trajando uma sunga porque não convém...assim vejo o linguajar usado pelos homossexuais.

Entrevistador: Sobre o pajubá como língua de resistência (item 6 de nosso questionário)

Entrevistado : se você entende o termo resistir como combater, lutar, estamos sim trilhando um caminho importante...os homossexuais já foram extremamente humilhados, principalmente quando a AIDS se alastrou no Brasil na década de 80 e ficou conhecida como o câncer dos homossexuais...não quero fugir do que você perguntou...mas acho que tem a ver...acho que a comunidade já ficou durante muito tempo levando porrada calados...quando

defendemos nossa língua...defendemos a nossa cultura... não quero parecer demagogo, mas se eu defendo algo eu luto até as últimas consequências...o código usado pelos gays é uma forma de dizer: eu existo, tipo algo: parem de me tratar como se eu fosse invisível...assim como qualquer pessoa nós temos o direito de viver bem, sem ser rechaçados...eu às vezes fico sim desmotivado...acho que todos que são gays se sentem assim de vez em quando...tipo como se você estivesse remando e parece que o barco tá furado (...) ano passado eu perdi um amigo homossexual, professor...uma pessoa adorável...ele levou um rapaz pra dentro de casa e foi morto e colocado dentro da mala do carro até que alguém encontrasse...amigo, isso me deixou em choque...fiquei refletindo durante semanas e vi o quanto nós ainda somos muito frágeis...o problema que além de gays somos homens...a mudança parte da gente...se todos se unirem...quando falo todos me refiro a própria comunidade LGBT (...)

Entrevistado: 05

Local da entrevista: Praça do Congresso

Idade: 28

Profissão: Profissional do Sexo

Grau de escolaridade: Médio Incompleto

Orientação sexual: Homossexual

Categoria de gênero: Travesti

Data: 10/09/2016 (1:30h)

Entrevistador: sobre o gênero (item 1 de nosso questionário)

Entrevistado: eu sou quase uma mulher (risos) eu sou travesti... Ei! Sou a travesti...porque odeio ser chamada de ‘o travesti’...somos babadeiras mesmo...se for pra brigar a gente briga...eu tenho noção que não sou mulher...não tenho racha...e nem tenho vontade de operar porque sei que muitos clientes gostam... e sou muito feliz porque minha família me aceita.

Entrevistador: sobre sofrer preconceito (item 8 de nosso questionário)

Entrevistado : meu amor, a gente sofre isso todos os dias...as pessoas nos olham como lixo, principalmente as mapôs porque sabe que nós grelhamos...eu sofria muito preconceito dentro de casa pelo meu pai que não me aceitava...por isso hoje eu moro sozinha e pago minhas contas...de vez em quando falta acué, principalmente quando eu tô menstruada (gargalhadas)... você sabia que a gente também menstrua só que pelo edi...quando uma amiga nossa de ponto não aparece a gente fala logo que tá de bode...maninho, voltando pra pergunta porque agora parece que a bicha deu uma volta no 014 (risos)...sim sofremos o preconceito até a alma, mas isso não nos impede de buscar ser feliz...as pessoas acham que só porque somos travestis de rua somos marginal... não vou mentir não... eu faço o mal com quem faz o mal pra mim...acho que nessa vida todos os seres humanos tem seu lado bom e o seu lado ruim [...] pra quebrar o preconceito eu faço a linha da rasgação mesmo...ainda mais se for esses heteros metidos a macho que brinca em cima de uma neca e depois dá uma de santo...odeio gente assim...odeio com minha alma...se eles pudessem morrer melhor ainda...Somos humilhadas sim...o preconceito convive com a gente todos os dias...por isso temos que botar pra encaralhar mesmo...se não for assim o viado não se cria nas ruas da cidade fazendo programa não...”

Entrevistador: sobre o pajubá como “língua de resistência” (item 6 de nosso questionário)

Entrevistado : A gente usa nossas gírias porque precisamos nos proteger de muita gente ruim que tem por aí...eu mesma só atendo se vejo que o 'boy' é um 'cafuçu do bem' [...] Eu já tive duas amigas minhas que morreram porque fizeram programa com 'alibã'...eu não tô louca de fazer isso...meus clientes são 'babadeiros' [...] hoje o que mais tem é viado novo...o filho do meu vizinho tem 11 anos e já quer se montar e usar salto...eu posso ser travesti, mas com essa idade não...uma coisa é o moleque querer se assumir, a outra é ele querer se montar...eu comecei a me montar com 17 anos assim que eu saí de casa...e hormônio eu comecei a usar a partir dos 19...foram outras amigas que me ensinaram como fazer...antes não era tão fácil assim... tinha medo com os noticiários sobre os travestis morrerem porque injetaram alguma coisa no corpo [...] se eu acho que as gírias que os gays usam é resistência...sim, eu acho, até porque se usamos essa 'língua' é porque a própria sociedade com todo o seu preconceito nos faz criar uma maneira de combater a violência... eu não sou muito inteligente nem terminei o médio, mas acho que a língua ajuda na mudança.

Entrevistador: Sobre a mensagem contra a homofobia (item 12 de nosso questionário)

Entrevistado: beijinho no ombro pra homofobia...se formos levados por isso nunca vamos conseguir viver nesse mundo...sempre vai ter o oco que vai querer dar o coio na gente...não é só os alibã que tratam a gente mal não...às vezes é o próprio cliente...uma vez o boy queria ficar batendo na minha cara e me chamando de puta...chamar de puta eu deixo, mas bater na minha face, amooooor, jamais...eu sei me defender quando aparece esses cafuçus do mal...ah se sei.

Entrevistado: 18

Local da entrevista: Sauna H20

Idade: 22

Profissão: Acompanhante

Grau de escolaridade: Médio Completo

Orientação sexual: Homem

Categoria de gênero: Bissexual

Data: 03/09/2016 (17:30h)

Entrevistador: sobre o gênero (item 1 de nosso questionário)

Entrevistado: eu costumo dizer que sou homem que satisfaz outros homens... quando eles vêm aqui é pra procurar rola...e isso eu tenho de sobra...cara, eu me defino como bissexual...eu transo tanto com mulheres quanto com os homens...eu não posso me dá o luxo de pegar só a mulherada...até porque quem paga melhor são os viados.

Entrevistador: sobre os termos do pajubá (item 4 de nosso questionário)

Entrevistado: Não conheço... de verdade, acho que desde muito cedo eu sempre fui meio desligado das coisas... e respondendo sobre os termos usados, vou ser muito sincero...não me sinto bem...sei lá! não gosto...na minha opinião deixa o gay mais fresco do que ele já é...acho que nossa postura tem de ser discreta...por isso não gosto dos travestis que querem agir como se fossem mulheres.

Entrevistador: sobre sofrer preconceito (item 8 de nosso questionário)

Entrevistado: eu acho que todo mundo que tá nesse meio sofre...eu mesmo só tô aqui porque eu mesmo me coloquei nessa situação por não ter aproveitado bem os estudos...mas como diz o ditado tá no inferno abraça o capeta (risos)... se eu for dá confiança pro que o povo pensa eu deixo de comer e de vestir...eu só sei que o meu serviço é satisfazer o cliente... a mala do papai aqui vale a pena (risos)

Entrevistador: sobre o primeiro contato com o universo LGBT (item 3 de nosso questionário)

Entrevistado : kkkkkkk...acho engraçado você me perguntar isso porque minha primeira vez foi quando comi um amigo meu...ah, desculpa (gargalhada) não era isso (mais gargalhadas)...eu comecei a conhecer os gays quando eu tinha 16 anos...meu amigo me levou pra beber na casa que frequentava um monte de viados...aí eu me empolguei (risos)...eu sou meio doido...tirei a roupa e caí pelado na piscina...acho que foi nesse dia que vi que eu podia

ganhar dinheiro com meu corpo...eu lembro que só nesse dia eu fiquei com 3 viados diferentes...sobre a fala dos viados eu sei sim alguma coisa...ocó que é homem...mapô que é mulher... sei o que é odara (gargalhadas)...porque os viado falam que eu sou odara... eu me amarro em sexo...desde menino eu sempre fui assim. Na verdade, meus pais nem imaginam que estou aqui...não sou assumido.

Entrevistado: 11

Local da entrevista: Esquenta da Parada Gay

Idade: 39

Profissão: Cabeleireiro

Escolaridade: Fundamental Completo

Orientação sexual: Homossexual

Categoria de gênero: Transformista

Data: 28/10/2016 (18:20h)

Entrevistador: Sobre o gênero (item 1 de nosso questionário)

Entrevistado : bicha, eu sou hetero (gargalhadas)...brincadeira, mana, é só pra descontrair mais porque tô me sentindo de frente com Gaby...sim mas qual é a pergunta mesmo...ah sim, claro que sou bicha, mana...eu me considero um transformista e me orgulho de falar assim até porque sofro muito pra me montar, mona, pela fé passo duas horas...acho que a parte mais complicada no momento que eu me monto é na hora de esconder a neca (risos)...pra agasalhar meus 22 cm que tenho muito orgulho (gargalhada) preciso usar uma senhora técnica para não comer a mim mesmo (mais gargalhas)...o segredo é não tomar líquido e tentar reduzir o volume do pacote com bastante esparadrapo como uma espécie de tapa-sexy[...]Nunca me ocorreu algum incidente, como você bem falou, mas eu já vi amigos meus transformistas mostrarem o Mickey quando faziam espagate (risos)...acredito que isso jamais vai acontecer comigo.

Entrevistador: - Quais as expressões que você mais costuma ouvir e falar no pajubá? (item 4 de nosso questionário)

Entrevistado: arrasou a amapossimi...acuenda a mala do ocoosimi... deixa eu fazer o pipo no eressimi... acuenda a mala do boyssimi...eu ouço direto as expressões pois minha vida é rodeada de viado (gargalhada) só no meu salão trabalham dois comigo...as minhas clientes amam...ainda mais quando falamos na língua do S... que foi o que eu falei antes pra você...não sei se você entende...então, pra mim, já tá no sangue o uso da gíria gay.

Entrevistador: Sobre o uso das expressões eróticas usadas pelos gays fora do meio LGBT (item 7 de nosso questionário)

Entrevistado: com certeza...se todo gay usar o código, a gente fica blindado contra a homofobia. A violência contra a gente é muito grande. Tem gente que se incomoda quando a gente abre a boca. Aí que eu falo mesmo...sou de uma geração que viveu calado...eu posso

sim dizer que comi o pão que o diabo amassou, mas eu nunca fui de ficar triste...meus amigos me conhecem eu fico 100% animado...porque penso: pra quê viver reclamando...a vida tem que ser vivida com alegria... voltando pra pergunta...na minha opinião as expressões deixam sim o linguajar mais light...imagina falar na frente de uma senhora...sim porque no meu salão frequentam todos os estilos e idades...meu lema é 'para sempre viver a diversidade'...as senhoras se divertem...acho até que você deveria ir lá entrevistar elas também...já são purô, mas ainda falam (gargalhadas)...mas falando sério agora...a gente se sente bem falando as putarias mas sem que os que não entendem possam se sentir ofendidos...se as gays falassem a verdade nua e crua...Pela fé de Mariana! As velhas iriam desmaiar que nem a dona Bela (gargalhadas)...acho que temos que manter nossa identidade e a nossa maneira de falar ajuda nisso...já somos uma classe marginalizada...se usarmos as palavras como todos conhecem...acho que vamos perder mais ainda com a sociedade que nos aceita ainda de atravessado...outra coisa, mana, se a gente continuar sem voz, aí que os cafuços vão pintar e bordar com as gay.

Entrevistador: Sobre alguma fantasia realizada (item 11 de nosso questionário)

Entrevistado: Babado! Tem certeza que você quer mesmo ouvir (gargalhadas) manazinha, coragem da senhora e que Deus te guarde das coisa que vou te falar (mais gargalhadas)...a tia aqui já fez tantos boys que já perdeu as contas...nos lugares mais estranhos que você possa imaginar...já fiz na construção, no mato, até na cacimba, mana pra você ter ideia (gargalhadas), mas teve uma vez que ficou marcado pra mim...e quando falo marcado não é equê não...então, deixa eu me preparar pra contar sem rir (risos)...só acho meio impossível...uma vez eu fui pro Fecani.. não sei se você conhece a festa que tem todos os anos em Itacoa...pois então, mona, eu fui com um boyzinho que eu tava pegando na época...a gente tava bebendo numa mesa aí eu fui ao toalette, tá querida! Porque eu sou uma dama (gargalhadas)...aí as bichas já sabem que no baineirão de festa é tudo, meu amor! Sempre tem algum cafuçu com a neça odara...mana, parece que o cão atenta...eu comecei a olhar pra ele e ele pra mim...aí eu comecei a bater um bolo rapidinho...depois saímos de lá...agora,pensa, mona....a bicha doida pra dar...o edi já tava pegando fogo...já tava que nem aquelas cadela no cio descendo a ladeira com o edi arrastando no asfalto (gargalhadas)...aí não sabia onde tinha motel na cidade...então saí com o boy atrás de um mato...pergunta se nessa hora a bicha tinha medo de cobra (risos)...mana, andamo, andamo, andamo...até que encontramos um terreno baldio com umas árvores e uma moita...foi ali mesmo...o boy começou a me bombar...eu parecia uma cadela no cio numa fila com 30 cachorros...foi quando começou a coçar minhas pernas...quando vi eu tava até o talo de formiga e o boy

falando...pera lá, pera lá...eu falei pera lá uma porra...eu amo dá o edi, mas com ferrada de formiga eu não me amarro não...mona, eu saí de lá cuns caralho...agora pensa na bicha toda inchada de ferrada de formiga...aí que fui lembrar do boyzinho que eu tinha deixado na mesa...olha só como é...a bicha sai pra ir no banheiro...e depois de quase 2 horas ela volta com a cara mais lisa que brasileiro no final de mês...até hoje eu lembro dessa história...eu tenho outra também, mas é meio nojenta... mas como não sou baú eu vou contar (gargalhadas)...eu tava saindo da academia aí um boy mexeu comigo...aí eu levei ele pra minha casa...mana quando o boy arriou as calças eu fiquei louca, louca, louca, louca...sabe aquela música da Shakira...então, eu fiquei naquela posição de quinze pras três esperando o boy me bombar...mana, quando eu menos espero vem aquele cheque, mas não foi qualquer cheque não...mana, eu tava tomando aquele tal de herbalife e minhas amigas garantiram que não ia dar nada na barriga da bicha...menina, eu chequei o boy todinho...sabe aquele cheque de dar banho...agora pensa no ódio que o boy ficou...queria me bater de tanta raiva...mana, acho que eu passei mais de uma hora pra tirar todo o cheque do boy...agora pensa na minha cara de lesa com vergonha...e olha até que o boy nem era feio e tinha uma mala boa...ai, ai, até de lembrar dá água na boca...chego até a piscar com o olho do edi (gargalhadas)...mana, acho que se eu escrevesse um livro com todas as minhas histórias de minhas fantasias...daria um livro de umas 500 páginas.

Entrevistador: - Sobre a origem do pajubá (item 2 de nosso questionário)

Entrevistado: bicha, se eu estiver errada a senhora me corrige...eu acho que foi nos barabadás dos terreiros...pelo menos as expressões de origem africana...agora as outras eu acho que foi com a criatividade das gays...na verdade a expressão pajubá eu conheci faz pouco tempo... vendo um vídeo de umas travas na internet... eu sempre chamei de gíria gay ou de 'língua' das gays.

Entrevistador: - Sobre o preconceito (item 8 de nosso questionário)

Entrevistado : mana, hoje não mais...durante a adolescência sim, na escola...mas sempre busquei forças pra abrir meu próprio negócio...e consegui graças a Deus...antes eu não suportava ser chamado de gay... Deus me livre!...eu tinha ódio na época de escola...eu lembro que naquela época eu pensei até em me matar...hoje eu já estou com 39 anos, pago minhas contas com meu trabalho...faço meus shows por hobby...hoje eu me aceito como sou... não tenho vergonha de ser chamado de viado, gay, bicha ou o que for...a vida da gente tem que ser bem vivida e eu sou feliz assim.

Entrevistador: sobre a mensagem contra a homofobia (item 12 de nosso questionário)

Entrevistado: Agora eu vou fazer a linha da maldita malditona como fala minha amiga tal qual...olha, se conselho fosse bom a gente não dava a gente vendia...a verdade é que esses cafuços do mal merecem pagar com a mesma moeda...bater no viado só por malvadeza...bicha, isso só pode ser doença...matar um viado só porque a bicha tá montada...isso não se faz...somos todos seres humanos e vamos todos pra debaixo de 7 palmos de terra, né...eu sei que a homofobia ainda não é crime por lei...mas eu falo com toda a sinceridade...esses monstros merecem ir pra cadeia e levar cabo de vassoura no edi até morrer de (como é o nome daquilo que a gente sangra até morrer?)...pois é... até morrer de hemorragia...pronto...lacrei!

Entrevistado: 17

Local da entrevista: Banda da Difusora

Idade: 30

Profissão: Bancário

Escolaridade: Superior Completo

Orientação sexual: Heterossexual

Categoria de gênero: Cisgênero

Data: 18/02/2017 (16:20h)

Entrevistador: sobre gênero (item 1 de nosso questionário)

Entrevistado: cara, até hoje sou homem, não sei depois que eu ficar bêbado (gargalhadas)...de boa, eu sou brincalhão mesmo ainda mais no carnaval que é só alegria...sempre amei as mulheres...as negras então! Ai papai! (risos).

Entrevistador: sobre o conhecimento e origem do pajubá (item 2 de nosso questionário)

Entrevistado: nunca ouvi falar em pajubá...é de comer (risos)...ah! a “língua” que os gays se comunicam...já ouvi sim...tenho amigos gays...acho engraçado as expressões, mas quando começam a falar muito rápido eu fico perdido...fico até achando que eles estão me tirando.

Entrevistador: sobre o primeiro contato com o linguajar LGBT (item 3 de nosso questionário)

Entrevistado: olha, no momento meus amigos gays são os amigos da minha ex-namorada...os caras são gente fina...tive um primo na infância que era gay, mas não vai pensar besteira hein (risos)...mas contato mesmo foi através dos amigos dela...ela gostava de ir pra mesma balada deles...e eu ia no bolo.

Entrevistador: sobre as expressões do pajubá (item 4 de nosso questionário)

Entrevistado: cara, eu não conheço de falar, mas geralmente eu ouço...não entendo, mas fico rindo que nem um leso das palhaçadas...gosto das caras e bocas que eles fazem parecem que estão encenando uma peça de teatro...não sei se tem lógica a minha comparação... entendo ainda menos quando eles falam meio enrolado, parece até uma outra língua.

Entrevistador: sobre o pajubá ser um código linguístico LGBT (item 5 de nosso questionário)

Entrevistado: cara, se eu não consigo entender, eu acredito que muitos brother também não...se não for um código deles é o que então? A NASA precisa estudar esses malucos isso sim (risos).

Entrevistador: sobre o pajubá como rito de passagem (item 6 de nosso questionário)

Entrevistado: aí tá fora do meu departamento, mano...agora você quer forçar com a minha pouca inteligência (risos)...eu não sei te responder...de boa! Não sei mesmo.

Entrevistador: sobre o pajubá enquanto moderador de expressões obscenas (item 7 de nosso questionário)

Entrevistado: com certeza, mano... eu penso que a parada é o seguinte: se os caras falassem do jeito que é sem usar essa língua que eles usam acho que a gente iria até ficar com vergonha...na minha opinião além de ser engraçado fica bem melhor...assim eles evitam chamar muito palavrão...ainda mais meus amigos que falam muita putaria.

Entrevistador: sobre a mensagem contra a homofobia (item 12 de nosso questionário)

Entrevistado: mano, a parada é a seguinte: a gente tem que vê que os gays são gente como a gente, Deus ama todo mundo cara...eu sou homem e mesmo assim não faço com os outros o que não gostaria que fizessem comigo...assim como eu quero respeito eu tenho que saber respeitar...de boa! Se tem os caras que gostam de bater nos gays sem motivo algum...desculpa do palavrão...esses bando de caralho precisam é de um psiquiatra.. e os que matam precisam ir pra cadeia ser mulher de bandido pra aprender.

Entrevistado: 03

Local da entrevista: Amazonas Shopping

Idade: 13

Profissão: Estudante

Escolaridade: Fundamental incompleto

Orientação sexual: Homossexual

Categoria de gênero: Gay

Data: 10/01/2017 (15:20h)

Entrevistador: sobre gênero (item 1 de nosso questionário)

Entrevistado: eu sou gay...sem dúvida...desde que era ainda erezinha...eu já ficava na frente do espelho rebolando (risos)

Entrevistador: sobre o conhecimento e origem do pajubá (item 2 de nosso questionário)

Entrevistado: olha, eu acho que foi pelos programas de televisão que fazem brincadeira envolvendo os gays...na verdade eu nunca fui atrás de saber.

Entrevistador: sobre o primeiro contato com o linguajar LGBT (item 3 de nosso questionário)

Entrevistado: olha desde os meus 11 anos que eu comecei a me soltar mais...até por causa dos meus pais, mas hoje eu me sinto bem melhor até porque eles me deixam sair com meus amigos de verdade...Eu me sinto bem quando eu tô com meus amigos... acho que é porque eu me identifico com eles... não sei explicar direito...tipo sabe quando você se sente à vontade pra fazer o que quiser, falar o que você quiser...aqui a gente pode xoxar...pode cantar Anitta...pode dançar rebolando... isso me faz feliz...as pessoas acham que nós só pensamos em ficar, mas eu não penso assim...acho que é muito melhor a companhia dos meus amigos do que de outras pessoas...pelo menos eu acho.

Entrevistador: sobre as expressões do pajubá (item 4 de nosso questionário)

Entrevistado: desculpa, eu não catei a pergunta (gargalhadas)...embora eu ainda seja muito novo...eu conheço algumas palavras da 'língua gay'...eu posso falar?...oco, mapo, mati, eke, maldita malditona, fazer a kátia cega...só não me pergunta porque do nome só sei que é fingir que não vi a amiga.

Entrevistador: sobre o pajubá ser um código linguístico LGBT (item 5 de nosso questionário)

Entrevistado: mana, pra mim é porque eu falo no meio dos meus amigos que não são gays e eles não entendem nada...eu me sinto a inteligente (risos)...parece um outro idioma.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA TRANSGÊNERO

Local da entrevista: Residência

Idade: 19

Profissão: Organizador de Eventos LGBT's

Escolaridade: Superior Incompleto

Orientação sexual: Heterossexual

Categoria de gênero: Transgênero

Data: 21/03/2017 (14:37h)

Eu me chamo XXXXXXXXXXXX, tenho 19 anos e me identifico com o gênero masculino, como um heterossexual. Eu já sofro com o transtorno de identidade de gênero, já desde a infância. Sabe quando você percebe que muitas coisas não são para você...por exemplo, eu nunca usei os vestidos que minha mãe comprava, eu geralmente guardava ou dava pras amigas, falava que tinha esquecido na casa das colegas, mas, na verdade, eu tinha dado só pra não usar. Eu nunca gostei de usar salto, eu achava aquilo horrível (incomodante)...eu pensava como essas meninas conseguem usar isso e gostam, e eu não. Isso não é possível só pode ter alguma coisa errada comigo...aí realmente eu procurei a entender se eu tava adequado àquele gênero, se realmente eu era uma menina. Então eu fui percebendo do decorrer do tempo que na verdade eu era um transgênero...eu só tinha nascido com o órgão feminino, mas minha mente era completamente masculina. Foi quando eu passei por diversas coisas...o tempo que eu fiquei meio depressivo em casa. Minha mãe mesmo costuma dizer que antes de mudar eu era uma pessoa que não conversava, não ficava com as pessoas como outras meninas...e quando eu mudei isso pra mim foi uma coisa maravilhosa...antes eu não me olhava no espelho e depois que eu mudei, eu costumo falar: caraca, bicho, como eu tô bonito...eu me sinto maravilhoso agora. Eu fico pensando no antes...aquela pessoa que se vestia com aquelas roupas femininas não era eu...era meio que uma montagem...como se fosse alguém que tivesse que interpretar algo fora de mim, que não era eu. Foi com essas atitudes de quando eu era pequeno que eu fui prestando atenção e vi que realmente eu não era uma menina. Foi desde aí que eu resolvi me assumir...verdade eu levei dois anos pra assumir isso...eu me assumi foi do ano passado pra cá. Depois disso eu fui mudando pouco a pouco até pra não impactar logo de cara, principalmente a minha mãe...até porque eu não tenho família aqui...só

mora eu e minha mãe e minha irmã...então fica mais fácil, porque não tem tantas pessoas assim pra darem opiniões. O impacto maior foi quando eu cheguei e disse pra minha mãe: mãe, eu vou cortar o cabelo!, E minha mãe perguntou: como que você vai cortar?, eu respondi: calma! (risos)...foi quando eu voltei e meu cabelo tava menor...ela falou: eu não acredito que você fez isso, mas depois ela entendeu...nesse tempo minhas roupas ficaram ainda mais masculinas, porque era mais confortável pros treinos aí foi quando minha mãe retrucou: agora que você cortou o cabelo, precisa se vestir de home? Foi quando ela percebeu até porque eu nunca fui uma pessoa de falar...eu sempre guardava as coisas pra mim mesmo...foi quando ela viu que eu me sentia feliz assim...então ela me levou pra fazer compras e tudo. Quando eu mudei meu nome eu também não avisei a ela...eu simplesmente cheguei e falei: mãe essa aqui é a minha identidade, eu mudei meu nome. Então, embora eu nunca tenha sentado pra conversar com ela... ela vê tudo pelas minhas atitudes, pelo meu comportamento com os meus amigos. Na verdade, eu nunca fui de dar explicações. Eu sempre quis ser muito independente, eu vejo as coisas do jeito que eu quero aí eu vou lá e faço, se aceitar bem, senão aceitar a única coisa que posso dizer que é assim que sou e é assim que eu vou continuar sendo. Já a reação dos meus amigos foi muito mais complicado do que com a minha mãe...algumas pessoas ficaram em choque...falaram: mas porque tu mudou o nome, tem tanta lésbica que se veste de homem e não troca o nome e eu respondia: eu não sou lésbica! Eu ou um garoto!...alguns até chegaram a dizer: eu te conheci como uma garota e vou continuar chamando pelo seu nome... até porque o que você tem no meio das pernas é o que uma mulher tem então vou continuar te chamando pelo seu nome... mas depois foram se acostumando e a maioria que dizia que não aceitava...até hoje não falam comigo eu também não falo...é só aquele oi básico...mas eu tenho meus amigos que estão comigo...eu tenho meu irmão no caso é o meu melhor amigo...foi ele que me ajudou na descoberta durante esse período de transição todo...ele foi muito importante nesse processo porque ele sempre falou: tu não pode ser menina, você precisa entender o que você é... às vezes eu chorava falando com Deus e perguntava porque eu não consigo ser como as outras garotas..... eu ainda cheguei a transitar fiquei com garotos, mas eu enjoava no outro dia já ficava pensando como terminar...e meu pensamento era namorar somente com uma garota. E apesar de eu ter ficado com vários garotos eu não me sentia atraída por eles. Foi quando eu me afastei, fiquei mais tempo enfiado em casa e comecei a procurar os médicos pra fazer o tratamento hormonal... aí foi quando eu resolvi mudar o meu perfil no facebook com o meu nome social e chamei atenção, porque disse que tinha que ser tratado por aquele nome porque era o meu nome social.

Com relação ao código pajubá, eu costumo falar regularmente, principalmente quando eu tô no meio do público LGBT. Embora eu me considere hetero, meus amigos em peso são gays, lésbicas, bissexuais eu gosto de andar muito com eles. Então quando a gente tá junto é falando o tempo todo essas gírias, de vez em quando sai. Eu falo assim: cata, mana! Engraçado que eu falo como um garoto gay mesmo, inclusive já me confundiram com um garoto gay (risos). Eu acho que o código ajuda sim a combater a homofobia. Hoje já tem até hetero que fala de tanto ouvir a gente falar. O que eles devem entender que apesar de ser um meio linguístico nosso, é uma forma da sociedade entrar mais no nosso mundinho, de entender como é, pra ver se respeitam mais e entendam mais a nossa situação. Acho que a partir do momento que a comunidade LGBT tem o seu próprio código, as pessoas que têm preconceito conseguem perceber que estamos fazendo alguma coisa pra nos proteger, mesmo que eles olhem assim meio de canto de olho pra gente.

Sobre a ideia de fazer cirurgia de mudança de sexo...eu ainda preciso amadurecer mais a ideia até porque tudo tem que ser com o tempo...passar pela mastectomia...porque é complicado afinal são brigas de hormônios, você injetando hormônios masculinos e teu corpo reproduzindo hormônios femininos. Quanto ao combate à homofobia, pedir algo que parece que entra por um ouvido e sai pelo outro... a gente pede a Deus que ilumine a mente dessas pessoas para entenderem que precisamos de amor e respeito.

**DEBATES EM GRUPOS
RODA DA VERDADE LGBT (DINÂMICA)
MOMENTO PAJUBÁ**

Local: Ponta Negra

Data / Hora: 10/01/2017 (16:37h)

Dois grupos com 12 participantes, 6 por grupo (A x B), sendo que a cada item apenas uma de cada grupo poderia representar, e cada uma só teria direito a dois momentos pra defender seus argumentos. Ao final, ganharia o grupo, cujos argumentos fossem mais convincentes.

Sobre item 1 (direitos LGBT's)

A: - Posso falar? Ou tem alguma ordem aqui nesse fuá?... mana, acho que as bichas tem que parar de se calar, mas com vulgaridade não vão conseguir.

B: - Olha quem fala! Até parece que a senhora é alguma santa, morta de passiva... (risos de todos)

A: - Amooooor! Eu era assim, mas agora eu mudei tá...agora olha pra mim pra aprender como se faz (sinal de beijinho no ombro). É serio agora (risos) parou a xoxação....pros gays realmente conseguirem seus direitos devem ser mais organizados e mais unidos...às vezes os próprios gays não são unidos aí fica difícil né, mana?

B: Além de não ser unidos...tem muita concorrência...sabe quando as bichas querem ser uma melhor que a outra... não quer deitar mesmo quando tá errada...é isso aí...

Sobre item 2 (a sigla LGBT)

B: - LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS e TRAVESTIS.

A: - mas o T não é das travestis também tem transexuais e transgêneros.

B: - mas transgênero é o mesmo que gay, não muda nada...uhuum arrasei, querida!

A: (cara de antipática)...grandes merda.

Sobre item 3 (diferença entre transgênero e transexual)

A: - Que eu saiba transexual é a bicha que muda de sexo... transgênero é parecida com hermafrodita...tipo a Roberta Close.

B: - acho que transgênero é a pessoa que já nasce com os traços femininos...tipo o menino que gosta de vestir saia desde que é criança.

A: mana, então sou eu (risos), porque desde pequeno eu adoro vestir saia...

B: não se pronunciou mais.

Obs.: depois da dinâmica, um outro participante explicou a diferença

Sobre o item 4 (a parada gay)

B: Acho que tá faltando mais organização...tipo um pouco mais de faixas...também falta mais investimento do governo...as bichas vão pra lá ficam dançando...ficam ouvindo o ekê dos políticos...ah pera lá acaba virando boate e só isso.

A: Olha, eu acho que a maioria das gays vão só pra catar os boy...só acho...ah meninas não vem não...agora todo mundo quer dar uma de santa...ai para que tá feio!...se as gay realmente fizessem o seu papel de lutar pelos direitos até que adiantaria...mas vão só pra beber com os boy e dar close.

B: Menina, o que falta é união...isso que falta...todo ano morre um monte de viado e a polícia nem tchum...só no barabadá da caetana... isso vai mudar de verdade quando os gays se derem mais valor e pararem de pensar só em neca.

A: Mana, a senhora já tá falando igual uma pastora (risos)...aquela né! Mas eu concordo com ela sim...tem que ter primeiro respeito dentro do grupo LGBT pra gente poder mudar as coisas.

Sobre o item 5 (points LGBT's da cidade)

A: Mana, claro que é a boate ZOOOM (gargalhadas das outras colegas)...brincadeira, monas, o chiqueiro já fechou...acho que ainda é a TS até porque já fechou a A2.

B: Mas tem o Rêmulos também, mana (mais gargalhadas de todos)...tem o cabaré que grelha também horrores.

Obs.: depois da 6ª pergunta optamos em materializar as frases do universo LGBT, como resultado de nossa dinâmica.

Apêndice G – Resultados do debate em grupo

TERMOS E EXPRESSÕES DO PAJUBÁ

GRUPO A

Picumã	Babado
Amapó	Segura essa marimba monamour;
Elza	A Neca do oco ta odara;
Odara	A mapleyci cata tudo
Mati	Tá boa!
Acué	Me parte a cara de tanta vergonha.
A bete faria	Coragem, aquenda, babado
Cheque	Bapho
Carão	Bicha a senhora é destruidora mesmo
Neca	Estou pretérita
Tombar	Essa bixa, quer me tombar..
Toda trabalhada	fazer a chuca....
Uó	Cata
Pão com ovo	Viaaaaaaado
Truque	Te manca viada... a senhora nem brilhassimi!
Arrasou	nhain dreeg bata.
Vou sambar	Êqueeee
Coragem Amiga	Acorda, Alice
Se manki	Desaquenda
Quem é vc querida!	Mônica, aqué ,lajans, marfaire,mecles,malacos
Coitada a senhora	Traaaaa
Passada na beleza né quiridah?	Não faz a Carla
foi xoxada	Ta boa
A senhora nem grelha	Tu rompe monamur
Machuda couve-flor	Não deita!
Tô no soro!	Munheca encaralhada
Miga sua louca	Küenda!
Taa bouuua	Arrasou bichaaaaa
Dando o close	Mas tu grelha!?
Aqüenda	

GRUPO B

Akuenda	Cata o boy tem que saber que somos boca de tracaja
Akué	Chuca
Chek	Debanda
Besha	Cata
Erê	Vamo meter a Elza
Cafuçu	Debare
Choque	Neca
Purô	Aquela
Rompe	Arrasastes
Eq	Uó (já tem até hétero usando)
Truque	Aloka
Cata	juroza
Neca	Tá boa
Edi	Coitada!
Lacra	Kela
Aquenda	
Mapo	

Obs: As expressões foram escritas da maneira como costumam ocorrer as variações gráficas do pidgin. Por esse motivo ocorre a repetição de alguns termos.

ANEXOS

ANEXO A – EDIÇÃO EXPERIMENTAL ABRIL/1978 DO LAMPIÃO DA ESQUINA



LAMPPIÃO
Edição experimental – Número zero
abril, 1978 – Circulação restrita

Homo eroticus
Um ensaio de
DARCY PENTEADO

CELSO CURI
processado.
Mas qual é
o crime
deste rapaz?

Duelo de machões
Nureyev
VS Cássius Clay

Exclusivo
García Lorca
também assume

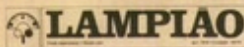
Uma noite no Cinema Iris

Colaboram neste número:

João Silvério Trevisan	Francisco Bittencourt	Iaponi Araújo	Aguinaldo Silva
Gasparino Damata	Clóvis Marques	Adão Acosta	João Antônio Mascarenhas

Fonte: www.grupodignidade.org.br

OPINIÃO



Saindo do Gueto

Conselho Editorial: Adão Costa, Aginaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.
Coordenador de edição: Aginaldo Silva
Editores: Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Acosta, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata.
Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Iapohi Araújo, Billy Acioly, Luís Canabrava (Rio); José Pires Barrozo, Filho, Paulo Augusto (Niterói), Amylton Almeida (Vitória), Gláucio Matoso (São Paulo); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Caio Fernando Abreu (Porto Alegre).
Arte: Ivan Joaquim, Mem de Sá
LAMPÍAO é uma publicação de LAMPÍAO, Editora de Livros, Revistas e Jornais.
 Endereço: Caixa Postal 41031, ZC-0915 (Santa Teresa), Rio de Janeiro – RJ

Brasil, marco de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma

certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistas, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma ban-

deira exótica ou "compreensível", cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando — ao "assumir" — a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convêm à sua perpetuação e ao seu funcionamento.

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital, seu

sexo não é aquele que ele desejaria ter.

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPÍAO não pretende so-

lucar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente desígnia da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.

A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo

ao sistema — do qual se tornam apenas "bobos da corte" —, declaram-se por ledão engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades, o que LAMPÍAO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito — o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal.

Para isso, estaremos incessantemente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos

da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados — dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (distorsão) de pânias.

Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas.

Mostrando que o homossexual rebusca para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais, que ele não que viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem; que ele não é um eleito nem um maldito; e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter, LAMPÍAO deixa bem claro o que vai orientar à sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor — que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos.

O Conselho Editorial

Senhores do Conselho

A ideia de publicar um jornal que, dentro da chamada imprensa alternativa, desse ênfase aos assuntos que esta considera "não prioritários", surgiu em novembro do ano passado, e provocou uma série de reuniões; na principal delas, realizada em São Paulo, onze pessoas assumiram o que a mesma imprensa alternativa chamada de "compromisso histórico": estava criado LAMPÍAO, e ficou decidido que os onze criadores formaram um Conselho, encarregado de traçar a linha editorial dessa publicação. O mesmo Conselho selecionará no futuro — de acordo com a viabilidade do projeto agora posto em prática —, sempre seguindo a linha adotada pelo jornal, os livros que a editoria criada para editar LAMPÍAO publicará.

É este o Conselho Editorial de LAMPÍAO:

Adão Costa — Jornalista, ex-terapeuta ocupacional, pintor, exercendo esporadicamente as funções de tradutor (inglês português).

Aginaldo Silva — Jornalista especializado em assuntos policiais, escritor (tem dez livros publicados), tem uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com *Opinião* desde os primeiros números, e é um dos fundadores do *Movimento*.

Antônio Chrysóstomo — Jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários *shows*. É um dos mais polêmicos críticos musicais do país.

Clóvis Marques — Jornalista e tradutor, faz crítica e cinema. Sub-editor do *Guia de Filmes* publicado pela Embrafilme, é correspondente, no Brasil, de *Film Dope*, de Londres.

Darcy Penteado — Artista plástico e escritor. Uma das figuras mais importantes do *front* cultural paulista, foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais. Seu primeiro livro, *A Meta*, com histórias que

abordavam esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano passado.

Francisco Bittencourt — Poeta, crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção do Brasil), e colabora como crítico em vários jornais.

Gasparino Damata — Jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia. Organizou duas antologias — *Histórias do Amor Maldito* e *Poemas do Amor Maldito* — que tinham o homossexualismo como tema.

JEAN-claude Bernardet — Crítico de cinema, um dos técnicos do Cinema Novo, possui também uma longa experiência na imprensa alternativa. Um dos colaboradores mais ativos do *Opinião*, é um dos fundadores do *Movimento*.

João Antônio Mascarenhas — Advogado, jornalista e tradutor, abandonou a burocracia dos Minis-

térios da Educação e da Agricultura para formar a cadeia de "gente boa" que resultou na ideia de se publicar LAMPÍAO.

João Silvério Trevisan — Cineasta e escritor, é autor de um dos livros de contos mais elogiados do ano passado — *Testamento de Jônatas deixado a Davi*. Está escrevendo um romance destinado ao público juvenil, fruto de suas andanças pela América Latina.

Peter Fry — Nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo na Rodésia, voltou à Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou depois como professor. Em 1970 veio para o Brasil, contratado pela Universidade de Campinas, onde está até hoje. Tem pesquisado sobre as religiões afro-brasileiras e pretende escrever sobre a sexualidade no Brasil.

ENSAIO

A pesar da mentalidade mod... atual, é difícil assegurar que o sexo não continue sendo um tabu entre nós. Particularizando, o que se pod. dizer então do homossexualismo, sobre o qual pesa desinformação total e muito preconceito?

O brasileiro tem do homossexual uma idéia primária calcada no "folklore" que circula pelas ruas e que é absolutamente negativa como uma variação da sexualidade nos seus termos convencionais e não uma deformação dela, como se acreditava antes. No terreno da criação intelectual e artística, a carência de informações ao público, que afinal é o consumidor, e a delimitação moral imposta pela sociedade, constrangeram o artista a evitar o tema ou a abordá-lo timidamente, na maioria das vezes resguardando-se isto é, dando a impressão de ser ele um mero observador pelo lado de fora.

Parece-me ousadia querer então falar de uma cultura homossexual brasileira, uma vez que estamos apenas engatinhando e além do mais sobrecarregados de preconceitos - razão porq... e ela teve e continua tendo existência "underground". Para se chegar à luz de uma possível "normalidade", carecemos da conscientização do meio sobre o que seja a verdade da homossexualidade e, principalmente, da auto-conscientização dos artistas criadores.

Terá existido uma arte pictórica erótico-homossexual entre nós, mesmo em caráter tímido e cretório? De uma pesquisa no meu arquivo de artes plásticas, constatando a maior das pobreza nesse sentido. Os nossos acadêmicos Zeferino da Costa, Oscar Pereira de Silva, Almeida Júnior e Bernardelli pintaram belíssimos nus femininos ("A pompeana", "Escrava Romana", "Descanso do modelo", "Mescalina", entre outras obras), mas foram refratários ao nu masculino. E antes que alguém mais exacerbado levante a objeção, eu mesmo a faço: "E por que haveriam de pintá-lo quando a tendência da época, apesar das remotas e distantes emanções Willianas que poderiam vir da Europa e das "pegões" de Bilac na Rua do Ouvidor... eram para a exclusiva apologia do corpo feminino? Além disso, acrescento que pouco ou nada se sabe, nem houve mesmo, creio, interesse em sab... sobre as preferências sexuais dos referidos artistas.

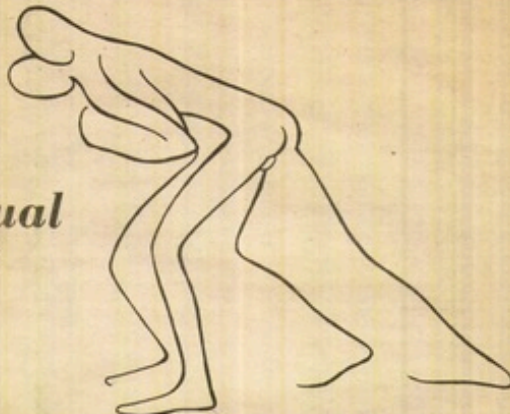
Já não estou então, na tentativa de encontrar intenções homossexuais na nossa pintura, apenas pretendendo localizar o que poderia ser chamado de apelo ao erotismo homossexual. Passo então aos nossos pintores indianistas (quem sab...?) e aos silvícolas das telas históricas brasileiras parecem estar sempre preparados para cantar (em italiano), "O Guarani", de Carlos Gomes!... Alguns usam até pelias de Leopoldo, imaginem. Única exceção é "O Último Tamoio", de Rodolfo Azevedo. Não que o índio da tela seja menos europeizado que os outros ou exista nessa figura uma intenção erótica a priori - mas não se pode negar que ela está lá, com ou sem intenção do pintor.

Neste retrospecto paupérrimo, aparecem ainda dois nus masculinos d. Eliseu Visconti, denominados "Academia" e "Nu", obras de bastante significação; e um "auto-retrato", da juventude do artista, um torso nu com cabeça de traços vigorosos e olhos claros, que tem boas chances de provocar d. vaneios em homossexuais imaginosos.

Mas... o que é afinal o erotismo? Qual o limite entre esse e a pornografia? Muito já se disse ou se fez, sendo que cada época adaptou ao seu gosto. Uma amiga em cuja sensibilidade não ponho dúvidas, diz que erotismo é, por exemplo, uma mulher coberta de véus, apenas com uma ponta de pé à mostra - bem mais erótica que outra que exponha o corpo sem mistérios. A definição de erotismo depende então do grau de sensibilidade de quem vê, mais que daquilo que é visto. Transpondo, pode-se dizer também que o conceito d.

"Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil"

darcy pentecado.



imoralidade está na cabeça de quem vê, não no que é visto.

Ainda sobre o nu masculino: bastante conhecida nos meios paulistas de arte, é uma figura nus pintada no medalhão central da platéia do Teatro Municipal, cujo modelo foi o então jovem na época filho do artista e também pintor, Paulo Rossi Osir, artista plástico, que participou do Spam, movimento post-modernista brasileiro. Porém, é a Anita Malfatti que cabe a glória de haver criado o nu masculino mais corajoso da nossa pintura. O "Retrato de Sangirardi nu" por exemplo, nada deixa para ser imaginado. Tudo está ali, de corpo presente, para espanto do público quando a tela foi exposta pela primeira vez. Também excelentes e corajosos são os seus desenhos anteriores da fase alemã (1911 a 1915).

Não me consta que exista nada depois de Anita Malfatti e antes dos meus primeiros desenhos erótico-homossexuais, que datam de 1948-49. E não tenho dúvida: "Inaugural" o gênero no Brasil. Em agosto de 1949 (Instituto dos Arquitetos, S. Paulo), expus oito pequenos trabalhos da série que Reynaldo Bairão batizou de "Adolescentes possuídos em Deus". O escândalo foi grande, tanto assim que apesar da opinião elogiosa de Sérgio Milliet, a crítica em questão deixou de ser publicada no "Estado de S. Paulo" porque algum guardião da boa moral telefonou ao jornal reclamando sobre o caráter indecoroso da mostra.

Eu poderia dividir a glória (glória?) da pesquisa nesse setor com Carlos Bastos que na mesma época, isto é, em 1949 decorou em Salvador o bar "Anjo Azul", considerado por Satre o primeiro bar existencialista da América do Sul, sem no entanto fazer considerações sobre o caráter homossexual dos painéis - caráter esse que o próprio pintor não considera tão definido como nos seus desenhos posteriores, em número de 50, aproximadamente, e que foram adquiridos pelo industrial Curt Weill, dos Rio de Janeiro. Com a morte de Curt Weill há alguns anos atrás, esse acervo, apesar da sua importância, tomou paradeiro ignorado.

Para completar esta reduzida bibliografia sobre uma possível arte erótico-homossexual brasileira, eu citaria as obras de um outro balano, o excelente desenhista Luri Jasmim. Aconteceu com Jasmim o que quase sempre acontece quando uma temática é imposta ou auto-imposta os seus desenhos intencionalmente homossexuais, com cenas de sexo coletivo, por exemplo, (conheço dois deles), são fráguas porque a qualidade do desenho perde para a objetividade da motivação. Porém ele se realista de forma sublime em

outros trabalhos (que talvez ele nem classifique como erótico-homossexuais), inspirados em cerâmicas gregas, onde guerreiros com as partes sexuais frequentemente à mostra, repousam da batalha entre elmos e couraças.

É possível que atualmente a arte pictórica erótica homossexual esteja mais difundida entre nós, com maior número de pesquisadores, mas como ainda bem pouco se divulga ou se expõe, pouco ou nada se conhece. Quanto a mim, só voltei a pintar nus, particularmente nus masculinos, depois de 1971. Um deles era um Adão a maneira de Dürer e meu modelo foi o ator Marcelo Píochi. Essa tela, como as outras da série, não era intencionalmente erótica. Era apenas a imagem-suporte que, por meio de plásticos transparentes, o espectador vestia ou espia.

Em 1973 tentei com bom resultado uma volta ao erotismo homossexual que eu deixara lá atrás, em 1949. Influenciado pelo pintor austríaco Gustav Klimt e pelas alegorias "art-nouveau" de Mucha, pintei quatro "sentimentos essenciais", série que deveria ter sido ampliada, mas que até hoje só ficou nessas quatro telas. Intencionalmente copiei composições e efeitos plásticos desses dois artistas, mantendo inclusive as posturas. As figuras, porém foram mudadas, de femininas para masculinas.

Nesse mesmo ano, na XIII Bienal de São Paulo apresentei uma proposta de arte em forma de audiovisual. Só indiretamente era homossexual: havia duas cenas no gênero, entre doze realizadas com pessoas de sexos opostos. A "Proposta de Amor", assim se chamava, fazia a apologia do amor e desmistificava o tabu da nudez. Mostrei pessoas bonitas, despidas e em posturas de estatúia, provando assim que a nudez é bela e deve ser contemplada sem preconceitos ou falsos moralismos. Os meus modelos, fotografados por Thomas Scheier (com ele próprio, a esposa e a filha de três anos também posando despídos), transformaram-se em réplicas de estátuas gregas, o que foi apreciado por mais de cinco mil pessoas que durante os dois meses da bienal lotaram o auditório. Muitas dessas pessoas deixaram por escrito as suas opiniões: "assistimos e voltamos trazendo os nossos filhos"; "Uma imagem de beleza, isenta de malícia"; "Nunca a nudez foi mostrada de maneira tão limpa e bonita". Havia ainda desenhos ingênuos de corações traspassados por flechas, com dois nomes dentro, etc. Contrariando a ética prevista, o júri internacional nos aplaudiu de pé, no final da projeção e o representante da Bélgica, que sentara-se ao meu lado, enrugou as lágrimas.

Pieguismo talvez mas que conta, principalmente quando parte de um crítico de arte, que por princípio deve ser severo e frio. Nesse momento tive certeza de que o prêmio para audiovisuais seria meu. Porém... entraram as objeções dos elementos locais do júri de que, por exemplo, a boa arte não deve apelar para os sentimentos, etc. etc. A opinião do próprio presidente da Bienal, pessoa fora de dúvida quanto à sua importância para as nossas artes plásticas, mas que em relação a conceitos sexuais (eu creio), morreu fiel aos princípios pequeno-burgueses, também influiu na premiação. Resultado: uma outra proposta em que havia também mesclado a poluição visual, contrastes urbanos, imagens pseudo-sociais e virtuosismo imagístico - uma composição que, principalmente, não comprometia a moral do sistema, foi a que abocanhou o prêmio.

É um fato curioso nos ambientes de arte de vanguarda, nas Bienais por exemplo, onde a mentalidade deveria ser bastante eclética, como a posição vivencial e humana dos que julgam é estrita. Os críticos e os intelectuais da arte frequentemente deixam claras suas aberturas ou suas atitudes políticas, mesmo contrariando o sistema vigente, mas se apavoram quando a sua opinião deve se estender a uma definição mais intimista, como a sexual.

Quantas pessoas, não se propõem atitudes políticas para compensar ou justificar frustrações pessoais? A meu ver, o essencial para a boa coexistência com os demais, é a harmonia do indivíduo consigo mesmo.

Finalizando: conservo com avareza boa parte do acervo erótico-homossexual de minha autoria. As telas dos "sentimentos essenciais" ou o "Adão" em plástico, só saíram das minhas mãos para algum museu ou colecionador especializados (existirão, algum dia?). Quanto aos desenhos da série "Adolescentes possuídos em Deus", devo ter apresentado um ou dois em 1949 a artistas, meus companheiros de geração. Duas réplicas com pequenas modificações foram para Winston Leyland, do Gay Sunshine Press, de São Francisco, para publicação na antologia que esse editor está preparando sobre a América do Sul. Tive recentemente que dispor de um da série e o fiz com prazer: conversando com Tônia Carreiro sobre arte, ela lembrou em detalhes esses desenhos, que virá na exposição de 1969. Lembrar-se desses meus trabalhos quase trinta anos depois é prova de muito carinho. Nada mais justo então, que um dos "Adolescentes possuídos em Deus" se mudasse para o apartamento da Tônia.

ESQUINA
A verdade sobre Garcia Lorca

Salvador Dalí, com seu cortante precisão, disse certa vez sobre o poeta Federico Garcia Lorca: "o fuzilamento foi a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido". O que ele queria dizer é que Lorca, homossexual, mais cedo ou mais tarde seria repudiado pela esquerda espanhola, se o fuzilamento não o transformasse num mártir da democracia. Segundo a lenda, o sargento comandante dos falangistas que executaram Lorca, quando chegou a sua vez, mandou que ele ficasse de costas, "para morrer como um marido." Se é verdade ou não, ninguém sabe, mas é evidente que a esquerda espanhola à falta de outro poeta tão representativo, teve que engolir o fato de que Federico cantava a beleza de — entre outros — Inácio Sanchez Mejia para transformá-lo no seu Poeta.

É verdade que Lorca, apesar de, que (também) disse Salvador Dalí — "ele era louco por mim", comentou certa vez o pintor —, nunca saiu, em relação à sua sexualidade, da zona de sombra. Tanto que só em 1976 a Universidade inglesa de Oxford publicou sua peça *El Público*, escrita em 1930 e entregue por ele ao seu amigo Rafael Martinez Nada com uma recomendação: não deveria ser nunca publicada. Morro Frederico, seu irmão Francisco, guardião de sua obra, revelou a mesma preocupação, e *El Público*, uma análise de angústia de umidade da incompreensão da sociedade, permaneceu a sete chaves.

Agora, com a encenação de *El Público* pelo Teatro da Universidade de Porto Rico, sabe-se que Lorca, se a peça tivesse sido lançada à época em que foi escrita, poderia ter perdido o seu lugar como segundo mito da esquerda espanhola — o primeiro é a indefectível *La Passionaria* —, mas certamente teria ganho como dramaturgo. Nesta peça, tem 40 personagens em cena. A maioria dos protagonistas são homens que desempenham papéis femininos, "um avanço de muitos anos do engenho inventivo lorquiano sobre o teatro do absurdo dos anos cinquenta". Victoria Espinosa, diretora do espetáculo de Porto Rico, define a peça:

— Lorca defende em *El Público* o amor em todas as suas acepções, o amor entre um homem e uma mulher, o amor homossexual, o amor franciscano entre um ser aniquilado e um inanimado como uma rosa.

O contraste entre esta peça e as outras do autor consiste no fato de que, ao contrário de *Bodas de Sangue*, *Yerma*, *A Casa de Bernarda Alba*, não é sobre mulheres que ele fala, mas é sobre os homens, dessa vez, que se abate a metáfora lorquiana da frustração. O personagem principal é um diretor de teatro que se desdobra em vários personagens e que procura uma obra para satisfazer o público que deseja a mentira, mas ao qual a vida será mostrada nua. E existe aqui outro detalhe no qual Lorca também se adiantou 30 anos em relação ao seu tempo: há algumas cenas de nus.

É uma pena que só agora *El Público* chegue ao conhecimento do público. Ela permitirá que se discuta, num nível mais aberto — já que é ele próprio quem fala —, o problema da sexualidade de Lorca, tantas vezes reprimida, inclusive por ele próprio. (U.S.)



O nosso prazer é melhor?

Para começo de conversa, em se tratando de orgasmo é preciso por as coisas no lugar: as pessoas devem ser informadas, primeiro, de que o homossexualismo, na verdade, é uma disposição emocional latente: não é ma perversão, nem uma doença, isso já ficou estabelecido pelos especialistas que leva ao contato próximo e íntimo entre pessoas do mesmo sexo, contato esse que pode ou não ser expresso sexualmente. Portanto, a idéia de que os homossexuais só pensam em sexo deve ser de saída afastada, e isso nos levará imediatamente a um conceito muito mais amplo do que seja homossexualismo: ele abrange, inclusive, algumas formas bastante viris de amizade masculina.

Dito o que, é bom lembrar que o orgasmo homossexual está diretamente relacionado com o orgasmo do sexo a q. e o homossexual pertence, já que só existem dois sexos, e o homossexual obrigatoriamente pertence a um deles, quando é homem, ou quando é mulher. E então se pergunta: o que se sabe sobre o orgasmo masculino? Para a maioria das pessoas, e principalmente para o bem-estar e a tranquilidade da sociedade machista em que vivemos ele é uma coisa que começa e termina na ejaculação, e é o momento culminante de um ataque (o pênis é uma arma) cujo único objetivo é a vitória, ou seja, o gozo e a conseqüente humilhação

daquela que se deixa possuir, a dominada, a mulher. E está? O que se sabe sobre o seu gozo? Até hoje não se chegou a uma conclusão sobre a forma através da qual a mulher chega ao orgasmo. Tanto se disse que um dos elementos essenciais de sua natureza é o recato, que a mulher não consegue outra saída senão estabelecer em torno de si uma zona de sombra em cujo ponto mais obscuro está a sua forma de prazer.

E como ficam os homossexuais d. ambos os sexos, se a sociedade machista, nesse sistema todo, também lhes impõe um lugar? A eles cabe, ainda que grotescamente, parodiar o sistema, participar de uma farsa grotesca cujo objetivo maior é barrar o caminho que os levaria à liberdade individual: sobre o orgasmo eles sabem apenas os dogmas que a sociedade machista impôs, ou seja eles aprendem desde cedo — como a mulher que o sexo é uma batalha da qual forçosamente sairão derrotados. O que pode salvá-los, talvez, é o fato de que seu mundo emotivo tem uma intensidade especialmente grande, e por vários motivos. Um deles: a constatação de que eles são uns excluídos e, segundo critérios superados mas ainda válidos, uns párias.

Chega-se assim a uma conclusão: como caricatura da caricatura do que seria um ser humano, o homossexual g.za mal: o mesmo ocorre com os machões, que renegam todo o longo caminho que leva ao detalhe da ejaculação; e pior ainda com a mulher, cuja sexualidade foi sempre observada a partir de um ponto de vista espiritualmente masculino (Charlotte Wolff, da Associação Britânica de Psicologia: "A mulher, tal como hoje a conhecemos, é essencialmente um artifício, a não ser nas

regiões onde a civilização mal ro ou a superfície da vida. O senso de propriedade, que atinge o auge no capitalismo, amoldou o aspecto e o comportamento feminino no mundo ocidental").

A moral da história é que todos nós estamos muito longe do orgasmo redutor. Uma senda para se chegar até lá? Talvez seja o fato de que a única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos é através da expressão franca da natureza bisexual de todo homem e mulher. O erro do homem foi que até hoje ele não levou em conta que essa deveria ser, obrigatoriamente, a base de toda e qualquer revolução. (A.S.)

Receita para ter um filho

Há alguns anos o médico inglês David Sappher vinha se dedicando a uma interessante ocupação: coletar, mediante o pagamento de seis libras — o equivalente a Cr\$ 190 — o esperma de jovens estudantes. Havia sempre jovens dispostos a ganhar dinheiro de maneira tão súmia — o dr. Sappher lhes oferecia meios destinados a facilitar a coleta, como revistas eróticas etc. — mas não se pense outra coisa do médico: seu interesse era puramente comercial. O sêmen coletado era vendido, depois, ao preço de Cr\$ 720, a mulheres homossexuais interessadas em ter filhos por inseminação artificial.

O negócio do dr. Sappher foi descoberto há pouco por duas lésbicas repórteres do *Evening News* — elas se fizeram passar por lésbicas e se disseram interessadas em ter um filho — e resultou em verdadeiro escândalo na Inglaterra. A repercussão no Parlamento inglês, por exemplo, chegou ao ponto de uma deputada, Jill Knight, do Partido Conservador, pedir uma punição para o médico, sob o argumento de que "uma criança necessita, acima de tudo, do ambiente normal e natural de uma família." É verdade que as mulheres homossexuais não ficaram caladas ante a reação da deputada. Jackie Foster, principal dirigente da Sappho, a entidade das lésbicas britânicas, lembrou que "mulheres são mulheres" e, quanto aos filhos nascidos a partir da intervenção do dr. Sappher, ela negou que sofriam problemas decorrentes da falta de um pai.

O aprofundamento da discussão revelou que as homossexuais não estão tão nessa batalha. A Associação Médica britânica e o Departamento de Saúde, numa declaração conjunta, e sem citar especificamente este caso, referiram-se de modo diferente à legalidade da inseminação artificial em situações como essa, deixando a decisão "a critério do médico e da paciente envolvida". E houve até quem assumisse em relação ao assunto, uma posição bem mais avançada que a do subitamente notório dr. Sappher. Foi o caso da feminista Germaine Greer, que propôs o controle estatal do espermatozoid.: "trata-se de um recurso natural de incomensurável valor, desgraciadamente mal empregado", ela argumentou.

Menos ambiciosas, as homossexuais inglesas preferem continuar utilizando os recursos da iniciativa privada — no caso representada pelo dr. Sappher — e através da Sappho, reivindicam o direito de decidir elas próprias sobre a questão, sem que esta se torne, obrigatoriamente, um assunto escandaloso.

ESQUINA

Qual é a da nossa imprensa?

(Primeira pessoa a tentar impor um novo conceito à chamada "imprensa homossexual" — até aqui limitada a um pastiche do colonialismo social exercido na grande imprensa (grande apenas no sentido de economicamente poderosa). Frederico Jorge Dantas encontrou barreiras praticamente intransponíveis, quase todas erguidas pelas pessoas a quem ele dirigia o seu boletim, *Eros*. Uma análise desta experiência é feita para LÂMPIÃO por ele próprio no artigo abaixo)

A tentativa exitida pelo chamado jornalismo underground homossexual, no sentido de informar aos nossos irmãos sobre necessidades primárias, que vão desde o modo de encaramos o problema até onde e como devemos nos impor, deixa de ser um trabalho de aproximação para acabar se tornando, na sua maior parte, num conflito onde pequenos grupos criticam, rejeitam e combatem o aparecimento de novas idéias, de mentalidades estruturadas numa nova filosofia d. vida.

Eu comecei fazendo pesquisas sobre o comportamento sexual e tenho procurado abrir espaços destinados a pessoas que se irmanem no sentido de formar uma pequena escola, visando com isto à formação de um grupo consciente e interessado no que mais tarde poderá vir a ser o Movimento de Libertação Homossexual. Distribuí os "cadernos" dentro de um padrão ainda informal, continuando de acordo com as reações sentidas nas pessoas. E procurei apoio naqueles que defendem a tese de que o homossexual tem necessidades de se desenvolver dentro de uma realidade contrária a esta, estabelecida e estruturada, onde o machismo é aceito e cultivado da maneira mais primária possível.

Reconheço ser a bicha atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. Escrever o que se conseguiu aprender é o correspondente para o sboço de um futuro melhor, onde possamos reagir com racionalidade e coesão às represéssões sociais que nos são impostas pelo grupo majoritário onde o machista credenciado desrespeita a própria regra das liberdades individuais. Esta talvez seja uma das razões que causam polémica diante daqueles que insistem em ostentar uma condição pioneira dentro deste tipo de trabalho desenvolvido. Em verdade, ainda está para ser iniciado o jornalismo homossexual, já que tudo o que tem sido feito até o momento é o que poderia ser chamado de "colonialismo social", reflexo exato da corrupção moral em que se encontra envolvida a homossexualidade, vítima desta discriminação esmagadora, e que continua sendo imposta pelo estilo machista.

Tentar esclarecer sobre a necessidade existente nos homossexuais desta nova geração, de buscarem um modelo de identidade a ser aceito pela sociedade, juntando a isto a demonstração de engodo existente na atualidade, onde as "deslumbradas" (versão incorreta das Preciosas Ridículas do reinado de Luís XVI) insistem em defender a teoria ainda aplicável de que o homossexual deve se impor pelo campo financeiro, convivendo no entanto dentro dos preconceitos machistas, é uma das coisas que pretendo, embora isto acabará transformando a coisa em estado d. guerra.

O lançamento do *Entender* provocou um sério colapso na estrutura daqueles

"cadernos" onde a pauta central é o "colonialismo social", ao mesmo tempo que gerou um estado de esperança nos que cogitam a realidade de uma homossexualidade despida do fetichismo sexual que ainda é a razão da nossa existência para os menos esclarecidos.

Mas a necessidade de irmandade e de auxílio mútuo, elementos básicos para a sobrevivência e o desenvolvimento de um trabalho, parece não existir nisso tudo. O estilo de crítica usado em determinadas colunas deixa bem claro a condição do verdadeiro estado de espírito da maioria dos homossexuais. No final muitos circulam com publicações desse tipo, não que estejam com elas identificados, mas pelo simples fato de curtirem a "onda". O homossexual hoje transformou-se num mercado de exploração bastante rentável, e o pior é que isto está prejudicando bastante o despertar desta consciência que bu procura desenvolver para os 150 leitores de *Eros*. O que mantém vivo o interesse desses leitores de *Eros* é justamente a diferença de estilo, a tomada de posição que procura desenvolver dentro d. meus limites. No entanto, todo este trabalho tem apenas o sentido de início, e irá se dissolvendo à medida em que os jornais impressos forem tomando o público e se impondo pela facilidade de venda e distribuição.

Dolorosos processos de autocondenação destroem centenas de homófilos incapazes de enquadrar-se dentro d. uma definição social estável. Esta insegurança acaba originando comportamentos agressivos e em alguns casos, contrário ao bem estar social do nosso próprio grupo. E são problemas desta natureza que devem ser estudados e desenvolvidos no contexto do que poderemos chamar futuramente "jornalismo homossexual". (F.J.D.)

Com o tímido apoio da Anistia

"O Conselho Internacional, considerando que certos governos prendem por orientação ou comportamento sexual pessoas maiores de idade (consenting adults), afirma que a Anistia Internacional considera prisioneiros de consciência as pessoas detidas ou encarceradas por causa d. orientação ou comportamento sexual, desde que não tenham infringido os direitos humanos de outras pessoas; solicita q.e o Comitê Executivo Internacional informe o Conselho Internacional de 1978 sobre as possíveis maneiras de ajudar esta categoria de prisioneiros de consciência."

A resolução, adotada pelo Conselho Internacional da Anistia Internacional em 1977, por proposta da Seção Francesa à reunião de Bad-Hannof, perto de Bonn, foi recebida na Europa com menos otimismo que talvez se pudesse esperar. É que — no ano em que foi agraciada com Prêmio Nobel da Paz, é bom lembrar — a Anistia atacou a questão com boa dose de cautela. Uma cautela de que sempre se cerca diante do emaranhado de dificuldades que enfrenta para poder atuar dentro deste ou daquele país, em favor de presos que vêm desrespeitados seus direitos humanos.

No caso dos homossexuais (detidos, por exemplo, por atentado aos bons costumes, segundo um d. s. eufemismos da lei brasileira), não se pode esperar para breve um socorro mais concreto d. organização. Ela teme, sobretudo, enredar-se na indefinição de costumes e leis sobre a questão,

tomar iniciativa que, não contando com um respaldo concreto, venha até a piorar a situação de seus "adotados" (é este o termo empregado pela própria Anistia para se referir às vítimas de encarceramento injusto de que cuida).

De qualquer forma, um passo foi dado. Segundo David Simpson, chefe da Seção Britânica da AI, o que a organização analisa agora não é se deve ou não atuar em favor de pessoas presas por sua orientação sexual, mas se pode ou não. Diversas formas de abordar o problema terão de ser estudadas com a orientação de diferentes organizações e pessoas interessadas.

Pergunta-se, naturalmente, o q.e pode ser feito, neste sentido, no Brasil. A realidade dos homossexuais q. se literalmente violentados pela polícia carioca, por exemplo, em cinemas e becos da cidade, é muito mais prosaica q.e a d. um Sergei Paradjanov, o cineasta russo (Os Cavalos de Fogo) condenado a sete anos de prisão por homossexualismo, incitação ao suicídio e tráfico de ícones (sic!). Duvido que um dia sobre pela Praça Tiradentes a brisa de boa vontade da AI; seus adotados nesta "categoria" serão sem dúvida de mais prestígio condição política. Além disso, terão provavelmente de estar sob processo ou conseguir de alguma forma (detenção prolongada sem culpa formada, maistratos sérios, etc.) chamar a atenção para sua situação. O que não será o caso de tantas pessoas detidas e humilhadas por uma noite, a forma de "castigo" mais difundida e difícil de combater, porque para todos os feitos não existe.

Mas seja como for, e por enquanto, a resolução anistiana já abre um belo precedente, e poderá afinal encaminhar a medidas concretas. (C.M.)

Lembrando o triângulo rosa

Aos poucos, começa a vir à tona a verdade sobre o sofrimento dos homossexuais na Alemanha nazista e sob o fascismo em geral. Não é preciso dizer que foi só depois do advento dos movimentos gays desta década que o mundo pode começar a tomar conhecimento desse (mais um) crime contra a humanidade cometido pelo regime hitlerista e por Mussolini, porque antes, tratou-se habilmente de ocultar tais fatos "vergonhosos" para se dar destaque apenas ao genocídio dos judeus. E no entanto, desde o fim da II Guerra Mundial e mesmo antes, as potências vencedoras já sabiam que pelo menos 125 mil homossexuais tinham morrido nos campos de concentração nazistas. A quem poderia interessar a escamoteação de um dado tão horripilante? Só Freud explicaria.

Quando Ira Glasser publicou em 10 de setembro de 1975 um artigo na op-ed (página editorial) do "New York Times", informando sobre o assassinato de aproximadamente 125 mil homossexuais nos campos de holocausto nazistas, ao mesmo tempo que pedia uma legislação específica sobre os direitos dos gays da cidade de Nova York, o crime saiu dos arcanos d. História e começou a ser discutido nos círculos liberais norte-americanos e da Europa. Com o lançamento em 1977 do filme italiano "Um Dia Especial" (quando Marcello Mastroiani, no qual o personagem é preso pela polícia do regime fascista de Mussolini por ser homossexual, o grande público passou a conhecer detalhes, ainda que através de um discurso artístico (que segundo a crítica é de pri-

meira qualidade), do que era a opressão naqueles tempos não tão remotos.

Para os homossexuais dos movimentos de libertação, porém, esses crimes já eram motivo de estudos e referência há muito mais tempo. Em Londres, por exemplo, um movimento gay vem lutando desde 1972 para trazer à luz os fatos, escandalosos e todos os anos coloca uma coroa de flores com o formato do triângulo rosa (o "distintivo" que os homossexuais tinham em seus campos de concentração, como os judeus eram obrigados a exibir uma Estrela de Davi amarela) no monumento às vítimas do nazismo.

No ano passado, essas homenagens ganharam ímpeto incontestável em toda a Inglaterra no dia 13 de novembro, o Dia da Lembrança, em que os Aliados lembram os mortos do terror nazista. Não só em Londres, mas também em Bristol, Norwich e outras cidades os ativistas gays organizaram procissões até os monumentos aos mortos de guerra para depositar ali suas coroas na forma do triângulo rosa. E em Nova York, os membros d. Aliança dos Ativistas Homossexuais distribuíram nesse dia folhetos aos espectadores do filme "Um Dia Especial" com a reprodução do artigo de Ira Glasser, "A Estrela Amarela e o Triângulo Rosa".

Em toda parte houve reação, o q.e prova que o mundo não mudou muito

desde os idos do nazismo. Em Londres, um policial tentou proibir os homossexuais de colocar sua coroa no monumento. Segundo uma publicação homossexual inglesa o policial disse ser aquela uma ocasião solene, em que as outras pessoas iam se sentir ofendidas com as díscras da coroa: "Gays contra o fascismo". As flores só puderam ser depositadas depois que uma autoridade superior deu permissão. Em Bristol, membros da Legião Britânica quiseram retirar a coroa dos homossexuais e em Norwich houve cartas de protesto contra a homenagem no jornal local e ameaças telefônicas anônimas aos promotores do evento que permitiram a presença dos gays.

Como podemos ver, a velha Albion continua quase a mesma. Aliás, a pergunta a ser colocada é: viveremos ainda num mundo vitoriano? A nossa esperança até agora era que Hitler e Mussolini tivessem sido os últimos. (F.B.J.)

Mulheres do mundo inteiro...

Tudo começou quando Winston Leyland, da Gay Sunshine Press, esteve no Brasil coletando material para uma antologia de autores homossexuais latino-americanos, a ser publicada este ano sob o patrocínio do Congresso dos Estados Unidos. As mulheres escritoras procuradas por ele reagiram de forma bastante estranha — não só deixaram bem claro que não estavam interessadas em participar da antologia, como algumas até se recusaram a falar com ele.

A ausência de mulheres em LÂMPIÃO não é, fique bem explicado, por culpa d. seu conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição. Uma das questões que este jornal pretende levantar é a do feminismo e, pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem se furtar; no caso das mulheres, a discriminação é b. m. mais complexa, e independe de suas preferências sexuais (A.S.)

REPORTAGEM

Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri?

Colunista mais lido da Última Hora de São Paulo, responsável direto pelo aumento de vendagem do jornal, Celso Curi, o rapaz da "Coluna do Meio", foi demitido em novembro de 1977 sob o pretexto de "contenção de despesas". A demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa da campanha contra o jornalista que ousou transformar em assunto diário do jornal um tema até então considerado tabu: o homossexualismo. Por causa disso ele também foi incurso no Art. 17 da Lei de Imprensa — "ofender a moral e os bons costumes" — e, processado, poderá ser condenado a um ano de prisão.

"O Papa diz que é pecado. Os anjos não dizem amém." (Celso Curi)



A 5 de fevereiro de 1976, começou a sair diariamente nas páginas do jornal paulista Última Hora uma nova coluna de cunho informativo, social e burlesco. O nome, com muito humor, foi emprestado da lãteria esportiva: Coluna do Meio. Seu autor, um jovem jornalista chamado Cel Curi, brincava com personagens de criação própria, contava piadas, noticiava acontecimentos sociais ou não e publicava um Correo Elegante. Uma particularidade, entretanto, tornava a Coluna um fato inusitado na história da imprensa brasileira: era dirigida aos homossexuais. De 30 a 40 cartas diárias passaram a chegar à Coluna, vindas de todas as partes do país. Algumas para o Correo Elegante. "Sou loiro, olhos azuis, 1m70 de altura, 65 quilos, 33 anos, inteligente, culto, dezinibido, rico, adoro festas e outros babados. Desejaria correspondêr-me com adolescentes morenos, bronzeados, olhos verdes, bonitos, inteligentes (não precisam ser cultos), para simples amizade ou futuro compromisso. Fotos de corpo inteiro na primeira carta. (Dono(a) de Zona Sul)." Outras de solidariedade. "Queremos expressar nossa imensa satisfação a este prestigioso e pioneiro jornal, pela criação da Coluna do Meio. Era o que faltava. Afinal, não somos marginais nem doentes como muitos querem." Ou enviavam opiniões vírias. Queremos aproveitar para expressar, através desta coluna nossa profunda admiração pelos homens de fogo (bombeiros) e policiais rodoviários. Como são maravilhosos e dedicados no atendimento ao público. Os primeiros em seus cartões vermelhos, sirgindo as ruas com suas sirens gritando furiosas e excitadamente. E os segundos? Nunca vi tanta delicadeza e atenção!" Às vezes agradeciam. "Trabalho comercialmente, lido com muitas pessoas, a princípio eles ficam meio sem jeito, mas depois se acostumam, mas nunca dão-me o respeito, o valor e a consideração que quero, todos querem saber se sou homem ou mulher, enfim eu não ligo, mas sinto-me infeliz. Assim eu cheguei até sua Coluna do Meio, a princípio eu não acreditei que fosse verdade, pois nunca pude pensar que a sociedade nos desse um meio de comunicação. Il uma vez, duas, dez vezes e agora acho que é uma realidade, por isso eu o estimo muito, mesmo sem conhecê-lo, pois teve a coragem de ser o primeiro, eu penso, em abrir uma porta para nós na sociedade e ainda, pude compreender que não sou sozinho no mundo; o meu mundo tem muitos viventes, lindos, inteligentes, respeitáveis e adorados pela sociedade." Ou eram cartas de admoestação. "Tomem mais

cuidado com seus escritos. Você um dia vai ter que prestar contas a alguém." Ou pertiam para a agressão direta. "Viados escritos, raça maldita. Vou acabar com você. Eu vomito quando penso em você." Além das cartas, havia também os telefonemas. E gente que ia à redação para pedir conselhos — como um adolescente que lá apareceu durante semanas, apaixonado e rejeitado por um homem muito mais velho. A coluna respondia, no mesmo ritmo: "Essa rubrica é dirigida principalmente ao William, que quer se encontrar com Cláudio, mas que não mandou endereço. Escreva novamente, tá?" Ou passava acontecimentos sociais. "Thánie Starr, Miss Mundo das Bonecas, está convidando os interessados para sua grande promoção que irá acontecer no dia 22. Será o primeiro Baile dos Enxutos do Litoral Santista. Thánie (foto) está prometendo 1.000 bonecas na passarela, preparadas para o que der e vier." Reproduzia uma foto de homossexuais ingleses e traduzia o cartaz: "Liberdade para os homossexuais — homens e mulheres — para mostrar afeto em público." Protestava. "Chega de sensacionalismo! Queremos passionais, quando acontece no mundo homossexual, tomam um corpo incrédito. Logo chamam os protagonistas de anormais. E nunca por causa do crime, e sim por suas atividades sexuais." Publicava entrevistas: "Francisco Reis, o que você acha da prostituição masculina? F.R. — Eu sou a favor de tudo. Cada um sabe onde aperta seu sapato. Se um quer receber e o outro tem para pagar? Viva a vida! É quanto à legalização do casamento? F.R. — Casamento é uma grande besteira. Essa instituição já não funciona entre os heterossexuais, então por que lutar por uma coisa que já

está podre? * O que acha desta coluna? F. R. — Ela é um bom sinal para o Brasil. É sinal de que ainda há esperança." Publicavam-me também as frases do dia, um dos grandes sucessos da Coluna: "Quem dá aos pobres, empresta a Deus. (Baby Piolin)". "Gracias a la vida que me ha dado tantos. (Morrocha Martinez)". "Antes mal acompanhada do que só (Dodô Darling)". "O homem que diz dou, não dá. Porque quem dá mesmo, não diz. (Vinicius de Moraes)". "Todo leão tem seu dia de angorá (Silvia Pó)". Celso Curi tornou-se uma celebridade quase da noite para o dia. Nenhuma festa chique acontecia em São Paulo sem que ele fosse convidado. Especialmente tratando-se de festa entendida. "Na minha coluna, machônes não têm vez. Só se forem muito bonitos. Daí a gente bota lá, só pra ser admirado. Como homem-objeto, entendeu?" Até a revista Mad (edição em português) entrou na onda. No seu número 22, estampava na última capa a pergunta: "Qual é a coluna que tem forçado a barra para resolver o problema da superpopulação?" Dobrando-se a capa em lugares indicados, surgiam dois homens prestes a se beijarem e a resposta, em acróstico: "A Coluna do Meio". Como o próprio Celso diz, foi depois da Coluna do Meio que a imprensa começou a se abrir para falar de homossexualismo, descobrindo que o homossexual também pensa e anda, como qualquer outro ser humano". A revista Isto É chegou a publicar matéria de capa sobre o "Poder Homossexual": surgia mais um tema para dar bope. Enquanto isso, o número de leitores da Última Hora triplicou, e um admirador de Florianópolis comunicava: "Basta dizer que ao meio-dia já não existe mais o jornal porque a turma se encarrega de fazer a limpeza nas bancas". Com altos e baixos, a Coluna

proseguiu por mais de um ano. Até que a partir de novembro de 1977, os personagens Dodô Darling, Izidinha e Salgichona, Baby Portland e Morocha Martinet deixaram de circular. Celso Curi foi despedido da Última Hora; segundo consta, o jornal passava por violenta crise financeira e reduziu o pessoal da redação. Coincidentemente, nessa mesma época noticiava-se a segunda audiência de um processo até então quase desconhecido: desde outubro de 1976, o Ministério Público do Estado de São Paulo apresentava denúncia contra o autor da Coluna do Meio, como incurso no artigo 17 da Lei número 5.250 (Lei de Imprensa). "Artigo 17. Ofender a moral e os bons costumes. Pena: detenção de 3(três) meses a 1(um) ano e multa de 1(um) a 20 (vinte) salários-mínimos da região". Em carta ao diretor-geral da Polícia Federal em Brasília, o superintendente do Departamento Regional de São Paulo acusava a Coluna de "promover a licença de costumes e o homossexualismo especificamente". E o promotor público designado para o processo comunicava ao Juiz de Direito da 14ª Vara Criminal que o denunciado ofendeu. "de modo contínuo, no período compreendido entre 5 de fevereiro e 18 de maio de 1976, a moral pública e os bons costumes" na coluna do Meio, "cujo nome não deixa dúvidas quanto ao assunto tratado, o homossexualismo que é claramente exaltado, defendendo-se abertamente as uniões anormais asexuais entre seres do mesmo sexo, chegando inclusive a promovê-las através da seção Correo Elegante. Alguns textos da Coluna do Meio foram selecionados e apresentados pela promotoria como peças de acusação; entre eles: notícias sobre homossexuais da Inglaterra e Estados Unidos; transcrição de uma entrevista do soldado americano Neil B. Thomas, pedindo liberdade de amor para os homossexuais e bissexuais do exército; os termos "herói gay", "enxutos da Baixada", "terrível perseguição". "Cidade Ma-ra-vi-hooosa"; o comentário: "E na América do Sul, até quando o homossexualismo vai ser considerado pecado por uns, e doença por outros?" Como peça de acusação, foi apresentada também esta frase que Celso Curi criou e que Millor Fernandes incluiu na lista dos mais importantes acontecimentos internacionais de 1976: "ANORMAL É QUEM COME MACARRÃO COM ARROZ E ACHA SUPIMPÁ."

Luiz Gonzaga Modesto de Paula, o advogado de Celso Curi, comenta o processo: "Como, no caso, a questão se vinculava ao serviço de Censura Federal, o

PÁGINA 6

LAMPÍAO

REPORTAGEM

Na defesa, palavras do Ministro Baleeiro

Para o ex-Ministro do STF, os juizes, uma reduzida minoria nacional, não devem impor os seus padrões



Curi Celso

MARCA REG. DE FANTASIA

processo nasceu do expediente de um determinado agente da Polícia Federal que subjetivamente considerou "ofensivos" os artigos publicados, fez o inquérito administrativo e mandou para a Justiça. O processo é fruto, portanto, de uma manifestação isolada e arbitrária, desvinculada da realidade nacional e que não representa a opinião pública. A lei não pode servir de escudo para arbitrariedades policiais, e nem cabe ao agente policial "interpretar" a vontade da lei ou a intenção do legislador. Então, fundamental a defesa no fato de que os conceitos de moral e bons costumes são totalmente subjetivos, discutíveis e variáveis no tempo e no espaço. O que era considerado atentatório à moral em 1930, hoje já não é mais. Nem a própria Lei de Imprensa define o que são bons costumes e moral pública, porque se trata de uma definição impossível, sujeita à interpretação do juiz. Ou seja, não existe um padrão absoluto de moral, nem uma afirmação indiscutível do que seja atentatório aos bons costumes. Inclusive, esses conceitos variam de região a região, no próprio Brasil. Alguns dos maiores clássicos da literatura mundial, como O Amante de Lady Chatterley, de D. H. Lawrence, eram proibidos até há bem pouco tempo atrás. Muitos os parâmetros de consciência social, esses autores passaram a ser mundialmente aplaudidos". O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Aliomar Baleeiro, recentemente falecido, foi citado pela defesa: "Nós juizes, que já estamos nos tribunais, pertencemos a uma reduzida minoria nacional. Os homens de nossa idade representam cópia de pirâmide de gerações. A grande parte dos homens ativos do País, que estão trabalhando, pensando, etc.

São criaturas de 25, 30, 40 anos. Eles têm um modo de concepção de vida diferente de nossa. Não lhes podemos impor os nossos padrões. O advogado Luis Gonzaga conta que o processo em si foi-se modificando, de maneira sintomática: as perguntas que o promotor público fazia às testemunhas passaram automaticamente do problema relacionado com moral e bons costumes para o problema de homossexualidade. "Então mudamos também a defesa. Foi neste sentido que interoguei o escritor Ignácio de Loyola, uma das testemunhas de defesa e declarado leitor da Coluna. Perguntei se ele achava que a Coluna que trata especificamente de homossexualismo pode, por si só, provocar "união de seres anormais" — nas palavras de acusação — ou tornar alguém homossexual. Ignácio deu uma resposta interessante: a Coluna visa informar com o maior, portanto, assim como as colunas de futebol não transformam os leitores em futebolistas e nem as colunas policiais transformam os leitores em policiais, também a Coluna do Meio, ao falar sobre homossexualismo, não tem o condão de transformar os leitores em homossexuais. O mais curioso é que, no momento de ditar, o Juiz repetiu a frase do Ignácio de maneira distorcida: "a Coluna não tem o

condão de transformar em normal em homossexual". Ou seja, o próprio juiz já definiu homossexualidade e normalidade como conceitos divergentes. Em razão disso, eu provavelmente terei que mudar a defesa final, para mostrar que homossexualismo e anomalia sexual não são a mesma coisa. Antes de mais nada, homossexualismo não é citado como crime em nosso Código Penal, muito embora esse Código seja de 1940; não é a considerado sequer contravenção ou tido como ofensivo à moral. O único meio vivo possível para atingir penalmente um homossexual é a alegação de que esteja fazendo troitar, quer dizer, ofendendo a moa al público. No caso das publicações, isso fica forçado pela Lei de Imprensa. E no entanto, considero que, ao falar do homossexualismo em sua Coluna, o Celso Curi não fez senão uma inovação em nosso jornalismo. Abriu campo para que um tema até então considerado tabu começasse a ser tratado com a mesma naturalidade com que se fala de futebol. Acho que o pecado do Celso foi o de ter sido o primeiro a fazer isso. Além de que se trata também do primeiro processo contra homossexualismo, na história judicial do Brasil. Portanto, a decisão do juiz sobre este caso será algo muito importante, inclusive para o futuro da imprensa brasileira. Se a Coluna for condenada, ter-se-á concluído que a homossexualidade nos jornais brasileiros ofende a moral brasileira. A tendência será então a apreensão de todas as publicações homossexuais do país. Estará aberto um precedente. É por isso que a Censura Federal está de olho nesse processo".

Trabalhando ativamente para as revistas Personal e Peteca, onde escrevi noticiário ao estilo da Coluna do Meio, Celso

Curi espera o final do processo. Fala, sentado em meio às almofadas: "Por causa do Correio Elegante, fui visto como caetina de pessoas que não podem aparecer à luz do dia. Pois é Homossexual só pode andar atrás de poste, se escondendo..."

Conta da reação das pessoas a respeito do processo: "Algumas morrem de medo, me dizem que eu vou em casa, que não gostariam de estar na minha pele. Outras me vêem como um mártir, parece até que vou ser queimado em praça pública." Raage, quando se aluda a uma possível caça às bruxas contra os homossexuais: "O mais engraçado é que isso não tem condições de acontecer. Tudo é tão ajustável! Qualquer dono de boate sabe como dar um jeitinho bem brasileiro, e então tudo continua funcionando como antes, entende?" Existe um ar de cansaço no rosto de Celso Curi, ar de muitas batalhas: "Sempre considerei os homossexuais como parte de uma elite, como pessoas super-dotadas; eu tinha o mito de que todo homossexual é inteligente. Talvez porque vivemos eu mesmo numa elite. Mas depois descobri que existe uma massa enorme de homossexuais, e o nível de consciência deles não tem nada a ver com o que a gente pensava. Meus leitores, por ex., me deram respostas divinas. Mas também tive muita resposta imbecil. Respeito a imbecilidade como parte da cultura brasileira. Mas eu achava que o homossexual brasileiro escapava à imbecilidade geral." Alude aos seus problemas financeiros, em parte causados pelo processo, e não consegue deixar de brincar: "Imagine Vou ter que vender minhas jóias." Depois volta a refletir, como quem já vai colhendo frutos maduros: "Meu conceito de anormalidade está desaparecendo. Desde que duas pessoas, consentidamente, façam o que quer que seja, isso deixa automaticamente de ser anormal — pelo simples fato de estar sendo feito. Se alguém gosta de fazer sexo com samambaia, trata-se apenas de um ser humano que está fazendo aquilo de acordo com sua natureza, coisa muito normal, portanto." Ajusta-se novamente entre as almofadas e observa: "É engraçado. O que venho sentindo ultimamente a respeito da Coluna me leva a crer que ele seria ridículo em 1978. Hoje não tem mais sentido ficar tratando dos assuntos de maneira exclusiva. Só fiz uma Coluna para homossexuais acreditand — que isso seria um caminho para a abordagem de assuntos mais gerais." Faz uma pausa e emenda, como querendo completar o que diz: "mas a

luta dos homossexuais não pode ser fechada dentro de uma elite política. Durante a existência da Coluna, certos radicais achavam que ela devia ser muito mais política, conscientizando mais os homossexuais para a união. Eu achava que não, pois as pessoas devem viver naturalmente e, antes de tudo, procurar conviver bem com sua própria homossexualidade.

Sabe, digo isso porque é difícil um homossexual sem a carga de máldição que lhe impuserem. Acho sim que é preciso batalhar. Mas quando me perguntam pelo movimento homossexual no Brasil, respondo que ele não existe. Existe é uma moimentação homossexual, da baste para o táxi, do táxi para a sauna. No Brasil, nem movimento de Manicure é possível. Imagine um centro Acadêmico de Manicure da Lapa! Coisa muito perigosa, neste país. Depois, o brasileiro tem outros problemas prioritários. Mesmo buscando sua própria identificação, o homossexual tem que se cuidar para não perder o emprego. Talvez por isso o movimento tenda a ser de cima para baixo, porque um viado rico pode dizer publicamente que é viado, e não ficará sem comida. Mas um viado pobre não, esse é sem dúvida duas vezes mais desgraçado. "É aí que entramos, inevitavelmente, num dos temas prediletos de Celso Curi: "O travesti da rua, por ex., não briga apenas um homem para transar; ele batalha por outra coisa também: pela comida, sem dúvida, alguma. O travesti é muito mais sério do que se pensa. Ele batalha muito mais, é muito mais marginal. Vem batalhando nas ruas e tomando atitudes há muito mais tempo. Mas mesmo o travesti de "show" ele está sempre na rua, sempre fazendo viração. Me pergunto porque todos eles gostam tanto da rua, e às vezes nem vão atrás do sexo. Acho que vai nisso aí o prazer da descoberta — todo viado é sempre levado a descobrir coisas novas. Além de tudo, a calçada é o palco que o travesti escolhe. Pra que fazer um showzinho de boates se ele pode ter São Paulo inteira como palco, ali na calçada? Os travestis vivem num palco, querendo fazer o grande espetáculo. Então, o melhor do Teatro São José é quando eles não estão fazendo teatro,

REPORTAGEM

Um leitor: "Caríssimo amigo, você é meu salvador"

Eram 40 cartas por dia. Na última delas, um leitor pergunta: "É verdade q e nós somos tantos?"

quando ficam todos diante do espelho fazendo suas encenações, dizendo que acabaram de chegar de Paris... Aquilo é teatro puro, não é dublagem." Então, Celso ri um riso de quem encara a fatalidade: "Saber como é, entre os homossexuais, o intelectual detesta o costureiro, que detesta o cabeleireiro, e assim por diante: no final da fila, está quem? O infeliz travesti. Então eu defendo o travesti porque somos exatamente a mesma coisa. Eu tenho algo de marginal a mesma coisa. Eu tenho algo de marginal em comum com ele. Na Coluna, eu disse muita coisa que eles gostariam de dizer não podiam. Eu disse em nome deles."

parte do júri. O teatro cheio. E briga no final, porque a massa das travestis não concordou com a decisão dos juizes e aclamou um outro travesti. No saguão, ainda agitado com a festa, eles falaram para a imprensa, geralmente com orgulho: "Óh, querida, espera só um minutinho... estou dando uma entretida!". Lisandra, travesti profissional há um ano: "Eu lia a Coluna do Meio diariamente e gostava, lógico. Ela fazia mil focos e badalava o nome da gente; dava muito IPOPE, apesar de que meu nome só saiu lá uma vez. Mas eu fiquei maravilhada, porque é uma coisa que todo mundo lia em São Paulo. Sei que o Celso está com um processo, mas não me compete opinar. Ora, fechou a Coluna mas abriu a Peteca!" Angélica, cabeleireira, travesti há dez anos: "Sei que a Coluna acabou mas não vou falar os motivos, não gosto de certos comentários, que não fica bem. Sinto muito ela ter acabado, era maravilhosa, e falava muito bem da gente. Era um tipo de promoção pra nós que somos travesti-artista. Agora, a Coluna fechou mas isso não me afetou!"

Depois, na Radial Leste, ponto de travesti fazer trotar. Sara vestia um biquíni minúsculo, sem a parte superior; não tinha seios; calçava botas e se protegia da garoa com um enorme capote imitação de pele, vinte anos de idade, travesti há quatro, fazendo ponto na Radial há um ano e meio, extraordinariamente doce: "A casa vem sempre, às vezes preta e branca, às vezes preta e vermelha. Levam pra delegacia, pra 42, soitam de manhã. Se não arranjar emprego, então fica na cadeira. Ah, meu amor, só peguei cansa um mês, porque não trago documento na bolsa, então é vadiagem. A gente corre pra noite na esquinha... Mas aqui dá pra viver. Eu mesmo não sabia que a Coluna do Meio tinha acabado..."

ma tiro 500,00 por noite. Com freguesas e tudo. Me tratam maravilhosamente. Mas No dia em que a Coluna do Meio saiu pela última vez, Celso foi encontrado num canto da redação, com os olhos cheios de lágrimas, lendo uma carta que, segundo disse, "foi como um prêmio."

10/11/77
Caríssimo amigo, permita-me chamá-lo assim, você é o meu salvador, que me salvou de cometer uma loucura total, ou seja, tirar a própria vida com minhas mãos e se isso não aconteceu foi só por causa de você, da Coluna do Meio e Última Hora. Celso! Não faço idéia de sua idade, fisionomia, cor, raça - credo, se é jovem ou velho, sei lá, não tenho a mínima idéia mas creia-me com toda sinceridade e devoção a DEUS eu o AMO com todas as minhas forças que consigo reunir. O motivo? Primeiro permita-me a apresentação: Tenho 25 anos, cor branca, olhos e cabelos castanhos, signo pâmico, Im80 alt., 80 kg, físico: perfeito, etc. Eu desde os 14 anos de idade tornei-me homossexual por simples distração de meus olhos nos órgãos sexuais de alguns garotos, amigos e primos, que fizeram apostas em dinheiro, bem altas, para ver se eu era "indicado" ou não. Quase todos os dias, após as aulas do ginásio, nós íamos tomar banhos de rio nos arredores da cid.de e aconteceu de um dia cobirmos de todos nós ficamos nus pra tomar o banho. Depois de várias semanas nesse ritmo a intimidade chegou ao ponto de todos faz-

rem apostas de quem chegaria ao orgasmo mais rápido, e a masturbação correu à solta e eu o mais fraco de espírito, mas o mais robusto de físico, comecei com meu corpo, à causar tentação nos outros. Acontece que só eu de todos eles, não possuía pênis no corpo e no púbis, sendo que os demais eram bem avantajados nessa parte. Um dia ninguém quis ir tomar banho, sendo que apenas um deles solicitou-me para lhe fazer companhia, descobri mais tarde que ele fora o eleito pelos outros pois possuía o membro mais grande em comprimento e espessura e eles achavam que se eu aguentava com ele, poderia com os outros. Resultado eu não resisti à tentação dele se oferecendo à mim e jurando que não contaria à ninguém no mundo e que seria eternamente o meu (môch), eu muito bobo, confiei e me entreguei à ele. Acontece porém que através de objetivas, câmaras muito posantes no alcance em distância, os outros fotografaram tudo e depois a chantagem começou, inclusive os meus primos foram os que mais se aproveitaram do meu corpo... eu nada podia fazer de medo de meus pais e irmão e também por causa de vergonha e das provas que eles possuíam. Hoje já me libertei deles, graças ao meu fiel macho, o primeiro que tive ter morosos até pois ele me trata muito bem, inclusive diz que me ama e que nunca se casará com uma mulher pois ele já é casado comigo, isso é ele que diz e eu o quero muito de todos os homens q e já

transai. Acontece, porém, que de repente eu me arrependi de tudo, e por falta de amigos homossexuais passivos como eu, fiquei desesperado ao ponto de querer matar-me e é aí que você, Coluna do Meio e Última Hora, entram... Celso se eu realmente estou aqui é graças à você, já abandonou serviço, estudos, diversão e só chorava dia e noite sem parar! Hô! Meu Deus! Porque a gente sofre tanto? Você é a razão, o motivo, a alegria da minha existência. Escreva-me se tiver tempo e não for muito incômodo eu lhe agradecerá eternamente com orações. Um adeus, um abraço e que DEUS lhe acompanhe sempre, você e toda a sua família, pois você merece mesmo. Se possível eu gostaria de ter uma foto sua para eu guardar como lembrança eterna. Um forte abraço e adeus.

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN
Fotos de DIMAS SCHTINI

Coluna do Meio

LUTA PELA SAPATILHA



CORREIO ELEGANTE

"Sou miser. Tenho a idade de ouro (24), 1,80 de altura, 65 quilos e sou do tipo físico lavadora. Gosto de leitura e de música diversa. Gostaria de formar um clube de amigos (talvez o primeiro clube dessa cidade) de preferência jovens negros, do tipo black-power. Não precisa enviar foto, e endereço por correspondência é o suficiente." Maria Berta - SP

RAPIDINHAS



• Valéria vai se apresentar, hoje, na churrascaria Xikote, em Santos. Praparem as roupinhas, é sucesso.
• O show soneo que o Medieval está prometendo, vai debutar no dia 17, de fevereiro. Novos quadros, e lançamentos. O guarda-roupa está sendo feito por Renaldo Cabral.
• Lugares especiais estão para abrir em São Paulo. Em breve, a grande dica.
• Hermínio Bello de Carvalho esteve ontem em São Paulo. Voto assistir o show de Isaura Garcia, na Igrejajinha. Ela, é clube danado!
• Maria Odete também estava presente, no show de Personalissima. Parece que a moçanica um tanto desorientada, de quem sabe, abandonada, solta no palco e usou um vocabulário do tipo: fecho, amizade e outras coisas mais, quem se habitua!



Celso Curt

Bonito, olhos azuis-avermelhados (os de Liz Taylor), pele branca, muito branca, boca vermelha como se usasse batom. Mikhail Baryshnikov, 27 anos - Mischka, para os brasileiros - é uma grandiosidade de talento.

A mais nova estrela do balé internacional, dizem que está passando a perna em Nureyev, seu contemporâneo. Mischka ri timidamente quando se fala no assunto, respondendo que não é verdade. "É uma estupidez. Essa competição não existe entre nós. Dançamos estilos diferentes e estamos aqui - fora da Itália - vencendo juntos.

Nureyev não é tão simpático em suas respostas: "Baryshnikov está aqui a pouco tempo e ainda é difícil saber quem ele é. Talvez nem ele saiba."

Mexa-se. Porém com muito charme.

Caminhando de maneira bem exagerada, um jovem alegre, muito alegre, ia olhando pelas areias de Ipanema - entre a Farme de Amendo e o Moinho - a verida gay da zampa há da Mexa-se:

- Bomera que é bonoca, faz como eu. Acorda cedo, arruma toda casa, prepara o desjejum do bebê e já põe o almoço no fogo. Lava algumas peças de roupa, dá alprate para o possaçador e volta para se gozar - siameses, é claro. Paga a sacada, o braçador e a toalha do Yvo Saint Laurent e vai à praia. Lá, anda a quilômetros por dia, falando com as amigas - mas é claro - e tenta o corpo para brilhar na luz negra. Volta pra casa, arruma tudo de novo - porque o bebê já saiu - e dá uma desca-salada. Acorda, passa roupa, tira a senn-brancota, dá uma retardada na maquiagem e sai. Caminha durante algumas horas pela calçada da Av. Nossa Senhora de Copacabana - pra lá e pra cá. Entra no ônibus à meia-noite e desce só as 4 horas da manhã. Voltando pra casa ainda é obrigado a fazer coisas desagradáveis. Não é Jale!"

Terível perseguição

Uma entidade de homossexuais denunciou, ontem, em Buenos Aires, que vários dos seus integrantes foram assassinados pelo comando terrorista de extrema direita Aliança Anti-Comunista Argentina, que ameaça "executar todos os homossexuais do País".

Nossa publicação denominada "Somos", a denominada Frente de Libertação Homossexual da Argentina, expressa que seus membros foram forçados a esconder-se ou ocultar-se abandonando suas residências devido a uma terrível perseguição da AAA.

O grupo alerta a luta "pelas divórcios de dignidade livremente do próprio corpo" e para "libertar-se das apressões" sem pais que consideram "arrastado e machista".

A Frente Libertadora Homossexual denunciou ainda: "Somos perseguidos, detidos e desprezados pelo simples fato de sermos homossexuais - mas asseguramos não ficarmos parados, de braços cruzados e muito menos nos abrigamos em prantos e suplicações."

66 LÉ COM LÉ, CRÉ COM CRÉ 99

(Velho e Sábio ditado popular)

REPORTAGEM

Cinema Iris: na última sessão, um filme de terror

Na porta do cinema Iris (Rua da Carioca, no Rio) a fila para a última sessão já está formada. São 21h20min e o cartaz, ao lado da porta, anuncia dois filmes: *A Volta de Trinity*, um bang-bang italiano cheio de violência, e *A Espiã que Caiu do Céu*, com as promessas eróticas - jamais cumpridas - de Rachel Welch. Na bilheteria, junto ao horário das sessões, o preço dos ingressos - inteira Cr\$2, estudantes Cr\$1, e o aviso que garante a presença feminina: "damas pagam meia".

Quem estiver na fila e arriscar uma olhada em volta, terá que escolher entre a Rua da Carioca, àquela hora sem muito movimento, sempre escura e feia, e o hall do cinema, que se pode divessar amplamente através de suas portas abertas. As escadarias de ferro, as filigranas dos corrimões, as cortinas de um veludo cuja cor o tempo consumiu, os espelhos (alguns quebrados) e as entradas falsas dão, mesmo aos que não conhecem a sua história, uma idéia de antigo fausto. Como as velhas superproduções que exhibe, hoje totalmente amesquinçadas pela realidade bem mais violenta, o Cinema Iris já teve dias de glória, à época em que era o cinema mais luxuoso do Rio e abrigava a mais seleta platéia. Hoje, no entanto, nada mais tem a ver com o luxo de há quarenta anos atrás, e seus veludos e espelhos lhe dão apenas um ar de arruinado cenário de opereta.

Dá platéia seleta, também nada restou. Na fila para esta última sessão, os rostos são facilmente identificáveis: há soldados da PM e bombeiros dos dois quartéis próximos. Há uma legião de pessoas saídas diretamente da Cineândia, atraídas menos pelos dois filmes e pelo preço módico, que pela presença desses soldados e bombeiros. Alguns retardatários, saídos das lojas próximas, e que adiam a hora de pegar o trem e ir para casa também pontilham, aqui e ali. Como pontilham, também, os moradores das hospedarias próximas à Praça Trindades, rapazes vindos de outros locais em busca das luzes da cidade grande, e que acabam, no Rio, limitados à possibilidade de caminhar pelas ruas escuras - não propriamente caminhar, mas esgueirar-se em busca de oportunidades cada vez menos dignas (oportunidades não é a palavra exata: digamos **ocasiões**). Finalmente, na longa fila para a sessão das 21h20m, as "damas que pagam meia": prostitutas que já ganharam o suficiente para interromper o trabalho daquele dia, ou que, nesta sexta-feira muito quente e de céu carregado, já não têm a menor esperança de ganhar.

O Cinema Iris os engole a todos, como um útero escuro e quente. As 21h20m, em sua tela brilham as primeiras imagens, e um clima mágico, muito pessoal desse cinema, se instala. Durante os próximos 150 minutos, as pessoas não terão que ficar necessariamente sentadas em seus lugares - na verdade, embora haja muitos lugares vagos, dezenas delas se amontoam na escuridão da entrada, lai-



gumas até se colocam entre as cortinas e a parede), enquanto outras se atravancam no banheiro de frisos **ant-nouveau** e procuram ver algo além do que sua única lâmpada - de 40 velas - permite. Para os que entraram no Iris por acaso - ou pela primeira vez -, uma certeza inicial: apenas as damas que pagam meia parecem realmente interessadas no que a tela mostra: o vai-e-vem dos homens está em constante desacordo com o fato de que estão num cinema, e os sussurros, as imprecisões, as meias palavras que se ouvem igualmente não têm a ver com as fugas entrecortadas de Terence Hill, o Trinity do primeiro filme em exibição.

Duas horas depois, 23h20m. O carro para no sinal da Rua Uruguaiana, seu motorista olha cautelosamente, e depois avança no rumo da Rua da Carioca. A maioria dos frequentadores do Cinema Iris sentira sua aproximação e o reconheceria apenas pelo ronco do motor: é um carro da polícia, da 3ª DP. Ele para à porta do cinema, e dele descem três homens: um, mais jovem, vestindo uma camisa berrante, e dois mais velhos, um deles de boina (o motorista permanece ao volante). Atravessam a rua, entram num bar que mantém uma porta aberta, diante do cinema, tomam um cafezinho. Depois retornam, e se deslocam estrategicamente à porta. Vai começar o que os policiais chamam de "Sessão Coruja": um veio certo, tranquilo de abarrotar os xadrezes com os "criminosos" mais

procurados pelos agentes da lei: os desocupados, muitos deles frequentadores das longas sessões do Cinema Iris.

"SEUS DOCUMENTOS"

Lá dentro, Rachel Welch faz suas últimas evoluções. As "damas que pagam meia", com a segurança que a assiduidade ao cinema lhes dá, trocam entre si, em voz alta, observações eróticas. E os homens dão suas últimas - e áfidas - caminhadas pelos corredores que levam ao banheiro.

Os primeiros a sair, ao ver o carro parado à porta - **viatura**, segundo os policiais, **carrião**, segundo os presos -, hesitam e usam os últimos instantes de segurança que o cinema lhes proporciona. Vão ao bebedouro de onde há anos não jorra uma gota d'água, olham os cartazes, examinam os cantos menos escuros. E depois, claramente aflitos, decidem enfrentar o pior a saída.

"Seus documentos" - dizem os agentes da lei, um ar cansado, sem sequer exibir suas próprias identificações (os frequentadores do Cinema Iris sabem reconhecer de longe um policial). E vêm as explicações. Um PM ou bombeiro ouve "deixa pra lá, companheiro". Um comerciante de uma loja próxima ouve uma frase rápida, após ter sua carteira profissional (assinada e submetida a longo exame): "Vai para casa, rapaz, isso não é hora de estar na rua". É sai do cinema, então,

o primeiro **desocupado**. Cercado pelos policiais, ele diz que é trabalhador autônomo, pinta paredes. Mas não pode exibir o cartão do Imposto Sobre Serviços, na verdade, ainda não se inscreveu. Protesta, diz que tem mulher e filhos, dá um vago endereço onde podem comprovar que ele trabalha. Mesmo assim é levado para o carro e trancafiado.

A operação se processa com a mesma lentidão. As "damas que pagam meia" são as que mais protestam, usam contra os policiais argumentos impubescíveis, mas nem assim conseguem comovê-los. Quando o décimo desocupado é trancafiado na chamada **viatura**, parece impossível que ali caiba mais alguém. Mesmo assim, os policiais continuam. Um rapaz, cujos gestos funcionam como uma espécie de bandeira - trata-se de um homossexual -, informa que é advogado. Exibe a carteira da Ordem, que os policiais examinam mais longamente. "Como é possível, um advogado", diz um deles, fazendo uma alusão direta ao comportamento sexual do rapaz. Este, impávido, enfrenta a seqüência de humilhações sem uma só das respostas que certamente aprendera a dar nos tribunais.

RUMO AO XADREZ

São 24h. O último frequentador do Cinema Iris saiu após uma desesperada operação diante do bebedouro. Não tinha documentos, chegara ao Rio há uma semana e estava hospedado no Hotel Ledo, na Praça Trindades (perto da Cachoeira de Itapermirim). Contou uma longa história de ladrões que o roubaram à saída da Rodoviária. Foi também, o último a entrar no **carrião**, de onde vinham, à essa altura, protestos abafados - é possível que até Terence Hill e Rachel Welch, sem carteira profissional assinada, acabassem presos se, por uma mágica qualquer, terminada a sessão de cinema, se desprendessem da tela e saíssem pela porta do Iris que leva à rua.

Os porteiros e lanterninhas do cinema, transformados em faxineiros, atacam, antes que a polícia tome mais um café em frente e se retire, a sujeira deixada pelos frequentadores das quatro sessões (a primeira começa às 12h40m). Subitamente transformados em personagens desta sessão de cinema, as pessoas semi-asfiadas dentro do **carrião** já discutem entre si as próximas seqüências do roteiro. Levadas ao distrito, serão submetidas à triagem. Nenhum, certamente, terá antecedentes - os verdadeiros criminosos nunca se arriscaram entrando no Iris. Mesmo assim, alguns serão liberados e outros incurso no Código de Contravenções Penais - por vadiagem. Estes, mandados para o Galpão da Quinta da Boa Vista, aguardarão, durante um mês ou dois, que o juiz os absolva - eles absorvem sistematicamente as pessoas detidas pela polícia por vadiagem, e usam para isso um argumento definitivo: numa noite de tantos desempregados, como pode cobrir um vadio?

LITERATURA

NA PENSÃO
A FLOR
DE MINAS

O rapaz do quarto 14
é rebento, 24 anos,
de tradicional família mineira.
Olhou nos meus olhos
um dia
seu pecado feito carne
e viu meus cílios baterem.
Ele estremece,
foge o olhar — mas fala.
Disse-me que tem muito medo.
Nas noites frias de junho
ele atravessa a sala
e demora-se no banheiro.
Passa pela minha porta,
estou no leito,
mas não vejo, sinto.
O chão de tábuas me diz
que ele foi para lá
ou que ele está de volta.
Me olha, estremece, tem medo.
Eu gosto de vê-lo assim
e ele me parece
feliz quando meus cílios batem
e descobre no meu olho
seu pecado feito gente.
Ouço tudo que acontece
dentro dele
no quarto 14.
Sua comunicação é na cama,
quando gira, tosse,
contorce seu medo — ela range,
ele ruge, mas não tem coragem.
Deitado, espero, seu pecado,
batendo os cílios e lembrando
a disciplinar Minas Gerais.
Seu pecado, a vontade, deitado
estou sempre,
esperando que na ida para o
banheiro
a cupidéz mineira
da família tradicional
permita o medo dele vir
pelo meu quarto
misturar na noite fria de junho
nossas humanidades
no pecado amplo,
fofo,
que deitado estou para isso...

Paulo Augusto



Poema para teus seios

Cerro os olhos pra não ver,
e mãos para não apalpar
e bocas pra não chupar
teus seios.
Desejo beber teu leite,
azeite de oliva branca,
e provar com minha língua
o macio de teu peito.
E se em inútil trabalho
te afasta a blusa de mim,
eu, por inúmeros meios,
cerro olhos pra ver
e bocas para chupar
teus seios.

Leila Miccolis

Antropofagia

Conduzo-te faminto
até a velha cama,
que é grande e redonda
como uma mesa de banquete.
Insalubres, nossas salivas
se confundem.
Rolam nossos corpus suados
sobre as tenras cobertas.
Bates persistente
contra o meu umbigo
com teu sexo —
peixe cego.
Arrancando-te os pelos das axilas,
de pura agonia gozo.

Franklin Jorge

Leila Miccolis, carioca, Franklin Jorge, Dentre os poemas enviados à nossa redação, Gasparino Damata mensalmente selecionará alguns para publicação mediante dois critérios: a qualidade e o enfoque lírico de uma das formas mais expressivas da comunicação humana — a sexualidade, dos pontos de vista que interessam aos leitores deste jornal.

ENSAIO

**Lontras,
piranhas,
ratos,
veados e
gorilas,
atenção:**



vocês também têm direitos (A ONU decidiu)

Já em 1400 Leonardo da Vinci (que entendia das coisas) escreveu: "Haverá um dia em que os homens conhecerão o íntimo do animal e, nesse dia, um crime contra um animal será considerado como um crime contra a humanidade". Quase 600 anos depois o homem ainda nem conhece a si próprio; tanto que ainda se discriminam uns aos outros, de acordo com detalhes como raça, credo, preferência sexual etc. Como esperar que eles vejam os animais como seres a ser preservados e cujos direitos sobre o mundo em que vivem são igualmente inalienáveis?

Mesmo que o homem, em várias partes do mundo, não consiga respeitar a Declaração Universal dos seus próprios direitos, não se deve esperar que ele atinja esse estágio para tentar convencê-lo da existência dos direitos dos animais. E o que decidiu a Unesco, ao proclamar recentemente a Declaração Universal dos Direitos do Animal, durante uma reunião em Bruxelas, em janeiro deste ano, da qual participaram representantes da Bélgica, França, Canadá, Iugoslávia, Noruega e Itália.

Como primeira etapa para aplicação desses princípios foram propostas uma moratória à caça da foca e da baleia; a suspensão da caça à raposa, na Inglaterra; a abolição do tiro ao pombo na França; e a proibição de menores assistirem às corridas de touro na Espanha.

Na verdade, o texto da declaração, como se vê abaixo, servirá para a grande maioria dos homens que, em determinadas regiões da terra, vivem

em condições subumanas de existência ou sob uma repressão cuja característica básica é o desrespeito a qualquer tipo de direito. De qualquer modo, a simples declaração dos Direitos do Animal já é um ponto de partida. Graças a ela, eles se tornam a mais exótica de todas as minorias (e LAMPÍÃO realinha aqui o seu conceito de *minorias*: é um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém suas ações, mesmo que ele não seja minoritário, como as mulheres, por exemplo) a ver levantada a bandeira da luta por seus direitos.

Eis a íntegra da Declaração Universal dos Direitos do Animal:

Considerando que cada animal tem direitos, considerando que o desconhecimento e o desprezo destes direitos levaram e continuam a levar o homem a cometer crimes contra a natureza e contra os animais, considerando que o reconhecimento por parte da espécie humana do direito à existência de outras espécies animais constitui o fundamento da coexistência das espécies no mundo; considerando que genocídios são perpetrados pelo homem e que outros ainda podem ocorrer; considerando que o respeito pelos animais por parte do homem está ligado ao respeito dos homens entre si, considerando que a educação deve ensinar desde a infância a observar, compreender, respeitar os animais;

Proclama-se:

Art. 1 – Todos os animais nascem iguais diante da vida e têm o mesmo direito à existência;

Art. 2 – a) Cada animal tem o

direito ao respeito. b) O homem, enquanto espécie animal, não pode atribuir-se o direito de exterminar os outros animais ou de explorá-los violando este direito. Ele tem o dever de colocar a sua consciência a serviço dos outros animais. c) Cada animal tem o direito à consideração, à cura e à proteção do homem.

Art. 3 – a) Nenhum animal deverá ser submetido a maltratos e atos cruéis. b) Se a morte de um animal é necessária, deve ser instantânea, sem dor nem angústia.

Art. 4 – a) Cada animal que pertence a uma espécie selvagem tem o direito de viver livre no seu ambiente natural, terrestre, aéreo ou aquático, e tem o direito de reproduzir-se. b) A privação da liberdade, ainda que para fins educativos, é contrária a este direito.

Art. 5 – a) Cada animal pertencente a uma espécie que vive habitualmente no ambiente do homem tem o direito de viver e crescer segundo o ritmo e as condições de vida e de liberdade que são próprias de sua espécie. b) Toda modificação deste ritmo e destas condições imposta pelo homem para fins mercantis é contrária a este direito.

Art. 6 – a) Cada animal que o homem escolhe para companheiro tem o direito a uma duração de vida conforme a sua natural longevidade. b) O abandono de um animal é um ato cruel e degradante.

Art. 7 – Cada animal que trabalha tem o direito a uma razoável limitação de tempo e intensidade do trabalho, a uma alimentação adequada e ao repouso.

Art. 8 – a) A experimentação animal que implica um sofrimento físico e psíquico é incompatível com os direitos do animal, quer seja uma experiência médica, científica, comercial ou qualquer outra. b) As técnicas substitutivas devem ser utilizadas e desenvolvidas.

Art. 9 – No caso de o animal ser criado para servir como alimentação, deve ser nutrido, alojado, transportado e morto sem que para ele resulte ansiedade ou dor.

Art. 10 – a) Nenhum animal deve ser usado para o divertimento do homem. b) A exibição dos animais e os espetáculos que utilizam os animais são incompatíveis com a dignidade do animal.

Art. 11 – O ato que leve à morte de um animal sem necessidade é um homicídio, ou seja, um delito contra a vida.

Art. 12 – a) Cada ato que leve à morte de um grande número de animais selvagens é um genocídio, ou seja, um delito contra a espécie. b) O aniquilamento e a destruição do ambiente natural levam ao genocídio.

Art. 13 – a) O animal morto deve ser tratado com respeito. b) As cenas de violência de que os animais são vítimas devem ser proibidas no cinema e na televisão, a menos que tenham como fim mostrar um atentado aos direitos do animal.

Art. 14 – a) As associações de proteção e de salvaguarda dos animais devem ser representadas a nível de governo. b) Os direitos do animal devem ser defendidos por lei, como os direitos do homem.

TENDÊNCIAS
o filme



Valentino/Nureyev e Nijinsky/Anthony Dowell na cena do tango

Nureyev Vs Cassius Clay

A comparação pode parecer ofensiva tanto para os baletomanes quanto para os amantes do box, mas a verdade é que Rudolf Nureyev é uma espécie de Muhammad Ali da dança clássica. Assim como o lutador conseguiu elevar sua carreira aos níveis do impossível, deixando para trás algumas gerações de aspirantes ao título desferivelmente batidas, o bailarino tem resistido a todos os banhos de Maria da vida que fogem aos magotes da União Soviética dispostos a lhe abiscotar o título de "maior bailarino do Ocidente". É verdade que Rudy, como o Ali das últimas lutas, já não exhibe todo o seu virtuosismo; ao contrário, ele o vem administrando de modo bastante avaro, mas sempre com eficiência: como fez o lutador até a derrota recente há sempre um momento, em suas apresentações, em que ele executa aquela pirueta a mais — e o público cai a seus pés, rendido. E por isso que tanto Nureyev quanto Cassius Clay vêm mantendo junto com outros meia dúzia de mitos igualmente mal comportados como eles, há vários anos, a supremacia dos seus nomes nos noticiários dos jornais.

Valentino, de Ken Russel, leva em conta esse fato, muito mais do que recontar a história do grande canastrão que Hollywood celebrizou, nos parece uma homenagem prestada pelo delirante cineasta ao mito que ele escolheu para viver o outro Rodolfo na tela: durante todo o filme Russel está literalmente prostrado diante de Nureyev, e este, embora estreado no cinema, merece um destaque que nem Marlon Brando em seus momentos de maior estrelismo (*Vidas em Fuga*, por exemplo), ousaria exigir. Não que Rudy seja sequer um ator, para suportar tamanha carga. Mas que importa — para melhor realçar sua presença Russel marcou exageradamente todo o filme, que tem seqüências inteiras coreografadas (vide aquela "em que Valentino e Natasha se amam na tenda do sheik"), e permitiu que seu astro usasse até mesmo a maquiagem pesada que ele utiliza no balé e que, inteligentemente, serve de auréola ao

seu olhar insuportavelmente magnético.

Dessa forma, Russel, com a ajuda de Nureyev, retoma neste filme a sua obsessão em torno do mesmo tema — o mito, Tchaikovsky, Mahler, Valentino — de *Delírio de Amor*, que ainda tinha uma carga política muito forte, ao delírio propriamente dito: um ensaio grotesco sobre a Hollywood dos anos 30 e de sempre, e uma cáustica meditação sobre o mais americano de todos os sonhos — essa estranha mania de dar transcendência imortal a criaturas cuja textura não vai além do celulósido através do qual se expressam.

É claro que quem quiser se deixar conduzir até o centro desse delírio tem que entrar no cinema sem posição pré-estabelecidas — o ensaio personalíssimo de Russel, sua misoginia desvarada, seu homossexualismo nem sempre sublimado não as admitem. E aceitar até mesmo o que foi, certamente, a razão principal da acolhida negativa que o filme mereceu por parte dos críticos norte-americanos: o fato de Russel ter feito um filme sobre Hollywood nos estúdios ingleses de Epsom, e ter reproduzido de maneira mais kitsch — com a ajuda de sua mulher, Shirley Russel, responsável pelos decors — a cidade dos sonhos, com seus interiores que vão do gótico ao babilônico e suas mansões, ah, suas mansões ainda hoje de pé, verdadeiros monumentos à uma doença puramente americana — o gigantismo.

Valentino é, possivelmente, o filme mais louco, muito louco mesmo, produzido pelo cinema nos últimos tempos. Para quem quiser apreciá-lo, o maior segredo é situar-se bem no centro dessa loucura e deixar-se levar pelo incrível pique imprimido por Russel, pique este cujas raízes, a nosso ver, estão em outro ensaio sobre Hollywood, não por acaso dirigido por outro inglês — *O dia do galanhoto* —, de John Schlesinger, afinal de contas, este é um dos objetivos do cinema — pegar instantaneamente o espectador e (como se diz) segurá-lo pelo pé.

Aguinaldo Silva

Ritual da amizade na Tv

Abordar o tema homossexualismo em nossa televisão não é fácil, principalmente quando se tenta fazê-lo com seriedade. Por enquanto, ele está restrito aos filmes, e destes os mais conhecidos do telespectador — pela frequência com que são exibidos — são *Os pecados de todos nós*, de John Huston, com Elizabeth Taylor, Marlon Brando e Brian Keith (uma versão do romance de Carson McCullers, editado no Brasil com o título original — *Reflexos num olho dourado*); nele, Marlon Brando faz o papel de um homossexual que vê suas fantasias de um relacionamento com um rapaz caírem por terra, levando-o ao assassinato do jovem. *Na solidão do desejo*, de John Flynn, com Rod Steiger e John Philip Law, sobre a vida de um sargento solitário que faz amizade com um soldado para combater sua solidão, ou seja, se apaixona pelo jovem sem conseguir assumir sua condição de homossexual, o que o leva a sérios conflitos (a seqüência inicial, em que Steiger mata literalmente com um abraço um soldado alemão, é de um erotismo adstringente); *Morte em Veneza* de Luchino Visconti, em que o tema solidão é novamente abordado, com Dick Bogarde vivendo magistralmente o velho músico que se apaixona pelo adolescente Tadzio, num desempenho tão seguro que algumas cenas, que poderiam ser cansativas, se tornam de grande teor dramático; e *Mulheres Apaixonadas*, de Ken Russel, em que Sandy Denis — uma das mulheres do título — tem o melhor desempenho de sua carreira, disputando o amor de sua amiga com o incompetente Keir Dullea (o filme tem um final profundamente moralista — Sandy é esmagada por uma árvore; um protesto da natureza contra o seu amor antinatural?).

Além destes, foi exibido recentemente pela TV Guanabara, na série Família, o filme *Ritual da Amizade*, enfocando a questão do homossexualismo sem nenhum tema paralelo a ju-

stificar o enfoque. Tudo começa com a prisão de um jovem que está num bar que dá sua cidade natal. Para poder sair da cadeia, ele tem que recorrer ao amigo mais íntimo, e quando este o ajuda a resolver o problema — sair da prisão — ele lhe diz que é homossexual, provocando entre os dois um inesperado rompimento da amizade. A partir daí o filme vai num crescendo, culminando com a expulsão do rapaz de sua casa, seus pais não o aceitam naquela condição, mas em troca, ele recebe o apoio da família do amigo, que não só o recebe como se dispõe a discutir a questão.

É verdade que a amizade entre os dois não mais será retomada — o impacto da revelação é grande demais para o amigo heterossexual; mas há duas coisas a se tirar do filme. A primeira é que a família do rapaz não representa um rígido padrão de conduta — há putas pessoas, não necessariamente homossexuais como ele, dispostas a ajudá-lo a assumir sua preferência sexual; a segunda é através de uma irmã do amigo do rapaz, uma menina de uns 13 anos que, ao saber de sua homossexualidade, encara a coisa com naturalidade e limita-se a um comentário: "É pena que você seja homossexual, porque minhas esperanças de casar com você acabam aqui"; isso significa que, antes de serem arbitrariamente moldados segundo os padrões da sociedade vigente, os seres humanos (as crianças) encaram diferenças de comportamento como essa de maneira absolutamente normal, o que não é mais possível quando se tornam adultos e enquadrados.

É uma pena que *Ritual da Amizade* tenha sido exibido sem maior publicidade. Caso estivesse nos seus planos uma reexibição, a TV Guanabara deve anunciá-la com antecedência através dos jornais. Com isso, certamente ela garantirá uma enorme audiência. LAMPIÃO promete.

Adão Acosta

o livro

Aconteceu nos EUA

De repente o homossexualismo virou assunto. Deixou os cubículos, os becos, os bares e as hospedarias e chegou às ruas. Dezenas de reportagens, "análises científicas", filmes e obras literárias ganharam lugar de destaque nas prateleiras. Hoje quem quer fazer sucesso precisa de um pouco de frescura, e é preciso ter entre os amigos uma bicha qualquer, para provar a abertura.

Assim, nos meios de comunicação, da grande à pequena imprensa, das maiores às menores editoras, todos passaram a investir no assunto. E só a partir dessa observação, longe de estar concluída, é que se justifica o lançamento de um livro com o título de *Mãe, sou homossexual* (Civilização Brasileira, 280 páginas, 1977), de Laura

Hobson, autora norte-americana. É lamentável que a editora tenha chegado ao nível de procurar explorar o assunto-moda e o pobre leitor-consumidor de best-sellers apeando para este título. Mas é lógico que o faturamento deve ter sido maior que se o título original — *Consenting Adult* tivesse sido mantido e traduzido literalmente.

O fato é que *Consenting Adult* — prefiro chamá-lo assim — ao mesmo tempo em que possui a estrutura de um best-seller americano, é um bom livro. A história abrange muito mais o período de 1969 a 1973 no seio de uma família de alta classe média americana que propriamente o homossexualismo. Ele poderia falar da mesma maneira de

(Continua na página seguinte)

TENDÊNCIAS

Um jovem homossexual que se recusa a ir à guerra, e o resultado seria o mesmo. O fato é que ele mostra toda a situação de uma sociedade que começa a viver de novo, a respirar a história e a se ver caminhar sem macartismo ideológico, lentamente se dilacerando, diante da eleição de Kennedy para a presidência e da derrota (a primeira) de Nixon. Um comentário da mãe de Jeff, o rapaz do título, explica bem essa situação: "Tudo acontecia tão de repente".

Jeff tem 17 anos quando a história começa. E sua mãe transforma-se na maior personagem do livro, ao se ver diante dessa questão: a doença não é homossexual, mas sim, jogar bombas de napalm no Vietnã, independente das preferências sexuais do militar ou do Presidente que o ordenou.

O livro aborda tudo isso através da trajetória de uma família bem posta, e Jeff é um exemplo — pequeno, é bem verdade, já que não é a figura ardentemente de um ativista — de um jovem diante de uma situação que o preocupa. Ele lentamente toma consciência de que, afinal, nada mais é que uma pessoa que tem emoções iguais a qualquer outra, e que pode ser feliz. É feliz não como o mundo quer que ele seja, mas, sim, como ele próprio gosta e deseja.

E sua consciência aclara-se em um comentário simples e direto, quando ele joga por terra o argumento de um jornalista que, com coragem, luta pela igualdade dos direitos: "Não me venha dizer que os homossexuais são tão bons artistas quanto os negros são bons atletas." Sim, porque no fundo o preconceito existe, e mesmo os mais liberais procuram reservar um lugar delimitado para essas pessoas: a ideia de que o homossexual é sempre artista encobre apenas uma outra — a de que ele deve se limitar a este campo de realização, com o que lhe ficaram vedadas outras possibilidades, entre elas a de exercer o poder.

Alcides Pinheiro

Uma festa em Niterói

Neste 7 de abril, às 20h, no Museu da Cidade — antiga Assembleia Legislativa, Jardim São João, Centro de Niterói —, uma festa literária que LAMPIÃO recomenda: uma noite coletiva de autógrafos com os seguintes escritores: Antônio Carlos de Brito (Na corda bamba), Glória Perez (Sem pão nem circo), Leila Miccolis (Silêncio relativo), Roberto Bozetti (Poemas de Bruzundangá), Arnsides Klafke (Contramão), Glauco Mattoso (Queda de braço), Isamar Benoit (Gaveta no porão) e Paulo Assis (Falo). Paulo Augusto e Leila Miccolis foram selecionados para abrir neste número, junto com Franklin Jorge, a seção de poesia de LAMPIÃO.

a peça

A volta de Edward Albee

Norman Mailer escreveu certa vez, com sua devastadora ironia, que os críticos de teatro dos Estados Unidos durante duas décadas apontaram Arthur Miller como o maior dramaturgo norte-americano, apenas porque não queriam aceitar este fato consumado: o maior dramaturgo norte-americano era um homossexual Tennessee Williams. Preconceituosos ou não, os críticos dos grandes jornais americanos, capazes de destruir um espetáculo e condená-lo ao fracasso com apenas uma observação negativa, não perderam por esperar. Quanto Tennessee, empurrado pelo álcool, saiu de cena, surgiu alguém que ocuparia o seu lugar, e cuja dramaturgia tendia muito mais para o seu universo alegórico que para o racionalismo ascético de Miller, Edward Albee.

A primeira prova de que os críticos teatrais norte-americanos ainda teriam que alimentar por muito tempo o seu preconceito foi *Zoo Story*, atualmente em cartaz no Café Teatro Odeon, em São Paulo. A peça — escrita em 1956 e estreada em Berlim no ano seguinte, é, basicamente, um longo diálogo entre dois prisioneiros — um bem posto cavalheiro, digno representante da maioria silenciosa (Lourival Pariz), e um garoto *underground* (Marco Nanini) que o aborda num banco de jardim. O cômodo isolamento do

primeiro, a sua aparente tolerância — ele é, repetimos, um cavalheiro, um executivo bem sucedido — serão duramente testados pelo garoto, que, marginalizado por vontade própria, mostrará ao executivo que o que ele sente realmente é um absoluto desprezo pelos dramas alheios.

Sem ter, hoje em dia, o mesmo impacto de há vinte anos — afinal, ela pretendia ser um *flash* fiel da sociedade norte-americana, e a própria sociedade norte-americana encarregou-se de provar, em dramas bem mais fortes como o de Watergate, que era ainda pior —, *Zoo Story* ainda emociona, sobretudo porque mostra uma coisa que, nos nossos dias, é de candente atualidade: a comunicação entre os seres, atualmente, só se faz através de componentes que incluem a crueldade e a destruição.

É esse aspecto que o espetáculo ora em cartaz no Café Teatro Odeon, em São Paulo, sob a direção de Jolo Albano, procura ressaltar. E neste sentido ele se mostra muito bem sustentado pelos dois atores: Pariz, irrepreensível como o executivo Peter, que exige da vida, entre outras coisas, a garantia de não ser molestado num banco de jardim; e Nanini, como o revoltado Jack, que não consegue canalizar sua revolta para muito além do seu individualismo ferrenho.

a exposição

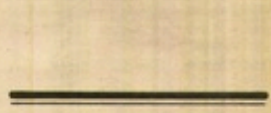
Uma exposição muito louca

Os museus, atualmente, pouco têm a ver com a vida das pessoas ou com os seus interesses do dia-a-dia. São instituições congeladas no tempo, sem qualquer interesse real, onde se vai para conhecer coisas mortas ou mantidas vivas por processos artificiais. O Museu de Arte Moderna do Rio não foge à regra, apesar do nome e da aura que pretendem criar em sua volta, através da publicidade das colônias sociais, como uma pretensa usina geradora de cultura. O MAM é tão doente como qualquer outro congênere, não tem nenhuma direção cultural e do que a sua diretoria gostaria mesmo era de realizar nos seus grandes espaços bailes de carnaval e concursos de fantasia. Como isso **ainda** não foi possível, fazem-se exposições.

Há ali no momento três ou quatro exposições. No lugar "mais nobre", no segundo andar, encontra-se por exemplo a xaroposa exibição de vaidade de um publicitário e humorista que, à falta de garra, quer nos vencer pelo cansaço com uma avalanche de piadas sem graça e cores translúcidas; aquele tipo de desconversa que fez a fortuna de tanto publicitário. Enquanto isso, jogada num desvão do terceiro andar, encontra-se uma mostra mangembe, cafêna e muito louca que só pelo título já vale uma vela: "Mama! 24 anos de utilidade pública".

Embora tão jovem, e certamente sem pretender, Lauro dá uma lição em vários sentidos. As imitações já eram: em arte e na vida. Ela agora está dando o seu grito primal, Mama!, e se implorendo, para recomenciar tudo de novo. A convocação deve ser geral, por que não? Vamos também nós rasgar a fantasia.

Francisco Bittencourt



Três vezes Darcy Penteado

Darcy Penteado inaugurou, quase simultaneamente, duas exposições de pintura: dia 13 de março na Galeria Domus, em São Paulo e em 5 de abril no Caçara Clube, em Santos. Sem caráter de retrospectiva, ele expõe desenhos antigos porém inéditos, de 1948 a 1974, completando as mostras com telas de sua fase atual, de realismo dramático.

Além do pintor, o escritor Darcy Penteado também produz. A Proante Produções de São Paulo está iniciando a produção de sua peça teatral *A Engraxagem do Meio* e pretende apresentá-la em maio. O elenco de três personagens (um deles é um travesti) está sendo escolhido em sigilo. A peça promete ser uma bomba: nela, a temática homossexual é tratada de maneira séria, direta, e os personagens são posturas comuns, não caricaturas ou "doentes mentais", como tem acontecido sempre em peças do gênero.

CARTAS NA MESA

A idéia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, fotos, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de idéias que norteou a criação do jornal. Da primeira leva de cartas recebidas selecionamos as que melhor representam essa orientação.

Nos becos escuros

Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e tratei de escrever correndo, para ver se minha carta saía ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem rondas no local que denominamos "Bureco da Malsa", no Castelo, no Rio. É que eles não impedem as pessoas de entrar no "Bureco", até facilmente; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podem fazer uma reportagem sobre isso?

Jenifer
Rio de Janeiro

Resposta: Um dos objetivos de LAMPIÃO é não apenas fazer com que as pessoas possam sair do "bureco", mas, também, garantir a todas elas o direito de entrar lá, quando quiserem; "Se o sistema não estivesse realmente interessado em manter vielas escuras, ele simplesmente as iluminaria, não é? Seria uma solução bem mais fácil que mandar policiais prender as pessoas que as frequentam. Já nesse número zero falamos de um assunto parecido — o Cinema Irá. Não se preocupe: voltaremos a abordá-lo.

Homens nus

Achei divina a idéia do Lâmpião. Tenho todos os livros do Darcy e do Aguinaldo, e adoro conversar com pessoas gays, embora eu não seja. Será que vocês poderiam publicar umas fotos de Eloína, o travesti, aquela que sai quase nua, na Beija-Flor? É verdade que o nome dela não pode aparecer na televisão, durante o desfile, para que todo o mundo pense que é uma mulher? Vocês vão publicar fotos de rapazes em trajes de Adão, como fazem os jornais gays norte-americanos?

Elisa Doolittle Salvador — Bahia

Resposta: Eliza Doolittle (por que não Gabriela Cravo e Canela?), Darcy e Aguinaldo agradecem. Quanto a Eloína, está na nossa pauta uma ampla matéria sobre travestis. O nome dela é permitido na televisão, sim mas não se pode dizer que se trata de um homem; há uma proibição, não se sabe de quem. Quanto às fotos de rapazes nus, não é o nosso gênero: LAMPIÃO acha que ninguém, nem mesmo Pedrinho Aguiar, deve ser tratado como objeto sexual.

Os bigodes de Rivelino

Li com surpresa a entrevista do técnico do Vasco, Orlando Fantoni, à Última Hora de São Paulo, denunciando o homossexualismo no futebol. Segundo ele, a coisa está demais, com os cartolas perseguindo e cantando a rapaziada dos times juvenis. Mas então existe isso no futebol e ninguém nos diz nada?

A sobrevivência do nosso jornal depende também de anúncios. Se você é um possível anunciante, de mentalidade avançada e sem preconceitos, dê-nos o seu apoio lembrando que também consumimos tudo o que os demais consomem. É verdade que somos uma parcela da população do país que é considerada minoria mas que, apesar disso, chega a ser alguns milhões (você sabia?). Portanto, aqui está um potencial de energia (e de consumo) que ainda não foi inteligentemente aproveitado. Mande-nos a sua sugestão na forma de um anúncio da sua firma e produto.

Outra coisa: porque todos os artistas que trabalham na TV, principalmente na TV-Globo, são tão desatradamente heterossexuais? Morei muito tempo perto de um determinado ator jovem, de grande sucesso atualmente, no horário das 19 horas — não vou dizer o nome, é claro —, e que era uma doída varada. Agora, vivo lendo nas colunas especializadas que ele troca de namorada todos os dias, que é, em suma, o "macho perfeito". Será que a TV-Globo tem uma poção mágica destinada a mudar o sexo dos garotos?

Valter Moraes Campinas/São Paulo
Resposta: LAMPIÃO discorda do conceito de virilidade do leitor; a virilidade excessiva já é, por si só, um problema (ninguém, absolutamente ninguém, pode ser tão viril quanto Rivelino, por exemplo, finge que é). Quanto à questão do homossexualismo no futebol, aguardo o número de junho do nosso jornal, em homenagem à Copa do Mundo. Depois dele, o futebol nunca mais será o mesmo... Quanto aos "meninos" da TV-Globo, é uma questão de "marketing": o pessoal da chamada Venus Platinada acha que frescura não vende. Enquanto isso, Ney Matogrosso fatura adoidado, e sozinho.

Pintou o bode

Há dias em que tenho vontade de me matar. Meus irmãos debocham de mim, meu pai me detesta, minha mãe vive chorando pelos cantos, lamentando a minha doença. No colégio todos caçoam de mim, na rua assobiam quando eu passo. Estou ficando cada vez mais conhecido na minha cidade. Tenho vontade de fugir, mas não tenho meios. Além disso sou menor, tenho 17 anos. Sinto-me a última das pessoas. Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo. Agora, estou escrevendo, mas nem sei para que. Será que vocês podem me ajudar?

Infante RECIFE — PERNAMBUCO

Resposta: LAMPIÃO, meu caro Infante, se recusa a servir de muro de lamentações. Tudo o que você tem que fazer é se livrar de toda essa autopiedade, dessa auto-flagelação. Ninguém pode ser tão execrado quanto você pensa que é. Em nenhum momento de sua carta você diz o que realmente é, ou seja, que é homossexual. A nosso ver, o problema está em você mesmo, que não se aceita. De qualquer modo, você frequenta livrarias, pelo menos isso. Pois leia, que isso em muito o ajudará. Se quiser, nós lhe mandamos uma lista de livros através dos quais você poderá descobrir o que realmente está acontecendo em torno de você (Deboche? Ódio? E por que não fascínio?). Informe-se, ache uma maneira de atuar no mundo em que vive, e deixe de ter pena de si mesmo. Há tanta coisa para ser feita no mundo, e você fica nessa de "ah, como eu sou infeliz?". Não, não, não.

Esperando o nº zero

Amigos de LAMPIÃO: não, não foi por um lapso que deixei de remeter o pagamento, junto ao cupom, pela assinatura de LAMPIÃO. A verdade é que houve má interpretação, pois julguei somente necessário após a aprovação do número zero. É tanta exploração, atualmente, sobre o homossexualismo, que vocês devem perdoar as desconfianças, que certamente não serão só minhas, em comprar algo no escuro mesmo torcendo e querendo que dê certo. Deixo claro que a desconfiança não é sobre a honestidade dos componentes, mas pelas dificuldades que surgirão, e que poderão desanimar os responsáveis, deixando os assinantes na pior.

Escrevo no GENTE GAY sob o pseudônimo de GATO PRETO (mais por apelido que por tentar me esconder) e sinto como a "classe" é volúvel inclusive em apoiar boas intenções. Todos querem ler GENTE GAY, mas poucos gostam de pagar e isto está onerando os colaboradores, tanto que o número de março ainda não saiu por que alguns estão desanimando, sem contar com os aborrecimentos e pressões diversas. O GENTE GAY é um jornal ainda em xerox e está cheio de problemas, calculei vocês que desejam ir para as bancas.

Podem contar comigo, sinceramente, torço para o sucesso do jornal LAMPIÃO, mas aguardo o número zero para tomar uma decisão. Posso garantir que existem outras pessoas interessadas em ver o LAMPIÃO mesmo não sendo homossexuais, negros ou tendo problemas com vestibular. São amigos de trabalho que gostam de ler e

comentar todos os assuntos que abordam principalmente a liberdade do indivíduo.

H.C.F.
Rio de Janeiro

Revertere

Senhores: os senhores obtiveram meu endereço não sei como e tomaram a liberdade de me oferecer números de um jornal. Declaro que não estou interessado em tal jornal e peço o favor de não enviar nada mais para esses endereços: (etc., etc., etc...)

Júlio M.
Porto Alegre

CARTAS NA MESA

Apelo ao jovem guei

Paulo Bonorino
Canoas – RS

Não sei se já estás a par, meu irmão homossexual brasileiro, do que significa mesmo esta palavra com a qual já deves estar familiarizado de tanto ouvi-la. "Gay" significa alegre, descontraído, etc... A "gay" os norte-americanos, opõe "straight", que significa: certo, correto, honesto.

Não aprecio a palavra guei aplicada às pessoas homossexuais simplesmente porque não podemos defini-las como alegres por natureza e essência. Não raro os homossexuais têm motivos de sobra, numa sociedade homofóbica como a nossa, para estarem tristes, mas como muitos adotam habitualmente um comportamento artificial em consequência de discriminações mais ou menos veladas a que estão sujeitos, a palavrinha grudou mesmo. Também não vou com "straight" porque ser heterossexual não significa, como todos sabem, ser necessariamente honesto, moralmente sadio ou qualquer outra coisa assim. É ainda por que tudo isto visto de perto não passa de gíria americana e não sei até que ponto vamos admitir, se vamos, a americanização de nossa homofilia, que a meu ver deveria ser bem verde amarela mesmo. Espero não ter te confundido com a palavra homofilia que talvez não te seja tão familiar quanto queis e outras ainda. Emprego a no sentido de definição do movimento de libertação do homossexual como tal, e não no sentido de definição da homossexualidade como expressão da personalidade total do indivíduo, como parecem querer André Baudry e Marc Daniel em "OS HO-

MOSSEXUAIS" (Ed. Artenova). Este é um papo interessante porque temos que nos entender um tanto sobre o sentido das palavras que empregamos, principalmente quando estas nos são novidades ainda.

Certamente já notaste que o pessoal mais vivo tem manifestado, apesar de todas as suas más qualidades inerentes a idade, quer sejam heteros ou homos, um certo espírito crítico e uma abertura para os valores comunitários que muitas vezes nos escapam a nós mais novos. Pois bem, é hora de tomarmos pulso da situação, não achas? É hora de a gente se acordar, dar-se conta de que o Brasil desperdiçou e nós com ele, porque somos jovens num País jovem, porque não vamos querer ficar prá trás da gente que das outras partes do mundo.

O que faremos para nos integrarmos ao movimento homofílico mundial?

Vamos refletir juntos, tu e eu, eu e tu. Pensemos então: o que faz o jovem homossexual brasileiro hoje quando se depara com sua singular condição é com a atitude dos demais para com pessoas como ele? Normalmente toma muitas atitudes que a longo ou médio prazo vem a prejudicá-lo, causando-lhe desequilíbrios emocionais, ocloctimas, complexos de inferioridade (existe uma moral para-homossexuais, sabias?), a prostituição, a promiscuidade e a destruição de seus dons pessoais que em religião chamamos carismas. Perguntas o que são carismas. Carismas, entendendo defini-los teologicamente muito bem, respondendo-te que são qualidades, capacidades naturais ou até

sobrenaturais que Deus dá a um determinado indivíduo ou comunidade para que execute determinada tarefa que se faz necessária e urgente num dado momento da vida ou da História.

Vemos então que raramente ele toma a atitude que mais lhe convém. Mas qual seria esta atitude mais conveniente? Como cristão que sou tenho que responder-te em primeira linha que para qualquer pessoa, qualquer que seja sua orientação sexual, sua atitude perante esta vida terá que ser a de alguém, cujo fim último é Deus mesmo, isto é, a de alguém que vive aqui como quem está por aqui de passagem mas não como quem pensa ficar aqui para sempre. Mas como pode ser que sejas ainda uma ovelha desgarrada vou responder-te que sua atitude terá que ser antes de tudo e indiscutivelmente a de alguém que se ama a si mesmo, é claro que não muito narcisisticamente, para que ao menos possamos defini-lo como pessoa psicologicamente equilibrada. Pois quem não se ama a ponto de se prostituir por exemplo, seja um homem ou uma mulher, está desequilibrado e precisa de psicanálise e ajuda moral para recuperar sua identidade pessoal. Quem se ama a si mesmo recusa-se a se autodestruir moral ou fisicamente, recusa-se a ceder a pressões sociais discriminatórias reage e vence na medida do possível. O que esperamos com este jornal é tornar esta "medida do possível" bem mais ampla para muitos, quando amigo!

É integrando a comunidade homofílica brasileira que integremos a comunidade homofílica universal!

Senhores: a idéia do LAMPIÃO é boa, mas não é nova. Tenho visto surgir vários jornais desse tipo – mimeografados primeiro, agora até impressos – mas eles não duram muito, porque o público gay, ao que parece, não se interessa muito por eles. Uma boa idéia, na minha opinião, seria editar um guia brasileiro para entendidos, uma espécie de "guia quatro rodas" do nosso universo paralelo. Ai sim, muita gente ia querer comprar, para saber o que fazer em uma determinada cidade, em que locais ir com segurança, como agir, etc... Nem sempre as coisas são muito evidentes,

Pelo turismo interno

como acontece no Rio e São Paulo. Há cidades maravilhosas para homossexuais, como Recife e Florianópolis,

que precisam ser divulgadas. Eu, por exemplo, que viajo muito, já tive verdadeiras surpresas, como em Bagé, no Rio Grande do Sul, onde à noite as coisas são muito quentes e o povo bastante descontraído. Nos Estados Unidos, o Gay Guide é um verdadeiro best-seller. Por que não fazer o mesmo aqui? Um guia desse tipo estaria, além disso, muito de acordo com a política de promover o turismo interno. Ir à Europa ficou muito difícil com o depósito e, na Argentina, estão matando bicha a pauladas.

Carlos C.
São Paulo - Capital

Assine Lampeão e ganhe um brinde

(Os 50 primeiros leitores a enviarem o cupom abaixo receberão, gratuitamente, um exemplar de OS SOLTEIROS, de Gasparino Damata)

● **esajo receber uma assinatura anual de LAMPIÃO, ao preço de Cr\$ 160,00:**

Nome _____

Endereço _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Envie um cheque ou vale postal, em nome de João Antônio de Souza Mascarenhas, para a Caixa Postal 41031 (Santa Teresa), Rio de Janeiro – RJ, CEP 20000



UMA HISTÓRIA DE AMOR CONTADA DE UMA NOVA MANEIRA!

PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS

Aguinaldo Silva
romance

"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher"

Preços pelo Reembolso Postal à Santa Teresa 41021 Rio de Janeiro - RJ 20000

LITERATURA



Aniversário

Era seu vigésimo-sétimo aniversário e quando cheguei em casa ele me pegou pelo braço e juntos descemos o elevador e, já na rua, entramos no seu carro e ele abraçou-me fortemente até que eu gritei sentindo doer os ossos, depois sirimos para fora da cidade e, de repente, eu senti o grande dia, e ele continuava sorrindo e seu sorriso, como o meu, era triste, e o ar do campo era leve, e ele saiu do carro e apanhou flores e me deu eu as mordis, cupi, e minha saliva foi deixada para trás, e o carro corria, corria mais rápido, e ele ria delirantemente, e sua pele morena estava vermelha, e seu cabelo negro era um redemoinho, e minha camisa amarela estava amarratada e ele sempre que podia em apertava os ombros, e íamos o vento, e não havia o mundo, e sua boca era grande e tinha aquele rictus de tristeza que também há na minha, e minha bermuda era curta e eu sentia o tecido áspero de sua farda contra minhas pernas, e ele parou o carro junto a uma árvore, e suspendeu-me nos braços e rodou-me no ar e beijou-me todo, e colocou-me delicadamente no capim molhado de orvalho e fez-me cócegas, e virou-me de bruços, e estava exausto.

Depois comemos, e ele me deu a comida na boca, e o gosto do pão com manteiga estava por toda a minha boca, e ele lavou minhas mãos e minha boca, e o sol já quase sumindo no horizonte pegou-me, e ele foi para trás de uma árvore, e gritamos nossos nomes alto, e o eco repetiu nossos nomes, e corremos, e ele estava vermelho, e ele virou cambalhotas no capim, e caíram objetos do bolso de sua farda, e seu cabelo estava cheio de palha, e

eu estava como narcotizado, e senti que eu era o capim, as árvores, o sol sumindo, e senti que era suas longas pernas e seus braços morenos e fortes, e senti que era sua boca, seus dentes, sua língua, e meu coração era o seu coração, e quis lhe perguntar por sua amante e o seu filho e o bolo cremoso que ela fizera e o estava esperando, e pensando melhor cheguei à conclusão de que devia ficar calado, e ele estava totalmente feliz, e senti que era o capim, as árvores, o sol sumindo, e senti

que era suas longas pernas e seus braços morenos e fortes, e senti que era sua boca, seus dentes, sua língua, e que meu coração era o seu coração.

Voltamos, e centenas de luzes estavam acensas como vagalumes nas pequenas casas, e minha cabeça repousava contra o seu peito, e o cheiro de sua camisa e de seu corpo entrava pelas minhas narinas, e eu estava calado de sono, e ele acariciava os meus excasos cabelos, e estávamos em silêncio, e ele tinha aquele ar triste no rosto que também há no meu, e estava escuro, e havia uma grande lua, e havia estrelas, e meu corpo balançava com o movimento do carro, e ele o fazia correr mais e mais, e ele me olhava nos olhos, e eu olhava nos olhos dele, e eu não sabia quem era quem, e nunca desejei que houvessemos de chegar apesar de sentir um pouco de medo por causa daquela corrida louca, mas chegamos e ele parou na casa da sua amante e havia um enorme bolo cremoso, e a mulher, e a criança chorando e ele não ligava, e ele gritava, a criança gritava e ela continuava em silêncio, e a criança continuava gritando e ela não ligava, e eu olhei para ele, e ele havia esquecido de mim, e estava tentando desesperadamente fazê-la falar mas ela não f... e eu continuava sentado e olhava para a sua amante, e ela ainda estava deitada, silenciosa, e eu julgava que havia morrido, e eu aproximei-me e ela estava respirando, e ele apareceu pálido e com os olhos cheios de ódio, e tentou novamente fazê-la falar mas ela não falava, e eu continuava sentado e olhava, mas ele nem sequer, ele estava chorando mas ela não respondia, e as lágrimas escorriam pelo seu rosto mas ela

não se movia, e ele soltou um grito, e gritou, gritou palavras.

E me pegou pela mão e saímos correndo para fora de casa, e ele rodeou a casa várias vezes, pelo jardim e pelo quintal, e apertava-me contra seus ombros, e eu me achei chorando, e ele respirou fundo, e sua pele morena estava vermelha, e ele encostou-se numa árvore do quintal e apertou-me tão fortemente que senti meus olhos doerem, as estrelas estavam lá em cima por toda a parte, e a árvore erguia-se como uma flama, e o cheiro de jasmim embriagava, e ele tropeçou num velocípede e o chachorro latiu três vezes dentro da casa de madeira, e ele tirou uma lanterna da árvore e apanhou um faca no bolso e descascou-a, e ele a comeu junto comigo, e estava escuro, e todas as casas estavam com suas luzes apagadas, e havia uma neblina, e estávamos sentados num banco na casa, e ele me levou no quarto principal e tirou do armário um revólver, e disse que ia matar-me, e disse que a culpa de a amante estar de birra era minha, e que talvez ela já soubesse de tudo, e que nossa amizade era impossível, e que tinha o filho, e abriu a porta me empurrando, e disse que eu me fosse, e disse que não, não ia me matar, e pediu novamente que eu me fosse, e não cumpriu sua promessa e deixou-me para sempre agonizante como mosca nadando em óleo, seria preciso sempre completá-lo: qualquer tarefa iniciada, e ele me deixou no meio do caminho, no meio, no meio.

Moacir de Moura

